

CONFLUÊNCIA

ISSN 1415-7403

Per multiplum ad unum

*“As armas e padrões portugueses
postos em África, e em Ásia, e em
tantas mil ilhas fora da repartição
das três partes da terra, materiaes
sam, e pode-as o tempo gastar: però
nã gastará doutrina, costumes,
linguagem, que os portugueses
nestas terras leixarem.”*

(JOÃO DE BARROS, *Diálogo em Louvor
da Nossa Linguagem*)



N.º 32 – 2.º semestre de 2006 – Rio de Janeiro

LICEU LITERÁRIO PORTUGUÊS

CORPO DIRETIVO – 2005/2006

DIRETORIA

Presidente: Francisco Gomes da Costa
Vice-presidente: Henrique Loureiro Monteiro
1.º Secretário: Arnaldo de Figueiredo Guimarães
2.º Secretário: Francisco José Magalhães Ferreira
1.º Tesoureiro: Manuel Lopes da Costa
2.º Tesoureiro: Jorge Manuel Mendes Reis Costa
1.º Procurador: Carlos Eurico Soares Félix
2.º Procurador: Manuel José Vieira
Diretor Bibliotecário: Maximiano de Carvalho e Silva
Diretor Cultural: Carlos Alberto Soares dos Reis Martins
Diretor Escolar: Evanildo Cavalcante Bechara
Diretor de Divulgação: João Manuel Marcos Rodrigues Reino

CONSELHO DELIBERATIVO

Presidente: Manuel Paulino
1.º Secretário: Maria Lêda de Moraes Chini
2.º Secretário: Bernardino Alves dos Reis

CONSELHO FISCAL

Membros Efetivos: Albano da Rocha Ferreira
Ronaldo Rainho da Silva Carneiro
Antonio da Silva Correia

Suplentes: José Gomes da Silva
Paulo Valente da Silva
Carlos Jorge Airoso Branco

DIRETOR DO INSTITUTO DE ESTUDOS PORTUGUESES AFRÂNIO PEIXOTO

Acadêmica Rachel de Queiroz (*in memoriam*)

DIRETOR DO INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Prof. Evanildo Bechara

DIRETOR DO INSTITUTO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA

Prof. Arno Wehling

DIRETOR DA REVISTA *CONFLUÊNCIA*

Prof. Evanildo Bechara

SUPERINTENDENTE

Albino Melo da Costa

CONFLUÊNCIA

REVISTA
DO
INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

LICEU LITERÁRIO PORTUGUÊS
Presidente: Francisco Gomes da Costa

CENTRO DE ESTUDOS LUSO-BRASILEIROS
Diretor: Antônio Gomes da Costa

DIRETORIA DO I.L.P.
Francisco Gomes da Costa (Presidente)
Evanildo Bechara (Diretor Geral)
Maximiano de Carvalho e Silva (Diretor Executivo)
Antônio Basílio Rodrigues
Horácio Rolim de Freitas
Rosalvo do Valle

CONSELHO CONSULTIVO
Adriano da Gama Kury
Amaury de Sá e Albuquerque
Carlos Eduardo Falcão Uchôa
Fernando Ozório Rodrigues
Jayr Calhau
José Pereira de Andrade
Ricardo Cavaliere
Walmírio Macedo

CONFLUÊNCIA
Diretor: Evanildo Bechara
Comissão de Redação:
Antônio Basílio Rodrigues
Horácio Rolim de Freitas
Rosalvo do Valle

Produção Gráfica
Editora Lucerna
Cx. Postal 32054
CEP 21933-970 – Rio de Janeiro – RJ
Internet: www.lucerna.com.br

Pede-se permuta
Pídese canje
On demande l'échange
Si chiede lo scambio
We ask for exchange
Man bitte um Austausch

Endereço para correspondência:
Liceu Literário Português
Rua Senador Dantas, 118 – Centro
CEP 20031-201 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: (021) 2220-5495 / 2220-5445 – Fax: (021) 2533-3044
E-mail: liceu@liceuliterario.org.br – Internet: www.liceuliterario.org.br

A matéria da colaboração assinada é da responsabilidade dos autores.

SUMÁRIO

Pág.

Editorial (A. GOMES DA COSTA)	7
Biobliografia de Othon Moacyr Garcia (EDUARDO AMORIM GARCIA)	11
Othon Moacyr Garcia – Singelo depoimento (MAXIMIANO DE CARVALHO E SILVA)	27
Othon Moacyr Garcia – Seu labor científico (EVANILDO BECHARA).....	37

ARTIGOS

Estruturalismo e Funcionalismo: André Martinet (JORGE MORAIS BARBOSA).....	39
Idiosincrasias do sistema vocálico português (VIVIANE CUNHA)	53
Os estudos historiográficos de Antenor Nascentes (RICARDO CAVALIERE)	65
Anúncios de imóveis na imprensa do Recife: do século XIX aos nossos dias (ANA CARLOTA R. MACHADO E ANA KARINE P. DE HOLANDA BASTOS)	73
Uma análise semiótica do discurso sobre a língua (GLÁUCIA MUNIZ PROENÇA LARA).....	89

Vestígios do sonho português no Sudeste Asiático (PIERRE GUISAN).....	105
Centenário de Paulo Rónai (ROSALVO DO VALLE).....	119
Índice acumulativo da <i>Confluência</i> (1 a 31).....	129
Colaboradores deste número.....	269

EDITORIAL DES(ACORDO) ORTOGRÁFICO

Dr. Antônio Gomes da Costa

Sempre que vem à baila o Acordo Ortográfico, que foi firmado, em 1990, pelos representantes dos governos dos países de Língua Portuguesa e que, para entrar em vigor, estava dependendo apenas da sua ratificação por parte dos respectivos parlamentos, reacende-se o debate e repetem-se os argumentos das duas correntes constituídas por gramáticos, lingüistas, acadêmicos e editores, muitos deles favoráveis às mudanças que estão previstas no referido protocolo e outros tantos contrários à admissão das novas regras.

Se o personagem queirosiano pudesse dar opinião sobre o assunto, certamente a daria com uma pitada de sarcasmo e alguma impaciência: “olhem, cuidem é do ensino do idioma, de formar gente que escreva corretamente o vernáculo e não se preocupem mais com o uso do trema, com a distribuição dos acentos ou com a extinção das consoantes mudas”.

De fato, a esta altura, de pouco adianta retomar as discussões que duram desde as primeiras tentativas da unificação ortográfica, no princípio do século XX. E também não faz sentido dizer que os portugueses querem ser os donos da língua e como tal impor as suas normas gráficas, ou acusar os brasileiros de pouco ligarem à etimologia das palavras e de pretenderem consagrar os vícios da escrita com a roupagem das simplificações.

O caso dos editores que compreensivelmente reivindicam mais tempo para liquidar os estoques dos livros impressos na ortografia atual, ainda se compreende, pois tentam evitar prejuízos, ou, quando não, fazem-no por temer a concorrência futura. Já o debate no campo acadêmico, por requentado, dificilmente pode trazer novos elementos que levem a mudanças de posições, quer dos que defendem um único código ortográfico para os 8 países onde a Língua oficial é o Português, quer dos que condenam as modificações fixadas no Acordo. Argumentar, como querem alguns, que a reforma de pouco vale, porque o cerne das diferenças está no léxico e na sintaxe, e mesmo porque se vão admitir grafias duplas, é empatar a questão e não tirar proveito das contro-

vérsias. Tampouco se pode retomar uma guerra *contra os acentos, ou propor outra excomunhão para as diversidades gramaticais*.

A esta altura, ou se leva a sério o que foi estabelecido e se resolve, com a anuência de todos os países signatários, colocar em prática as modificações acertadas, facilitando a utilização da Língua nos organismos internacionais como Língua de trabalho e as traduções de obras escritas em outros idiomas, ou, então, dê-se o dito por não dito, às leitugas com o Acordo, e siga-se o conselho acaciano: cuide-se do ensino e evite-se que o idioma seja cada vez mais mutilado na estrutura, empobrecido na forma e violado nas regras.

Ensinar o Português a nível de excelência vale mais do que qualquer reforma e dispensa as variantes da ortografia...

**NÚMERO EM HOMENAGEM A
OTHON MOACYR GARCIA**



**OTHON MOACYR GARCIA
(1912 – 2002)**

BIOBLOGRAFIA DE OTHON MOACYR GARCIA

Eduardo Amorim Garcia

1. O homem e o mestre

Agradeço ao Professor Evanildo Bechara o convite que me fez para elaborar uma biobibliografia de meu pai, Othon Moacyr Garcia. É muito grata a oportunidade de poder relembrar a trajetória desse homem que foi para seus familiares, amigos e alunos um grande mestre e um amigo incomparável. Mesmo querendo respeitar as mais elegantes recomendações da modéstia, não poderei, talvez, me furtar a descrever em elogiosas – mas sinceras – palavras aspectos de sua personalidade e da sua produção intelectual.

Como atesta sua obra, e reconhecem todos que com ele conviveram, meu pai era pessoa de vasta cultura e aguçada inteligência, que sabia ser, também, um excelente interlocutor. Na mais corriqueira troca de idéias, podia transmitir sabias lições, passar ensinamentos sem impor princípios, regras ou conceitos, convencendo pelo argumento claro e pela cordialidade. Primava por ouvir e ponderar sempre, e por demonstrar natural e salutar curiosidade por todo e qualquer assunto que lhe fosse proposto numa conversação, mesmo quando já se encontrava bastante prejudicado pela surdez que o acossou por mais de cinquenta anos.

Intelectual de espírito moderno, sem moralismos nem preconceitos, buscava estar constantemente atualizado nas diversas áreas do conhecimento, da política à ciência, da filosofia à psicanálise, nutrindo pelos escritores contemporâneos o mesmo interesse que alimentava pelos clássicos. Leitor cuidadoso de originais que lhe eram enviados para avaliação, a todos comentava, por correspondência, expressando a honesta opinião de quem lê os iniciantes com a devida atenção e benevolência, mas não louva sem que encontre razão justa para isso. Falsas louvações não sabia fazer, nem na vida profissional nem na social. Seus alunos, sobretudo aqueles que com ele se prepararam para o concurso à carreira diplomática, sempre tiveram no “Othon” (como a maioria o chamava amigavelmente) um crítico rigoroso de seus textos (ficaram famosas as folhas

de papel almaço que saíam das aulas riscadas e rabiscadas à exaustão pela sua implacável caneta vermelha). Mas não houve um só que com ele se melindrasse, porque, à medida que a caneta vermelha corria o papel, a necessária explicação surgia em voz doce e clara.

Othon mantinha-se sempre atento às novas correntes dos estudos literários e da lingüística, e delas participava pioneiramente, sem qualquer ranço de modismo, com o objetivo maior de experimentar novas possibilidades de análise e entendimento do discurso, poético ou não. Porque, no fundo, era um apaixonado analista de texto, de todo texto que pudesse ou merecesse ser destrinchado nos seus elementos significativos. Fosse para perceber níveis mais profundos de elaboração poética – indo do texto para o seu melhor entendimento pela análise literária –, fosse para desvendar os processos de construção da frase e do parágrafo – indo, em sentido inverso, do conhecimento do instrumento lingüístico para a construção do texto lógico –, sua prática cotidiana era mergulhar nas palavras, nessa luta talvez um tanto vã, mas sempre fascinante.

O aprofundado conhecimento que possuía do idioma levava-o a rejeitar – por isso mesmo – a gramática anacrônica, feita apenas de regrinhas coercitivas e puristas, presa nostalgicamente a um tempo pretérito em que a língua teria constituído modelo de perfeição. Praticava e ensinava uma gramática dinâmica, que buscava fornecer ao estudante condições de organizar seu raciocínio, avaliar sua forma de pensar e empregar o léxico de modo conveniente ao objetivo precípuo de transmitir um significado. A missão do professor de português consistia, para ele, em dotar os alunos de um entendimento do sistema lingüístico que se transformasse em proveitoso recurso para melhor compreender as relações lógicas entre conceitos e idéias e melhor elaborar a frase e o texto como um todo. São várias as passagens do seu livro *Comunicação em prosa moderna*¹ em que ele externa essa opinião. Na página 175, assevera que se torna

estulto presumir que basta estudar gramática para saber falar e escrever satisfatoriamente. Nenhum professor ignora isso. Não obstante, quase todos nós, por vício, tradição ou comodismo, achamos mais fácil e mais simples dar e mandar decorar mil e uma regrinhas gramaticais malsinadas e inúteis, que vão muito além do mínimo indispensável ao manejo correto da língua. O que acontece é que não sobra *tempo* para o resto – e infelizmente é nesse *resto* que está o essencial.

¹ Utilizamos, para as citações e referências a essa obra, a 18ª. edição (Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 2000)

Aliás, o livro todo é um esforço para pôr em prática esse conceito.²

Um justo perfil de Othon não poderia deixar de registrar outro aspecto marcante de sua personalidade: o bom humor. Sua veia espirituosa constituía, muitas vezes, uma forma de sobrepor-se a tantas adversidades que a vida lhe impôs, de brincar com o que era trágico³. Mas não somente isso: era também um dom natural, uma forma espontânea e leve de se comunicar. Ele tinha sempre uma pilhéria, um chiste, um gracejo na ponta da língua para aproximar as pessoas ou para quebrar, muitas vezes, a artificialidade de situações formais e enrijecidas. Ficava-se à vontade do seu lado, num convívio cordial e descontraído.

Mas se, de alguma forma, é possível, apontar-lhe uma qualidade que se sobreponha a todas as demais, ao mesmo tempo em que as englobe, essa seria certamente a sua natural e autêntica vocação de professor. Era um mestre nato, apaixonado pelas suas aulas no Colégio Pedro II e no Instituto de Educação a ponto de vencer até as dificuldades que desde muito cedo a surdez lhe veio trazendo no trato com a turma. Ele mesmo dizia: “Minhas aulas devem ser muito barulhentas, mas todo mundo aprende”. Nunca o vi deixar de ir dar uma aula, por qualquer motivo que fosse. Muito menos jamais se ouviu qualquer reclamação de sua parte por ter, durante longos anos, de cumprir uma puxada carga horária, nas escolas e em casa, com seus alunos do Itamarati. Ao contrário, freqüentemente podia-se ouvi-lo glorificar o dia que escolheu ser professor. Tinha prazer em explicar, esclarecer, ensinar, no sentido mais nobre da palavra.

Não seria faltar com a verdade dizer que esses louvores que faço – com inescapável sentimento filial, mas também com o objetivo de isento reconhecimento de seus méritos – seriam, com toda certeza, amplamente endossados por todos os que o cercavam no cotidiano (o que pode me desculpar um pouco certa imodéstia), seus sobrinhos, seus amigos, seus alunos, que a ele se ape-

² Já na “Advertência” à primeira parte do livro, ele enuncia esse intuito de fazer uso da gramática como instrumento de trabalho para a construção do texto, e não como um fim em si. Cito apenas mais um trecho, para não ser cansativo: “A análise sintática, praticada como um meio e não como um fim, ajuda o estudante a melhorar sensivelmente a organização da sua frase. Mas, como aproveitá-la sem que os exercícios se tornem, além de inúteis, enfadonhos e áridos, por rotineiros? Supomos que tal seja possível, principalmente no que respeita à subordinação, partindo-se da *idéia que se quer expressar para a forma que se procura*, isto é, *da noção ou impressão para a expressão*, e não em sentido inverso, que é o caminho percorrido pela análise sintática segundo o método costumeiro.” (*Op.cit.*, p. 75)

³ Seu último livro, *Farsilira*, que tem como subtítulo “Exercício de rima em redondilhas jocosérias”, escrito num momento de grande aflição pela cegueira que lhe sobrevinha à surdez, é o exemplo maior da sua capacidade de usar o humor para aliviar-se de uma grande tensão. Abaixo, comentamos com mais vagar essa “artimanha” de que fez tão bom uso.

gavam de forma irrevogável e passavam a freqüentar a casa em constante e afetuosa presença.

Sem preconceitos de qualquer espécie, sem dogmatismos, sem certezas intransigentes, Othon era um homem liberal no sentido mais autêntico da palavra. Nunca teve inimigos ou adversários, nem sequer desafetos. Assim se refere ele a essa característica de sua personalidade em relato jocoso⁴ que fez de aspectos de sua vida: “O herói é tolerante como... como o diabo (que não o é, mas serve sempre como reforço comparativo), tanto que às vezes dá a impressão de falta de caráter, ou de firmeza do dito: aceita todas as crenças, políticas ou religiosas. Só não aceita a hipocrisia e a intolerância”.

Defeitos, é claro que também os tinha. Ele mesmo reconhecia, por exemplo, que a forma como, às vezes, extravasava um aborrecimento, numa explosão de vitupérios dirigidos ao destino, ao fado, ou ao que chamava de “coincidências perversas” da vida, constituía um comportamento que precisava ser corrigido. Mas ele dava seus gritos e logo se acalmava. A não ser que fosse no tráfego: aí podia haver uma berraria maior com algum motorista barbeiro. Mas em geral, logo vinha o arrependimento: “Que diabo, eu preciso saber me conter!”.

Não é muito fácil distinguir o generoso ser humano que era Othon Moacyr Garcia do grande intelectual que ele foi. A conjugação dessas duas características fez dele um ser tão completo quanto possível, um mestre, no sentido mais amplo da palavra.

2. Esboço biográfico

Othon Moacyr Garcia nasceu em 19 de junho de 1912, em Martins Costa, atual município de Mendes, no estado do Rio de Janeiro. Filho mais velho de Feliciano Peres Garcia, funcionário da Estrada de Ferro Central do Brasil, e de Júlia Costa Garcia (portuguesa, moradora de Humberto Antunes), foi registrado no Cartório de Paz e Registro Civil do 4º Distrito do Município de Barra do Piraí por um amigo de seu pai, que se dirigia ao local, a quem Seu Garcia (como era conhecido na região) instruiu que registrasse o garoto com o nome de “Moacyr”. Mas o amigo parece que não gostou muito daquele nome e o substituiu por “Otton” (com dois “t”). Somente quando precisou do registro para se preparar para o exame de admissão, foi que o Moacyr descobriu que não existia: filho de Feliciano Peres Garcia e Júlia Costa Garcia nascido em

⁴ O texto, intitulado “Biografia de um heroizinho obscuro e sem história”, tem oito páginas datilografadas e não está datado.

19 de junho de 1912, só havia um: Otton. O “Moacyr” nem sequer consta da certidão. Lá está apenas “Otton”, nem mesmo o “Garcia”. Até o fim da vida, para os conhecidos da região onde passou a infância, Othon foi apenas o Moacyr (Ziziu para os íntimos).

Desse casamento de seu pai, teve mais três irmãos: Hélio, Feliciano e Djalma, sendo este último o único que chegou à idade adulta (hoje, com oitenta e quatro anos, reside em Barra do Piraí e é aposentado da Rede Ferroviária Federal). Hélio faleceu de tuberculose quando concluía o curso de Direito no Rio de Janeiro, com vinte e um anos. Feliciano, muito pequeno, morreu de causa ignorada, numa fazenda em Cruzeiro, estado de São Paulo, onde fora morar com um tio. Aos doze anos, Othon perdeu sua mãe, também de tuberculose.

Da segunda união de seu pai, com Marieta Rodrigues, o filho mais velho de Seu Garcia teve mais dois irmãos, Celso e Hernane, este muito pequeno acometido de uma paralisia infantil que acabou por arrebatá-lo a vida aos 4 anos de idade.

Talvez se possa atribuir a essas perdas, sobretudo ao falecimento de D. Júlia quando ele, filho mais velho, ainda mal entrava na adolescência, a causa de algumas traquinagem que andou cometendo na infância. Ele próprio contava que era um moleque muito levado, que deu muito trabalho, sobretudo a sua madrasta Marieta, com quem entrou em freqüentes conflitos, quase sempre para defender o irmão Djalma, submetido por ela a um tratamento excessivamente rigoroso. Conta-se, entre outros enteveros, que um dia, ao encontrar seu irmão de castigo por motivo que lhe pareceu irrisório, Othon empurrou a madrasta sobre um balde cheio d’água, onde ela veio a desabar, com conseqüências drásticas para o moleque tão logo seu pai chegou do trabalho. Marieta era muito jovem, bem mais moça do que Seu Garcia, e mulher de pouca instrução, o que explica, de certo modo, as dificuldades que encontrou para educar os filhos de seu marido. Ao amadurecerem, Othon e Marieta souberam estabelecer relação bastante harmoniosa.

Othon fez os estudos primários em Mendes, com a professora Odette Terra Passos, de quem guardou uma lembrança sempre muito grata e terna. Soube a mestra despertar nele o prazer de estudar e conhecer que o caracterizou vida afora. Falava sempre nela com o respeito que se tem por uma grande mestra.

Mas não foi sem alguns percalços que ele chegou à estabilidade na relação com o estudo. Tendo sido internado no Colégio dos Maristas, em Mendes, desentendeu-se com os padres em razão do rigor que estes quiseram impor ao comportamento do guri. Não demorou muito que escrevesse uma carta a seu pai dando-lhe um ultimato: ou ele iria buscá-lo, ou fugiria do colégio. Em trecho

de “Biografia de um heroizinho obscuro e sem história” faz um comentário sobre esse episódio: “1924 – O herói quase vira padre, mas rebela-se contra um dito, e a Igreja Católica Apostólica Romana acaba perdendo outro (que talvez não fosse grande coisa, mas de batina não viveria tão preocupado com o vinco das calças)”.

Diante de sua peremptória negativa de voltar para o colégio dos padres, Seu Garcia decidiu contratar o professor José Costa, em Barra do Piraí, para dar-lhe aulas particulares. Mas eis que, um dia, ao cruzar com o professor na rua e lhe perguntar sobre o andamento das lições, Seu Garcia ficou sabendo, para grande espanto seu, que o garoto há muito não comparecia às aulas. Pressionado, o pequeno Moacyr confessou que andava gazeteando e aplicando o pagamento do mestre no jogo do bicho. A consequência foi que seu pai tomou com ele um trem e veio interná-lo no Rio de Janeiro, no Colégio Arte e Instrução, em Cascadura, dirigido por Hernani Cardoso. Nessa escola, o inquieto Othon finalmente encontrou o ambiente em que iria poder aplicar-se aos estudos. Adaptou-se muito bem, adotou como uma segunda família a família de Hernani Cardoso que, unida, administrava a Escola. Lá fundou e dirigiu os jornais *O Progresso* e *Órion*, para as quais escreve seus primeiros artigos. Aos dezoito anos, em 10 de março de 1930, no mesmo estabelecimento, começa a dar as primeiras aulas a uma turma de 64 alunos da 2ª série primária. Surgia, então, a paixão pelo magistério.

Em 1932, “O herói recebe outro diplominha (com láurea de melhor aluno da turma durante os cinco anos). Está muito vaidoso. Faz muitos discursos: recebe o apelido de ‘Moleque Tamborim’, personagem de uma peça (Teatro Recreio) que faz discursos por qualquer motivo. O herói funda o Grêmio Castro Alves (que ainda existe) e entra em cena, quer dizer, no palco: o herói é agora artista (canastrão) de teatro.”⁵

Em 1933, torna-se acadêmico de Direito.

Em 1934, ingressa na Faculdade de Odontologia, que abandona em 35, por não se perceber com aptidão para a profissão de dentista. Nesse mesmo ano, torna-se estudante do Curso de Filologia e Literatura Luso-Brasileira da Universidade do Distrito Federal, onde, entre outros grandes mestres, foi aluno de Cecília Meireles, José Oiticica e Sousa da Silveira, por quem nutriria permanente admiração. Presidente do Diretório Acadêmico da U.D.F durante três anos, foi deposto com toda a Diretoria por defender o concurso para ingresso no Ensino Técnico Secundário do então Distrito Federal. Reposto dois meses depois.

⁵ Trecho extraído de “Biografia de um heroizinho obscuro e sem história”

Em 1937, forma-se bacharel em Direito. No ano seguinte, obtém licenciatura na primeira turma da U.D.F. e é aprovado em concurso de títulos para lecionar no Colégio Pedro II.

Em 1939, publica o artigo “Machado de Assis e a influência inglesa”. Em setembro parte para os Estados Unidos, onde faria curso de pós-graduação em Literatura e Educação na Universidade da Flórida (Gainesville).

Em 1942, reingressa no Colégio Pedro II e retoma as atividades jornalísticas. Escreve uma série de artigos sobre Literatura Norte-Americana (Poe, Whitman, Emerson, Melville, entre outros) na *Revista Brasil-Estados Unidos*.

Mas é também nesse ano que começa a sua deficiência auditiva. Tenta, então, deixar o magistério e ingressar na advocacia. Tenta, mas não consegue. Não dá para advogado, e ser professor é mais do que uma necessidade, é uma autêntica vocação. Sua capacidade de comunicar-se com os alunos, sua didática e sua dinâmica superam as dificuldades que a deficiência auditiva lhe impõe, e ele se firma como professor querido e admirado.

Casa-se, em 1945, com Sylvia Cunha de Amorim (depois Sylvia de Amorim Garcia), filha do médico-almirante Arthur Pires de Amorim e de Isabel Cunha de Amorim. Haviam-se conhecido na U.D.F., tinham-se tornado logo muito amigos, mas o casamento só viria a ocorrer alguns anos depois, quando Sylvia também retornava de um curso de pós-graduação nos Estados Unidos. Sylvia e Othon conviveram harmoniosamente por 56 anos, até o falecimento dele, em 1º de junho de 2002. Sylvia faleceu em 28 de agosto de 2004. Tiveram quatro filhos – Cláudia, Eduardo, Guilherme e Ricardo – e 5 netos. Sylvia foi professora de português e latim da rede estadual. Construíram um lar que aglutinava pessoas de variadas procedências: a casa de nº 350 da rua Cosme Velho, onde residiram a partir de 1952, vivia cheia. Era lá que se faziam as festas de Natal de toda a família, lá que se comemoravam animadamente aniversários e casamentos, lá que se reuniam os amigos dos filhos quase cotidianamente para o lanche das quatro e meia da tarde.

Em 1950, Othon é nomeado professor do Ensino Técnico Secundário e passa a lecionar também no Instituto de Educação. No belo e espaçoso prédio onde funcionava (e ainda funciona) a escola, encontra amplas salas de aula rodeadas internamente de quadros-negros, o que lhe possibilita ensinar redação de maneira dinâmica, por meio do exercício vivo de elaboração de parágrafos na lousa, realizado por várias alunas, concomitantemente. Muitas vezes, ele se referiu a essas atividades em sala de aula como uma forma altamente proveitosa de realizar o trabalho didático, já que lhe oferecia condições de comentar e corrigir os textos com a participação de toda a turma, participação esta que

ocorria não apenas na detecção dos solecismos e demais imperfeições de construção textual, mas também na reformulação dos trechos defeituosos. “Elas se divertem e aprendem”, dizia ele sempre orgulhoso das suas aulas⁶.

Sua estréia em livro ocorre em 1955, com *Esfinge Clara – palavra puxa palavra em Carlos Drummond de Andrade*, estudo sobre o processo de construção poética do grande poeta brasileiro, a primeira obra de relevo sobre sua poesia.

É nessa época que começa também a dar aulas de preparação para o concurso do Instituto Rio Branco. Eram ministradas, na casa do Cosme Velho, a grupos de três e se caracterizavam por um verdadeiro trabalho de desmontagem e montagem de textos dissertativos, de modo que os alunos pudessem entender como e por que aquilo que lhes parecia bom, claro e objetivo estava, na verdade, deficiente em vários aspectos – mal redigido, obscuro, superficial. E pudessem perceber, no mesmo ensejo, que sua redação podia ser facilmente aprimorada desde que dispusessem de um entendimento básico do processo de elaboração textual. Nesse trabalho, dedicado especificamente ao ensino da redação, Othon foi pondo em prática conceitos didáticos que iriam ser o cerne de *Comunicação em prosa moderna*, desenvolvendo sua teoria do parágrafo, suas lições sobre planejamento, argumentação etc. Os futuros diplomatas desde logo perceberam que estavam diante de um mestre que muito os podia ajudar, além de um amigo que freqüentemente se tornava conselheiro, e muitas vezes padrinho de casamento.

A vida profissional de Othon Moacyr Garcia foi toda dedicada ao ensino, não só porque essa era sua maior vocação, mas também em virtude do fato de que, desde muito cedo atingido pela surdez, não pôde ele aplicar-se a ocupações que lhe exigissem maior capacidade auditiva. De muitas atividades teve de privar-se: a partir dos trinta e cinco anos, não teve mais condições de assistir a uma peça de teatro ou à televisão, de ir a uma palestra, participar de qualquer debate⁷. Esteve também impedido de exercer qualquer ofício que por ventura exigisse múltiplos diálogos, como as atividades de coordenação ou administrativas. Foi membro da Academia Brasileira de Filologia e da Academia Brasileira de Romanistas, mas pouco pôde participar das reuniões

⁶ No final do capítulo “2.7 Definição”, de *Comunicação em prosa moderna* (p. 244-245), há uma exposição desse método de ensino de redação por meio do quadro-negro, onde se podem transcrever e comentar parágrafos com excelente efeito didático.

⁷ “Sendo surdo, o herói dá a impressão de que é sisudo, taciturno, anti-social. Não é; mas não pode parecer diferente. E isso o aflige, o atormenta miseravelmente. Surdo, vive evitando muitas coisas de que gosta (teatro, música, uma conversa longa, displicente, sem rumo, irresponsável, do tipo palavra-puxa-palavra numa mesa de bar, numa roda de chope... Ah! Que saudades!...) [“Biografia de um heroizinho obscuro e sem história”]

em razão dessa deficiência auditiva. Por dois períodos, deu aulas na Escola Superior de Administração Pública e na FAHUP (Faculdade de Humanidades Pedro II), suas únicas incursões no ensino universitário. Mas vale lembrar que não decorreu daí nenhuma frustração para ele, que estava plenamente realizado com o ensino secundário, onde, aliás, pôde realizar um trabalho mais amplo, que atingia um número maior (oh! quantos alunos temos no 2º grau!) e mais diversificado de estudantes.

Em 1963, recebe o Prêmio “Silvio Romero”, da Academia Brasileira de Letras, pelo livro *Cobra Norato – o poema e o mito*, baseado na obra de Raul Bopp.

Em 1972-74, coordena a tradução e adaptação (editoria) da enciclopédia *Nouveau Petit Larousse – en couleurs*, que toma o nome de *Pequeno Dicionário Enciclopédico Koogan-Larousse*.

Terminado esse exaustivo trabalho de conferir, corrigir e refazer milhares de fichas, volta às suas aulas, enquanto prepara novas obras (tinha, entre outros projetos, o de fazer um livro sobre técnica de resumo). Nos fins de semana, em geral, seguia para o sítio de Mendes com a família, onde se dedicava à leitura e à marcenaria, seu passatempo predileto. Era excelente marceneiro bom manejaador do serrote, do martelo, do alicate e do pincel e *bricoleur* de primeira. Consertava tudo, desde cano d’água furado até cabo de guarda-chuva quebrado.

Em 1976, recebe a Medalha Oskar Nobiling, da Sociedade Brasileira de Língua e Literatura

Infelizmente, em 1977, ainda com sessenta e cinco anos, lhe ocorre o que chamou de “primeiro acidente oftalmológico”. Estava ele lendo, à noite, na cama, quando sentiu fugir-lhe subitamente a visão do olho esquerdo. A vista foi nublando-se, escurecendo, e logo lhe restaram apenas 5% da visão desse olho. No dia seguinte, correu para o médico, mas a medicina não podia diagnosticar tal sintoma, nem oferecia remédio que lhe desse esperanças de recuperar a antiga capacidade visual. Foi um baque. Nada, no entanto, se podia fazer, era acostumar-se e tocar a vida em frente contando apenas com o olho direito. Mas um mês depois, este também escureceu, na mesma situação e com a mesma rapidez, restando desta vista apenas uma fresta inútil no canto superior direito. Era o “segundo acidente oftalmológico”. Para um homem com alta deficiência auditiva, no mais totalmente saudável, e que se encontrava em plena condição e preparo intelectual, tratava-se de um golpe duríssimo: a interrupção de todo um processo de criação, de toda uma obra que ainda estava por fazer-se, a aposentadoria precoce e injusta. Foi uma fase difícil para ele e para todos os que o amávamos e admirávamos. Os diagnósticos eram contraditórios e disparatados:

uns médicos prescreviam altas doses de cortisona; outros receitavam a imediata suspensão do corticóide.

Apesar da tensão emocional em que se encontrava, ele nunca aceitou qualquer acompanhamento psicológico (dizendo que o que lhe faltava era visão e audição, e não psicólogo). E, como não tinha religião, também não pôde aliviar-se com a mística resignação diante da vontade divina.

Teve de abrir mão da continuidade de seu trabalho, suspender novos projetos, dispensar centenas de fichas a que não mais podia ter acesso em razão da insuficiência visual. Suportou com dignidade a mudança imposta a sua vida e não se tornou rancoroso, não perdeu sequer o humor. Tentou manter-se vivo e ativo tanto quanto lhe fosse possível.

Não abandonou a carpintaria. Descobriu modos de construir objetos (curiosamente de pequenas dimensões), inventou guias para serrar tabuinhas sem sair do rumo certo, desenvolveu a capacidade de colocar pregos sem esmagar os dedos, achou um jeito de montar e colar partes contando apenas com o tato. Fez coisas que remontavam à sua infância interiorana, como miniaturas de carros de boi, de charretes, de carroças e uma completa composição de trem, com locomotiva maria-fumaça à frente, vagão de carvão e de passageiros a reboque. O trenzinho só não apitava, mas acendia farol, luzes internas dos vagões etc. E havia a estaçãozinha, com bilheteria, postes de luz e demais componentes.

Era a sua luta para enfrentar a cegueira e a surdez, que duraria vinte e cinco anos.

Com aqueles 5% de visão que lhe restaram no olho esquerdo, manteve uma rotina de leitura (muito vagarosa, letra por letra), primeiro contando apenas com uns óculos de lentes grossíssimas, depois também com a ajuda do seu secretário Manoel, que retirava textos e matérias da internet e os ampliava para que ele pudesse ler.

E passou a fazer versos. “Versos” – dizia ele – “não poesia”. Foram milhares de redondilhas (cerca de seis mil) que ele compôs e memorizou, e que podia recitar por horas a fio, com sua voz gutural, numa cadência muito peculiar. Não falhava um só verso, não perdia uma só rima. A não ser em raras exceções, todos os versos eram jocosos, bem humorados, embora muitos cheios de emoções intensas. Foram essas redondilhas um derivativo para um homem cuja mente não podia ficar inerte. Ele precisava entreter-se intelectualmente, encontrar uma forma de manter-se ativo, e também de recordar (os versos eram, em grande medida, relatos de passagens de sua vida, tinham forte dosagem autobiográfica). Mas ele recordava com ironia e humor, sem sentimentalismos dramáticos. A maioria dessas redondilhas foi publicada no livro *Farsilira*.

Em outubro de 1996 foi homenageado no 1º Encontro Nacional de Filologia da UERJ.

Em janeiro de 1997, a Associação Paulista de Críticos de Artes lhe confere o prêmio de “Melhor Ensaio no Setor Literatura”, por *Esfinge clara e outros enigmas*, livro que reúne toda a sua obra crítica, publicado em 1996.

Ao terminar o seu relato do “heroizinho obscuro e sem história”, dizia ele: “O herói sai de cena. Cai o pano. Ouvem-se alguns aplausos, muitas vaias e assobios”.

Mal sabia ele que a aclamação foi total, o reconhecimento, as palmas, a ovação.

3. A obra

Não é extensa a obra de Othon Moacyr Garcia, mas primorosa. Desde o primeiro livro, soube ele cativar a intelectualidade e a imprensa pela originalidade, pelo pioneirismo, pela argúcia e erudição. Manoel Cavalcanti Proença, Eduardo Portella, Evaristo de Moraes Filho, Afrânio Coutinho, Otto Maria Carpeaux, Antônio Houaiss, Paulo Rónai, Massaud Moisés, Wilson Martins, Evanildo Bechara, José Guilherme Merquior, José Paulo Paes, Ivan Junqueira, Dionísio Silva foram alguns dos que manifestaram, pela imprensa, sua aprovação à obra realizada.

Seguem abaixo trechos de alguns desses depoimentos:

“Othon Moacyr Garcia estréia, parece-me, com um ensaio que ficará entre as melhores coisas escritas sobre a poesia de Carlos Drummond de Andrade. (...)”

“Mas a freqüência do processo de associação semântica nos versos de Drummond proporcionou a O.M.G. uma penetração e compreensão do fenômeno, ainda não realizada anteriormente, o que torna o ensaio original e aumenta a importância de sua contribuição a esse gênero de estudos.” – M. Cavalcanti Proença. (*Jornal de Letras*, fev. – março, 1956).

“Uma inteligência e cultura ágeis como a do autor poderia comprazer-se em trabalhos mais audazes e mais genéricos – menos profundos e objetivos contudo.” – Antônio Houaiss, in “Orelha” de *Luz e Fogo no Lirismo de Gonçalves Dias*, Ed. da Livraria São José, 1956.

“O livro do Sr. Othon Moacyr Garcia (“Esfinge Clara”) já foi registrado, com inteira justiça, como sinal da renovação dos processos críticos no Brasil.” – Otto Maria Carpeaux. (*Correio da Manhã*, seção “Livros na Mesa”, 17/11/1956).

“A análise e a interpretação literárias no Brasil, teorizadas umas vezes e outras vezes incompreendidas ou mal servidas, tem agora em Othon Moacyr Garcia um representante seguro, certamente o primeiro. Seguro e penetrante já o mostrara ser em “Esfinge Clara”; penetrante e seguro se confirma agora em “Luz e Fogo no Lirismo de Gonçalves Dias”. (...) Othon Moacyr Garcia vem precisamente retificar juízos, corrigir equívocos, mostrando-nos um Gonçalves Dias sobre o qual ninguém mais terá dúvidas, porque já está desvendado, objetivamente desvendado, em todos os seus segredos e em todos os seus mistérios.” – Eduardo Portella. (*Correio da Manhã*, seção “Livros na Mesa”, 9-11-1957).

“Ninguém até hoje – e Gonçalves Dias tem sido objeto de um sem-número de estudos – penetrou a poesia do autor de “Canção do Exílio” pela análise que dele faz Othon Garcia, através dos seus cacoetes lingüísticos, das suas palavras catalisadoras, da sua vocação de mariposa... Livro de pesquisa, de meditação, fruto de uma atitude serena, equidistante do fanatismo e da ojeriza, tornou-se indispensável para qualquer ensaio posterior sobre Gonçalves Dias, pelas veredas que abre, pelas sugestões que apresenta...” – Evaristo de Moraes Filho. (*A Cigarra*, seção “O homem e o mundo”, fevereiro, 1957).

“Esfinge Clara, de Othon Moacyr Garcia, revela um manipulador seguro das modernas técnicas de análise formal, não só da linguagem simplesmente, mas também dos recursos poéticos e artifícios literários.” – Afrânio Coutinho. (*Diário de Notícias*, seção “Correntes Cruzadas”, 15/01/1956).

“É talvez o mais sério ensaio literário que se publicou no Brasil em 1955. Seu autor, até então inédito, nada tem a estrear: situa-se claramente na linha da moderna crítica literária...” – Waltensir Dutra. (*O Jornal*, 22/01/1956).

“Baseado em exaustivas pesquisas, Othon Moacyr Garcia completa o que foi escrito sobre o problema da comunicação com os resultados da própria experiência e meditação, trazendo inúmeras contribuições de grande alcance prático. Talvez a mais importante delas seja a sua teoria do parágrafo, em que vê uma unidade mínima da composição e cujo manejo certo constitui para ele iniciação efetiva na arte de escrever.” – Paulo Rónai (“Comunicação planejada”, *Jornal do Brasil*, seção “Suplemento do livro”, 20/04/1968).

“Conhecedor admirável do sistema e das potencialidades expressivas do idioma, Othon soube aplicar sua fina sensibilidade a dois campos de estudos: a análise literária e a técnica de redação” – Evanildo Bechara (*O Mundo Português*, 13/6/2002).

“Diga-se logo, e sem reboços: antes de Othon Moacyr Garcia – e reconhecem-no, entre outros, Otto Maria Carpeaux, Antônio Houaiss, Afrânio Coutinho,

Franklin de Oliveira, Eduardo Portella e José Guilherme Merquior – a crítica de poesia entre nós revelava um caráter eminentemente impressionista, muito embora, quando da estréia do autor, em 1955, com o memorável ensaio “*Esfinge clara – Palavra-puxa-palavra em CDA*”, essa mesma crítica já começasse a dar mostra de certo revigoramento instrumental através da incorporação das novas tendências exegéticas então em voga na Espanha, na Alemanha e nos países de língua inglesa.” – Ivan Junqueira (*O globo*, 09/11/1996).

Claridade

Fogo e luz em Gonçalves Dias
relumeiam à vista arguta
de Othon Moacyr: são magias
dentro da mágica absoluta
Carlos Drummond de Andrade

4. Referências

4.1. Publicações

- 4.1.1. “Machado de Assis e a influência inglesa”. *Revista de Cultura e Técnica* (Órgão Oficial da União Universitária Feminina) Vol. III, Nº 3, junho de 1939.
- 4.1.2. “The Place of Brazil in the American Commonwealth”. *Revista interamericana* vol. I, nº 2, maio de 1940.
- 4.1.3. “300 dias numa universidade americana”. *Revista do Globo* (O recorte não dispõe de data.).
- 4.1.4. “A América se emancipa”. *Revista do Instituto Brasil-Estados Unidos*, vol. II, nº 1, janeiro de 1944.
- 4.1.5. “Feições do Romantismo norte-americano”. *Revista do Instituto Brasil-Estados Unidos*, vol. II, nº 5, maio de 1944.
- 4.1.6. “Quatro novelistas do Romantismo norte-americano”. *Revista do Instituto Brasil-Estados Unidos*, vol. II, nº 6, setembro de 1944.
- 4.1.7. “Edgard Poe – anti-romântico”. *Revista do Instituto Brasil-Estados Unidos*, vol. III, nº 7, janeiro de 1945.
- 4.1.8. “Walt Whitman – bíblico e profético”. *Revista do Instituto Brasil-Estados Unidos*, vol. III, nº 8, maio de 1945.
- 4.1.9. “Emerson – anti-romântico”. *Revista do Instituto Brasil-Estados Unidos*, vol. III, nº 9, setembro de 1945. p. 28.

- 4.1.10. “Pioneiros e bandeirantes”. *Revista do Instituto Brasil-Estados Unidos*, vol. III, nº 9, setembro de 1945. p. 92.
- 4.1.11. “No tempo em que havia guerras...”. *Boletim do Instituto Brasil-Estados Unidos*. Ano IV, nº 31, janeiro de 1946.
- 4.1.12. “Influências I”. *Boletim do Instituto Brasil-Estados Unidos*. Ano VII, nº 67, janeiro de 1949.
- 4.1.13. “Influências II”. *Boletim do Instituto Brasil-Estados Unidos*. Ano VII, nº 68, fevereiro de 1949.
- 4.1.14. “Influências III”. *Boletim do Instituto Brasil-Estados Unidos*. Ano VII, nº 69, março de 1949.
- 4.1.15. “Influências IV”. *Boletim do Instituto Brasil-Estados Unidos*. Ano VII, nº 70, abril de 1949.
- 4.1.16. *Esfinge Clara – palavra-puxa-palavra em Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1955.
- 4.1.17. “O socialismo e a educação dos filhos”. *Paratodos* (seção “O livro científico”), ano I, nº 3, 2ª quinzena de 1956.
- 4.1.18. *Luz e fogo no lirismo de Gonçalves Dias*. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1956.
- 4.1.19. “De gramática e de compêndios”. *Jornal do Comércio*, 11/08/1957.
- 4.1.20. “A janela e a paisagem na obra de Augusto Meyer”. Separata da Revista brasileira de Filologia, Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1958, vol. 4, tomos I-II.
- 4.1.21. “A página branca e o deserto. Luta pela expressão em João Cabral de Melo Neto” Separata da *Revista do Livro*, do Instituto Nacional do Livro, nº 7, 8, 9 e 10, 1958-1959.
- 4.1.22. *Cobra Norato. O poema e o mito*. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1962. (Originalmente apresentado como tese ao 1º Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária, realizado em Recife, em agosto de 1960.
- 4.1.23. “Anotações à margem da poesia de Mauro Mota”. *Correio da Manhã*, 15/08/1964.
- 4.1.24. “Outras anotações à margem da poesia de Mauro Mota”. *Correio da Manhã*, 05/12/1964.
- 4.1.25. “Frase caótica e fluxo de consciência”. *Correio da Manhã*, 06/02/1965.
- 4.1.26. “João Ternura: herói erótico, mas sem malícia”. *Correio da Manhã*, 20/03/1965.
- 4.1.27. *Comunicação em prosa moderna – Aprenda a escrever, aprendendo a pensar*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1967. (A obra teve

até hoje – de 2006 – 26 edições. Na 3ª edição, o autor corrigiu erros, melhorou e atualizou alguns aspectos. Na 7ª, atualizou e acrescentou novas informações, com a inclusão e/ou reelaboração de vários tópicos e subtópicos).

- 4.1.28. “Prefácio” de *Drummond – a estilística da repetição*, de Gilberto Mendonça Teles. Livraria José Olympio, Rio de Janeiro, 1970.
- 4.1.29. “Alguns processos poéticos de Carlos Drummond de Andrade”. In: *Carlos Drummond de Andrade*. Coleção Fortuna Crítica. Direção de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1977. p. 202-234.
- 4.1.30. “Exercício de numerologia poética: paridade numérica e geometria do sonho num poema (“Canção excêntrica”) de Cecília Meireles”. Separata da *Revista de Cultura Vozes*, ano 72, nº LXXII, outubro de 1978, nº 8.
- 4.1.31. *Esfinge clara e outros enigmas*. Rio de Janeiro, Topbooks, 1996. (Reunião dos ensaios estilísticos).
- 4.1.32. *Fasilira: exercícios de rimas em redondilhas joco-sérias, algumas quebradas, outras desastradas, e quase todas com respingos autobiográficos*. Rio de Janeiro, Sette Letras, 1997.

4.2. Trabalhos inéditos não datados

- 4.2.1. “Sociologismo e imaginação no romance brasileiro”.
- 4.2.2. “Chove nos campos de Cachoeira” (Resenha crítica do romance de Dalcídio Jurandir).
- 4.2.3. “Técnica da expressão escrita e oral” (Apostila para o Curso de Aperfeiçoamento de Professores do Ensino Primário).

4.3 Traduções e adaptações

- 4.3.1. Vick Baum. *A árvore que chora – o romance da borracha*. Rio de Janeiro – Porto Alegre – São Paulo. Edição da Livraria do Globo, 1946.
- 4.3.2. Charles Morgan. *A brisa da manhã*. Rio de Janeiro – Porto Alegre – São Paulo. Editora Globo, 1961.
- 4.3.3. Edmond Privat. *A vida de Gandhi*. São Paulo, Editora Cultrix, 1961.
- 4.3.4. Katherine Anne Porter. *Árvore florida e outras histórias*. São Paulo, Editora Cultrix, 1965. (em colaboração com Geraldo Pires de Amorim).
- 4.3.5. *Pequeno dicionário enciclopédico Koogan-Larousse*. Rio de Janeiro, Editora Larousse do Brasil, 1978 (Editoria da tradução e adaptação do *Nouveau Petit Larousse em Couleurs*).



OTHON MOACYR GARCIA

UM SINGELO DEPOIMENTO

Maximiano de Carvalho e Silva
UFF – LLP

A direção da revista *Confluência* dedica este número com toda a razão à figura do professor, filólogo e crítico literário Othon Moacyr Garcia, o festejado autor de livros e artigos de extraordinário valor, entre os quais sobressai pela sua singularidade a obra editada pela Fundação Getúlio Vargas com o título de *Comunicação em Prosa Moderna*, cuja primeira edição data do ano de 1967, e cuja edição mais recente – a 26ª – é de 2006, o que atesta o grande interesse com que o livro tem sido recebido pelos leitores de todo o país e mesmo do estrangeiro.

Othon Moacyr Garcia nasceu na cidade de Mendes, Estado do Rio de Janeiro, no ano de 1912, e faleceu na cidade do Rio de Janeiro em 2002. Bacharel em Direito e licenciado em Letras Clássicas em 1937 na primeira turma da Universidade do Distrito Federal (com sede no Rio de Janeiro ainda capital da República), tendo feito cursos de pós-graduação em Universidade norte-americana (Educação e Literatura), foi na vida profissional acima de tudo um professor e pesquisador de altos méritos, que lecionou no Rio de Janeiro, a cidade em que passou a maior parte de sua longa vida, em três dos mais prestigiosos estabelecimentos públicos e particulares de ensino: o Colégio Pedro II, mantido pelo governo federal, o Instituto de Educação, do Rio de Janeiro, e a Escola Brasileira de Administração Pública, da Fundação Getúlio Vargas. Apesar da sua modéstia e simplicidade, sempre foi tido na mais alta conta pelos colegas de magistério, e se elegeu membro da Academia Brasileira de Filologia e da Sociedade Brasileira de Romanistas como reconhecimento do valor dos seus trabalhos de filólogo, lingüista, ensaísta e crítico literário. Na Academia, ocupou a cadeira de nº 21, de que é Patrono o filólogo José Júlio da Silva Ramos e de que foi primeiro titular o seu antigo professor de Língua Portuguesa na UDF e grande Mestre Álvaro Ferdinando de Sousa da Silveira.

Destacou-se Othon Moacyr Garcia entre os seus contemporâneos com a publicação de uma série de artigos e livros em que revelou extraordinária ca-

pacidade e originalidade na interpretação de textos literários. Infelizmente, não tendo tido a merecida divulgação, esses trabalhos são quase desconhecidos entre os atuais estudiosos e professores de língua e de literatura, mesmo nos cursos superiores de Letras, pois ficaram dispersos em revistas especializadas ou figuram em publicações hoje inacessíveis ao comum dos leitores, como aliás acontece com tantas outras da nossa bibliografia filológica, lingüística e literária.

São de sua autoria os seguintes artigos e livros, relacionados na nota “A Respeito do Autor” da primeira edição de *Comunicação em Prosa Moderna* e no verbete sobre ele no segundo volume de *Biblos – Enciclopédia Verbum das Literaturas de Língua Portuguesa* (Lisboa, Editorial Verbo, 1997): *Esfinge Clara* (Rio de Janeiro, Livraria São José, 1955); *Luz e Fogo no Lirismo de Gonçalves Dias* (Rio de Janeiro, Livraria São José, 1956); *A Janela e a Paisagem na Obra de Augusto Meyer* (artigo na *Revista Brasileira de Filologia*, Rio de Janeiro, 1958); *A Página Branca e o Deserto: Luta Pela Expressão em João Cabral de Melo Neto* (artigos nos números 7, 8, 9 e 10 da *Revista do Livro*, MEC-INL, 1958-1959); *Cobra Norato: O Poema e o Mito* (Rio de Janeiro, Livraria São José, 1962); *Exercício de Numerologia Poética: Paridade Numérica e Geometria do Sonho em um Poema de Cecilia Meireles* (artigo na revista *Vozes*, Petrópolis, outubro de 1978).

Além de escrever esses trabalhos, dedicou-se Othon Moacyr Garcia à atividade de tradutor, tendo prestado relevantes serviços de revisor de traduções à editora Livraria do Globo, em Porto Alegre, e à atividade de lexicógrafo, na editoria do *Pequeno Dicionário Enciclopédico Koogan-Larousse*, ao lado de C.H. da Rocha Lima e sob a direção de Antônio Houaiss (1ª edição: Rio de Janeiro, Editora Larousse do Brasil, 1979).

Tive a honra de trabalhar com Othon Moacyr Garcia de 1956 a 1970, como integrante da equipe organizada pelo inesquecível Professor Rocha Lima, então catedrático de Língua Portuguesa do Colégio Pedro II, para ministrar aulas de Português do curso secundário no antigo Internato do referido educandário, situado no Campo de São Cristóvão. Conheci-o de perto, acompanhei atentamente a sua atuação, e tornei-me admirador não apenas do profundo conhecedor dos mistérios da nossa língua que ele era, do professor exemplar no cumprimento das suas obrigações docentes, mas acima de tudo da retidão de caráter que o caracterizava, da maneira singela e firme com que se conduzia no exercício dos seus encargos. No trato comum, vi-o enfrentar com galhardia os problemas das suas deficiências físicas mais agudas – a deficiência auditiva e a deficiência visual – que aceitava com uma resignação de santo, procurando compensá-las para não se isolar da comunicação com a família e os amigos. Sou pois uma

das testemunhas dos pesados sofrimentos por que passou, até o fim da vida, amparado pelo heroísmo de sua esposa Sílvia, e pelo devotamento de alguns amigos e colegas de velha data, como os seus amigos especiais Rocha Lima e Antônio de Pádua, também de tão saudosa memória, ligados e marcados principalmente pelo magistério de Sousa da Silveira e de Antenor Nascentes desde os tempos da Universidade do Distrito Federal, de que foram brilhantes alunos. Era comovente ver que Antônio de Pádua, inclusive, sempre encontrou tempo para visitá-lo com regular frequência na residência da Rua Cosme Velho, no bairro de Laranjeiras.

No antigo Internato do Colégio Pedro II, Rocha Lima mantinha junta e solidária na realização dos planos de trabalho da cadeira de Língua Portuguesa aquela equipe de que fazíamos parte Othon Moacyr Garcia, que ele elegeu coordenador, Augusto Rainha, José Dias, Carlos Eduardo Falcão Uchôa, Arlindo Drummond, Hilda Reis Capucci, Raimundo Barbadinho e eu próprio, todos imbuídos das suas responsabilidades. Era uma equipe que se distinguiu entre várias outras por não admitir o catedrático qualquer interferência em seu trabalho por parte da alta direção da Casa, o que nos conferia segurança para o desempenho das nossas tarefas, executadas com a preocupação de preservar o bom nome da instituição secular. Entre os seus integrantes, no final do ano, eram escolhidos os que atuavam na penosa correção das provas do exame de admissão, em que se procurava selecionar os melhores candidatos sem a indébita intromissão de um tipo de protecionismo de caráter pessoal e discriminatório infelizmente existente no ensino de todos os níveis, como bem se sabe. Rocha Lima sempre assegurava a posição de relevo ao coordenador que escolhera, mas Othon Moacyr Garcia nunca se apresentou diante de nós senão como aquele companheiro e amigo mais velho e mais experimentado, que gostava de ouvir as nossas opiniões sobre o estudo e o ensino da língua, com toda a naturalidade.

Nessa equipe em que trabalhávamos sempre atentos às recomendações de Rocha Lima, modelo do bom professor, não era a mesma a visão de como deve ser conduzido o estudo e o ensino da língua portuguesa. Os que em nossa formação superior tivéramos o privilégio dos ensinamentos e da orientação de Sousa da Silveira víamos a língua como a expressão mais alta da cultura de um povo, e tínhamos por isso a preocupação de não reduzir o ensino da mesma ao ensino gramatical como era mais comum entre os nossos colegas. Esse grupo de orientação culturalista não dispensava nas aulas os exercícios de leitura, de redação e de expressão oral, e incentivava os alunos a ler em casa algumas obras-primas da literatura brasileira e até mesmo da literatura portuguesa,

como era possível fazer naquela época em que a educação e os seus agentes, os professores, não estavam tão desprestigiados como nos dias atuais.

Othon Moacyr Garcia, aluno da primeira turma de Sousa da Silveira na Universidade do Distrito Federal, entre os anos de 1935 e 1937, desde então pôde perceber mais nitidamente, como o velho Mestre ensinara numa conferência de 1922 sobre a língua nacional e o seu estudo, que era preciso levar os discentes ao conhecimento dos múltiplos recursos que a língua oferece para a mais adequada expressão do pensamento. Tais noções teria eu ensejo de assimilar anos depois, ao me tornar aluno do mesmo Sousa da Silveira, já na Faculdade Nacional de Filosofia, entre os anos de 1944 e 1946, no Curso de Letras Neolatinas. Nossas posições em relação ao papel que deveria ser reservado ao ensino gramatical, sem dúvida importante, mas como meio de proporcionar visão mais nítida do sistema fonológico, morfológico e sintático da língua, e não um fim em si mesmo, se firmaram não só com os ensinamentos do autor das *Lições de Português*, mas também com as de outros filólogos e lingüistas de que nos tornamos leitores constantes, entre os quais no meu caso particular destaco as figuras de Silva Ramos, Said Ali, Serafim da Silva Neto, Gladstone Chaves de Melo e Joaquim Matoso Câmara Júnior. Com este último aprendera os fundamentos da teoria da linguagem e a aplicação dos mesmos ao estudo das línguas. Os conhecimentos básicos das outras ciências da linguagem – principalmente de Filologia Portuguesa, Crítica Textual, História e Teoria da Literatura – iluminavam as nossas aulas de língua portuguesa. Líamos autores marcados pela orientação culturalista, para os quais era fundamental no estudo da língua a visão histórica como base de tudo, como forma de entender a variedade dos usos lingüísticos e a percepção de que o fenômeno lingüístico está intimamente relacionado com as demais manifestações histórico-culturais e artísticas do espírito humano.

Foi curioso que na década de 60 do século XX, professores de ensino secundário do Colégio Pedro II, Othon Moacyr Garcia e eu tivéssemos tido, isoladamente um do outro, a mesma preocupação de dar ao estudo e ao ensino do português uma orientação diversa da que era habitual. Ambos nunca negamos o valor do ensino gramatical e da análise sintática de modo especial, mas nos insurgimos contra a ênfase exagerada e até a absoluta prioridade que a ele era dada, com o abandono da prática dos exercícios de redação, dos exercícios de expressão oral e da leitura dos bons autores, sem os quais se sonega aos alunos a oportunidade de aprender a pensar, a expressar com correção e arte o pensamento, a falar com mais clareza e fluência. Othon Moacyr Garcia reuniu os resultados de suas experiência em sala de aula no livro pioneiro a que deu

o título de *Comunicação em Prosa Moderna – Aprenda a Escrever, Aprendendo a Pensar*, cuja primeira edição data de 1967. Quanto a mim, procurei dar idéia de como entendo o estudo e ensino da língua entrosado com o ensino da literatura, das outras artes, da história, da geografia, das ciências sociais e de outras ciências no livro que me foi encomendado e publicado no mesmo ano de 1967 pela Campanha Nacional de Material de Ensino, do Ministério da Educação e Cultura, com o título de *Cadernos MEC – Português 3*. Tive pois a honra de figurar modestamente ao lado de Othon Moacyr Garcia entre os que, seguidores das diretrizes traçadas pelos nossos grandes Mestres no Curso de Letras, se empenhavam em transmitir aos alunos uma mensagem renovadora no que diz respeito ao ensino da língua portuguesa como a mais alta expressão da cultura luso-brasileira.

Tenho em minha biblioteca particular duas edições de *Comunicação em Prosa Moderna* que me foram oferecidas pelo autor: a primeira, de 1967; e a sétima, de 1978, publicada pela editora da Fundação Getúlio Vargas. Nesta sétima edição lê-se a seguinte “Nota do editor”:

Ao lançar esta edição de *Comunicação em Prosa Moderna*, a Fundação Getúlio Vargas entrega ao público leitor uma obra que se pode considerar revolucionária no campo da expressão da língua portuguesa. As edições anteriores esgotaram-se rapidamente, demonstrando com isso a lacuna existente no assunto e a importância que assume dia a dia o estudo do uso de nossa língua por abordagem diferente da habitual.

A comunicação que o autor consegue com o leitor talvez seja o ponto-chave de seu sucesso junto às camadas especializadas ou não. A desmitificação que faz de assuntos que se apresentam tradicionalmente intrincados em gramáticas dá-nos uma idéia do que é a obra: moderna, prática, necessária.

No que denominou “Explicação necessária” Othon Moacyr Garcia deixara bem claros os seus propósitos:

Este livro, devemos-lo aos nossos alunos, aqueles jovens a quem, no decorrer de longos anos, temos procurado ensinar não apenas a escrever mas principalmente a pensar – a pensar com eficácia e objetividade, e a escrever sem a obsessão do purismo gramatical mas com a clareza, a objetividade e a coerência indispensáveis a fazer da linguagem, oral ou escrita, um veículo de comunicação e não de escamoteação de idéias. Estamos convencidos – e conosco uma plêiade de nomes ilustres – de que a correção gramatical não é tudo – mesmo porque, no tempo e no espaço, seu conceito é muito relativo – e de que a elegância oca, a afetação

retórica, a exuberância léxica, o fraseado bonito, em suma, todos os requintes estilísticos hedonistas e sibaríticos com mais freqüência falseiam a expressão das idéias do que contribuem para a sua fidedignidade. É principalmente por isso que neste livro insistimos em considerar como virtudes primordiais da frase a *clareza* e a *precisão* das idéias (e não se pode ser claro sem se ser medianamente correto), a *coerência* (sem *coerência* não há legitimamente *clareza*) e a *ênfase* (uma das condições da *clareza*, que envolve ainda a elegância sem afetação, o vigor, a expressividade e outros atributos secundários do estilo).

A correção – não queremos dizer *purismo gramatical* – não constitui matéria de nenhuma das lições desta obra, por uma razão óbvia: *Comunicação em prosa moderna* não é uma gramática, como não é tampouco um manual de estilo em moldes clássicos ou retóricos. Pretende ser, isto sim, uma obra cujo principal propósito é ensinar a pensar, vale dizer, a encontrar idéias, a coordená-las, a concatená-las e a expressá-las de maneira eficaz, isto é, de maneira clara, coerente e enfática. Isto quanto à comunicação.

Não desejando que pairasse nenhuma dúvida sobre a importância que atribuía aos estudos gramaticais e neles à análise sintática, assim se exprimiu numa “Advertência” a que deu o devido destaque:

A análise sintática tem sido causa de crônicas e incômodas enxaquecas nos alunos do ensino médio. É que muitos professores, por tradição ou por comodismo, a têm transformado no próprio conteúdo do aprendizado da língua, como se aprender português fosse exclusivamente aprender análise sintática. O que deveria ser um instrumento de trabalho, um meio eficaz de aprendizagem, passou a ser um fim em si mesmo. Ora, ninguém estuda a língua só para saber o nome, quase sempre rebarbativo, de todos os componentes da frase.

Vários autores e mestres têm condenado até mesmo com veemência o abuso no ensino da análise sintática.

Para que os leitores deste artigo que porventura não conheçam o livro *Comunicação em Prosa Moderna* tenham noção da riqueza do seu conteúdo, quero aqui reproduzir resumidamente o sumário da 7ª edição, e dizer aos interessados que a Fundação Getúlio Vargas continua a lançar novas edições do mesmo:

PRIMEIRA PARTE – A FRASE. Advertência. // Cap. I – Estrutura sintática da frase. / Processos sintáticos. / Organização do período. / Como indicar as circunstâncias e outras relações entre as idéias. // Cap. II – Feição estilística da frase. // Cap.

III – Discursos direto e indireto. // Cap. IV – Discurso indireto livre ou semi-indireto. □ SEGUNDA PARTE – O VOCABULÁRIO. Cap. I – Os sentidos das palavras. // Cap. II – Generalização e especificação – O concreto e o abstrato. // Cap. III – Famílias de palavras e tipos de vocabulário. // Cap. IV – Como enriquecer o vocabulário. // Cap. V – Dicionários. □ TERCEIRA PARTE – O PARÁGRAFO. Cap. I – O parágrafo como unidade de composição. // Cap. II – Como desenvolver o parágrafo. // Cap. III – Parágrafo de descrição e parágrafo de narração. // Cap. IV – Qualidades do parágrafo e da frase em geral. □ QUARTA PARTE – EFICÁCIA E FALÁCIAS DA COMUNICAÇÃO. Cap. I – Eficácia. // Cap. II – Falácias. □ QUINTA PARTE – 5. PONDO ORDEM NO CAOS. Modus sciendi. □ SEXTA PARTE – 6. COMO CRIAR IDÉIAS. A experiência e a pesquisa. / Pesquisa bibliográfica. / Como tomar notas. / Outros artifícios para criar idéias. □ SÉTIMA PARTE – 7. PLANEJAMENTO. Cap. I / Descrição. // Cap. II / Narração. // Cap. III / Dissertação. // Cap. IV / Argumentação. □ OITAVA PARTE – 8. – REDAÇÃO TÉCNICA. Cap. I – Descrição técnica. // Cap. II – Relatório administrativo. // Dissertações científicas: teses e monografias. □ NONA PARTE – PREPARAÇÃO DOS ORIGINALS. Normalização datilográfica e bibliográfica. □ DÉCIMA PARTE – EXERCÍCIOS. 1. A frase. / 2. O vocabulário. / 3. O parágrafo. / 4. Eficácia e falácias do raciocínio. / 5. Pondo ordem no caos. / 6. Exercícios de redação: temas e roteiros.

Pelos tópicos acima e pela leitura dos ensinamentos do autor, verifica-se que Othon Moacyr Garcia realmente se valeu do conhecimento da teoria da análise sintática como “um instrumento de trabalho, um meio eficaz de aprendizagem”, e também de muitos outros conhecimentos gramaticais e de teoria lingüística e teoria literária. O fato de estar o seu livro numa 26ª edição é na verdade a maior homenagem que recebeu pela sua primorosa atuação docente. Faço votos de que algum editor se lembre agora de reunir e publicar a matéria dos seus outros livros e de artigos dispersos em um volume ou mais, não sei bem, pois neles há preciosas lições da abordagem dos textos literários para mais valorizá-los, merecedoras de atenção especialmente por parte dos que organizam e redigem monografias, dissertações e teses na conclusão dos cursos superiores de Letras sem ter diante dos olhos bons modelos a serem levados na devida consideração.

OTHON MOACIR GARCIA: SEU LABOR CIENTÍFICO
(19-6-1912 – 1-6-2002)

Evanildo Bechara

Othon M. Garcia integrou uma geração de mestres emblemáticos que se vem desfalcando ano a ano: Olmar Guterres da Silveira, Sílvio Elia, Gladstone Chaves de Melo, só para lembrar-nos dos que mais estreitamente se ligaram às atividades do instituto de Língua Portuguesa do Liceu Literário Português.

Conhecedor admirável do sistema e das potencialidades expressivas do idioma, Othon soube aplicar sua fina sensibilidade a dois campos de estudos: a análise literária e a técnica de redação. No campo da análise literária, integrou a plêiade de jovens estudiosos que soube levar avante os alicerces de uma nova crítica literária exposta e praticada pioneiramente por Afrânio Coutinho e Eduardo Portella.

Pelos seus dotes excepcionais, este primeiro campo foi aquele pelo qual Othon se mostra mais produtivo e, por isso mesmo, conhecido e aplaudido entre os especialistas e o público devotado ao fenômeno literário. Aí estão seus ensaios *Esfinge Clara: palavra puxa palavra em Carlos Drummond de Andrade* (1955); *Luz e fogo no lirismo de Gonçalves Dias* (1956); *A janela e a paisagem na obra de Augusto Meyer* (1958); *A página branca e o deserto, luta pela expressão em João Cabral de Melo Neto* (1958/1959); *Cobra Norato, o poema e o mito* (1962, sobre o poema de igual título de Raul Bopp); *Exercícios de numerologia poética* (1978), entre outros artigos em revistas e jornais.

Em 1996, pela Topbooks, sai, em 2ª edição, uma coletânea intitulada *Esfinge Clara e Outros Enigmas – Ensaios estilísticos*, que engloba *Esfinge Clara – Palavra puxa palavra em CDA*, *Luz e Fogo no lirismo de Gonçalves Dias*, *A Janela e a Paisagem na obra de Augusto Meyer*, *A Página Branca e o Deserto*, *Cobra Norato – O poema e o mito* e *Exercícios de numerologia poética*.

Num admirável Prefácio de síntese, diz-nos Antônio Houaiss: “Tais ensaios são, com justa razão, tidos como fundamentais para a exegese desses poetas e para a consolidação de nossa crítica literária moderna. É que as feições assumidas pela análise, crítica, sistemática e síntese literárias contemporâneas

no Brasil, sobretudo as de origens bacharelescas ou doutorais, embora por vezes altamente tecnicizadas, não colidem com ensaios deste gênero, antes os valorizam, pois que estes têm a seu favor qualidades não apenas providas do método, mas também de uma bagagem de leituras em primeira mão de fontes de várias línguas de cultura.

Nesses ensaios, Othon M. Garcia exerce uma crítica literária cujas virtudes são realçadas pela riqueza empírica do exemplário, pela acuidade da análise, pela organicidade da interpretação, e pela sensibilidade e intuições estéticas, que o singularizam no gênero entre nós.”

No segundo campo, desenvolveu sua atividade de magistério – atividade silenciosa – na tarefa de desenvolver nos seus alunos a técnica da redação. Aqui Othon, robustecido por uma prática de sala de aula e dos cursos ministrados a candidatos ao Instituto Rio Branco, concretizou essa experiência num livro excepcional que, saído em 1967 pela Fundação Getúlio Vargas, ainda hoje é o mais profundo guia na especialidade: *Comunicação em prosa moderna*. Partia de informações sobre os elementos estruturais da oração, de uma atividade que hoje é execrada por modernos, mas que dela a velha geração de professores se serviu para conseguir que seus alunos chegassem a escrever com razoável decência de forma e fundo: a análise sintática. Sim, a análise sintática! Mas a análise sintática, antigamente chamada também *análise lógica*, ensinada sem os pruridos de erudição, e muito menos, da lógica e má lógica, oferecendo aos educandos a compreensão das relações gramaticais e semânticas que as palavras e funções mantêm entre si para a adequada e conforme manifestação do que se quer transmitir aos ouvintes ou leitores.

Começou Othon, nessa convicção, apoiando-se na lição sempre segura de uma autoridade, hoje injusta e lamentavelmente esquecida de seus colegas mais jovens de sala de aula; referimo-nos a Mário Barreto, que, num livro publicado em 1916, assim prevenia a professores e alunos:

É um dos defeitos do nosso ensino gramatical a importância excessiva que se dá nas classes a isso que se chama análise lógica. Certo que é necessário saberem os alunos o que é um sujeito, um atributo, um complemento; certo que também é bom que eles saibam distinguir proposições principais e subordinadas, e vejam que estas acessórias ou subordinadas não são mais que o desdobramento de um dos membros de outra proposição e se apresentam como equivalentes de um substantivo, de um adjetivo ou de um advérbio: *proposições substantivas, adjetivas, adverbiais*, – nomenclatura que tem a duplicada vantagem de evitar termos novos e de fazer da análise lógica uma continuação natural da análise

gramatical. Qualquer outra terminologia que se adote para a classificação das proposições dependentes levanta discussões entre os professores (...)

Passar daí será para nos embrenharmos no intrincado labirinto das sutilezas da análise. A análise lógica pode ser de muito préstimo, se a praticamos como aprendizado da estilística, como meio de conhecermos a fundo os recursos da linguagem e de nos familiarizarmos com todas as suas variedades.” (*Fatos da língua portuguesa*, 1ª ed., págs. 50 e 51).

Eis aí a grande e larga estrada que percorríamos em nossas classes, partindo da análise sintática para a construção com sentido do parágrafo, e daí para a construção de um texto integral. É o caminho magistralmente percorrido por Othon no livro *Comunicação em prosa moderna*, alicerçado na exposição didática dos manuais de língua inglesa e francesa sobre o conhecimento da estrutura gramatical do idioma, a variedade dos recursos expressivos da estilística (ainda não no sentido restrito da estilística de Charles Bally) e na fundamentação da arte de pensar e dizer.

Eis o grande patrimônio de herança que nos legou Othon Moacir Garcia, exemplo de homem e de companheiro de profissão, que dignificou a família e que agora, a 1º de junho de 2002, às vésperas de completar noventa anos bem vividos, deixa órfãos também seus numerosos discípulos e amigos.

ESTRUTURALISMO E FUNCIONALISMO: ANDRÉ MARTINET¹

Jorge Morais Barbosa
Universidade de Coimbra

Quando numa aula, em tarde já distante no tempo, alguém falou de Herculano e Garrett como introdutores do romantismo em Portugal, comentou Vitorino Nemésio: “Estou a imaginar o Herculano e o Garrett passando a fronteira e introduzindo no País, à socapa, o romantismo que traziam escondido nas malas.”

Talvez me nascesse aí a ideia, portanto já antiga, de que na cultura os momentos históricos não são discretos como discretas são as estações de caminho-de-ferro que os comboios vão deixando para trás ao longo da marcha. Causa-me, com efeito, tanta confusão imaginar que a Revolução Francesa se iniciou em 27 de Junho de 1789 com a cedência de Luís XVI perante os representantes do povo e pôs termo à « vieille France » quanta imaginar que a língua portuguesa começou a falar-se no século IX, se tornou moderna no século XVI e passou a actual no século XVIII. Seria caso de perguntar, como parece ter feito Vítor Hugo no Palais Bourbon a propósito do francês, “Em que dia e a que horas?” Também da história do pensamento linguístico se não pode ter, no meu entendimento, uma concepção ferroviária.

Ao reler gramáticos dos séculos XVII e XVIII – Port-Royal, d’Alembert, Beauzée... –, para não falar já de modistas e outros mais antigos, fico com a convicção de que já lá se encontra muito do que hoje aparece como novidade.

Vem isto a propósito, claro, de estruturalismo e funcionalismo: quando surgiram na história?

A resposta torna-se tanto mais difícil de encontrar quanto é verdade que nem um nem outro desses “movimentos” se apresentam homogéneos, como corpos doutrinários ou como práticas. No prefácio dos *Éléments de linguistique générale* escreveu Martinet: « Les ‘structuralistes’ d’aujourd’hui s’accordent pour poser en principe la priorité de l’analyse synchronique et pour rejeter toute

¹ O presente texto foi lido como *Última Lição* do Autor quando de sua aposentação da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

introspection. Au-delà, points de vue et méthodes différent largement d'une tendance à une autre, et les concordances terminologiques recouvrent souvent des divergences fondamentales » (Martinet 1960: 6), afirmação que manteve nas edições subsequentes.

Se de tais “movimentos” se não quiser afirmar o que Maurice Grammont lembrou dizerem muitos da poesia, « Cela se sent » (Grammont 1950: 6), talvez pela negativa melhor se caracterizasse o primeiro. Dir-se-ia então que ele representa uma reacção ao historicismo e ao prescritivismo dominantes em finais do século XIX e inícios do seguinte, notando-se, todavia, que, sem negar a perspectiva histórica, já o célebre *Curso*, adiante *CLG*, de Saussure (Saussure 1916) insistira tanto na necessidade de se considerarem as línguas também como sistemas que uma das heranças que nos deixou, decerto *malgré lui*, até hoje persistente em muitos espíritos, se tem traduzido no privilégio concedido às sincronias como objectos de descrição. Digo « *malgré lui* » porque nunca Saussure rejeitou o ponto de vista histórico no estudo das línguas, o que aliás se torna muito claro quando se têm presentes os seus trabalhos reunidos e publicados por Charles Bally e Léopold Gautier, em 1921, sob o título *Recueil des publications scientifiques de Ferdinand de Saussure* (Saussure 1921, 1984), quando se conhece a mais recente colectânea de *Écrits de linguistique générale* devida a Simon Bouquet e Rudolf Engler (Saussure 2002) e quando se sabe hoje até que ponto a vulgata do *Cours* mutilou e deformou o pensamento saussuriano.

Atribuindo-se geralmente a Saussure a fonte inspiradora do estruturalismo (Georges Mounin publicou mesmo um livro, ainda hoje excelente, intitulado *Saussure ou le structuraliste sans le savoir*: Mounin 1968), é costume notar-se que no *CLG* não figuraria o termo *estrutura*, mas sim, repetidamente, o de *sistema*.² Em todo o caso, *structure* encontra-se já nos *Cahiers* de Valéry, em 1905, « pour désigner l'agencement interne des unités qui forment un système linguistique » (Rey 1988: 3655), depois de, no século XIX, se haver associado nas ciências naturais e de seguida nas sociais ao conceito de organismo, por exemplo, nas últimas, “organismo social” (Rey 1998: *ib.*). Ainda de acordo com Rey, *ib.*, o termo foi utilizado em psicologia por Claparède em 1916, o que não deixa de interessar sabendo-se que Claparède foi de 1908 a 1940, ano de sua morte, professor da Universidade de Genebra, esta mesma onde Saussure leccionou entre 1906 e 1911 os três cursos que dariam origem ao *CLG*.

² Não é bem assim: *structure* encontra-se lá umas três vezes (pp. 180, 224 e 256) e também em Saussure 2002, mas com diferente sentido.

Pretendo com isso dizer que, por muito original que ele haja sido e por mais importante e decisiva que haja vindo a revelar-se a sua influência na história da linguística – e ninguém negaria que o foram um e outra, – o pensamento de Saussure reflecte as correntes sociológica e psicológica da época em que se conformou. E, além de as reflectir em si, veio a reflecti-las em muitos dos autores que mais ou menos explicitamente nele se inspiraram. Adiantando um passo, notar-se-á desde já que o funcionalismo de Martinet e seus discípulos, que deliberadamente se desfez do psicologismo, manteve-se, ao insistir no papel das línguas como instrumentos de comunicação, muito fiel a certos aspectos de natureza sociológica.

Reflectiu-se, desde logo, na produção científica própria dos responsáveis da sua publicação, Charles Bally e Albert Sechehaye. Se nenhum deles foi aluno de Saussure nem sequer assistiu, tanto quanto se sabe, às suas aulas, o facto de haverem decidido dar-lhes luz, indiciando o interesse que lhes suscitou o respectivo conteúdo, deixaria supor que viessem a segui-lo.³ No entanto, não predominam nas obras de ambos (Bally 1935; 1944; Sechehaye 1933; 1950),⁴ sobretudo do segundo, as visões mais especificamente linguísticas do *CLG*, mas as vertentes sociológica e psicológica deste.⁵ De qualquer modo, a eles se devem, tanto quanto julgo saber, as primeiras repercussões do ensino de Saussure no que à importância do *sistema* diz respeito. Seria, contudo, com o Círculo Linguístico de Praga (CLP) que se difundiria o conceito, e em especial com Trubetzkoy⁶ que ele se aplicaria a um domínio preciso, o da fonologia, curiosamente ausente do *CLG*.⁷

³ Bally, que repetidamente se reclama de Saussure, a quem sucedeu na cátedra de Genebra em 1913 e a cuja memória dedica *Le langage et la vie*, chama-lhe, na lição inaugural do seu curso desse ano, « mon maître » (Bally 1965: 159).

⁴ Sechehaye publicara já em 1908 um livro em cujo título figurava *Psychologie du langage* (Sechehaye 1908).

⁵ Escreveu Bally: « Une linguistique qui s'inspire des idées saussuriennes doit [...] tout ramener à la conscience intérieure que nous avons de la langue. Notre méthode sera psychologique ou elle ne sera pas » (Bally 1935: 156). Apesar de tudo, Bally foi mais e melhor linguista que se pode imaginar hoje.

⁶ Após vários artigos e a monografia de 1935 (Trubetzkoy 1935), mais conhecida através da tradução inglesa (Trubetzkoy 1968), a sua obra maior (Trubetzkoy 1939) apenas dez anos após a publicação teria difusão maior graças à tradução de Jean Cantineau (Trubetzkoy 1949).

⁷ Como é sabido, *fonologia* corresponde aí ao que hoje se designa por *fonética*. De fonologia no sentido actual ocupou-se Saussure em outras ocasiões, nomeadamente em 1878 no *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes* e em outros artigos, reunidos com aquele no *Recueil des publications scientifiques de Ferdinand de Saussure*, Genebra, 1922, organizado por Charles Bally e Léopold Gautier.

No âmbito da Escola de Praga defende-se logo nos anos quarenta do século XX que os fenómenos individuais conformam a *estrutura* como unidade superior, um todo, com propriedades integrativas estranhas às partes, portanto não simples soma ou conjunto delas; tais fenómenos não são partes separáveis de um todo divisível, mas, ligados entre si por relações mútuas, apenas são o que são dentro de um todo hierarquicamente ordenado. Sugere-se também uma relação entre *sistema* e *estrutura*, entendendo-se por esta a organização global dos vários sistemas, fonológico, verbal, etc. E concebe-se o estruturalismo não em termos de teoria ou método, mas como o ponto de vista de acordo com o qual num sistema cada conceito é determinado pelos outros e não tem, assim, existência plena por si mesmo,⁸ o que prenuncia um certo Hjelmslev.

Sob este princípio afirmar-se-iam algumas orientações estruturalistas, no entanto bem distintas entre si em vários pontos.

Não me deterei em trabalhos que de estrutural pouco mais têm que a palavra no título, como os de Georges Galichet (Galichet 1947, 1971), para quem « la psychologie seule peut rendre compte en dernier ressort de la nature et du fonctionnement des mécanismes grammaticaux » (Galichet 1971: I): embora negando-o, patenteiam a continuidade do psicologismo saussuriano, porventura mal entendido, embora se deva reconhecer que Galichet reagia, com alguma razão na crítica, à versão extrema do estruturalismo que ele apelidou de “neomorfologismo”, o distribucionalismo (Galichet 1971: 247-248 n.), representada nos Estados Unidos da América por Zellig S. Harris (Harris 1947) e em França por Jean Dubois (Dubois 1965 ss.).

Será curioso notar que muito cedo Bally entrevira, evidentemente recusando-as, o que viriam a ser algumas práticas distribucionalistas, quando afirmou que, para ter êxito, talvez devesse a investigação ideal ser conduzida por quem não soubesse ler nem escrever a língua de que se ocupasse (Bally 1935: 25). Disse-o, e bem, a respeito do conhecimento da história e das tradições gramaticais, mas é certo que mais tarde se viria a julgar não dever sequer o investigador entender fosse o que fosse dessa língua, de modo que a descrição se circunscrevesse aos puros mecanismos relacionais de morfemas⁹ – o tal “morfologismo” de Galichet.

⁸ Vachek 1960, s.u. *structure, système*.

⁹ O termo *morphème* foi criado por Vendryes em 1914, mas só divulgado a partir de 1920, para designar os elementos linguísticos que exprimem as relações entre as ideias das representações, sendo estas chamadas *sémantèmes* (Vendryes 1950: 86, e 5, “Post-scriptum”, para as datas). Com o sentido actual, registado em 1931 pelo CLP (Vachek 1960, s.u. *morphème*), deve a popularidade a Leonard Bloomfield (Bloomfield 1933).

Antes, porém, do que se pode considerar a deriva distribucionalista do estruturalismo, já no CLP se chamara a atenção em 1940 para o facto de dever designar-se por “funcional ou, pelo menos, funcional e estrutural” a orientação linguística que vê na estrutura da língua uma instituição social e também “funcional” (Vachek 1960, s.u. *linguistique structurale*). Mas em Praga entendeu-se por *função* de uma unidade (palavra, frase, fonema...) não apenas nem sobretudo as suas relações com as demais da mesma “estrutura”, mas também o papel por ela desempenhado na formação do sentido, aspecto este cuja obliteração, devida ao que se qualificou do antipsicologismo de alguns, viria a ser lamentada no Congresso Internacional dos Eslavistas de 1958 (Vachek 1960, s.u. *fonction dans la conception pragoise*). Por aí se confirma que já no seio do CLP não era homogénea a concepção do “estruturalismo”, o qual acolhia, diríamos, várias das heranças de Saussure.

Venhamos então ao “funcionalismo”.

Caracterizando os estudos reunidos em 1970 com o título de *Estudios de Gramática Funcional del Español*, disse Alarcos que o ponto de vista neles predominante já então não representava qualquer novidade e que “todos [...] manejamos ahora con habilidad [...] esos dos adjetivos ‘estructural’ y ‘funcional’, y los correspondientes sustantivos ‘estructura’ y ‘función’” (Alarcos 1970: 9).

À leitura do modo como em momento anterior definira Alarcos a gramática estrutural, “disciplina sincrónica que trata de explicar el funcionamiento y la estructura de los sistemas lingüísticos” (Alarcos 1951: 15), dir-se-ia não haver diferença entre estruturalismo e funcionalismo, o que se entenderá admitindo-se que a identificação de uma estrutura apenas interessa se visar o conhecimento do modo como operam as peças que a constituem: e como operam não só nas relações destas umas com as outras dentro do respectivo sistema, mas também como operam na comunicação.

De facto, a escola de Copenhaga, ou seja, a glossemática, que pôde ser considerada funcionalista, atribuiu ao termo *função* um sentido declarado intermédio entre o lógico-matemático e o etimológico, justamente o que Hjelmslev considerou necessário em linguística (Hjelmslev 1961: 31-32), mas desatendeu à comunicação. Comunicação que, entretanto, dominou o pensamento de Roman Jakobson, especialmente interessado não tanto nas funções dos elementos linguísticos, mas sim, na esteira de Karl Bühler, nas funções da linguagem, e portanto com uma visão finalista, que reaparece, sem dúvida alterada, em autores como Halliday e mais ainda em Dik ou Givón. Recorde-se de passagem que as escolas que na Europa e nos Estados Unidos se têm dito funcionalistas

são posteriores ao magistério de Martinet, que os seus promotores não podiam ignorar.

Não me parece assim tão evidente quanto pretendia Alarcos que todos entendessem igualmente, e igualmente bem, os conceitos de *funcional* e *função*. De qualquer modo, a principal diferença entre as duas mencionadas obras do prestigiado autor espanhol parece-me residir no facto de na de 1951, em cujo subtítulo se inscreve “Según la Escuela de Copenhague”, apenas se levar em conta o primeiro tipo de relações, enquanto na de 1970, que declaradamente adopta pontos de vista também de Jakobson e Martinet (Alarcos 1970: 9), igualmente se considerar o segundo deles.

Deter-me-ei agora no funcionalismo de André Martinet e da escola que nele se inspira, sem deixar de notar, entre parênteses, que o seu legado está em vias de se ver sacrificado no altar, se não das modas, ao menos da complacência com a indistinção entre o que releva da comunicação e o que releva da linguística propriamente dita. Creio que bastará atentar em temáticas de colóquios da SILF (*Société internationale de linguistique fonctionnelle*), em contribuições publicadas nas correspondentes actas e em artigos de *La linguistique* para se me reconhecer razão. Não pretenderia, claro, e já o escrevi, que se tomasse por bíblia ou continuamente se repetisse o que Martinet assinou, mas julgo que seria útil, da parte de quem se reclama seu continuador, reter o essencial da sua visão das línguas e da linguística, deixando a outros o cuidado de seguir diferentes caminhos.

Em que consistiu então o essencial do seu pensamento?

Recordo que, após haver num primeiro momento associado ao qualificativo “estrutural” o de “funcional” (Martinet 1949: IX) e antes de passar a reter apenas o segundo para caracterizar o seu modo de pensar, apresentou Martinet os *Éléments de linguistique générale*, em 1960, nos seguintes termos: « L’accent sera mis autant sur la fonction des unités linguistiques que sur les structures qu’elles constituent » (Martinet 1960: 6-7).¹⁰

Para o entender devidamente, é indispensável recordar o sentido primeiro de “função” nesse passo e, em geral, na sua obra. Se é certo que o termo surge com o sentido de “papel desempenhado” no caso, por exemplo, de “funções da linguagem” ou no título, eventualmente ambíguo, do livro

¹⁰ Não se deixará de notar as aspas em que Martinet envolveu os termos “estrutural”, “estruturalista” na Introdução à *Économie des changements phonétiques*, ao abrir da qual, contudo, as dispensou ao referir “os pontos de vista funcional e estrutural” que norteiam a obra (Martinet 1955: 11).

Fonction et dynamique des langues (Martinet 1989, 1995)¹¹, em sintaxe ele quer dizer “relação de determinação” entre classes gramaticais, mas relação que é objecto de escolha: *leão* representará a função “objecto” em *Vi o leão grande* e a função “sujeito” em *O leão grande viu*, por não ser a mesma nos dois casos a sua relação com o núcleo verbal, mas nenhuma se atribuirá nem a *o* nem a *grande* porque nem o artigo nem o adjectivo podem fazer outra coisa senão determinar o nome. Foi assim que, na sequência de Martinet, Christos Clairis definiu *função*: « Unité linguistique, qui permet de spécifier le type de détermination entre deux unités significatives pouvant entretenir entre elles plus d’un seul type de rapport » (Clairis 2005: 90). Quer isto dizer que em *Comprar livros* não há apenas as unidades “comprar”, “livro” e “plural”, mas também uma terceira – a função “objecto”, relação de determinação de *um livro* incidente no sintagma verbal.

Vê-se que se está agora longe dos conceitos de função do CLP, mas igualmente se vê como de ali se chega à noção de estrutura como teia de relações. Relações, em Martinet, de compatibilidade e de combinabilidade entre classes sintácticas e não entre unidades individuais, mas relações que, no entanto, se não esgotam assim, uma vez que se levam também em conta as que não são de determinação, nomeadamente as que se estabelecem entre unidades que entre si comutam e portanto se excluem mutuamente, como é o caso dos determinantes “imediatos” do verbo, dos conectores, etc.

Se tal é o sentido primeiro de *função* no espírito de Martinet, não é ele o único. Recorde-se que, conforme mostrou Guillermo Rojo (Rojo 1981), não se manteve constante ao longo do tempo o pensamento de Martinet sobre a noção de função sintáctica. E que em fase já adiantada do seu percurso reflexivo concebia-a por referência à experiência, conforme se vê no seguinte passo: « le linguiste doit retrouver l’ordonnance particulière à laquelle sont soumis les faits d’expérience ». É esta “organização”, esta *ordonnance* na língua dos dados da experiência que se designa por “estrutura linguística” (Martinet 1985: 175).

De resto, a exposição que dedicou ao que considerou serem as funções sintácticas (Martinet 1979: cap. 5) afasta-se muito, para algumas delas, do tipo de relações propriamente sintácticas conforme antes definidas e não raro se informa por critérios de sentido.

Manifesta-se aqui, precisamente, a preocupação maior de Martinet com a actividade comunicativa como finalidade primeira da linguagem, patente desde

¹¹ O próprio Martinet o reconheceu em artigo intitulado « Les fonctions grammaticales » (Martinet 1977)

logo na sua definição de língua como “instrumento de comunicação”, no que constitui um ponto de convergência com uma das linhas de Praga, e igualmente se manifesta, desejada ou não, a vertente sociologista do ensino de Saussure. Por tal ponto, embora não apenas por ele, pôde Tullio de Mauro, num momento em que Hjelmslev já havia morrido, considerar Martinet o mais saussuriano dos linguistas então vivos.

É aqui também que se encontram, goste-se ou não, vestígios de introspecção na obra martinetiana. Não quero dizer que Martinet se orientasse pelas visões psicologistas da linguagem características de autores como os atrás citados e outros, mas sim que é constante na sua apreciação dos factos linguísticos a presença do homem falante e sobretudo do homem ouvinte, intérprete das mensagens linguísticas. Torna-se isto particularmente notório no que respeita ao reconhecimento dos sentidos, ao que ele designou por « effets de sens », de que é exemplar a discussão com Hjelmslev acerca de fr. *cousin*. Tratava-se de uma ou duas unidades? Duas para Martinet, apenas uma com variantes para Hjelmslev, dada a sua identidade formal e por exclusão da “substância do conteúdo”, isto é, do sentido, que o linguista francês entendia dever ter-se em conta (Martinet 1946: 38; Hjelmslev 1985: 191, 204; Martinet 1974: 37-45). Ora, os sentidos não existem em si, isto é, sem que alguém os crie, nem, o que mais é, fora de situação: e a situação não é linguística. Seria, em todo o caso, desejável ou sequer possível prescindir do conhecimento das situações de enunciação na identificação dos sentidos? À luz do que hoje sabemos, seguramente não.

Creio que, com excepção dos usos em que quer simplesmente dizer que não deriva do pensamento de Chomsky ou com este se não confunde, *funcional* aplicado à linguística designa algo muito simples, “que se ocupa do funcionamento”, tomado este termo no seu sentido corrente, conforme veio a explicitar Martinet (Martinet 1994). Temos assim que o adjectivo *funcional* se reporta apenas a um dos sentidos de *função*, o de “papel desempenhado” na linguagem, isto é, na comunicação, e não o de relação estabelecida dentro do sistema linguístico que serve a comunicação.

Ou seja, a linguística funcional não se deterá, como se tal fosse o seu fim, na arquitectura dos sistemas, nas relações internas das respectivas peças, na estrutura, mas procurará reconhecer para que elas servem e como actuam na comunicação, o que afinal antecipa a área da pragmática que se pode considerar propriamente linguística.

Assim sendo, o funcionalismo martinetiano incorporou na linguística o sentido de dinamismo dos processos estudados, sentido que tinha já para outras ciências em meados do século XIX (Rey 1998, p. 1452). Como não associá-lo

a outra linha de força do pensamento martinetiano, a dinâmica das línguas, origem das transformações por que elas passam?

Muito se tem inquirido sobre as razões da mudança linguística, e não vou retomar aqui o assunto: factores internos, que o estruturalismo puro e duro privilegiou, factores externos, sociológicos, psicológicos, combinações de uns e outros, tudo mais que a imaginação consente. Considerando uma língua como uma estrutura adaptável às necessidades comunicativas (Martinet 1978: 52), encontrou Martinet a fórmula que explica a mudança – “Uma língua muda porque funciona” –, fórmula simples onde porventura reside a melhor elucidação do termo “funcionalismo” em linguística e na qual mora o conceito de sincronia dinâmica, que reequaciona a distinção, erigida em máxima pelos leitores da vulgata do CLG, entre sincronia e diacronia, julgada esta como sucessão de sincronias e aquela como estática. O carácter dinâmico da sincronia reconheceu-o Martinet logo no inquérito que em 1941 realizou junto de oitocentos informantes no campo onde se encontrava prisioneiro e dele deu testemunho em 1945 na sua descrição da *Prononciation du français contemporain* (Martinet 1945), muito antes, portanto, de, descoberta a heterogeneidade dos usos, se haver julgado necessário falar de sociolinguística. Lembro haver sido Martinet, quando ensinava na Columbia University, o orientador das dissertações de mestrado e doutoramento de Uriel Weinreich, cuja primeira publicação data de 1953 (Weinreich 1953).

Permitam-me aqui, para amenizar, um parênteses. Participei há anos como arguente, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, no júri que apreciava uma dissertação onde se averiguava da existência ou não, em Lisboa e no Porto, de vogais nasais de abertura 2, [é] e [ç] (*vende, ontem*). Como não encontrou estes timbres em nenhum dos inquéritos realizados, concluiu a autora que eles eram desconhecidos em ambas as cidades. *Malheur*, dois membros do júri, ambos de Lisboa, tinham-nos nos seus idiolectos...

Escreveu Hagège: « C’est une des étrangetés de l’histoire de la linguistique dans la seconde moitié du XX^e siècle que le silence total sur son nom [de Martinet], où l’on peut voir, entre autres motivations plus ou moins avouables, l’occultation de ce qui s’écrit surtout en français » (Hagège 2001: 110-111).

Talvez não seja descabido apontar entre os motivos menos confessáveis de tal atitude a simplicidade e a coerência da doutrina e da obra de Martinet.

A simplicidade, em primeiro lugar.

Na realidade, a doutrina martinetiana assenta num quadro epistemológico composto de um reduzido conjunto de princípios que o tornam harmónico e eficaz. Além dos já apontados, e para mencionar apenas os fundadores, a recusa do inatis-

mo das línguas, que não da linguagem; a rejeição da introspecção como método de avaliação linguística e sua substituição pelo critério da pertinência comunicativa, reconhecida esta pelo processo da comutação; o realismo e o empirismo na observação e análise dos dados; a dupla articulação da linguagem e a consequente mútua independência da fonologia e da sintaxe; o princípio da economia linguística; a reserva quanto á existência de universais linguísticos; a atitude reticente perante a semântica. Rafael Hoyos-Andrade publicou uma *Introducción a la Lingüística Funcional*, onde, numa centena de páginas, expõe e ilustra a doutrina com cuidado e singeleza (Hoyos-Andrade 1992) que dispensam repetições.

A coerência, também.

Coerência interna, por um lado, do quadro teórico, cujos princípios se sustentam reciprocamente e nenhum dos quais compromete outro, de acordo, aliás, com o que têm comprovado as muitas teses de discípulos seus ou por estes orientadas sobre as mais variadas línguas. Mas coerência, também, de Martinet consigo próprio: ao longo da sua carreira de investigador e professor, se é certo que aqui e ali aperfeiçoou algumas das suas formulações, como foi o caso da definição de língua, nunca se contradisse, nunca inflectiu o pensamento, nunca cedeu à tentação das modas que sucessivamente invadiram o panorama linguístico, renunciou sempre à popularidade que poderia advir-lhe do discurso mediático que a tantos granjeou felicidade e proveito. « *Martinet*, resumiu Claude Hagège, *ne s'est jamais dépris de Martinet* » (Hagège 2001: 99).

Já ouvi dar o estruturalismo, mesmo funcionalista, por ultrapassado, e não é raro dividir-se aqueles capítulos de teses onde se revê o *status quaestionis* da arte em dois períodos, o estruturalista e o “científico”, iniciado este, obrigatoriamente, com Chomsky. Como nem sempre se prima pela reflexão, esquece-se, omite-se ou ignora-se constituir o gerativismo a forma extrema do estruturalismo, onde as línguas são “assépticas”, isto é, não contaminadas pelo uso, o seu pretense tirano que já Beauzée reabilitou (Diderot & d’Alembert 1751-1772, s.u. « *Langue* », « *Préposition* »).

Também já ouvi dizer que o funcionalismo tem pouco ou nenhum poder de previsibilidade e de explicação. Pensar assim é viver ainda na ideologia de que a ciência tudo explica e prevê, é manter-se fiel ao que Carlos Amaral Dias chama o grande mito do século XX – o mito do cientismo. Se nem a medicina é uma ciência exacta, conforme escreveu Manuel Antunes, como pretender que o seja a linguística? Ao contrário do que sucede nas ciências da natureza, onde se sabe que, a determinada pressão atmosférica constante (1013,25 hPa = “hectopascal”), a água gela à temperatura de 0° C e se vaporiza a 100° C, nada de equivalente se verifica nas ciências das culturas. Poderiam prever-se as di-

tongações do francês ou do castelhano? a sonorização das surdas intervocálicas em português? a passagem de *pl-* a /*ç*/ numa fase da língua e a *pr-* mais tarde? Pode-se explicar porque foram essas e não outras as mudanças? Pode-se prever o que acontecerá amanhã ou depois à fonologia ou à sintaxe do português que hoje falamos? Poderemos, quando muito, detectar linhas de eventuais mudanças, mas a detecção implica ser já notório o seu germe, isto é, que os processos se encontrem já em curso. Na realidade, sem manipulação, explicações e previsões só *a posteriori* fazem sentido nas ciências das culturas. Martinet entendeu-o perfeitamente, e disso são exemplares dois livros que fizeram fortuna, a *Économie des changements phonétiques – Traité de phonologie diachronique* (Martinet 1955) e *Des steppes aux océans* (Martinet 1987).

Muito ficou por dizer sobre estruturalismo e funcionalismo, e bem assim sobre o pensamento e a obra de André Martinet. Mas vai sendo tempo de concluir.

E tudo ficou igualmente por dizer a respeito da personalidade de André Martinet, do professor e homem que decisivamente marcou gerações de alunos, discípulos e amigos. Não era o momento de o fazer, porque aí não residia o propósito da lição, e ainda e sobretudo porque não convinha ampliar as emoções da circunstância. Tal fará a Societas Linguistica Europaea no seu 40º Encontro Anual, que, consagrado à memória do Mestre, se realizará na Universidade Joensuu, Finlândia, de 29 de Agosto a 1 de Setembro próximos. Por mim, ficará para o colóquio da SILF que em 2008 comemorará o centenário do seu nascimento.

Discípulo, com muito orgulho, de André Martinet, a quem fiquei ligado pela amizade que persiste na memória, conhecedor que julgo ser da sua obra, quase me surpreendem as vozes da *intelligenza* reinante que, sem nunca o haverem lido ou, o que pior é, entendido, displicentemente sorriem perante o seu nome. Não desejo, por isso, despedir-me com apreciações minhas, antes dar a palavra a um colega justamente respeitado pela comunidade científica e insuspeito de conservar em relação a Martinet sentimentos pessoais idênticos aos meus. Transcrevo, pois, Claude Hagège:

« Il me semble qu'une des façons de rendre hommage à cette haute stature d'homme et de savant, c'est de faire, avec la même persévérance, tout ce qu'il n'a pas voulu faire, et que pourtant il a suggéré, par un biais toujours implicite et silencieux, que d'autres fassent, qui paraissent s'éloigner de lui et en sont néanmoins beaucoup plus proches qu'on ne croit, mais d'une façon qui ne ressemble pas aux voies ordinaires de la proximité » (Hagège 2001: 112-113).

Referências

- Alarcos Llorach, Emilio (1970), *Estudios de Gramática Funcional del Español*, Madrid, Gredos.
- Alarcos, Emilio (1951), *Gramática estructural*, Madrid, Gredos.
- Alarcos, Emilio (1970), *Estudios de Gramática Funcional del Español*, Madrid, Gredos.
- Barbosa, Jorge Morais (2001), « Être martinétien », *La linguistique*, vol. 37/1: 115-123.
- Bloomfield, Leonard (1935), *Language*, Londres, George Allen & Unwin [1ª ed., EUA, 1933].
- Clairis, Christos (2005), *Vers une linguistique inachevée*, Lovaina, Peeters.
- Diderot & d'Alembert (1751-1772), *Encyclopédie ou dictionnaire raisonné...*, Paris.
- Dik, C.S. (1978), *Functional Grammar*, Dordrecht, Foris Publications.
- Dubois, Jean (1965 ss.), *Grammaire structurale du français*, 3 vols. Paris, Larousse.
- Galichet, Georges (1947), *Essai de grammaire psychologique*, Paris, P.U.F.
- Galichet, Georges (1971), *Grammaire structurale du français moderne*, 4ª ed., Montreal, Hurtubise-HMH [1ª ed., 1947].
- Givón, T. 1995 *Functionalism and Grammar*, Amsterdão / Filadélfia, John Benjamins.
- Hagège, Claude (2001), « Les implosions fidèles. Quelques petites suggestions pour faire fructifier l'enseignement d'André Martinet », *La linguistique*, vol. 37/1: 99-114, Paris, PUF.
- Halliday, M.A.K. (1985), *An Introduction to Functional Grammar*, Baltimore, Edward Arnold.
- Harris, Zellig S. (1947), *Methods in Structural Linguistics*, Chicago, The University of Chicago Press [4ª impressão: *Structural Linguistics*, 1960].
- Hjelmslev, Louis (1961), *Prolegomena to a Theory of Language*, Trad. de Francis J. Whitfield, Madison, The University of Wisconsin Press.
- Hjelmslev, Louis (1985), *Nouveaux essais*, Recueillis et présentés par François Rastier, Paris, PUF.
- Hoyos-Andrade, Rafael Eugenio (1994), *Introducción a la Lingüística Funcional*, Instituto Caro y Cuervo, Santafé de Bogotá.
- Martinet, André (1945), *La prononciation du français contemporain*, Paris, Droz ; 2ª ed., Genebra, Droz, 1971.

- Martinet, André (1946), « Au sujet des *Fondements de la théorie linguistique* de Louis Hjelmslev », primeiramente in *BSL*, t. 42, I, 1946, pp. 19-42, Martinet, André (1949), prefácio a Troubetskoy (1949).
- Martinet, André (1955), *Économie des changements phonétiques – Traité de phonologie diachronique*, Berna, A. Francke; nova ed., revista, Paris, Maisonneuve & Larose, 2005.
- Martinet, André (1960), *Éléments de linguistique générale*, Paris, Armand Colin [4ª ed., alterada e definitiva, 1980].
- Martinet, André (1974), « Homonymes et polysèmes », *La linguistique*, 10-2, pp. 37-45.
- Martinet, André (1977), « Les fonctions grammaticales », *La linguistique* vol. 13/2: 3-14.
- Martinet, André (1978), *Estudios de Sintaxis Funcional*, Madrid, Gredos.
- Martinet, André (1979), *Grammaire fonctionnelle du français*, Paris, Didier / Crédif.
- Martinet, André (1985), *Syntaxe générale*, Paris, Armand Colin.
- Martinet, André (1987), *Des steppes aux océans. L'indo-européen et les « Indo-Européens »*, Paris, Payot.
- Martinet, André (1989), *Fonction et dynamique des langues*. Paris, Armand Colin. (1995) Trad. portuguesa de Maria Joana Santos, Coimbra, Almedina.
- Martinet, André (1994), « Qu'est-ce que la linguistique fonctionnelle? », *O Funcionalismo em Lingüística, Alfa – Revista de Lingüística*, vol. 38: 11-18, São Paulo, UNESP.
- Mauro, Tullio de (1972), In Saussure (1972).
- Rojo, Guillermo (1981), “La evolución del concepto de función sintáctica en Martinet”, *Verba*, vol. 8: 5-48.
- Saussure, Ferdinand de (1922), *Recueil des publications scientifiques de Ferdinand de Saussure*, org. par Charles Bally et Léopold Gautier, Genebra.
- Saussure, Ferdinand de (1972), *Cours de linguistique générale*, éd. critique de Tullio de Mauro, Paris, Payot [1ª ed. do *Cours* 1916].
- Saussure, Ferdinand de (2002), *Écrits de linguistique générale*, établis et édités par Simon Bouquet et Rudolf Engler, Paris, Gallimard.
- Sechehaye, Albert (1908), *Programme et méthodes de la linguistique théorique. Psychologie du langage*, Paris / Leipzig / Genebra, Honoré Champion / Otto Harrassowitz / A. Eggimann.
- Sechehaye, Albert (1926), *Essai sur la structure logique de la phrase*, Paris, Honoré Champion.

- Sechehaye, Albert (1933), « La pensée et la langue ou comment concevoir le rapport organique de l'individuel et du social dans le langage? », in *Essais sur le langage* présentés par J.-C. Pariente, Paris, Minuit, pp. 69-96.
- Trubetzkoy, N.S. (1935), *Anleitung zu phonologischen Beschreibungen*, Brno, CLP.
- Trubetzkoy, N.S. (1939), *Grundzüge der Phonologie*, Praga, TCLP VII.
- Trubetzkoy, N.S. (1949), *Principes de phonologie*, trad. de J. Cantineau, Paris, Klincksieck.
- Trubetzkoy, N.S. (1968), *Introduction to the Principles of Phonological Descriptions*, Trad. de L.A. Murray, Haia, Martinus Nijhoff.
- Vachek, Josef (1960), *Dictionnaire de linguistique de l'École de Prague*, Utrecht/Antuérpia, Spectrum.
- Vendryes, J. (1950), *Le langage. Introduction linguistique à l'Histoire*, Paris, Albin Michel.
- Weinreich, Uriel (1953), *Languages in Contact*, Publications of the Linguistic Circle of New York, n.º 1. Reed. Haia, Mouton, 1963.

IDIOSSINCRASIAS DO SISTEMA VOCÁLICO PORTUGUÊS

Viviane Cunha
Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo

Trata-se de uma abordagem diacrônica do vocalismo português a partir do latim, tendo como objetivo principal um estudo da variação e da mudança do timbre das vogais médias anteriores e posteriores.

Palavras-chave : Fonologia, vocalismo, latim vulgar, português, mudança lingüística.

Como lembra bem o filólogo francês Darmesteter (1950, p. 6), toda língua está em perpétua evolução, e em qualquer momento de sua existência ela está num estado de equilíbrio mais ou menos durável, entre duas forças opostas: a força conservadora, a mantê-la no seu estado atual e a força revolucionária, a empurrá-la em novas direções. Enquanto havia unidade política do Império Romano, a língua latina estava sob o efeito da força centrípeta, responsável por uma certa unidade lingüística. Com a queda do Império Romano do Ocidente, começou a atuar a força centrífuga e o latim – já bastante variado – entrou num processo de fragmentação acelerada.

No latim vulgar ocorreu um tipo de mudança no âmbito vocálico, que resultou numa redução do sistema das vogais. Esta mudança se deu em consequência do desaparecimento do acento de quantidade (ou das oposições de duração das vogais e das sílabas). Trata-se de um fenômeno românico que, posteriormente, resultou em diferentes processos: ditongação em sílaba travada e livre, ditongação em sílaba livre apenas, e não ditongação ou conservação do timbre do latim vulgar, como ocorreu no português, a única língua românica que não passou pelo processo de ditongação das vogais médias.

A redução do sistema vocálico latino resultou da desfonologização do acento de quantidade. Por volta do século III d.C., o traço distintivo de quan-

tidade das vogais deixou de existir no latim oral. As vogais passaram a ser diferenciadas pela sua intensidade (tônicas e átonas) e pelo timbre (abertas e fechadas). Isto aconteceu, segundo Silva Neto (1986, p. 163), porque o acento de intensidade conduz ao abreviamento, ou até mesmo à queda da vogal átona, ao mesmo tempo que alonga a sílaba em que ele recai.

Como se sabe, no latim não havia palavras oxítonas, embora os romanos da Gália, por exemplo, tivessem o hábito de oxitonizá-las. Nas palavras dissílabas, o acento recaía na penúltima sílaba como em *legis, domus, pater*. Nas palavras de três ou mais sílabas a posição do acento dependia da quantidade da penúltima sílaba. Se ela era longa, recebia o acento e a palavra era paroxítona, conforme *fidelis, amator*. Se era breve, o acento recuava para a antepenúltima, conforme *facilis, femina, viridis, impetus*. Desaparecendo o acento de quantidade e reforçando-se o de intensidade, a vogal tônica, e portanto a sílaba em que ela se encontrava, tornara-se a “alma da palavra”, o que significa que dela dependia o destino das sílabas átonas, que podiam ser pretônicas e postônicas. É preciso observar também que as vogais breves tinham um timbre mais aberto que as longas correspondentes. Assim, *e* e *o* breves soavam com timbre aberto, enquanto *e* e *o* longos soavam com timbre fechado. Numa vogal extrema como o *i* breve, a duração coincidia com a abertura do timbre, o que a aproximava do *ê*. O mesmo acontecia com *u* breve que se aproximava de *ô*.

A explicação de Canello, citada por Silva Neto no seu *Manual de Gramática Histórica Portuguesa* (ed. 1942, p. 52) é a de que “em determinada época as vogais breves que valiam um tempo, alongaram-se, e as longas que valiam dois tempos abreviaram-se. Dessa maneira igualaram-se num grau intermediário valendo todas um e meio tempos”. Isso realmente explica a neutralização da diferença de duração, mas não explica o problema do timbre.

A questão da desfonologização do acento de quantidade e, em consequência, fonologização do acento de intensidade, está relacionada a fatores de ordem sociolingüística, bem como à história externa do latim, ou seja, à romanização. O Império Romano era constituído de povos os mais diversos, havia, portanto nesse domínio uma variedade lingüística bastante significativa. Dentro da Península Itálica, mais dois idiomas do ramo itálico eram falados, além do latim: o osco e o umbro, e suas variantes dialetais. Havia, também, outras línguas, pertencentes aos demais ramos do indo-europeu, como o grego, ao sul, e o celta, ao norte da Península, e até mesmo, uma língua não indo-européia: o etrusco. Dentro desse quadro de diversificação lingüística, o latim foi se expandindo e se impondo como a língua comum da Península Itálica, e, depois, de todas as regiões que vieram a formar a România. Era natural, portanto, que os povos

romanizados não tivessem um fino sentimento da língua latina, como um nativo da região do Lácio, e não pudessem perceber uma diferença tão sutil como a oposição entre as vogais longas e breves, tratando isso como irrelevante. O resultado, como vimos, foi o desaparecimento do traço supra-segmental de quantidade do latim.

Considerados esses fatores à luz da sociolingüística, pode-se dizer que havia uma situação de poliglossia na área geográfica conquistada pelo Império Romano, que mais tarde se chamou România. Em que consistia essa situação? De um lado, havia uma população de falantes do latim pertencentes às diferentes classes sociais e com diferentes graus de escolaridade. De outro, havia falantes provenientes de regiões diversas, na maioria das vezes aloglotas, que adotaram o latim como segunda língua. A isso, acrescentem-se as diferenças diacrônicas do latim, tanto internas quanto externas, ou seja, não só do ponto de vista da evolução do próprio latim, como também das suas diferentes fases de implantação. Essa série de variações lingüísticas, às quais se poderia ainda acrescentar outra – a variação estilística – fez com que várias normas lingüísticas coexistissem lado a lado e se influenciassem mutuamente, com uma delas porém, a norma culta do latim de Roma, exercendo uma certa hegemonia sobre as outras.

Levando em conta o critério de distinção entre língua escrita e língua oral, os autores estabelecem a conhecida dicotomia latim clássico/latim vulgar, referindo-se àquela variedade de normas, o que é uma nomenclatura um pouco simplista, uma vez que não abrange todas as normas, embora não deixe de ser didática. Admitida essa distinção, justamente pelo seu caráter prático, o que se tem é uma situação de diglossia, isto é, dois dialetos coexistindo, um culto (mais ou menos homogêneo) e outro popular (bastante heterogêneo), exercendo o primeiro (pelo menos como ideal) hegemonia sobre o segundo.

Além das variantes sociolingüísticas, leve-se em conta o fato de a maioria aloglota ter predominado, em número e variedade, sobre o falante nativo latino, o que deve ter apressado a deriva natural do latim vulgar.

Verificada, pois, a maneira pela qual houve uma predominância do acento de intensidade sobre o de quantidade no latim vulgar, isto é, tendo considerado o fenômeno de uma perspectiva intrinsecamente lingüística, e verificado as causas extrínsecas, passaremos a analisar o resultado de tudo isso na fase românica.

Comparemos o sistema vocálico do latim clássico com o do latim vulgar e o do português, para exemplificar melhor o fenômeno da redução das dez vogais tônicas a sete, resultantes da perda da quantidade em favor de um reforço da intensidade, no latim vulgar, o qual o português herdou. Observemos as vogais tônicas nos seguintes exemplos:

Latim clássico	Latim vulgar	Português
<i>acquam</i> (breve)	acqua-	água
<i>pacem</i> (longo)	pace-	paz
<i>nebulam</i> (breve)	nebula-	nevoa
<i>secretum</i> (longo)	secretu-	segredo
<i>ciram</i> (breve)	cera-	cera
<i>rivum</i> (longo)	rivu-	rio
<i>rotam</i> (breve)	rota-	roda
<i>saporem</i> (longo)	sapore-	sabor
<i>gurdum</i> (breve)	gordu-	gordo
<i>securum</i> (longo)	securu-	seguro

Em relação ao latim clássico, o latim vulgar apresenta a mudança das vogais breves *u* e *i* para *ô* e *ê* respectivamente, podendo-se observar aí uma alteração do tipo de vogal: /u/ e /i/ (vogais altas) que se transformam em /o/ e /e/ (vogais médias).

Vejam os exemplos do português que registrem essa mudança em sílaba livre (em latim clássico sílaba e vogal breves):

Latim Vulgar	Português
auguriu-	agoiro /agouro (com metátese)
cubitu-	côvedo/côvado
cuphia-	coifa (com metátese)
cupiditia-	cobiça
lucru-	logro
lupu-	lobo
lutu-	lodo
putre-	podre
sal muria	salmoira /salmoura (com metátese)
scupa-	escova
superbia-	soberba
umeru-	ombro
utre-	odre
veruc(u)lu-	ferrolho

Observemos a mesma mudança (**u** > /o/) em sílaba travada (em latim clássico sílaba longa, porém vogal breve: **u**):

Latim Vulgar	Português
autumnu -	outono
bucca -	boca
*cepulla - (por caepulla)	cebola
cursu -	curso
crusta -	crosta
dulce -	doce
fundu -	fondo (arc.)
gurdu -	gordo
gustu -	gosto
gutta -	gota
insulsu -	insosso
lumbu -	lombo
*puppa - (por puppe)	popa
punctu -	ponto
rotundu -	redondo
ruptu -	roto
russeu -	roixo (com metátese) > roxo
stuppa -	estopa
sub	sob
suppa -	sopa
turdu -	tordo
turpe -	torpe
turre -	torre
truncu -	tronco
ulmu -	olmo
unda -	onda
unde	onde
verecundia -	vergonha

Exemplos podem ainda ser encontrados em verbos como: *currere* > *correr*, *subterrare* > *soterrar*, *superare* > *sobrar*, etc. nas suas formas átonas.

Sintetizando o que foi apresentado acima, podemos dizer que:

a) o português herdou do sistema fonológico do latim vulgar as sete vogais orais tônicas;

b) o *u* breve do latim clássico evoluiu para *ô* no latim vulgar, o qual o português herdou, e este timbre se manteve estável. Não houve ditongação como ocorreu em certas regiões da România, nem foi a mudança no português relacionada com a questão do travamento. Também a metátese não influenciou na regularidade da mudança;

c) não ocorreu a metafoia mesmo quando se trata de /a/ átono final, como por exemplo em: boca, estopa, gota, sopa, etc.

Podemos constatar também que no plural dos nomes portugueses, /o/ tônico permanece com o mesmo timbre fechado do singular, conforme mostram os exemplos: agoiros (agouros), bocas, cebolas, coifas, corsos, côvedos (côvados), crostas, doces, insossos, escovas, estopas, ferrolhos, gordos, gostos, gotas, lobos, lodos, logros, lombos, odres, olmos, ombros, ondas, outonos, podres, pontos, popas, redondos, roixos (roxos), rotos, salmoiras (salmouras), sopas, tordos, torpes, torres, troncos, vergonhas. Ressalte-se, porém, que existe uma certa variação no timbre das vogais médias tônicas posteriores, tanto na forma de singular como na forma de plural, em exemplos como: crosta(s); ferrolho(s); torpe(s) possivelmente influenciada pelo /r/, que como se sabe, atua na abertura do timbre de vogais.

Em razão dos fenômenos acima assinalados podemos formular uma regra geral de que **as palavras que possuem /o/ tônico proveniente de *u* breve latino não sofrem metafoia no português**. Nossa hipótese é de que – uma vez ocorrida a mudança vocálica no latim vulgar – esta permaneceria estável no português, já que a mudança lingüística, em geral, é lenta e gradual. Segundo Saussure, são necessários três séculos para que uma mudança lingüística se conclua. Menéndez Pidal, na sua obra *El Español en sus primeros tiempos* (ed. 1979), estudando documentos hispânicos datados desde a época do romance, constata que são necessários mais de cinco séculos entre o ponto de partida e a fase de conclusão da mudança. Acrescenta ainda esse autor, que a mudança lingüística não segue uma direção linear horizontal, mas sinuosa, onde uma série de fatores extralingüísticos podem interferir, modificando, muitas vezes, o curso de uma deriva imanente.

As exceções do tipo *cuppa* > *copa*; *nura* > *nora* e *furnu* > *forno*, *puteu* > *poço*, mas plural *fornos* e *poços* podem ter outras explicações.

Carolina Michäelis de Vasconcelos, no seu artigo “A metafonía na língua portuguesa”, acha que em **copa** teria atuado a analogia com ova, porta, troca, que possuíam timbre aberto etimológico, uma vez que o timbre deveria ser fechado: *cuppa* > **côpa*. Essa hipótese, entretanto, parece pouco provável. Há uma série de exemplos em que não foi aplicada a analogia, o que contraria a hipótese da autora, como se pode verificar em: boca, estopa, gota, loba, sopa, etc.

Para Silva Neto (1986), a abertura do timbre em /**cópa**/ está condicionada fonologicamente ao fonema próximo /p/. Porém, tal explicação não parece satisfatória, já que encontramos uma série de exemplos que contradizem a hipótese do autor como: *puppa* > *popa*, *scupa* > *escova*, *stuppa* > *estopa*, *suppa* > *sopa*, etc., onde o timbre da vogal tônica permanece fechado, apesar do /a/ final.

É conhecida a afirmação de Gilliéron, que, por sua vez, cita Schuchardt, de que “cada palavra tem sua própria história”. Este pode ser o caso da palavra **copa** em português. José Pedro Machado, no seu *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (ed. 1987), afirma que os latinos confundiam **cuppa** ‘taça’ e **cupa** ‘tonel’. Segundo o autor, o *Corpus Glossariorum Latinorum* cita a forma **côpa** como correspondente da taça de vinho (“**copa** vas uinarium”...). Ora, se a forma do latim vulgar para designar a taça de vinho era **côpa** (que posteriormente passou a denominar o lugar onde esta era lavada, e também a copa-troféu), isto prova que a palavra portuguesa **copa** é forma metafônica. Sendo *o* tônico proveniente de *u* breve (**cuppa**), a palavra **copa** no latim vulgar deveria ter timbre fechado na vogal tônica, do que se pode concluir que a abertura do timbre ocorreu na fase portuguesa. Esta é uma evidência de que a metafonía é de âmbito vernáculo.

O caso da alternância, no português, de *forno* (sing.) e *fornos* (pl.) é ainda mais complexo. Segundo Rohlfs (1979, p. 139), as formas *forvus* e *furnus* coexistiam no latim, a primeira mais antiga, a segunda mais moderna, tendo ambas passado à tradição românica. Partindo-se do acusativo do latim vulgar **furnu-**, chega-se à maioria das formas românicas: português **forno**, italiano **forno**, espanhol **horno**, provençal **forn**, catalão **forn**, francês **four**. No sardo, onde *u* breve permanece *u*, era de se esperar **furru**, e é o que acontece nos dialetos setentrionais. No entanto, aparece ao Sul da Sardenha /**fôrru**/, forma metafonizada proveniente de /**fórnus**/. Essa última é uma forma do latim arcaico, e está documentada em Varrão e Plauto, segundo Rohlfs. De acordo com esse romanista, a metafonía ocorreu também, numa pequena zona da Itália, entre a fronteira da Calábria com a Lucânia, onde se constatam as seguintes formas: **fornu** (Maratea), **fuèrnu** (S.Chírico Raparo), **fuornu** (Ajeta e Tortora), **forn** (Vale do Sinni).

Para os latinistas, não está claro como **furnus** acabou predominando no latim, e a opinião deles é de que esta seria uma forma dialetal rústica (apud Rohlfs, p. 140), portanto, um empréstimo interno.

O caso do português *nora* parece ser mais simples. A forma do latim vulgar, como se sabe, é *nura*, documentada no *Appendix Probi*, correção nº 169 “*nurus non nura*”. Se a forma portuguesa fosse proveniente de *nura*, seria com timbre fechado /*nôra*/, de acordo com a mudança u breve > /o/, conforme foi visto acima. Alguns autores propõem *nura* como étimo do português, e /*nóra*/ seria forma metafônica. Mas aqui ocorre a mesma pergunta: por que não houve metafonia naquelas palavras citadas acima, que terminam em /a/ como boca, loba, etc.? Para Rohlfs, o étimo românico é /*nóra*/, cuja forma vocálica se deve ao influxo de *soror* e *socrus* (latim vulgar *socra*). Assim, *nora*, forma portuguesa, não teria vindo diretamente do latim vulgar *nura*, mas de /*nôra*/, forma análoga do próprio latim.

Em *puteu* > poço, mas plural *poços*, Joseph M. Piel, no artigo “Considerações sobre a metafonia portuguesa”, afirma que “a ação da analogia destruiu o primitivo aspecto histórico”, hipótese que parece convincente e que tem paralelo em *nora*. Pensamos, entretanto, que a forma do plural /*póços*/ é tipicamente vernácula, isto é, a analogia teria ocorrido de acordo com formas que possuíam timbre aberto etimológico, como *ossos*, ou que sofreram metafonia no feminino, como *poça*.

Dentro do mesmo paradigma da vogal alta posterior, temos a evolução da vogal alta anterior. Exemplifiquemos, confrontando o latim vulgar com o português, observando o processo em sílaba livre (em latim clássico sílaba e vogal breves:

Latim Vulgar	Português
apic(u)la-	abelha
capitia-	cabeça
cira-	cera
cítu-	cedo
ovic(u)la-	ovelha
pilu-	pelo
píra-	pera
sita-	seda
siti- (site-)	sede
viride-	verde

Consideremos agora o processo em sílaba travada (em latim clássico sílaba longa, porém vogal breve):

Latim Vulgar	Português
capillu-	cabelo
cippu-	cepo
circa-	cerca
circu-	cercos
cista-	cesta
ligna-	lenha
littera-	letra
pinna-	pena
siccu-	seco
spissu-	espesso

Pode-se verificar aí a evolução do latim vulgar: *i* breve > /e/, e, uma vez tendo esta ocorrido, o timbre fechado da vogal média se mantém em português, mesmo no caso de a vogal final ser /a/. José Inês Louro, no seu artigo “Metafonia de E tônico em português” afirma que o *a* final, “por ser relativamente fechado ou surdo” (p. 111) carece de força para provocar a metafonia. Discordamos dessa hipótese pela seguinte razão: como poderia não ser suficientemente forte o *a*, para desempenhar um papel metafônico nos casos acima – e em outros exemplos que o autor cita, do tipo: *boca, escova, loba*, etc. – e, por outro lado, tão eficaz, no caso da metafonia portuguesa? Parece-nos que o paralelismo de /e/ com /o/, provenientes de um *i* breve e de um *u* breve, respectivamente, serve para corroborar a tese já levantada, de que a mudança vocálica, que ocorreu no latim vulgar, manteve-se posteriormente estável, no português.

Exceções do tipo *nive-* e *fide-*, mas português *neve* e *fé*, são também explicáveis. Segundo A.G. Cunha no seu *Dic. Etim. N. F. da Língua Portuguesa* (ed. 1986), a forma portuguesa *neve* é proveniente de *neve(m)* do latim vulgar. Assim sendo, a palavra *neve* não teria sofrido metafonia, já que o *e* final não atua nunca na metafonia portuguesa. Esse papel só é reservado às vogais extremas /a/, /i/, /u/, como sabemos. Parece pouco provável a atuação da analogia com outras palavras que possuam *e* aberto. Nossa hipótese é de que, da mesma maneira que se tem *furnu(m)* e *fornu(m)* coexistindo no latim, é possível que também

nêve(m) e *néve(m)* sejam formas coexistentes, e o português tenha herdado essa última. Assim sendo, *neve* apenas teria conservado o timbre etimológico.

Em *fê*, a nossa opinião é de que houve a evolução normal: *fide-* > **fede* > *fee*. Quando ocorreu a crase, houve a abertura do timbre *fee* > *fê*, fato comprovado em outros vocábulos.

Aqui, também, pode-se formular a seguinte regra diacrônica: **as palavras portuguesas que possuem *e* tônico fechado, proveniente de *i* breve latino, não sofrem metafoia, mesmo quando terminam em /a/.**

Conclusão

Do que analisamos, podemos concluir que o português mantém o seu sistema vocálico bem próximo daquele de suas origens, tendo em vista a conservação das sete vogais orais do latim vulgar e a não ditongação das vogais médias anteriores e posteriores – fenômeno que ocorreu em toda a România – o que enfatiza, por um lado, o seu caráter conservador. Ressalte-se, porém, que o português é a única língua românica nacional a sofrer a ação da metafoia nas suas vogais médias anteriores e posteriores (herdadas como tais do latim: /ô/ > /ó/, /ê/ > /é/), fenômeno que não ocorreu com as vogais médias resultantes de *i* breve > /ê/ e *u* breve > /ô/.

Résumé

Il s'agit de présenter une étude diachronique du vocalisme portugais à partir du latin, l'objectif principal étant d'étudier la variation et le changement du timbre des voyelles moyennes antérieures et postérieures.

Mots-clés: Phonologie, vocalisme, latin vulgaire, portugais, changement linguistique.

Referências Bibliográficas

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

DARMESTER, Arsène. *La vie des mots*. Paris: Delagrave, 1950.

- JUCÁ FILHO, Cândido. *Dicionário escolar das dificuldades da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação, 1986.
- LOURO, José Inês. “Metafonia de E tônico em português”. *Boletim de Filologia*, Lisboa, 20: 105-113, 1961.
- MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1987. (5 vol.)
- MENÉNDEZ PIDAL, J.R. *El idioma español en sus primeros tiempos*. Madrid: Espasa-Calpe, 1979.
- PIEL, Joseph M. “Considerações sobre a metafonia portuguesa”. *Biblos*, Coimbra, XVIII, T.II: 365-371, 1942.
- ROHLFS, Gerhard. *Estudios sobre el léxico románico*. Madrid: Gredos, 1979.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de linguistique générale*. Trad. port: *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, s.d.
- SILVA NETO, Serafim da. *História da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença, 1986.
- _____. *Manual de gramática histórica portuguesa*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1942.
- VASCONCELOS, Carolina M. de. A metafonia na língua portuguesa. *Revista Lusitana*, 28: 16-20, 1930.

OS ESTUDOS HISTORIOGRÁFICOS DE ANTENOR NASCENTES

Ricardo Cavaliere
UFF

O tempo, decerto, não faz da imparcialidade uma virtude. Costuma cobrir com o manto do esquecimento pessoas cujo mérito não se curva ao de outras fortuitamente abençoadas pela justa memória. Na busca de corrigir as injustiças do tempo, convém aqui e acolá repisar algumas referências aos que não gozam do reconhecimento devido, sobretudo nestes tempos em que poucos são familiarizados com qualquer coisa que tenha sido escrita há mais de trinta anos, se tanto. Ocorre-me, pois, dizer duas palavras sobre o que um de nossos mais notáveis filólogos do século XX, Antenor Nascentes, com especial destaque dos textos que nosso velho filólogo produziu nesse segmento tão importante de nossa atividade científica: o da Historiografia da Lingüística.

A lembrança serve não só como preito de gratidão a um dos nomes mais profícuos da Lingüística brasileira, em face de sua inestimável contribuição ao estudo da língua portuguesa, mas também como veio condutor dos jovens pesquisadores e estudiosos de nossa língua para entrar em contato com a obra deste notável professor.

Com efeito, os brasileiros geralmente não temos noção exata da dimensão alcançada pelo trabalho de muitos de nosso filólogos do passado. Ainda agora, em 2005, a segunda edição da monumental *The Encyclopedia of Language and Linguistic*, trazida a lume pela Editora Elsevier, de Oxford, incluiu na seção de biografias dois nomes brasileiros entre os mais expressivos lingüistas do século XX: Manuel Said Ali e Joaquim Mattoso Câmara. Não tenho dúvida de que o nome de Antenor Nascentes mereceria igual honraria, já que sua obra aufere igual peso no cenário lingüístico brasileiro se comparada à dos colegas citados. Basta lembrarmos aqui o depoimento da envergadura de um Eugenio Coseriu, que se referiu, em duas oportunidades, ao nome de Antenor Nascentes como exemplo de excelência na condução do pensamento sobre a linguagem em solo sul-americano¹.

¹ Refiro-me aqui aos discursos de Eugenio Coseriu proferidos nas solenidades de outorga do título de doutor *honoris causa* na Universidade Federal Fluminense e na Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Nascentes é conhecido do grande público interessado em questões de linguagem como lexicógrafo, não obstante sua obra alcance dimensão bem mais extensa e aprofundada. Entendeu como poucos os mecanismos de construção frasal do português e soube com maestria descrever a gramática dessa língua à luz do modelo histórico comparativo, ainda em vigor à época de sua formação intelectual. As bases de seu pensamento lingüístico, entretanto, não olvidaram os neogramáticos, a Geografia Lingüística, nem sequer a avalanche do Estruturalismo, que se estabeleceria definitivamente entre nós com o concurso de Joaquim Mattoso Câmara Júnior². Na verdade, Nascentes interessou-se por tudo que de alguma forma estivesse vinculado à linguagem humana: gramática, fonética, ortografia, norma, léxico, ensino, etc. etc. Neste breve trabalho, como disse acima, cuidarei de uma face pouco exposta de sua obra, a do historiógrafo dos estudos lingüísticos e filológicos, que se manifesta em pequenos textos de ponderadas reflexões sobre percursos, homens e obras.

Antes dispersos, muitos desses textos foram reunidos na nova edição dos *Estudos Filológicos* (NASCENTES, 2003), que a Academia Brasileira de Letras publicou em 2003, sob a competente supervisão de Raimundo Barbadinho Neto. Dentre eles, destacam-se *A Filologia Portuguesa no Brasil* (1939), *Panorama atual dos estudos filológicos no Brasil* (1939), *Études dialectologiques aux Brésil* (1952), *Diretrizes atuais da Filologia*, *A Filologia Românica no Brasil* (1961). Outros textos podem citar-se, como as referências a vultos da Filologia Portuguesa – *Adolfo Coelho e a etimologia* (1949), *Figueiredo, esse mal julgado* (1955), *Leite de Vasconcelos e o Brasil* (1958) – e o emotivo *O Colégio Pedro II e a Filologia Portuguesa* (1939), uma das inúmeras declarações de amor do filólogo a sua devotada casa de ensino.

Cabe breve referência ao texto *Instituto de filologia*, publicado no *Correio da Manhã* de 20 de novembro de 1935, em que Nascentes exalta a criação do Instituto de Filologia da Universidade de São Paulo (USP), sob os cuidados do professor Rebelo Gonçalves, lente da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. A função de Rebelo, dentre tantos outros mestres portugueses que viriam trabalhar no Brasil a partir da década de 1930, era conferir maior qualificação aos candidatos a doutoramento em Filologia e Língua Portuguesa. Em seus comentários sobre a alentada iniciativa da USP, Nascentes ressalta que ali se apresentava a oportunidade concreta de que os estudos românicos, os estudos do tupi e sobretudo o método da Geografia Lingüística, pautada nas

² Sobre Nascentes e o Estruturalismo, leia-se (NASCENTES, 1962), também publicado em (NASCENTES, 2003)

teses de Guilliéron, pudessem encontrar campo fértil nas sendas acadêmicas brasileiras.

Essa pequena notícia sobre a criação do Instituto de Filologia da USP arremata-se com um desanimado relato sobre as precárias condições de trabalho a que se sujeitavam os filólogos do Rio de Janeiro, sobretudo no tocante ao parco acesso às obras recentemente publicadas nos grandes centros europeus, algumas conseguidas com extremado esforço individual. Como exemplo dessa frágil situação, que decerto não se poderia atribuir apenas à Filologia, senão a todo o ensino superior fluminense, Nascentes relata com irônico pesar como uma verba de 8 mil contos de réis, dotada pelo Colégio Pedro II para a aquisição um laboratório de fonética importado de Hamburgo, fora confiscado pela Revolução de 1930. O breve texto dá ainda uma prova de denodo e estoicismo do autor de *O Idioma Nacional*, que se declara disposto a viajar pelo país, às próprias expensas, a fim de melhor estudar a dialetologia brasileira e aperfeiçoar o quadro dialetológico antes subdividido em nortista, sertanejo, fluminense e sulista (cf. NASCENTES, 1922). A tarefa, com efeito, viria a consolidar-se com o estudo Divisão dialetológica do território brasileiro, publicado na Revista Brasileira de Geografia (NASCENTES, 1955)

A agradável leitura dos textos historiográficos de Antenor Nascentes confere-nos outro testemunho interessante acerca do panorama da pesquisa filológica brasileira entre 1939 e 1961. Esses são os anos de publicação de dois estudos instigantes, o primeiro intitulado *Panorama atual dos estudos filológicos no Brasil* (NASCENTES, 2003: 225), o segundo intitulado *A Filologia Românica no Brasil*, o último resultante de uma palestra proferida na Faculdade de Filosofia da Universidade do Paraná. Desses depoimentos depreende-se que o interregno de 22 anos testemunhou grandes mudanças no cenário da pesquisa filológica brasileira, sobretudo no âmbito das universidades em que começaram a desabrochar os cursos superiores de Lingüística e Filologia.

As linhas do ensaio *Panorama atual dos estudos filológicos no Brasil* revelam um Nascentes desacreditado do futuro da Filologia em nosso país em face da má formação dos mestres, sobretudo os jovens docentes, que se achavam, com raras exceções, “intoxicados de gramatiquice e prostrados com religiosa unção perante os tabus clássicos” (NASCENTES, 2003:228). Em espécie de vaticínio, fruto, naturalmente, de sua aguçada visão dos problemas que pesavam sobre a vida intelectual da República Nova, nosso filólogo advertia que o marasmo em que se assentava a pesquisa sobre a linguagem só poderia ser combatido com a atuação firme da Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil, então em fase germinal.

As ambições não eram poucas, e bem denunciavam o clarividente olhar de um experiente e entusiasmado filólogo pela atividade que abraçada. Basta para tanto notarmos que, no rol das providências então propostas por Nascentes, no intuito de elevar os estudos filológicos brasileiros a patamar ao menos aceitável, impunham-se as seguintes: a) implementar nas bases teóricas da pesquisa a doutrina idealista, cunhada em Vossler, Spitzer e García de Diego; b) implementar estudos estilísticos, baseados sobretudo em Bally, fato que revela o eterno compromisso com o expressão do texto; c) dar impulso aos estudos de psicologia da linguagem, sob o amparo da obra de van Ginneken, Jousse, Brunot, Delacroix, La Grasserie. Como exemplo dessa linha de investigação, Nascentes refere-se oportunamente à tese de concurso *O fator psicológico na evolução sintática*, de Cândido Jucá (filho), a que se poderiam irmanar os textos sobre o uso da partícula *se* oferecidos por Manuel Said Ali nas *Dificuldades da língua portuguesa*, sob a luz do modelo neogramático (ALI, 1966). Outros campos de vivo interesse são citados nesse rol de tarefas por cumprir – fraseologia, dialectologia, fonética experimental –, fato que bem denuncia o nível de ansiedade que invadia a alma de Nascentes naqueles finais da década de 1930, ciente de que a Filologia brasileira poderia dar muito mais do que até então vinha conseguindo produzir.

Poder-se-ia indagar sobre a ausência da Lingüística Geral nesse rol de preocupações que afligiam o mestre carioca em 1939, visto que a disciplina, afinal de contas, fora ministrada na Universidade do Distrito Federal no ano 1937, em curso histórico do Prof. Mattoso Câmara, embora posteriormente viesse a imergir em prolongada ausência de uma década após a extinção da Faculdade do Distrito Federal e conseqüente criação da Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil em 1939 (SILVA, 1984:63). Sobre o assunto, Nascentes viria a expressar fundada preocupação em uma palestra apresentada na Universidade de Minas Gerais em novembro de 1950 (NASCENTES, 2003: 234), quanto ao fato de a lei que criou as faculdades de Filosofia não impor como obrigatória a disciplina Lingüística, pois “não se compreende que tal cadeira não exista em Faculdades onde se ensinam línguas clássicas, línguas neolatinas e línguas anglo-germânicas, num nível superior” (NASCENTES, 2003:246). Dentre os lingüistas citados por Nascentes como de leitura obrigatória nos cursos de Letras estão Bally, Blommfield, Bréal, Delbrück, Gabelentz, Grammont, Mattoso Câmara, Herman Paul, Saussure, Trubetzky, Whitney, Wundt, entre outros. Em síntese, uma plêiade que envolvia o historicista, os neogramáticos e os estruturalistas.

Por fim, convém firmar que as preocupações com o futuro da filologia brasileira, tão enfaticamente expressas em 1939, viriam convolar em justificado

entusiasmo, expresso no texto *A Filologia Românica no Brasil*, lido em palestra proferida na Universidade do Paraná no ano de 1961 (NASCENTES, 2003: 256). Aqui Nascentes se rejubila pelo fato de as faculdades de filosofia, após cerca de duas décadas de serviços prestados ao país, terem produzido um sem número de filólogos qualificados, entre os quais cita Aires da Mata Machado, Serafim da Silva Neto (a quem se refere como “o caso mais estupendo que eu conheço de precocidade filológica”), Celso Cunha, Segismundo Spina, Wilton Cardoso, Mansur Guérios, Teodoro Maurer Junior, Silvio Elia, Mattoso Câmara (com a ressalva de que se trata de um pesquisador que “nunca deixa de lado o ponto de vista românico”), e tantos outros pertencentes a essa rica geração.

Mas, do ponto de vista historiográfico, o texto de Nascentes que mais contribui para os estudos brasileiros é sem dúvida *A Filologia Portuguesa no Brasil* (NASCENTES, 2003:188). Também escrito no proffucio ano de 1939, constitui estudo pioneiro na edificação de uma periodização da Lingüística e da Filologia em nossa terra, razão por que costuma ser tomado por base em textos congêneres que vêm sendo publicados recentemente no Brasil. Nascentes idealiza nosso percurso filológico em quatro períodos: a) período embrionário, que inicia nos tempos “em que começou a cultura brasileira” até 1935, quando vem a lume o *Compêndio de Língua Nacional*, de Antônio Álvares Pereira, o Coruja; b) período empírico, que vai de 1835 a 1881, ano da primeira edição da Gramática portuguesa, de Julio Ribeiro; c) período gramatical, que segue de 1881 a 1939; d) período científico, que o autor projeta para além de 1939, com a criação da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil.

Não obstante a coerência sistêmica, alguma crítica se pode conferir a certos critérios norteadores desse quadro periódico. Primeiro, é controverso definir em que época começou a cultura brasileira, razão por que igualmente controverso o termo *a quo* do denominado período embrionário. Se considerarmos a produção literária do Brasil – e bastaria ficarmos por aqui – como critério norteador para estabelecimento do início da cultural nacional, não seria coerente incluir em seus domínios a obra de Anchieta? E a produção literária dos setecentos não terá expressão nacional? São dados que nos conduzem para admitir como brasileira a personalidade cultural da colônia, logo digna de referência historiográfica se o assunto é historiografia brasileira.

No entanto, a postura de Nascentes com respeito a esse primeiro período é de flagrante menosprezo, sob a constatação de que “obedece exclusivamente a orientação portuguesa”. Ao cuidar, por exemplo, do *Epítome de gramática da língua portuguesa*, de Antonio de Moraes Silva, concebido em 1802 e publicado em 1806, Nascentes opta por desconsiderá-lo como obra genuinamente brasi-

leira: “rigorosamente falando, se pode considerar um livro português, pois não se detém nas diferenças que já apresentava o falar brasileiro” (NASCENTES, 2003:188). Dessa observação abstrai-se um conceito de nacionalidade textual imiscuído com o de compromisso nacionalista, que traz severas conseqüências historiográficas.

Não se duvide aqui serem os primeiros gramáticos brasileiros discípulos obsequiosos das principais obras lusitanas publicadas sob no modelo da gramática racionalista, sobretudo as gramáticas de Reis Lobato e de Soares Barbosa. Nem se discuta a pouca atenção que esses primeiros filólogos patrícios tenham conferido à vertente do português falado no Brasil. A questão é discutir se tais fatos são idôneos para excluir a obra desses intelectuais no estudo histórico de nossa produção gramatical. Lembremo-nos aqui de Bento Teixeira e seu poemeto *Prosopopéia*, cuja flagrante inspiração camoniana não impede seja “considerado um primeiro e canhestro exemplo de *maneirismo* nas letras da colônia” (BOSI, 1978:41). Por outro lado, se a afeição ao padrão lusitano fosse critério suficiente para exclusão de obras em nosso cenário filológico, não seriam poucos os filólogos, até mesmo de século XX, discriminados por essa cláusula de barreira.

Destarte, devemos relativizar, para usarmos aqui o conveniente neologismo, a postura de Nascentes em face dos primeiros gramáticos brasileiros do século XIX. Por outro lado, a escolha do texto *Compêndio de Língua Nacional*, de Antônio Álvares Pereira, o Coruja, como limiar do período empírico, por ser “a primeira obra de certo valor, escrita por um brasileiro” (NASCENTES, 2003:188) há de ser acatada com as reservas que toda escolha pessoal impõe. A rigor, sobretudo do ponto de vista orgânico, a *Gramática* de Coruja não se distingue em nada das congêneres que a antecederam, como o *Compêndio de Gramática Filosófica da Língua Portuguesa*, de Antonio da Costa Duarte, publicado em 1929. Cremos que, por lapso, Nascentes supunha que a primeira edição do texto de Costa Duarte fosse de 1853. A rigor, esses textos são menos relevantes do que o *Breve Compêndio de Gramática Portuguesa*, que Frei Caneca redigiu no cárcere, em data imprecisa ao final da segunda década dos oitocentos. Nessa obra, as teses fonético-representativas do sistema ortográfico, por exemplo, são *mutatis mutandis* as mesmas que venceriam a barreira do sistema pseudo-etimológico somente no século XX.

Enfim, este é o risco de citar apenas os escolhidos, já que o veio subjetivo das escolhas quase sempre colide com as idéias alheias. Nascentes põe em duvidoso patamar isonômico um Sotero dos Reis e um José Alexandre de Passos. Quanto a Charles Grivet, nem uma palavra mereceu de nosso historiógrafo, a

despeito da meritória *Nova Gramática Analítica*, publicada em 1881 ainda sob as teses do modelo racionalista.

O terceiro período idealizado por nosso mestre, a que denominou *gramatical*, – pela “proliferação de gramáticas” – inicia com Júlio Ribeiro e sua *Gramática Portuguesa*, publicada em 1881. Aqui, decerto, o consenso é maior entre os que se dedicam à história da gramática no Brasil, visto que o texto de Júlio Ribeiro efetivamente inaugura, no âmbito dos compêndios gramaticais, a aplicação do método analítico, herdado aos cânones da Lingüística Histórico-Comparada. Nesse segmento, rico em citações de nomes e obras, Nascentes deixa fluir um indisfarçável desprezo pelo normativismo que habitava os denominados “correios de consulentes”, muito comum nos periódicos jornalísticos da virada do século XIX.

Com efeito, a implicância de Nascentes centrava-se em certa corrente que seguia a “praga das consultas” e afirmava que “o que não está nos clássicos está errado”. Era como se, para mais uma vez aqui repetirmos suas palavras, a língua tivesse perdido o direito de transformar-se. Decerto que o normativismo vazio não conduz a bom termo, nem contribui para entendermos melhor a língua que falamos; não se pode, entretanto, negar que muitos desses textos dirigidos a consulentes, da lavra de um Mário Barreto ou de um Cândido de Figueiredo, não raro tocavam questões interessantes e enriqueciam bastante o conhecimento das variáveis de língua escrita mais prestigiadas à época. O inconveniente, e aqui havemos de concordar irrestritamente com Nascentes, é transpor para a sala de aula regras de comportamento lingüístico que condenem gratuitamente um padrão culto genuinamente brasileiro. Por sinal, a clarividência dessa repulsa em Nascentes é testemunho de seu compromisso com o ensino plural e pautado na exemplaridade instituída em solo americano.

Bibliografia

- ALI, Manuel Said. *Dificuldades da língua portuguesa*. 6 ed., Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1966.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1978.
- ELIA, Sílvio. Os estudos filológicos no Brasil. In: *Ensaio de filologia e lingüística*. Rio de Janeiro, Grifo, 1975.
- NASCENTES, Antenor. Divisão dialectológica do território brasileiro. *Revista Brasileira de Geografia*. Rio de Janeiro: v. 17, n. 2, abr./jun. 1955, p.213.

NASCENTES, Antenor. *Estudos filológicos: volume dedicado à memória de Antenor Nascentes*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2003.

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca em 1922*. Rio de Janeiro: Sussekind & cia, 1922.

ANÚNCIOS DE IMÓVEIS NA IMPRENSA DO RECIFE:
DO SÉCULO XIX AOS DIAS ATUAIS

Ana Carlota Rilho Machado – UFPE
Ana Karine Pereira de Holanda Bastos – UFPE

*“Os historiadores e arqueólogos descobrirão um dia
que os anúncios de nossa época constituem o mais rico
e mais fiel reflexo cotidiano que uma sociedade jamais
forneceu de toda uma gama de atividade”*

Marshall McLuhan

1. Introdução

O objetivo desta pesquisa é analisar os anúncios de comercialização de imóveis do século XIX, extraídos do *Diário de Pernambuco* e cotejá-los com os da atualidade na imprensa do Recife – *Jornal do Commercio*. A pesquisa se desenvolveu sob dois aspectos: análise dos anúncios do século XIX: classificação e categorização da temática veiculada, descrição do regime enunciativo, interpretação sócio-ideológico-cultural dos dados e análise comparativa desses anúncios com os atuais.

Os anúncios têm um caráter documental: eles retratam, pelas informações que fazem circular, pelas ofertas e procuras de produtos/serviços e as preocupações presentes num determinado grupo social de uma dada época.

O primeiro anúncio que se tem notícia no Brasil, segundo Carrascoza, surgiu em 1808 e tratava da compra de casas. Pouco tempo depois pequenos textos parecidos começaram a surgir na imprensa brasileira, nos quais se anunciavam todo o tipo de acontecimento: da comercialização do escravo a briga de vizinho. Eram textos, em geral, curtos, sem ilustrações, descritivos e informativos em forma de classificados. Mais de meio século depois do primeiro classificado com característica de aviso, nota-se uma consciência de critérios na elaboração das mensagens.

2. Noções Teóricas

Para Bakhtin (1992), o enunciado é a unidade da comunicação verbal; assim, a linguagem toma forma em função das atividades que geram enunciados relativamente estáveis ou gêneros do discurso. Esses gêneros são organizados nas esferas humanas, por isso são variáveis. Eles comportam conteúdos temáticos gerados conforme as realidades sócio-culturais dos interlocutores, um estilo, forma de dizer ou aspecto expressivo e uma construção composicional referentes à estruturação do enunciado.

Essa visão que vincula os enunciados às esferas de atividade humana evidencia não só o dialogismo da linguagem, como explica a multiplicidade de gênero e de sentido que um texto apresenta. O gênero é que determina o modo de ler. Não lemos um romance do mesmo modo que lemos uma publicidade. Bakhtin afirmou ainda que as vozes que se explicitam ou se ocultam nas atividades de linguagem são realizadas pelos diversos sujeitos que entram na linguagem, através dos gêneros ou modos de dizer que veiculam socialmente e dão forma ao texto.

Bakhtin toma gênero como enunciado e diz que o gênero do discurso não é uma forma da língua, mas uma forma de enunciado que recebe daquele uma expressividade determinada. Essas noções são importantes, pois servirão de base para analisarmos a compreensão dos anúncios.

Esse autor insiste no caráter social dos fatos de linguagem, considerando o enunciado como o produto da interação social em que cada palavra é definida como produto de trocas sociais; o enunciado está ligado a uma situação material concreta, assim como “*ao contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma comunidade lingüística dada*”. Insiste, ainda, sobre a diversidade dos atos sociais produzidos pelos diversos grupos e conforme as esferas de atividade do homem exigindo-lhe um desempenho polilingüístico fundamental.

Todo enunciado deve mostrar um mundo cuja representação se faz adequadamente ao ritual discursivo do gênero em que se inscreve. Isto é, o dizer e o dito, a temática e o regime enunciativo devem se constituir em gestos solidários que se legitimam reciprocamente. Assim, os anúncios veiculados em jornais obedecem às coerções do gênero. Entretanto, nos anúncios do século XIX os discursos visavam a informar um determinado acontecimento e objetivavam um efeito perlocucionário.

Esses anúncios eram redigidos no plano enunciativo do relato, com estrutura semelhante ao da notícia; o interlocutor se apaga e dá-se ênfase apenas ao evento.

Em relação aos processos de construção de sentido Bakhtin/Volochinov (1929), consideram a linguagem em seus aspectos sócio-históricos culturais e movimentada por sujeitos. Essa concepção amplia as reflexões sobre a língua para além da estrutura, focalizando o discurso no seu contexto sócio-histórico. Eles defenderam que *a língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não só no sistema lingüístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes*. Fatores históricos, sociais, situações e condições em que ocorrem a fala são incluídos sobre o funcionamento da linguagem. O autor elabora o primado do dialogismo na linguagem, que passa a ser vista como sócio-ideológica, cuja unidade fundamental é o diálogo.

No ponto de vista bakhtiniano, a linguagem permeia toda a vida social e se atualiza na enunciação dialógica, cujo sentido é plurivalente e polissêmico no processo comunicativo entre indivíduos socialmente organizados.

Esse autor revela que é no contexto preciso de uso que ocorre a *mobilidade específica* do signo e que este varia e se flexibiliza, para conferir à palavra uma forma particular de produzir sentido, do mesmo modo como ocorre no processo de compreensão. O sentido precisa ser compreendido no processo em que é construído e se manifesta pela *apreensão da orientação que é conferida à palavra por seu contexto e uma situação precisos, uma orientação no sentido da evolução e não do imobilismo*.

Conforme Bakhtin/Volochinov, *o sentido da palavra é totalmente determinado por seu contexto* que não é fixo nem é uma situação isolada. A palavra assume um sentido em cada contexto, fato que mostra o caráter polissêmico e plurivalente que ela comporta pela natureza dialógica da linguagem. São tantas as significações quantos forem os contextos, que não estão prontos, mas sempre em situação de interação. Para eles, *as palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios*. Acrescentam, ainda, que *a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial*. Assim, a leitura não deve ser ato apenas decodificativo, mas um ato de compreensão responsiva, que varia conforme os indivíduos da interação.

3. Análise do Corpus

As primeiras construções das casas no Brasil eram cobertas de sapé e tinham boa proteção contra a chuva e o calor; hábitos portugueses que foram herdados dos índios brasileiros. Depois as casas foram se diferenciando e a nobreza era ressaltada por elementos mais duradouros, como cal, adobe, etc.

Gilberto Freyre, em “*Oh de Casa!*”, afirma que as casas no século XIX eram mais que abrigos físicos, está na base do complexo biossocial que constitui o ser brasileiro. Com a chegada de Dom João VI ao Rio de Janeiro, a família rural se consolidou nas casas-grandes de engenho, das fazendas e uma série de influências econômicas se definiram e alteraram a estrutura da colônia brasileira. Em Pernambuco definiu-se o antagonismo entre o patriciado das casas-grandes da zona da mata e a burguesia dos sobrados do Recife, esta prestigiada pelo Rei, já desunido dos senhores de engenho.

A mudança da casa-grande para o sobrado trouxe algumas modificações nos hábitos e costumes, mas o senhor continuava com a sua autoridade. A família ficava fechada no sobrado, mas este era bem mais acessível às visitas e às notícias sobre as ocorrências do que a casa-grande do engenho ou da fazenda. A casa-grande está para os sobrados como a senzala está para os mocambos.

casa-grande ≠ senzala

↓ ↑ ↓

sobrados → mocambo

A *casa-grande* era uma construção doméstica especializada em abrigar a família e guardar valores. Ela era composta de senzala, oratório, camarinha, cozinha, chiqueiro, cocheira, estrebaria, horta, jardim. Com o passar dos tempos as senzalas foram se tornando menores; tornando-se “quartos para criados” ou dependências fora da casa.

Diário na História: Quarta-feira, 17 de maio de 1854.

*Avisos Diversos – Anúncio publicado nesta data – Precisa-se de um sítio com boa casa de vivenda, **cômodos para escravos**, estribaria para três cavalos e baixa para capim, em qualquer um dos seguintes lugares: Apipucos, Monteiro, Poço, Santa Ana, Ponte de Uchoa e Manguinho; com preferência nos Apipucos, Monteiro e Poço, ainda mesmo sem baixa para campim; quem tiver e quiser arrendar para habitação de uma família, que promete zelar e tratar como se fosse o próprio dono, anuncie por este DIARIO DE PERNAMBUCO, ou avise nesta tipografia, ou finalmente dirija-se a rua Formosa, n° 2, onde achará com quem tratar.*

O quarto da empregada, hoje, é o resquício da senzala nas casas e nos apartamentos. Enquanto as senzalas diminuía de tamanho, ploriferavam-se as aldeias de mucambos e palhoças.

3. O discurso ontem

O discurso publicitário em 1853 atuava apenas em duas esferas: qualificar e exaltar. A nomeação, muito presente nos anúncios de hoje, ainda não tinha registros.

Nos anúncios do século XIX vendiam-se e arrendavam-se sítios, chácaras e fazendas e pouquíssimas casas.

3.1 O que era ressaltado:

- *A natureza do material*: as primeiras construções no Recife eram cobertas de sapé, palha e tinham boa proteção contra a chuva e contra o calor. Com o tempo, as construções ficaram “menos vegetal”. A nobreza da casa estava, principalmente, nos elementos mais duradouros de sua composição: pedra, cal, adobe, telha, madeira de lei e grade de ferro. Tudo isso era ressaltado nos anúncios dos imóveis.

O DIÁRIO não circulou no domingo, 9 de abril de 1854. Lia-se no dia 10:

*Leilão – Quarta-feira, 12 do corrente, ao meio dia em ponto, o agente J. Galis fará leilão no armazém de M. Carneiro, na rua do Trapiche n° 38, de três pequenas **casas térreas de pedra e cal**, duas na Boa Vista, rua do Senado, e uma em Santo Antônio, travessa do Pocinho n° 2; as quais se entregarão muito em conta, visto o possuidor ter de retirar-se para fora da província: assim como também irá a leilão um carro de quatro rodas em muito bom estado.*

- *Os jardins e as árvores*: Os jardins que circundavam os imóveis não eram meramente decorativos. Cultivavam-se plantas pelo cheiro bom, “aroma higiênico” e a profilaxia do imóvel. Esses hábitos eram muito importantes naqueles séculos, quando as ruas eram desprovidas de saneamento; as dependências como chiqueiro, estribaria, vivenda, etc. ficavam muito próximas da casa e os animais viviam quase dentro de casa. Cultivavam também plantas para o mau-olhado como o alecrim e a arruda, por exemplo.

Diário de Pernambuco: quinta-feira, 20 de março de 1879.

*Vendas – Venda ou arrendamento – Vende-se ou arrenda-se um sítio com casa de vivenda, **vários arvoredos frutíferos** e uma extensa campina, que serve muito bem para criação e plantação, no lugar da estrada nova do Caxangá, freguesia de Afogados, quem o pretender, pode dirigir-se ao mesmo sítio, em casa da viúva Paes de Andrade, e antes querendo informar-se dirige-se a Francisco Urcisino, empregado na Alfândega.*

- *A localização:* O anunciante utiliza como argumento para a venda de uma casa o fato de esta situar-se numa rua que ficava perto da igreja, mostrando o caráter religioso das pessoas da época ou de situar-se perto de outros estabelecimentos de referência.

O DIÁRIO não circulou no domingo, 12 de fevereiro de 1854. Lia-se no dia 13:

*Vendas – Vende-se um grande sítio na estrada dos Aflitos, **quase defronte da igreja**, o qual tem muitas arvores de frutas, **terras de plantações, baixa para capim**, e casa de vivenda, com bastantes cômodos: quem o pretender dirige-se ao mesmo sítio a entender-se com o Sr. Antônio Manoel de Moraes Mesquita Pimentel, ou a rua do Crespo n° 13 no escritório do padre Antônio da Cunha e Figueiredo.*

- a qualidade da terra para a plantação do capim, da água para se beber e a extensão da propriedade era o mais enfatizado, porque servia para alojar a família, os criados, os animais, os jardins e as plantações.

Diário de Pernambuco, sábado, 15 de abril de 1854

*Aluga-se um pequeno sítio com boa casa, parreira com bastante uvas quase maduras, algumas fruteiras, **boa água de beber**, no princípio da estrada dos Aflitos ao pé do Manguinhos: dirige-se ao largo da Trempe sobrado n° 1, que tem a taberna por baixo, que achará com quem tratar.*

Diário de Pernambuco, sexta-feira, 20 de maio de 1853

Dá-se casa para morar em um pequeno sítio muito perto da praça, com boa água para beber e lavar roupa, a um homem casado sem filhos, e que dê fiador a sua conduta, para tomar sentido, e tratar do mesmo sítio; na rua Estreita do Rosário n° 19, se dirá quem faz este negócio.

Diário de Pernambuco: Terça-feira, 15 de março de 1853.

Arrenda-se um engenho distante desta praça 9 léguas, sendo muito bom d'água, de terra, de plantação e cercados, e na mesma ocasião se venderão os utensílios do mesmo para seu andamento: no aterro da Boa Vista n° 43.

As mansões do Recife, identificadas com seus moradores, foram derrubadas e deram lugar às construções dos edifícios. Manuel Bandeira, no poema *Última canção do Beco* exprime essas mudanças: “*Vão demolir esta casa, mas meu quarto vai ficar, não como forma imperfeita neste mundo de aparências, mas pra toda a eternidade, com seus livros, com seus quadros; intacto, suspenso no ar*”.

Tomamos como *corpus* da pesquisa os anúncios de comercialização de imóveis do século passado – 1853 e 1854 – e anúncios na imprensa escrita de 2005. Estabelecida uma comparação podemos perceber que, devido às mudanças ocorridas na vida sócio-cultural brasileira e, particularmente, na recifense, os anúncios publicados – na seção de classificados de imóveis – apresentam hoje textos bem mais reduzidos do que os do século passado.

O objetivo dos anunciantes atuais é veicular, cada vez mais, informações sobre o imóvel a ser negociado. E tudo isto com um custo reduzido, utilizando uma linguagem mais objetiva, clara e compacta, permitindo uma compreensão rápida e eficaz do conteúdo anunciado.

4. O discurso hoje

Os anúncios atuais operam em três esferas: a de nomear, a de qualificar e a de exaltar. Para influenciar o consumidor, convencendo-o de que é necessário adquirir o produto que se anuncia, a publicidade procura construir a imagem da marca do produto, conferindo ao mesmo traços distintivos. É preciso, pois,

que a marca tenha caracteres (nomeação) que garantam sua individualidade, destacando-as das demais. Muitos imóveis anunciados recebem um nome, dessa forma, a marca se cerca de um discurso carregado de positividade de adjetivos: exalta-se o desempenho, ostentam-se qualidades e valorizam-se os futuros possuidores. O objeto consumido tem o poder de operar sobre a realidade, reordenando-a sempre de forma positiva.

AANTENOR LINO LCAR – *Vde Lord Carlos – preço bom local ótimo prox boa praia prédio imponente área lazer fantástica pracinha quadra poliesp 2 e 3 gar apts var 3 qts (st) + dep compl. Facilit Infs. 3361-6530/9971-1370 CRECI4707/J*

Jornal do Commercio. Classificados: 18/05/2005.

Do ponto de vista textual-enunciativo, os anúncios do século passado como os da atualidade deslizam de uma função referencial, informativa, para a função persuasiva, sendo que a valorização do imóvel é muito mais latente hoje do que em 1853. Os anúncios do século passado têm o caráter mais subjetivo, com poucas adjetivações e estas quando empregadas são objetivas ou subjetivas¹ avaliativas que denotam uma avaliação qualitativa e quantitativa do objetivo referido, fazendo um julgamento de valor atribuído pelo locutor, mostrando a ligação com o objeto anunciado. Ex: “o preço é módico”, “bem afreguezada para á terra pela sua boa localidade”, etc:

Os anúncios atuais apresentam uma linguagem mais objetiva e argumentativa, utilizando mais estratégias persuasivas que os do século XIX. Podemos dizer que a utilização de uma linguagem mais argumentativa se justifica pela razão prática de “fechar” logo o negócio para quem vende e afirma a necessidade de aquisição do produto para quem compra.

URGENTE ESPETACULAR – *apto em prédio c/ pisc 1º and 2 vars sla ampla 3 qts suite c/ arms p/ p/ morar prox a dona Duda 36 mil ac. Caixa 13028-2552/ 0383 / 9961-5654/ 9127-9982*

Jornal do Commercio. Classificados: 18/05/2005.

¹ Kerbrat-Orecchioni, C. (1980) distingue os adjetivos em objetivos e subjetivos. Os objetivos seriam: solteiro/casado, macho, fêmea, etc.; e os adjetivos subjetivos se subdividem em afetivos (ex.: estranho, sofrível, etc.) e avaliativos, ex. longe, perto, bom, belo.

A NEWVILLE ALAE 135 – Saia do aluguel e more agora no melhor 3 qts Suíte Var 2 vagas Piscina Salão Festas Sl Ginástica Todo cerâmica e o melhor Pague Em 90 Meses Com 30% Sinal 34656363 Creci5980j

Jornal do Commercio. Classificados: 18/05/2005.

No século XIX o tratamento dado ao destinatário da mensagem se faz de forma impessoal: “*quem o pretender dirija-se ao mesmo sítio*”, ou seja, qualquer comprador poderia fazer o negócio; porém, a comercialização do imóvel era tratada com o próprio anunciante “*a entender-se com o Sr. Antônio Manoel de Moraes Mesquita Pimentel*”, procedimento muito diferente de hoje pois as imobiliárias são as principais intermediadoras dos negócios, realidade inexistente naquela época.

Sexta-feira, 2 de junho de 1854.

*Avisos diversos – Arrenda-se um engenho d’água, situada a uma légua e meia desta cidade, com porto de embarque e proporções para safrejar 1,500 pães anuais, tento além disto excelente baixa para capim, boa horta, ótima casa de vivenda, e todas as mais obras e oficinas de alvenaria, e em perfeito estado de conservação; negocia-se também a safra pendente, alguns bois e vacas, canas e carroças, tudo novo ou em bom uso; os pretendentes dirijam-se ao sr. **Inácio Francisco Cabral Cantanil.***

Hoje em dia, vende-se não apenas uma mercadoria concreta – aquela anunciada – mas mercadorias simbólicas, como: status, juventude, beleza, padrões de comportamento e de consumo, valorizados pelos grupos sociais dominantes.

A NEWVILLE TA 6059 – Primeira Imobiliária com certificado ISSO 9001: 2000 Edf Selecta Praia Desocupado Armários 30m p/ mar piscina poço Gás Gerador s/Ginástica / Festas / Jogos 69212231 3465 6363 Creci 5980j.

Jornal do Commercio. Classificados: 18/05/2005.

A ANTENOR LINO LE – Vde Belo imponente suntuoso edf Lady Edith, linda vista lazer ótimo trecho praia facilit direto incorp var 3qts (st) + dep compl Ult unid compre hoje Infs. 3361-6530/9971-1370 CRECI4707/J

Jornal do Commercio. Classificados: 18/05/2005.

Nos anúncios do século XIX, observa-se um certo rudimentarismo descritivo, com uma linguagem mais subjetiva, o anunciante tenta ressaltar todos os aspectos considerados importante na valorização do imóvel.

Domingo, 4 de abril de 1853.

Vendas – Vende-se um sitio à beira do rio, no fundo da propriedade de Sant’Ana de dentro, adiante da ponte de Uchôa, defronte do sítio do Sr. Gabriel, com 1,600 palmos ao longo do rio; tem uma majestosa casa com 70 palmos de frente e 90 de fundo, e confina com a estrada que tem de receber a ponte projetada para unir a estrada nova com a da ponte de Uchôa pela passagem do Cordeiro; a proximidade do banho, a salubridade do lugar, a elegância da casa são circunstâncias de grande mérito para quem desejar reunir o útil ao agradável: os pretendentes podem entender-se com o corretor Miguel Carneiro; e para ver, com João Venâncio, na mesma propriedade, defronte da venda do Sr. Nicoláu.

Nos anúncios atuais, observa-se que a construção frásica é muito fragmentada. O discurso é direto e preciso, com muitas abreviações, siglas e informações em um único período. Contudo, tais características não tornam o texto difícil de ser compreendido. Vejamos alguns exemplos dessa fragmentação:

NAVEGANTES ESPETACULAR Apto c/ 4qts 2 gar melhor local var arms tudo que você tem direito R\$300 mil F: 3028-2552/0383/9127-9982/9961-5654

Jornal do Commercio. Classificados: 18/05/2005.

- | | |
|---|---|
| • Apto – apartamento; | • qts – quartos; |
| • var – varanda; | • arms – armários; |
| • gar – garagem; | • pç – poço; |
| • pil – pilotis; | • coz – cozinha; |
| • vdo – vendo; | • próx – próximo; |
| • dce – dependência completa empregada; | • Creci – Conselho Regional dos Corretores Imobiliários |

Outro aspecto interessante dos anúncios atuais é que os anunciantes informam aos possíveis compradores as novidades dos imóveis, decorrentes dos

avanços tecnológicos, que proporcionam aos consumidores: lazer, comodidade e praticidade. Nesse caso, os estrangeirismos são frequentes, principalmente nos anúncios de apartamentos:

*A APOIO 345 Flat, 02 qtos. **Fitness, coffee shopp pisc, sauna, 80x p/pagar.**
3467 1099 / 9111 5566 C – c6525j.*

Jornal do Commercio. Classificados: 18/05/2005.

- (suíte) Master;
- Studio;
- Playground;
- Hall Social;
- Box
- Fitness Club/Fitness Center;
- Home Theatre;
- Deck;
- Pista de Cooper;

A segurança dos imóveis na atualidade também é ressaltada:

***APECHINCHADO SÉCULO** Apt Térreo com varanda 2wc **gradeado** Rua Humberto de Lima Mendes 518, em frente a Escola Jardim Fragoso prox a Funeso R\$22.000,00 F. 3028-2552/0383/9961-5654/9127-9982*

Jornal do Commercio. Classificados: 18/05/2005.

***ANEWVILLE TCA 6337** – Exc Casa Res/Com 340útil 4qtos 2stes Piso Cerâmica Brennand Armários Poço Canil **Portão Elétrico** Jardins 99682467 34656363 Creci5980j*

Jornal do Commercio. Classificados: 18/05/2005.

O uso dos adjetivos tem o objetivo de valorizar ainda mais o imóvel:

***ANEWVILLE ALAF 988** – Próx Col Sta Maria 3qtos Ste Total Estrutura De Lazer **Super** Acabamento **Melhor** Localização 60 meses 34656363 Creci5980j*

Jornal do Commercio. Classificados: 18/05/2005.

***APEIXOTO** 4qtos 1st + dep piscina quadra armários bem **novo** desocupado R\$ 260 mil facil 10x 3465-5251/9968-6191*

Jornal do Commercio. Classificados: 18/05/2005.

5. O léxico

Segundo Biderman (1979) todo sistema lingüístico manifesta no seu léxico uma ordenação dos dados da realidade que são típicas da língua e da cultura com que ela se conjuga. Cada língua traduz o mundo e a realidade social segundo seu próprio modelo, refletindo uma cosmovisão que lhe é própria, expressa nas suas categorias gramaticais e léxicas.

As palavras são impregnadas por diferentes valores atribuíveis aos grupos sociais nos quais a interação enunciativa acontece.

5.1 Torneios Sintáticos e Lexias dos Anúncios do Século XIX

• 1853-1855

a entender-se
a tratar / achará com quem tratar
a vista devidamente apreciadas
abarracadas
acreditada para a terra
afreguezada para a terra
arrendou-se / arrenda-se
baixas para capim / extensa capina
bem plantado sítio
boa água para beber
bom banho
braças
cacimbas
casa de vivenda
casa térrea (de pedra e cal)
casas de taipa
cocheira
cômodos
dirija-se
engenho d'água
estabelecer

estabelecimento
estribaria
légua
muitos arvoredos de frutos / vários arvoredos
negocia-se
palmos
preço módico
quartos fora para criados
quem as pretender / os pretendentes
quintal
safrejar
se arremata
senzala
sítio
sobrado
sofrível casa
sótão
taberna
tanques

Esses torneios sintáticos e lexiás só podem ser considerados arcaicos em comparação ao gênero hoje. É o contexto da construção frasal que determina a lexia ou o torneio sintático como arcaico ou arcaizante.

5.2 Torneios Sintáticos e Lexias dos Anúncios Atuais

• Apartamentos e casas (2005)

área de lazer
armário de cozinha
biblioteca
canil
casas de caseiro
central de ar
central de gás
cerâmica
cerca
circuito de TV
cisterna
cobertura
copa
cozinha
decorado / mobiliado / móvel luxo
despensa
duplex / triplex
elevador
escritório
garagem
gerador próprio
gradeada
granito
guarita

hidromassagem
jardim
lago
m ²
marque agora com o corretor
mini campo
murada / muro alto
piscina
portão elétrico / eletrônico
quadra / quadra poliesportiva / mini quadra
quartos com guarda roupa
quintal arborizado
rua asfaltada
sala de estar / jantar
sala de ginástica
salão de festas
salão de jogos
sauna
sistema de segurança
suíte
terraço
varanda(s)
vigilância 24 hs
vista para o mar / beira mar

6. Conclusão

A conclusão do trabalho nos leva a uma reflexão sobre o que há de mais concreto e estável em nossa sociedade, a casa que, no século passado, era mais que objeto físico, era o lugar através do qual poderíamos descrever os relacionamentos humanos. Esse complexo habitacional é um lugar a partir do qual a existência se configura e se expande, podendo ser estudada: como habitação e/ou como ponto de partida e referências sociais.

Assim, os anúncios de imóveis do século XIX refletiam os hábitos e costumes da sociedade da época. O discurso no século passado como nesse século, veiculam valores e comportamentos de suas respectivas época, que a sociedade cultua.

Dois séculos depois, já não há chácaras, sítios e fazendas nos classificados. As casas de Recife foram abaixo, dando lugar aos apartamentos. Num lugar onde vivia apenas uma família, passaram a viver dezenas de pessoas em poucos metros quadrados. Porém, sem a convivência e a criação dos laços pessoais de antes. O urbanista Jorge Martins escreveu que os edifícios de hoje “*parecem lápides na monotonia, uniformidade e frieza de sua forma, assinalando as casas que se foram*”, como se fossem marcos de um modo de vida que não existe mais.

Os imóveis para a comercialização apresentam grande infraestrutura, são oferecidos aos moradores conforto, lazer e segurança; qualidades indispensáveis valorizadas pelas classes mais favorecidas da sociedade moderna. Com o processo de urbanização, as crianças brincam nos *playgrounds*, não mais nas ruas ou quintais como antigamente. As pessoas fazem suas festas no *Hall* dos edifícios e praticam exercícios no *fitness club ou center*, confirmando, assim, que os anúncios de imóveis da atualidade vendem além do espaço físico as mercadorias simbólicas.

A arquitetura é uma linguagem silenciosa e não-verbal. Exprime os costumes e as necessidades do homem numa dada época. Porém, a linguagem verbal dos anúncios, na pragmática de sua mensagem, explicitam a forma de viver e a forma de morar dos indivíduos; assim, as ligações entre casa e homem no século XIX, quando as tecnologias ainda não se faziam presentes e os espaços eram muito amplos, revelam como estava organizada e retratada a sociedade, os anúncios no século XXI, apesar de sua linguagem cifrada e econômica, também representam a realidade dos tempos de hoje, com seus espaços limitados.

Referências Bibliográficas

- BAKHTIN, M, Gêneros do discurso In: *Estética da criação verbal*. Trad. de M.E.G.G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. *Teoria lingüística: lingüística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Discurso e tradição em anúncios da imprensa brasileira: da informação à sedução – imagens do cotidiano*. São Paulo:USP.
- CARDOSO, Wilton & CUNHA, Celso. *Português através de textos*. 2. ed., Belo Horizonte: Bernardo Álvares, 1970.
- CARRASCOZA, João A. *A evolução do texto publicitário: a associação de palavras como elemento de sedução na publicidade*. São Paulo: Futura, 1999.
- CARVALHO, Nelly. *Publicidade: linguagem da sedução*. São Paulo: Ática, 2000.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.
- FREYRE, Gilberto. *O Escravo nos anúncios de jornais brasileiros do séc. XIX*. Recife: Imprensa Universitária, 1963.
- _____. *Oh de Casa! Em torno da casa brasileira e de sua projeção sobre um tipo nacional do homem*. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1979.
- _____. *Seleção para jovens*. Organizada pelo autor com a colaboração de Maria Elisa Dias Collier. 3 ed. Recife, Secretaria de Turismo, Cultura e Esportes. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.
- _____. *Sobrados e Mucambos*. 4 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.
- KOCH, Ingedore V. & FÁVERO, Leonor. *Lingüística textual: introdução*. São Paulo: Cortez, 1988.
- PESSOA, Marlos. *O gênero notícia no Brasil: notas para uma história*. Recife: UFPE, 2003.
- SCHWARCZ, Lília Moritz. *Retrato em branco e negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- VESTERGAARD / SCHRØDER. *A linguagem da propaganda*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- VILANOVA, José Brasileiro. *Aspectos estilísticos da língua portuguesa*. Condensada e simplificada. 2 ed. Recife, 2001.

UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DO DISCURSO SOBRE A LÍNGUA¹

Glaucia Muniz Proença Lara

Resumo: No presente artigo, examinamos, à luz da semiótica greimasiana, o plano de conteúdo do discurso do professor de português, em busca das imagens da língua que nele se constroem. Em linhas gerais, constamos duas imagens que se imbricam: a de um “objeto” heterogêneo, mas com usos hierarquizados (uns são melhores do que outros), no discurso da boa e da má norma, e a de um “objeto” homogêneo, no discurso da norma única, em que a variedade padrão passa a valer pela língua inteira. Essa dupla imagem, que revela um “deslizamento” constante do “normativo” para o “normal”, o “natural”, mantém-se mais ou menos estável nos textos (respostas a um questionário de sondagem) analisados, revelando um saber estereotipado e – diríamos mesmo equivocado – sobre a língua.

Palavras-chave: língua portuguesa; imagem; discurso; escola.

Abstract: Resorting to Greimas' semiotics, we analyze in this paper the content plan of Portuguese teachers' speech so as to find out which language images emerge in their discourse. In general, there are two overlapping images: the image of a heterogeneous "object", but with hierarchical uses (some better than others) in statements about the good and the bad norm, and the image of a homogeneous "object", in a discourse which favors the single norm, in which the standard variety stands for the whole language. This double image that reveals a "sliding movement" from the "normative" to the "normal", the "natural", is more or less stable in the corpus (answers to a questionnaire) and exhibits a stereotyped – and even misconceived – knowledge of the language.

Keywords: Portuguese language; image; discourse; school.

¹ Trabalho apresentado no *International Summer Institute for Semiotics and Structural Studies*, em Imatra, na Finlândia, em junho de 2002.

1. Introdução: alguns pressupostos

O que pensam os membros de uma dada sociedade sobre a língua que falam? Que idéias têm eles sobre as demais línguas? E como tais idéias se manifestam no seu discurso²? Motivada por essas indagações, Yaguello (1988, p. 12) discorre sobre o que chama de “concepções ingênuas” ou “idéias preconcebidas” veiculadas pela opinião pública francesa a respeito das línguas em geral e do francês em particular.

Questões semelhantes às que foram propostas por Yaguello (1988) para a opinião pública francesa chamaram nossa atenção quando, trabalhando com redações escritas por universitários, começamos a perceber determinados estereótipos sobre a língua portuguesa que se repetiam nos textos, como, por exemplo, aquele que a tomava como uma língua bela e interessante, porém complexa e inacessível à maioria dos falantes. Assim, se, conforme constatamos, também os locutores brasileiros têm determinadas idéias preconcebidas sobre a língua que falam, é preciso tentar explicar como esses estereótipos se constituem e funcionam no discurso desses sujeitos.

Para Bakhtin (1990, p. 96-113), nossa atividade mental está repleta de representações e de índices de valor que, embora sejam absorvidos pela consciência individual, são socialmente produzidos. Esse caráter coletivo (social) de produção das idéias pode ser relacionado ao que o autor denomina “fórmulas estereotipadas”, entre as quais se inclui, naturalmente, uma concepção da língua que apreendemos ao longo do nosso processo de socialização, do qual fazem parte tanto a educação recebida da família, do grupo social ao qual pertencemos, quanto aquela que ocorre no interior da instituição escolar.

Entretanto, se considerarmos que a escola, enquanto sistema ideológico constituído, como quer Bakhtin (1990, p.118-120), é o espaço por excelência para refletir sobre a língua, para falar, de forma contínua e sistemática, sobre ela, teremos que admitir sua contribuição significativa na estabilização, legitimação e difusão de uma dada imagem da língua. Como nos mostra o autor, os sistemas ideológicos constituídos conservam um elo orgânico vivo com a ideologia do cotidiano de uma dada época, nos limites de um grupo social determinado. Isso explicaria, portanto, a influência mútua que exercem entre si a escola, enquanto sistema ideológico constituído, e a ideologia do cotidiano,

² Por razões de praticidade, tomamos os termos *texto* e *discurso* como sinônimos. Nesse caso, entendemos por *texto/discurso*, ao mesmo tempo, um objeto de significação e um objeto histórico.

na assimilação de formas, práticas e abordagens (entre as quais um discurso sobre a língua) acumuladas em cada uma dessas instâncias.

O que parece ocorrer é que a escola, enquanto lugar do saber (e com a autoridade que isso lhe confere), elabora melhor os conceitos sobre a língua que circulam na sociedade, ou seja, ela os absorve, reinterpreta-os, segundo suas próprias categorias (entre as quais se destacam as da gramática normativa), conferindo-lhes um caráter de legitimidade e de cientificidade, e devolve-os à própria sociedade, que os (re)incorpora de forma natural, sem reflexão ou questionamento. Esses conceitos tornam-se, assim, fatos incontestáveis e, como tais, dispensam qualquer tipo de comprovação ou discussão. É dessa forma que nascem e crescem os estereótipos sobre a língua que vão incorporar-se à nossa consciência e compor nosso discurso.

Torna-se necessário, portanto, buscar uma melhor compreensão para o fenômeno observado, ou seja, essa interpenetração de discursos – o da escola e o do senso comum – que garante a preservação e a difusão de uma dada imagem da língua portuguesa, analisando o discurso de diferentes sujeitos (tanto escolarizados quanto não escolarizados).

No presente trabalho, pelas razões apontadas anteriormente, focalizaremos o discurso da escola, aqui representado pela “fala” do professor de português. Afinal, o que pensa e diz da língua aquele que a ensina? Para responder a essa pergunta, examinaremos o discurso do professor de português à luz da semiótica greimasiana, a fim de que nos seja possível apreender os mecanismos intradiscursivos de constituição do sentido. Julgamos oportuno esclarecer que nossa análise pautar-se-á pela semiótica dita “clássica”, ou seja, aquela que tem no quadrado semiótico e no esquema narrativo canônico seus “estandartes”. Assim, questões como a tensividade, a afetividade e a percepção, que integrariam uma “semiótica do contínuo” (FONTANILLE; ZILBERBERG, 1998, p. 5), embora nos pareçam pertinentes, não serão aqui abordadas. Seguiremos, portanto, em linhas gerais, os níveis que compõem o *percurso gerativo de sentido*.

Por essa expressão, Greimas e Courtès designam a disposição dos componentes de uma teoria semiótica uns em relação aos outros, dentro da perspectiva da geração, isto é, postulando que, todo objeto semiótico podendo ser definido segundo o modo de sua produção, os componentes que intervêm nesse processo se articulam uns com os outros segundo um percurso que vai do mais simples e abstrato (nível fundamental) ao mais complexo e concreto (nível discursivo), passando por um nível intermediário – o narrativo (GREIMAS; COURTÈS, 1993, p. 157-158). Cada um desses níveis é dotado de uma sintaxe, entendida

como o conjunto de mecanismos que ordena os conteúdos, e de uma semântica, tomada como os conteúdos investidos nos arranjos sintáticos.

Concentraremos nossos esforços, portanto, na apreensão da(s) imagem(ns) da língua portuguesa³ que, manifestando-se lingüisticamente no discurso do professor, materializa-se num determinado estoque de temas (e figuras) que constituem a maneira dominante de pensar a língua em nossa época.

2. Constituição e análise do *corpus*

Como se trata de uma pesquisa empírica de natureza qualitativa, pois o que nos interessa não é apenas o que os enunciadores dizem, mas sobretudo a maneira como eles o dizem, optamos pela aplicação de um questionário aberto (vide anexo) a 54 professores de português do Ensino Fundamental e/ou Médio que, à época (final da década de 1990), atuavam tanto em instituições públicas quanto particulares, na cidade de Campo Grande (MS), situada na região Centro-Oeste do Brasil⁴.

Feita a coleta de dados, através do referido questionário de sondagem, o passo seguinte foi lançar todos os dados no computador e proceder, via comparação de respostas, à síntese das idéias do grupo. Buscamos, dessa forma, chegar às proposições invariantes dos discursos pesquisados, através de “recortes” que fossem representativos das tendências dominantes na “fala” do professor de português. Inspiramo-nos, para tanto, em Fiorin (1988, p. 20-21) para quem reduzir as variantes a invariantes implica transformar os discursos-ocorrência em “discurso do descritor”, uma vez que os discursos-ocorrência nada mais fazem do que saturar semanticamente uma dada forma abstrata.

Nesse caso, é importante mencionar que, como bem destaca Greimas (1976, p. 7), a relação do analista com o texto, que ele interroga e manipula, não é jamais inocente e a ingenuidade das perguntas que ele – o analista – faz ao texto não passa de dissimulação. Isso nos remete à questão de que a leitura de um dado discurso não escapa ao “olhar” próprio e peculiar de cada leitor e

³ Referimo-nos à “imagem da língua portuguesa” porque nossa pesquisa envolveu apenas professores brasileiros que se manifestaram a respeito da língua que falam. Temos consciência, no entanto, de que muitas das opiniões por eles expressas poderiam ser estendidas às línguas em geral e não apenas ao português.

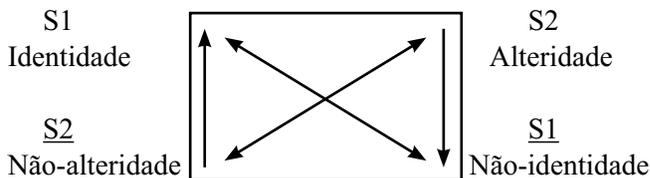
⁴ A opção por Campo Grande-MS deveu-se ao fato de lá residirmos e trabalharmos (como docente da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS), na época da realização da pesquisa. Entretanto, acreditamos que os resultados obtidos podem ser estendidos a todo o universo cultural brasileiro.

que, portanto, nossa análise do discurso do professor de português será marcada, num certo sentido, pela nossa subjetividade.

Diríamos, então, que o que propomos fazer aqui é uma leitura semiótica, que busca estabelecer um nível de pertinência entre outros possíveis, o que significa que não temos, de modo algum, a pretensão de extrair “o” sentido – único e definitivo – do discurso em questão, nem dar conta da sua totalidade.

Feitas as observações que julgamos pertinentes, passemos à análise do plano de conteúdo do discurso do professor de português, tal como este se manifesta nos enunciados básicos detectados, através do percurso gerativo de sentido.

Observamos, num primeiro momento, que o português se mostra como duas línguas diferentes: uma é a *norma culta* (ou *variedade padrão*), tomada como a “verdadeira” língua, que é, em geral, associada à modalidade escrita e ao registro formal; a outra, que faz parte do dia-a-dia do falante, é a *linguagem popular* (ou *variedade não-padrão*), entendida como adulteração da norma culta e freqüentemente associada à modalidade oral e ao registro informal. Assim, a partir das oposições que se estabelecem entre essas “duas línguas”, chegamos à categoria semântica de base /identidade/ *versus* /alteridade/, o primeiro termo do par, referente à norma culta, sendo axiologizado positivamente (termo eufórico), e o segundo, relacionado à linguagem popular, negativamente (termo disfórico). O quadrado semiótico permite-nos visualizar a articulação lógica dessa categoria:



Assim, os usuários, em geral, valorizam a norma culta, tomando-a como a própria língua (e não como uma de suas variedades), mas, paradoxalmente, consideram-na fora do seu alcance, o que nos lembra o discurso religioso em que os objetos sagrados, valorizados e cultuados pelo indivíduo mostram-se inatingíveis.

Uma vez examinada a categoria semântica de base, passemos rapidamente pelo componente sintático do nível fundamental. Nele, vemos, por exemplo, que o percurso do falante “ideal” (aquele que domina a norma culta) poderia ser representado como: alteridade → não-alteridade → identidade. Nega-se, portanto, a /alteridade/ e afirma-se o seu contrário a /identidade/. As operações de ne-

gação e asserção, realizadas no quadrado semiótico, engendram a significação, tornando-a passível de narrativização no nível subsequente.

Chegamos, assim, ao nível narrativo. No componente sintático desse nível, vemos sujeitos-falantes que, em sua grande maioria, mantêm uma relação de disjunção com o objeto língua portuguesa (= norma culta), no qual se investem os valores representados pela “identidade” (unicidade, imobilidade, regularidade, superioridade, entre outros). Apenas uma minoria privilegiada, isto é, as pessoas cultas e os grandes escritores, mantêm uma relação de conjunção com o objeto-valor língua padrão.

Logo, os falantes, em geral, não aparecem como sujeitos competentes para a realização da performance de falar “corretamente” (de acordo com a norma culta), sendo modalizados principalmente pelo dever-fazer – *é preciso dominar e resguardar o dialeto padrão para ter sucesso profissional* –, mas não pelo poder e/ou saber-fazer. Não se tornam, portanto, sujeitos realizados (pelo menos quando se considera a performance esperada – e valorizada pela escola e pela sociedade – de se expressar “bem”), não chegando a alterar sua relação com o objeto-valor de disjuntiva para conjuntiva. Os papéis actanciais assumidos pelo sujeito-falante podem, então, ser definidos como sujeito do querer e do dever-fazer, sujeito do não-poder e do não-saber-fazer, sujeito incompetente, sujeito não-realizado. Vejamos alguns exemplos:

- 1) O brasileiro é um povo que descuida demasiadamente da língua de que se serve. Não a valoriza, não a preza, não se interessa por ela; lê pouco e faz uso, cada vez mais, da linguagem popular e, relaxadamente. (QP42)
- 2) Nunca a língua foi tão maltratada. O povo fala mal porque não lêem, não discutem cultura, ou simplesmente não estão interessados. Tendo novela, carnaval e cerveja, falar bem e corretamente passa a ser supérfluo. (QP43)
- 3) [A população em geral] consegue se comunicar aos trancos e barrancos e tem o repertório de uma criança de dez anos. (QP54)⁵

Em suma: existem dois programas narrativos contrários: PN1 (ou PN “ideal”) em que o sujeito operador realiza o fazer transformador que lhe permite,

⁵ Os enunciados retirados dos questionários levam a sigla QP (questionário de professor) e são numerados de 1 a 29, para os profissionais de escolas públicas, e de 30 a 54 para os professores de estabelecimentos particulares. Essa numeração não é incluída apenas quando se trata de enunciados genéricos, que “atravessam” vários questionários (e que aparecem em itálico). É importante mencionar ainda que os enunciados são reproduzidos em seu formato original, mantendo inclusive os “erros gramaticais”.

enquanto sujeito de estado, entrar em conjunção com o objeto língua portuguesa (= norma culta) e com os valores nele inscritos; e PN2 (ou PN “real”), em que o sujeito realiza um fazer pragmático (figurativizado pela ação de falar “mal”), mas não aquele esperado e valorizado pelos actantes coletivos – a instituição escolar e a sociedade – na sua qualidade de destinatadores.

Nessa perspectiva, PN2 representa o fracasso de PN1, causado por uma série de obstáculos, que vão desde a precariedade de recursos materiais e humanos da escola (responsável pelo ensino da linguagem “correta”) até a falta de empenho do próprio falante, passando pela complexidade atribuída à língua, obstáculos esses que funcionariam como oponentes, isto é, como entraves à realização do PN ideal. Considerando que um PN é sempre definido pelo estado (relação ao objeto-valor) ao qual ele chega, diríamos, então, que o PN típico do nosso sujeito (o falante “comum”) organiza-se em torno do não-domínio da norma culta (= PN2).

De qualquer maneira, se, como diz Greimas (1983, p. 29), a disjunção não faz senão virtualizar a relação entre o sujeito e o objeto, mantendo-a como uma possibilidade de conjunção, podemos perceber porque os sujeitos continuam se esforçando, se esmerando para falar “corretamente”, apesar de, freqüentemente, se caracterizarem como “maus” falantes. É que existe sempre, para o sujeito, a possibilidade – ainda que aparentemente remota – de conjunção com o objeto, figurativizado pela norma culta, e com os valores a ele atribuídos.

Ao percurso do sujeito, junta-se o do destinatador (= a escola, a sociedade) que tanto determina os valores a serem visados pelo sujeito: a “identidade” inscrita na norma culta (embora sem dotá-lo de todos os valores modais necessários à realização da ação), quanto verifica a conformidade ou não da sua conduta com esses valores, responsabilizando-se pela sanção (cognitiva e pragmática). Nessa perspectiva, o indivíduo que não utiliza a *forma culta, correta, polida* da língua, *adequada às regras gramaticais*, é reconhecido como mau falante (*inculto, “caipira”*) e, conseqüentemente, marginalizado socialmente, além de não *ter sucesso nas atividades profissionais (na obtenção de um bom emprego, por exemplo)*.

Vemos, portanto, que, de modo geral, o destinatador-manipulador (o grupo social, a escola) atribui ao destinatário (falante, aluno) a modalidade virtualizante do dever-fazer (prescrição), que, por sua vez, instaura o querer-fazer (vontade), como mostram os exemplos 4 e 5, mas não as modalidades atualizantes do poder e/ou saber-fazer que permitiriam a emergência de um sujeito realizado, qualificado para a performance de falar “corretamente” (exemplos 6 e 7):

- 4) É a nossa língua mãe, por isso devemos amá-la e procurar usá-la da melhor forma possível, isto é, entendê-la e usá-la melhor. (QP25)

- 5) Cada falante deve sentir a responsabilidade do bem falar e procurar se empenhar para empregá-la [a língua] de forma adequada. (QP38)
- 6) A grande maioria, inclusive professores, não tem domínio da língua portuguesa (QP46)
- 7) Eu digo que a população brasileira não conhece o mínimo necessário do português, por essa razão não falam corretamente. (QP26)

Passando para o componente semântico do nível narrativo, podemos constatar que, na sua relação com o sujeito, a língua padrão define-se como um objeto desejável, modalizado pelo querer-ser, e indispensável, modalizado pelo dever-ser, visto que *quem fala e escreve mal não é valorizado*, mas, na grande maioria das vezes, impossível (pela sua complexidade, pela dificuldade que ela representa para o falante). Há, pois, incompatibilidade entre as modalidades do querer/dever-ser e as do poder/saber ser.

Daí decorrem efeitos de sentido afetivos ou passionais que, no caso dos “maus” falantes, apresentam-se como *insegurança, desconforto, angústia, tristeza e agonia* – paixões decorrentes da crença de não-saber/não-poder ser um “bom” falante do português (com as sanções que isso implica, tendo em vista que o falante é regido por um dever-saber e um dever-poder) e da relação com um objeto considerado inacessível (muito mais difícil, por exemplo, que o inglês e mesmo que o francês e o espanhol, suas línguas-irmãs). Vejamos alguns exemplos das “paixões” manifestadas pelos professores (sobretudo os da escola pública) que se consideram “maus” falantes:

- 8) Não sou boa falante. Sou boa pensante. Sinto-me angustiada, às vezes uma estrangeira. Não é exagero!!! Isso é triste e real. Acredito que seja trauma não superado. (QP10)
- 9) Pelo fato de ser professora, sinto que sempre procuram erros no que digo e isto me deixa insegura. (QP9)
- 10) Por ser a língua cheia de exceções, por troca de sons, vejo tudo isso muito complexo e me sinto algumas vezes bastante agoniada e triste, pois há condições de simplificar a língua tanto falada quanto escrita. (QP18)

Chegamos ao último nível do percurso gerativo (o discursivo), que constitui o lugar, por excelência, de desvelamento da enunciação e de manifestação dos valores sobre os quais está assentado o texto. Nessa etapa, os esquemas narrativos são assumidos pelo sujeito da enunciação, que os converte em discurso e nele deixa “marcas”. Logo, o exame da sintaxe e da semântica do discurso permite reconstruir e recuperar a instância da enunciação sempre pressuposta.

No que se refere às projeções da enunciação no enunciado (âmbito da sintaxe discursiva), percebemos tanto debreagens actanciais enuncivas (uso do “ele”), sobretudo no âmbito das definições e comparações (exemplos 11 e 12), quanto debreagens actanciais enunciativas (uso do “eu”), que predominam nas respostas a perguntas que apelam mais diretamente para a vivência do professor/enunciador enquanto usuário da língua e/ou profissional (exemplos 13 e 14):

- 11) O português é uma língua que não é fácil de ser falada e escrita. E quando é bem falada e escrita é muito bonita. (QP5)
- 12) [Língua padrão] é a língua oficial, formal, ditadas pelas regras da gramática e usada em situações e por pessoas que possuem bom conhecimento dela. (QP42)
- 13) Ainda considero o português uma língua mais difícil de compreender pelo fato de ter tantas regras ortográficas. (QP14)
- 14) Sou um falante acima da média, porque leio bastante e estudo também, pois minha profissão é o ensino dessa língua, mas às vezes me perco no ensino da gramática. Prefiro trabalhar com textos do que com regras. (QP54)

No entanto, ainda que se instaure no discurso um *eu* e inclusive se recorra a experiências particulares, o conteúdo básico do discurso apresenta temas recorrentes. Comparemos, por exemplo, os enunciados 11 e 13. Embora o primeiro comporte um “ele” enuncivo e o segundo, um “eu” enunciativo, ambos abordam um mesmo tema: o da complexidade da língua (e da dificuldade que ela representa para o falante). Conseqüentemente, os sujeitos pesquisados não fogem aos estereótipos presentes na formação discursiva/ideológica em que se inserem, sendo a subjetividade apenas um efeito de sentido aparente. Para citar Greimas (1976, p. 113), diríamos que uma dada produção verbal pode ser individualizada, sem que, com isso, ela deixe de ser uma forma ideológica própria do destinador coletivo.

Percebemos ainda, no conjunto de textos analisados, a presença de debreagens internas de 2º grau, que criam um efeito de sentido de realidade pela delegação de voz a outrem, sobretudo a escritores ou pensadores, como mostram os exemplos 15 e 16:

- 15) É uma língua riquíssima, falada em Portugal, no Brasil e alguns países africanos. Proveniente do latim vulgar, recebeu palavras do francês, do inglês, etc. Como diz o poeta [Olavo Bilac] nada a define melhor:

“Última flor do Lácio, inculca e bela, és a um tempo esplendor e sepultura...” (QP49)

- 16) São inúmeras diferenças. É como se estivéssemos em países diferentes ao mesmo tempo. Como diz Drummond: “vivenciamos uma terceira língua (não o português de Portugal nem o português do Brasil – vivenciamos uma língua flutuante)” (QP39)

Quanto às relações, sobretudo argumentativas, que se instauram entre enunciador e enunciatário, lembramos que estes nada mais são do que desdobramentos do sujeito da enunciação que cumprem os papéis actanciais de destinador e de destinatário do objeto-discurso. Assim, o enunciador coloca-se como destinador-manipulador, responsável pelos valores veiculados no discurso e capaz de levar o enunciatário, seu destinatário, a crer e a fazer. Há, pois, um fazer persuasivo do manipulador, realizado no e pelo discurso, ao qual corresponde um fazer interpretativo por parte do enunciatário.

Cabe lembrar ainda que a manipulação prevê um primeiro contrato fiduciário que, no nível das estruturas discursivas, coloca-se como um contrato de veridicção, que determina o estatuto veridictório do discurso. Logo, o enunciador não produz discursos verdadeiros ou falsos, mas sim discursos que criam efeitos de sentido de verdade ou de falsidade, que parecem verdadeiros e que, sendo interpretados pelo enunciatário como verdadeiros, implicam sua aceitação do contrato proposto.

O reconhecimento desse dizer-verdadeiro liga-se a uma série de contratos de veridicção anteriores, próprios de uma cultura, de uma formação ideológica e da concepção, por exemplo, dentro de um sistema de valores, do discurso e de seus tipos. Assim, de acordo com Barros (1988, p. 94):

A interpretação depende (...) da aceitação do contrato fiduciário e, sem dúvida, da persuasão do enunciador, para que o enunciatário encontre as marcas de veridicção do discurso e as compare com seus conhecimentos e convicções, decorrentes de outros contratos de veridicção, e creia, isto é, assuma as posições cognitivas formuladas pelo enunciador.

Nessa perspectiva, a opinião pública e, sobretudo, a instituição escolar manipulam os sujeitos-falantes, através de um “dizer-verdadeiro”, para que eles aceitem determinados valores a respeito da língua, ou melhor, da norma culta (sua unicidade, sua imobilidade, sua regularidade, sua superioridade) e, conseqüentemente, devam e queiram obter esses valores através da performance de falar “bem” (de acordo com a norma culta). Essas duas instâncias manipula-

doras caracterizam-se, pois, tanto pelo fazer-fazer, levando os falantes/alunos a assumir certos comportamentos a respeito da língua, quanto pelo fazer-criar, induzindo-os a confiar no seu discurso e, por conseguinte, a compartilhar e a reproduzir o sistema de valores que este representa.

Na sua condição de enunciadores, os professores de português, com base na imagem que tinham da enunciatária (docente da Universidade Federal que realiza uma pesquisa de doutorado), utilizaram uma série de “mecanismos de proteção” na construção do seu fazer-persuasivo-discursivo, procurando mostrá-lo, sobretudo, compatível com o “dizer verdadeiro” das instâncias manipuladoras (a escola, a sociedade). Nesse sentido, podemos citar, entre outros, os seguintes procedimentos: 1) provas centradas na noção do dever, sobretudo o de amar e respeitar a língua, falando-a corretamente (vide exemplos 4 e 5); 2) seleção de qualificações semânticas (FIORIN, 1988, p. 126-127), ou seja, o uso de palavras conotadas positivamente para caracterizar a variedade padrão (*beleza, riqueza, correção, elegância*) e negativamente para qualificar a variedade não-padrão (*vulgaridade, deselegância, incorreção, adulteração*), como mostram os exemplos 17 e 18; 3) provérbios e máximas, que constituem maneiras cômodas de o locutor exprimir seja valores, seja verdades eternas ou idéias preconcebidas, apoiando-se na “sabedoria das nações” (exemplos 19 e 20); 4) argumentos de autoridade, que consistem, principalmente, na citação de frases e expressões atribuídas a *experts* ou a grandes escritores e pensadores, conforme já mencionamos quando tratamos da debreagem interna (vide exemplos 15 e 16); 5) frases de efeito e figuras de linguagem (sobretudo metáforas), como mostram os exemplos 21 e 22:

- 17) “Nós vai” é o linguajar da maioria do povo e “nós vamos” é a forma correta, culta, utilizada por aqueles que se preocupam em falar bem a língua portuguesa. (QP1)
- 18) Deve ser usada a forma correta, no caso, “nós vamos”, pois usar a palavra erroneamente só dificulta a conversação e no meio em que vivemos só podemos falar corretamente. (QP24)
- 19) Fazer com que o aluno escreva, leia, dar oportunidade e meios para que isso aconteça, sendo que a lei é esta. Só se aprende a escrever, escrevendo, ler, lendo. (QP11)
- 20) Não sou dono da verdade. Acredito que ninguém o é. Somos seres humanos, portanto sujeitos a erros. (QP41)
- 21) Nossa língua tem mil maneiras de ser compreendida, tornando-se um bicho de “7 cabeças” onde o aluno acha dificuldade de compreensão (QP11)

- 22) Ela [a escola], bem como todos os segmentos da educação visam um cidadão por completo, seja na teoria ou na prática e é isto que procuro fazer: ser um agricultor, plantando a semente do conhecimento, que com certeza se frutificará mais dia ou menos dia. (QP52)

Nesse conjunto de procedimentos, o que mais se destaca é, pois, a reprodução do discurso tido como aprovado e valorizado, dentro e fora do contexto escolar, isto é, aquele que enfatiza a beleza e a riqueza da língua portuguesa, definindo-a como símbolo da pátria e postulando que o dever do sujeito é amá-la e respeitá-la, buscando sempre a expressão “correta”.

Já no âmbito da semântica discursiva, temos discursos predominantemente temáticos, em que aparecem ocasionalmente algumas figuras. Por exemplo: a língua portuguesa pode ser figurativizada como *a última flor do Lácio* ou como *um bicho-de-sete-cabeças* (vide exemplos 15 e 21), segundo se insira no percurso temático da perfeição ou no da inacessibilidade. O falante, por sua vez, é aquele que pode *adulterar* e *maltratar* a língua (a norma culta) e que, ao mesmo tempo, precisa *policiar-se* para falar corretamente.

Ora, considerando que o discurso que valoriza a norma culta encontra-se em relação dialógica (polêmica) com o discurso que menospreza a variedade popular, podemos estabelecer, para o conjunto de textos analisados, alguns percursos temáticos em oposição, os primeiros referindo-se à norma culta e os segundos, à variedade popular: a) **perfeição** (beleza, riqueza, correção) *versus* **imperfeição** (pobreza, deselegância, vulgaridade); b) **ordem** (padronização, gramaticalidade, sistematização) *versus* **caos** (agramaticalidade, desordenação); c) **estaticidade** (preservação, homogeneidade, uniformidade) *versus* **dinamicidade** (mudança, evolução, heterogeneidade); d) **prestígio** (reconhecimento social e profissional, oficialidade, formalidade) *versus* **desprestígio** (discriminação social e profissional, coloquialidade, informalidade); e) **inacessibilidade** (complexidade, dificuldade, profundidade) *versus* **acessibilidade** (facilidade, leveza, despreocupação).

Os percursos temáticos mencionados acima e os temas por eles englobados revelam, pois, um discurso que advoga o uso da norma culta, tomada como a “verdadeira” língua (a melhor, a mais correta, a mais bela), aquela que se garante pela obediência a um conjunto de regras – gramática, entendida apenas no seu sentido normativo – que regulam o “bem-falar” e o “bem-escrever”. Assim, apesar da sua complexidade (e mesmo de sua inacessibilidade para o falante “comum”), é ela que deve ser aprendida, uma vez que enobrece o usuário, conferindo-lhe o *status* de “bom falante”⁶.

⁶ A nosso ver, o problema que se coloca não é o fato de a escola ensinar a variedade padrão. Afinal, trata-se de um dos instrumentos indispensáveis de acesso ao poder. Em outras palavras:

3. Conclusão

Retomando a análise feita na seção anterior, podemos descrever, de forma sintética, o plano de conteúdo do discurso do professor de português tal como nos foi desvelado pelo percurso gerativo de sentido. Assim, no nível fundamental, temos a categoria básica /identidade/ *versus* /alteridade/, em que o primeiro termo (eufórico) refere-se à norma culta e o segundo (disfórico), à linguagem popular. No patamar narrativo, vemos sujeitos-falantes, em sua maioria, não atualizados pelo poder e pelo saber-fazer que, qualificando-os para a performance de falar “bem”, permitiriam sua conjunção com o objeto norma culta e com os valores nele inscritos. No nível discursivo, enfim, aparecem, por exemplo, os temas da beleza e da riqueza da língua (da norma culta), mas, paralelamente, da dificuldade que ela representa para o falante “comum”.

Em outras palavras, a língua, identificada com a norma culta, é associada a valores positivos (unicidade, regularidade, superioridade, entre outros), tornando-se o modelo oficial e o símbolo da cultura e da identidade nacional. Regulada pela gramática normativa, que, por sua vez, representa a autoridade e a tradição, esteia-se nas formas recomendadas pela escrita. A língua assim “representada” mostra-se complexa, inacessível aos falantes em geral, mas, dada a sua fragilidade, precisa ser defendida contra aqueles que a maltratam e desfiguram (ou seja, os próprios usuários).

A variedade não-padrão, em contrapartida, é depreciada e seus usuários, discriminados. Associada à fala e, como tal, considerada agramatical (destituída de regras), é freqüentemente denunciada como imprópria e incorreta, constituindo o desvio do modelo “representado” pela norma culta, que funciona como fator unificador e estabilizador.

Nesse sentido, podemos afirmar que há, no discurso do professor de português, uma dupla imagem da língua: aquela que a toma como um “objeto” heterogêneo, mas com usos hierarquizados (uns são melhores: mais bonitos, corretos e elegantes do que outros), no discurso da boa e da má norma, e aquela

numa sociedade como a nossa, é o domínio da variedade de prestígio que dá ao indivíduo mais amplas condições de participação política e de reivindicação social, além de garantir-lhe o acesso a todo um complexo cultural, científico e artístico que se realiza através dessa variedade, sobretudo na sua forma escrita. A questão maior é, pois, como esse ensino se realiza: ele atribui à língua padrão um valor corretivo e substitutivo, ao mesmo tempo que estigmatiza as demais variedades, considerando-as “feias”, “erradas” ou “ilógicas” e apresentando, para isso, razões de ordem lingüística, que escamoteiam os verdadeiros motivos de natureza social, econômica, ideológica que instituem a variedade padrão como língua *legítima* (cf. LARA, 1999, p. 39).

que a considera um “objeto” homogêneo, sem variação (a língua é assim, o uso é aquele que está sendo mostrado), no discurso da norma única, em que a variedade padrão passa a valer pela língua inteira. Ocorre, pois, um deslizamento do “normativo”, para o “normal”, o “natural”.

Isso nos leva a crer que há uma voz maior que atravessa o conjunto de textos analisados, tornando-os muito semelhantes entre si. Essa sobreposição de conteúdos parece ser nada mais do que a reprodução de informações que, tomadas como “verdades” inquestionáveis, representam o discurso valorizado pela instituição escolar e pela opinião pública.

A partir dessa rápida análise semiótica, que obviamente não se esgota nos aspectos abordados, acreditamos poder afirmar que o professor de português do Ensino Fundamental e/ou Médio tem, efetivamente, uma grande parcela de contribuição a dar na consolidação e difusão dessa (dupla) imagem estereotipada da língua portuguesa, que não a vê como ela é, na realidade: um objeto pluriforme e multifacetado, um conjunto de variedades que, embora dotadas de características específicas, se interpenetram constantemente. Esse “saber” sobre a língua pode ser resumido em três pontos principais:

- Existência de *um* português “correto” e “bom” (a norma culta, tomada como “a” língua portuguesa), sendo a variedade não-padrão desqualificada.
- Possibilidade de classificação das línguas/variedades lingüísticas, segundo critérios como beleza, riqueza, complexidade e dificuldade, entre outros, sem levar em conta os fatores extralingüísticos (sobretudo ideológicos) que regulam seu prestígio social.
- Constatação de que o brasileiro, em geral, não “sabe” a sua língua (fala “errado”, “maltrata” o idioma), mas é modalizado pelo querer e, principalmente, pelo dever-fazer (= falar/escrever bem). Nesse sentido, apenas uma minoria privilegiada (as pessoas cultas e os grandes escritores) encontra-se em conjunção com o objeto-valor (língua = norma culta), tornando-se, por essa razão, modelos a serem imitados.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1990.
- BARROS, Diana L.P. *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. São Paulo: Atual, 1988.

- FIORIN, José Luiz. *O regime de 1964: discurso e ideologia*. São Paulo: Atual, 1988.
- FONTANILLE, J.; ZILBERBERG, C. *Tension et signification*. Sprimont-Belgique: Mardaga, 1998.
- GREIMAS, Algirdas Julien. *Maupassant: la sémiotique du texte*. Paris: Seuil, 1976.
- GREIMAS, A.J.; COURTÉS, J. *Sémiotique: dictionnaire raisonné de la théorie du langage*. Paris: Hachette, 1993. v. 1.
- LARA, Gláucia Muniz Proença. *A imagem da língua portuguesa no discurso de sujeitos escolarizados e não escolarizados*. 1999. 290f. Tese (Doutorado em Semiótica e Lingüística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- YAGUELLO, Marina. *Catalogue des idées reçues sur la langue*. Paris: Seuil, 1988.

Anexo

Questionário de sondagem⁷

Instruções: Este questionário faz parte de uma pesquisa sobre a língua portuguesa. Preencha os itens referentes à sua identificação e responda às perguntas da forma mais completa possível. Agradecemos sua colaboração.

I. Identificação:

Professor de português:

Grau em que atua: 1º () 2º () 3º ()

Tipo de estabelecimento: público () particular ()

Turno: diurno () noturno ()

II. Questões:

1. Como você definiria/caracterizaria a língua portuguesa?

⁷ O questionário de sondagem aqui apresentado foi adaptado de modo a incluir apenas os professores de português, sujeitos deste artigo, já que a pesquisa original (tese de doutorado) incluía outros informantes (estudantes, profissionais da linguagem – jornalistas e advogados –, além de analfabetos).

2. No seu entender, qual é a função mais importante do português?
3. Que comparações você faria entre o português e outros idiomas mais conhecidos, tais como o inglês, o francês e o espanhol?
4. Na sua opinião, qual é a diferença entre dizer, por exemplo, “nóis vai” e “nós vamos? Comente.
5. Você acha que o português usado no dia-a-dia é o mesmo que se ensina na escola? Por quê/por que não?
6. Que semelhanças/diferenças você vê entre o português falado e o português escrito?
7. O que você entende pelos termos:
 - a) língua padrão ou norma culta?
 - b) gramática?
8. Como você caracterizaria o ensino de português na escola? Fale sobre suas experiências como ex-aluno de português.
9. Como você qualificaria:
 - a) o seu desempenho como falante do português?
 - b) o desempenho lingüístico da população brasileira em geral?Justifique suas respostas.
10. Como você se sente em relação à sua língua? Explique.
11. Você acredita que, atualmente, a língua portuguesa está:
 - a) melhor do que antes;
 - b) pior do que antes;
 - c) nem melhor nem pior do que antes? Justifique.
12. Você diria que as pessoas falam da mesma maneira nas diferentes regiões do país? Comente.
13. Qual seria, na sua opinião, o papel da escola em relação ao ensino/aprendizagem da língua portuguesa? Você acha que a escola tem cumprido efetivamente tal papel? Por quê/por que não?
14. Qual é a importância da língua portuguesa na sua atuação como profissional? Como você classificaria seu desempenho lingüístico na profissão?
15. Você teria algum(ns) outro(s) comentário(s) a fazer?

VESTÍGIOS DO SONHO PORTUGUÊS NO SUDESTE ASIÁTICO

Pierre Guisan
Universidade Federal do Rio de Janeiro

“As armas e padrões portugueses postos em África e em Ásia e em tantas milhas fora da repartição das três partes da terra materiais são e pode-as o tempo gastar; pero não gastará doutrina, costumes, linguagem que os Portugueses nestas terras leixarem.”
João de Barros. *As décadas da Ásia*

O naufrágio de um sonho

No ano de 1511, uma catástrofe abalou a expansão além-mar de Portugal, que até então triunfara sem derrota ao longo da sua conquista de estabelecimentos no Oriente. A nave-mor da frota de Afonso de Albuquerque afundava com a sua carga preciosa perto da costa pantanosa de Sumatra, do outro lado do estreito comandado pela orgulhosa cidade de Malaca, da qual os portugueses acabavam de tomar posse. O mar engoliu com o navio o imenso tesouro dos sultões de Malaca, um dos portos mais ricos do universo. Não há inventário detalhado do conteúdo da carga, entretanto sabemos que era de uma riqueza inacreditável, um tesouro sem igual na história.

Malaca: na alvorada do século XVI era provavelmente o maior porto do mundo de então, superando até Veneza. Escala obrigatória onde a navegação à vela espera a inversão anual da monção, em Malaca se encontram marujos e comerciantes, chineses, malaio, árabes, indianos; nos cais, nas ruas e nas vielas podem ser ouvidos dezenas de idiomas, porém dominava um *pidgin* de base lexical malaia, o *bazar melayu*, do qual uma variante criouliizada, o *baba malay*, sobrevive hoje na comunidade *peranakan*, de atuais descendentes dos comerciantes chineses da época. Dividida entre facções políticas, enfraquecida militarmente, cobiçada e traída pelos ambiciosos, a cidade pôde dificilmente resistir à determinação desse punhado de bárbaros aventureiros conduzidos por Albuquerque.

Após a fuga do Sultão de Malaca (que se refugiou no Sul da península, onde fundou a cidade de Johore Bahru, em que sua família continua reinando até os dias de hoje), os portugueses pretendem controlar o comércio nessa parte do mundo e, em particular, o negócio altamente lucrativo das especiarias, que agregavam um grande valor num volume restrito. Infelizmente, a partir de então, o empório de Malaca inicia a sua decadência, instalando-se numa sonolência da qual nunca despertaria. A falta de habilidade daqueles ocidentais, que continuavam atuando como se ainda estivessem na época das Cruzadas e que pretendiam impor a sua religião à força, não podia conviver com as leis do comércio internacional. São os árabes que, pela sua tolerância e ao mesmo tempo sua insistência de mercadores, vão difundir a sua religião. Assim, o islamismo vai progressivamente suplantar o budismo, o hinduísmo e o animismo indígena. Esses mesmos mercadores árabes conseguirão inclusive impor o termo pelo qual, desde os tempos das Cruzadas, designavam os cristãos: são os *franqui*, hoje *ferenggít* ou *perenggít* em malaio, e *farang* em tailandês.

Importa, com efeito, frisar a ambigüidade do empreendimento português. Se a sua motivação óbvia era vinculada à vocação comercial de um pequeno povo sufocado por uma terra ingrata com grande fachada oceânica, outras causas de natureza ideológica sem dúvida tiveram um papel poderoso e constituíram fontes inesgotáveis das quais a psicologia coletiva tiraria a energia necessária para a aventura exaltada por Camões. Assim, a “reconquista”¹ pelos portugueses das terras do Sul da Europa dominadas até então pelos mouros – como Lisboa, Alentejo e Algarves – prossegue além do estreito de Gilbratar em direção a esse outro Algarves – “al-Gharbi”, isto é, o Ocidente – que é o Maghreb² de Ceuta, da costa atlântica do Marrocos e, gradualmente, vão daí para toda a costa ocidental africana. Em seguida, dobrando o cabo da Boa Esperança – ou cabo das Tormentas –, subindo pela costa oriental da África e singrando através do oceano Índico, os navegadores lusos [vão] se estabelecem no litoral da Índia, da península e do arquipélago malaio, antes de ancorar nos portos da China e do Japão.

Seria um engano ver neste imenso périplo a realização de aspirações meramente mercantis; afinal, os aventureiros são movidos também pelo orgulho e convicção de que Portugal é chamado a se tornar uma Nova Roma, cujos limites

¹ Retomei aqui o termo consagrado de *reconquista*, apesar de ciente da ambigüidade ideológica de uma palavra cunhada pela Renascença triunfalista católica.

² Nota-se que as palavras *Algarves* e *Maghreb* derivam da mesma palavra árabe *al-gharb*, isto é, o ocidente, sendo que *maghreb*, com o prefixo *ma-*, significa literalmente “o que está no ocidente”.

são os do Universo, com um novo César que será o próprio Cristo. Já se comentou muito a respeito deste traço da “alma” portuguesa, reunindo pragmatismo mercantil e nostalgia pela grandeza perdida, o *botequim* e a *saudade*.

Porém, voltamos à nossa nau, “Frol de la Mar”. A fatalidade quis que ela carregasse os tesouros pilhados de Malaca, de um valor incomensurável. A lembrança desse “Titanic” precursor permanece na memória da região. Uma réplica – um tanto *kitsch* – da nau foi reconstituída na boca do rio de Malaca, onde as autoridades instalaram um museu naval. Até mesmo um convênio foi assinado entre os governos da Malásia e da Indonésia, para estipular a partilha dos tesouros, no caso, bastante improvável, de descoberta e recuperação da nau afundada. Mais uma fatalidade, porém, fez com que o naufrágio tivesse ocorrido em local de fundos marinhos constituídos de centenas de metros de lodo, o que torna certamente impossível qualquer tentativa de busca bem-sucedida dos restos do navio. Porém, de vez em quando, as redes dos pescadores malaios – ou de Sumatra – voltam com moedas de ouro ou de prata, com estatuetas barrocas, destroços preciosos ou sem importância, que entretanto testemunham a era em que os portugueses mandavam na região. Com efeito, o estreito de Malaca é uma das regiões marítimas com a maior concentração de naufrágios no mundo.

Além desses destroços materiais, esse período deixou também rastros culturais e lingüísticos em terra, que em conjunto representam testemunhos atuais do sonho imperial português. São precisamente esses vestígios que queremos evocar aqui.

A situação atual

Não se trata aqui de fazer um levantamento exaustivo de todos os rastros deixados pela aventura portuguesa nessa região do Sudeste Asiático. Tal investigação, aliás, teria que ser empreendida, apesar dos poucos meios de que se pode dispor, face à urgência da tarefa: com efeito, os vestígios vão se apagando com rapidez, numa região que sofre hoje em dia transformações brutais.

Malaca, a antiga capital cosmopolita da região no século XV, continua sendo o centro da herança portuguesa nessa parte do mundo. A comunidade *kristang* conserva a sua língua, o *papiah kristang*, assim como a sua religião, o catolicismo. Embora os membros da comunidade, na sua maioria, se considerem como descendentes dos portugueses, tal convicção deve ser vista com circunspeção. Podemos ter certeza que, após a rendição de Malaca aos atacantes holandeses, os súditos foram todos levados de volta para Portugal, ou para

outras terras do Império. O mais provável é que os *kristangs* se originem dos mestiços e dos malaios aculturados e convertidos.

Parece-me importante frisar tal fato para destacar a originalidade da cultura *kristang*, que não consiste numa mera excrescência portuguesa esquecida e abandonada à própria sorte, mas na resultante original e nova de uma mestiçagem cultural antiga. O mesmo acontece no que diz respeito à língua. O *kristang* não é um dialeto português – assim como o português não é mais uma variante do latim –: trata-se de uma língua no sentido pleno, cujo sistema se diferencia radicalmente da estrutura do português; porém, é dele que tira a maior parte do seu léxico. Admite-se geralmente que o *kristang* apresenta todos os traços que dele fariam uma língua crioula, embora tal afirmação fosse merecedora de um debate bastante amplo, que não cabe abrir aqui.

Até hoje, Malaca permanece uma cidade formada por um admirável conjunto étnico, que conjuga línguas, religiões e tradições de culturas diversas, populações que se acotovelam e trabalham juntas, porém pouco se misturam. São malaios, chineses de origens – logo, de línguas diferentes –, indianos, cingaleses, tamules, *baba-nyonyas*, *eurasianos*, e por fim a comunidade que aqui nos interessa mais particularmente, os *kristangs*. Mesquitas, templos chineses, igrejas católicas ou protestantes, templos hindus, pontuam a paisagem religiosa desta cidade de dimensão relativamente modesta, já que conta com pouco mais de 300.000 habitantes. A população *kristang*, cujo recenseamento exato é difícil estabelecer³, ficaria em torno de 2000 pessoas, portanto, uma minoria que seria quase insignificante se não fosse o cuidado particular com o qual vem sendo tratada pelas autoridades políticas atuais, malaias e muçulmanas⁴.

Entretanto, essa comunidade teve sempre como contrapartida uma diáspora importante, desde a queda de Malaca nas mãos dos holandeses, nos anos 1640. Na época, grande parte da população havia sido dispersada, mandada como mão-de-obra escrava para Batávia, a atual Jacarta, na ilha de Java, ou refugiada para fugir do protestantismo imposto à força pelos novos donos. Cabe lembrar que a Europa desta época estava ainda em pleno período das trágicas guerras de religião. Esses refugiados se espalham do reino de Sião,

³ Entre outras dificuldades, há o fato de que muitos indivíduos dominam de forma imperfeita a língua *kristang*, e que nada é mais difícil do que estabelecer com exatidão o perfil identitário de uma pessoa.

⁴ Com efeito, num país sobre o qual sempre paira a ameaça de conflitos religiosos e / ou raciais, os *kristangs* representam o alibi da política multirracial da qual o governo federal autoritário se vangloria, sem que tal minoria possa representar um perigo pelas suas reivindicações para a estabilidade do Estado.

atual Tailândia (Phuket, Ayuthaia e depois Bangkok), às ilhas mais longínquas da Sonda (Timor, Flores, entre outras), passando pelo Norte da Malásia atual, em particular na ilha de Pinang, onde contribuem para a fundação da cidade de Georgetown, no local chamado hoje de Pulau Tiku (Ilha do Rato). Tal tendência à emigração se mantém até hoje, de modo que encontramos comunidades *kristang* em todas as grandes cidades da península malaia, em particular na capital Kuala Lumpur, assim como em Singapura e também na Austrália, sobretudo na cidade de Perth.

Os *kristangs* da diáspora continuam mantendo fortes laços afetivos com Malaca. A sua cultura e a sua língua os distinguem no seio das associações eurásianas nas quais são geralmente membros muito ativos. Entretanto, em razão da fraqueza numérica relativa dessas colônias dispersas, a sua identidade cultural depende cada vez mais de um folclore bastante afastado do seu modo de vida e das suas preocupações cotidianas. Os casamentos com parceiro não-*kristang* são de longe os mais freqüentes, o que contribui para a extinção paulatina da identidade comunitária.

Tal situação se repete também em Malaca, onde, apesar dos esforços de um punhado de militantes, não se pode ver razoavelmente sob bons auspícios o futuro da língua e da cultura *kristang*. Desde o século XIX, as famílias mais abastadas se identificavam com o colonizador britânico, ao assumirem cargos de responsabilidade na administração. Para os filhos, adotaram uma educação baseada no modelo inglês, de modo que a língua inglesa se tornou o veículo lingüístico obrigatório entre as diversas comunidades étnicas da Malásia. Hoje em dia, o sistema adotou os valores nacionalistas da Malásia, de modo que o *bahasa melayu*, língua oficial da administração e do ensino, já ocupou o lugar que antes era do inglês.

O turista de passagem em Malaca corre o risco de assistir a um espetáculo um tanto degradante de danças portuguesas, no local chamado de “Portuguese Square”, do agrado dos turistas singaporeanos e chineses. Tal “folclore” só foi introduzido após a Segunda Guerra Mundial, por padres portugueses, e com certeza não tem nada a ver com o que constituiria um autêntico folclore *kristang* (ao passo que ali existe uma manifestação autêntica da tradição, uma dança de casal muito antiga, o *branyo*). Tais fatos só contribuem para a perda da identidade cultural da comunidade. Há entretanto um outro traço importante da cultura *kristang* que vale a pena mencionar: trata-se da culinária, rica de tradições mescladas, resultando das mais variadas influências, o que sem dúvida constitui um aspecto considerável da vida dos *kristangs*, que dão muita importância à boa comida.

A “catástrofe” de Malaca e a diáspora histórica

A diáspora que resultou da emigração mais antiga, a que ocorreu no século XVII, perdeu há muito tempo a memória dos laços que a unia com Malaca. Porém, a língua crioula dos exilados se manteve e tal persistência se deve provavelmente ao fato de que existia um *pidgin* comercial de base lexical portuguesa, que dominava a região até o início do século XIX. Pode se dizer que essa língua representava um pouco o papel do inglês de hoje nas transações comerciais da região.

Possuímos muitos registros que comprovam tal situação. Talvez baste lembrar que os missionários holandeses, antes de empreender a sua tarefa de evangelização no arquipélago da Insulíndia (isto é, a Indonésia de hoje, então chamada também de Índias Holandesas), eram obrigados a aprender o idioma português, conforme os regulamentos da Companhia das Índias Orientais Holandesas. O mesmo ocorria com as Missões e as Companhias inglesas ou dinamarquesas. Os tratados políticos, militares, comerciais ou religiosos entre europeus e autoridades locais eram redigidos em português, fossem eles assinados pelos reis de Ceilão, de Sião, ou por sultões malaios.

É curioso constatar que essa “língua franca” continuou em uso muito tempo depois da expulsão dos portugueses da região. A “língua de ninguém”, ou seja de nenhuma das partes em presença, pôde justamente se aproveitar deste *status* para ser adotada por elas. Apesar de aqueles europeus conservarem por mais tempo Macau e Timor Leste, a sua presença comercial se tornou insignificante, na medida em que Portugal concentrou os seus esforços na exploração comercial do Brasil e da África. A existência de uma língua de tipo crioulo de base lexical portuguesa é atestada até o início do século XIX em Batávia, onde ainda constituía um meio de comunicação doméstica entre os membros da família dos colonos holandeses e os seus criados indígenas.

Tal permanência de uma “língua franca” durante mais de três séculos explica provavelmente a sobrevivência de uma língua crioula minoritária como o *kristang*, apesar de desprovido do suporte da língua que havia lhe fornecido o material lexical. Trata-se, portanto, de um caso relativamente raro de uma língua crioula que perdeu qualquer contato com a língua-base, enquanto a maioria dos outros crioulos convive com a presença de uma língua-base com a qual formam um *continuum* sociolingüístico; a língua se beneficia de um *status* privilegiado, sendo geralmente língua oficial, pelo menos língua da elite da sociedade. Uma das conseqüências decorrentes da situação peculiar do

kristang é, logo de saída, a inexistência desse *continuum*, no sentido descrito pelo lingüista Bickerton⁵, que se estende de um *basileto* ou crioulo “puro”, a um *acroleto* correspondendo à língua-base “oficial”. As variações, em vez de se espalhar ao longo de um eixo orientado entre dois pólos, vão se repartir de maneira muito mais complexa, segundo eixos múltiplos, numa estrutura multipolar, considerando-se a imensa variedade das línguas de prestígio da região (inglês, malaio, mandarim, hokkien, hindi, e outras).

A sobrevivência da língua *kristang* em condições aparentemente tão adversas se deve portanto, na nossa opinião, em grande parte à existência dessa língua de marujos e de comerciantes, o *pidgin* português em uso nessas regiões. É preciso porém acrescentar outro fator cultural, que é o da religião. A comunidade *kristang* minoritária reflete todos os traços de uma sociedade sitiada, que se apega aos valores que lhe conferem originalidade e a distinguem das massas que a cercam. Logo, nada extraordinário se essa minoria funde num só vocábulo, o *kristang*, as garantias da sua identidade, ou seja, língua e religião. Tal foi a situação em Malaca, quando os portugueses, vencidos pelos holandeses em 1641, abandonaram a população *kristang* aos protestantes batavos.

Aparentemente, não se encontra a mesma crispação nas comunidades *kristang* de Malaca que fugiram para o reino de Sião, onde parece que se fundiram rapidamente com as populações locais, tanto em Phuket, como em Ayutthaya e em Bangkok. Como as terras budistas se revelaram com certeza mais tolerantes, os exilados de Malaca, apesar de conservarem a sua religião, adotaram rapidamente a língua e os costumes da sua nova pátria. Os documentos conhecidos a esse respeito são raros, as pesquisas inexistem até hoje, de modo que ainda ficamos apenas em conjeturas. Porém, podemos esperar que um dia saberemos mais sobre a vida da comunidade “portuguesa” de Ayutthaya⁶, por

⁵ BICKERTON, D. On the supposed “gradualness” of creole development. In: *Journal of Pidgin and Creole Languages* 6:1. Amsterdam, Jonh Benjamins Publishing Company, 1992. O autor considera que cada falante ou grupo de falantes realiza uma variante do crioulo que representa um elemento de um leque de falares que se estende da língua que originou o léxico – no caso, o português – até o crioulo mais distante da língua fonte; em outros termos, este leque constitui um *continuum* que se estende entre dois pólos, ou seja, duas línguas “puras”: a língua fonte, dita acroleto, que forneceu a base lexical do crioulo, e a língua crioula propriamente dita, ou basileto, que se distingue radicalmente da primeira pela sua estrutura sintática e morfológica.

⁶ Ayutthaya foi a antiga e imensa capital de Sião, até o final do século XVIII, quando foi totalmente destruída pelos birmaneses; a cidade nunca mais foi reconstruída e foi substituída por uma nova capital, 100 km rio abaixo, chamada Krung Thep, que para os ocidentais é Bangkok.

exemplo, já que a sua existência é atestada pelos vestígios de uma igreja da qual subsistem os alicerces, assim como um cemitério.

A Birmânia deveria também se revelar um campo de pesquisa fértil, tanto na área das escavações arqueológicas, como na da pesquisa de arquivos⁷. Com efeito, a existência de comunidades “portuguesas” também é atestada aí, embora não se conheça a real origem étnica dessas comunidades, porque a apelação “portuguesa” naqueles tempos era aplicada de modo indiscriminado, tanto aos súditos de Portugal, quanto aos convertidos católicos. Entretanto, podemos supor que um certo número desses “portugueses” eram *kristangs* de Malaca.

Uma parte dos *kristangs* foi levada como prisioneiros de guerra para Batávia, a nova capital da Companhia das Índias Holandesas. Reduzidos à condição de escravos, foram porém libertados em troca da sua conversão à religião reformada. A esses “portugueses pretos”, como eram chamados por causa da cor habitual das suas roupas, foi atribuída fora das fortificações uma grande igreja, cuja parte externa é de um sóbrio estilo calvinista, enquanto a decoração interna, deixada por conta dos fiéis, demonstra uma exuberância toda barroca. Trata-se, provavelmente, de um caso raro no mundo, o de um templo protestante barroco, que se pode visitar hoje em dia na parte antiga da cidade de Jacarta. Entre os “portugueses”, os anjinhos conviviam ainda em paz com a austeridade da sua nova confissão.

Há uns trinta anos, ainda era possível encontrar os descendentes de “portugueses” falando esse crioulo português de Java, pois estes últimos representantes da comunidade haviam-se fixado no subúrbio de Tugu, próximo do porto de Tanjung Priok, em Jacarta. Os documentos a respeito são raros e na sua maioria datam de mais de um século, da época da pesquisa de Schuchardt⁸. No entanto, foi conservada uma amostra bastante ampla de canções coletadas nos anos 1950.

A ilha de Flores é povoada por uma ampla maioria católica, assim como as pequenas ilhas das redondezas, como Solor ou Adonara. Quase todos os patrônimos são portugueses, inclusive os dos pequenos reis locais ou, melhor, dos seus descendentes atuais. Assim, o *raja* (Senhor ou soberano tradicional local) da cidade de Sikka se chama Dom Sentis Alexius da Silva, e nomes semelhantes podem ser encontrados em Larantuka ou em Maumere, com as

⁷ O historiador Jorge Morebey, que foi adido cultural na embaixada de Portugal na Tailândia no final dos anos 1990, estava acumulando um grande número de dados a respeito das comunidades “portuguesas” esquecidas e desaparecidas na Tailândia e na Birmânia.

⁸ SCHUCHART, Hugo. *Pidgins and Creole Languages*. Selected essays. London, Cambridge University Press, 1980.

famílias Dias, Vieira, Godinho, Belteran, entre outras. Nenhuma língua crioula é falada nos dias de hoje, porém, por outro lado, essa mesma língua crioula que já se tornou incompreensível para os participantes, uma língua aureolada de mistério, assim como o latim para o fiel dos países ocidentais, é ainda conservada pelas irmandades religiosas em algumas das suas cerimônias em orações, cantos ou dramas próximos dos nossos mistérios medievais, que não deixam de apresentar assim um certo *status*, o de língua sacra, pois, com efeito, a língua do divino não poderia ser a do cotidiano. Um grande número de obras sacras é conservado e venerado pelos membros dessas irmandades, que dificilmente permitem que sejam admiradas por estrangeiros.

A ilha vizinha de Solor conserva as ruínas de uma fortaleza portuguesa que controlava o estreito ligando o mar das Célebes com o Oceano Índico. Ironicamente, o forte se encontra hoje em dia no centro da única vila muçulmana de Solor. Hoje há um *kampong*⁹ instalado no interior dos muros da fortaleza, invadida pelas figueiras-da-Índia, onde canhões enferrujados testemunham a importância estratégica de outrora.

Timor-Leste apresenta um quadro bastante diferente, na medida em que permaneceu na condição de colônia portuguesa, mantendo portanto a presença da língua-base, o português. Uma língua crioula pode ter se desenvolvido, porém deixou de existir atualmente. Alan Baxter¹⁰ assinala uma comunidade num subúrbio de Dili que falaria, ou teria falado, uma língua apresentando todas as características de uma língua crioula. Será um falar remanescente de um antigo crioulo próprio de Timor, ou descendente do *kristang*? Essa pergunta ameaça ficar sem resposta para sempre.

Como já dissemos, a Tailândia, ou, para não cometer anacronismo, o Sião, se mostrou muito acolhedor para os refugiados “portugueses”, incentivando a sua assimilação, porém garantindo a liberdade religiosa. Entretanto, a administração os obrigou a adotar nomes oficiais tailandeses, de modo que se tornou praticamente impossível retratar a história desses exilados luso-*kristangs* sem recorrer ao exame dos arquivos do reino ou das paróquias, tarefa só recentemente empreendida pelo Sr. Morebey. A mesma investigação teria que ser feita no que diz respeito às comunidades estabelecidas na Birmânia, das quais algumas teriam a sua origem em feudos fundados no século XVI em Araken, por aventureiros portugueses tornados reis ao reconhecerem como suseranos os reis locais.

⁹ Designa um vila rural no mundo malaio (tanto na Indonésia como na Malásia).

¹⁰ BAXTER, Alan. *A grammar of kristang*. Canberra, Pacific Linguistics, 1988.

As escavações arqueológicas já trouxeram à luz do dia em Ayuthaya o sítio concedido pelo rei de Sião aos portugueses (e, talvez, aos exilados *kristangs*). A cidade de Ayutahaya era a capital do reino de Sião, com uma população considerável e rica, contando com inúmeros e suntuosos templos e palácios. À beira do rio Chao Praya, a cidade, que pelo seu esplendor tanto espantava os visitantes ocidentais, foi arrasada pelos invasores birmaneses no fim do século XVIII, o que motivou a fundação da nova capital, uma centena de quilômetros rio abaixo. Os portugueses haviam sido os primeiros europeus que iniciaram relações diplomáticas e comerciais com os siameses, e obtiveram o privilégio de estabelecer um bairro próprio em Ayuthaya, com igreja e cemitério, cujos vestígios foram recentemente exumados com o apoio da Fundação Gulbenkian e sob os auspícios do governo da Sua Majestade, o Rei da Tailândia. Porém, sem um trabalho paralelo de estudo de arquivos, será difícil traçar o retrato dessa comunidade bem como determinar a sua composição.

Finalmente, para encerrar esta visão rápida do destino da primeira diáspora luso-*kristang*, é preciso lembrar que os exilados contribuíram para a fundação da primeira cidade na ilha de Pinang, que até então era povoada unicamente por pescadores e camponeses malaio, agrupados em pequenas vilas. Com esses exilados é que começa a se realizar a vocação comercial da ilha, que vai se acelerar no século XVIII com a chegada dos britânicos, que ali fundaram um dos seus *Straits Settlements*, com a cidade de Georgetown, hoje a segunda cidade da Malásia em importância. Os descendentes católicos desses exilados *kristangs* se concentram até hoje nos arredores do local do seu primeiro estabelecimento, no bairro de Pulau Tikus.

Contatos e empréstimos lingüísticos

A queda de Malaca nas mãos dos holandeses é menos o resultado de uma guerra sem piedade contra os portugueses do que a convicção adquirida aos poucos pelos dois lados de que, para essas potências relativamente pequenas, era melhor concentrar o esforço colonial em determinadas regiões de modo a enfrentar a concorrência perigosa das grandes potências emergentes como a Inglaterra, a Espanha ou a França. Houve certamente muitas batalhas e os portugueses tiveram que desistir das suas ambições no mundo malaio, enquanto que os holandeses renunciaram a suas conquistas no Brasil, na província de Pernambuco. Assim, essas retiradas se inscreviam numa política racional de colonização que implicava numa divisão das tarefas comerciais das nações mercantis.

É preciso igualmente lembrar que Portugal passou por uma época difícil, durante a qual a sua própria identidade enquanto nação foi ameaçada, quando a coroa foi reunida à da Espanha e a metrópole ocupada pelos espanhóis durante 60 anos, de 1580 a 1640. De fato, os verdadeiros adversários dos holandeses eram historicamente muito mais os espanhóis do que os portugueses, tanto na Europa como na Ásia, de modo que, apesar das escaramuças, essas duas pequenas nações de comerciantes tinham que ser antes aliadas do que inimigas.

Como já foi dito acima, a presença dos portugueses, no século XVI, nas águas dos mares da China e no mundo malaio, deixará nessas regiões marcas profundas, que vão permanecer muito depois da retirada de Portugal. A língua portuguesa, na sua forma pidginizada, se mantém até o início do século XIX, quando será substituída pelo inglês como língua de intercâmbio.

A esse respeito, é interessante notar que os dialetos das Índias neerlandesas, ou seja, da Indonésia atual, são quase totalmente isentos de empréstimos lingüísticos holandeses, embora a Holanda tenha sido a potência colonial que administrou o arquipélago durante mais de três séculos. Em compensação, os empréstimos lexicais do português representam um número considerável. Pessoalmente, levantamos, em *bahasa indonesia* um conjunto de cerca de 200 palavras de origem portuguesa, de uso corriqueiro e generalizado atualmente. Além do mais, a lista aumenta de maneira considerável quando se leva em conta os falares malaios locais, como os de Manado, nas Célebes, de Ambom, nas Molucas, de Timor ou de Sangir. Os mesmos empréstimos se encontram em *bahasa malaysia*, língua oficial da Malásia. Vejamos aqui imediatamente alguns exemplos:

alavanca	>	alabangka
armário	>	lemari / almari
bacia	>	basi
balde	>	baldi
bandeira	>	bendera
bóia	>	boya
bola	>	bola
bolo	>	bolu
bomba	>	bomba
boneca	>	boneka
camisa	>	kemeja
carreta	>	kereta

couve	>	kubis
dado	>	buah dadu
domingo	>	hari minggu
escola	>	sekolah
festa	>	pesta
fitá	>	pita
garfo	>	garpu
igreja	>	gereja
inteiro	>	antero
janela	>	jendela
leilão	>	lelang / lelong
manteiga	>	mentega
mesa	>	meja
prumo	>	perum
queijo	>	keju
renda	>	renda
sábado	>	hari sabtu
sapato	>	sepatu
soldado	>	serdadu
tempo	>	tempoh
toalha	>	tuala
trigo	>	terigu

A respeito desses empréstimos lingüísticos, podemos notar que são exclusivamente de natureza lexical, como aliás é a regra na primeira etapa de contatos lingüísticos. A amplidão e a diversidade dos campos semânticos nos quais os empréstimos se realizaram testemunham a importância dos intercâmbios históricos entre o mundo malaio e os navegadores portugueses. É preciso observar que tais intercâmbios não operaram numa direção só, pois palavras como *lança*, *chávena*, *jambo*, *bule*, *gongo*, *rotim*, *sagú*, etc., provêm das línguas malaias, assim como grande quantidade de nomes relativos à botânica e à zoologia.

Não consta, pelo menos no nosso conhecimento, nenhum estudo sério sobre contatos lingüísticos entre o português e línguas como o tailandês ou o birmanês. Se os empréstimos mútuos não se revestiram da mesma amplitude que constatamos no caso das línguas malaias, devem no entanto ter tido uma certa

importância, embora talvez poucos tivessem sobrevivido ao fim dos intercâmbios comerciais e diplomáticos. Não deixa de ser notável o fato de uma palavra tão importante para a cultura tailandesa como *sala* ser de origem portuguesa, palavra que designa um elemento indispensável no mundo religioso budista, a sala de reunião no seio do complexo formado pelo templo tradicional.

Tentamos pintar aqui um quadro conciso daquilo que sobreviveu da epopeia relativamente breve de Portugal no Sudeste da Ásia. Essa aventura, embora efêmera, deixou nas culturas da região marcas duráveis, definitivas até, pelo fato de os portugueses terem chegado mais cedo. Poderíamos também lembrar a sua relativa tolerância e a sua capacidade de integração, provavelmente maior do que a dos outros europeus da época. O fato de Portugal ter uma população pequena demandava uma política de integração e de casamentos interétnicos, o que era inimaginável para as outras nações colonialistas européias. Tal é a explicação que freqüentemente se oferece para dar conta da importância do fenômeno crioulo nos contratos entre portugueses e povos do ultramar. Porém, essa área de investigações permanece ainda relativamente virgem e, com certeza, muitos dados estão à espera do seu descobrimento. Um dos objetivos deste artigo é realmente suscitar a eventual curiosidade de pesquisadores, apesar da relativa superficialidade da abordagem que foi a nossa.

Referências

- BARBOSA, Jorge Morais. *A língua portuguesa no mundo*. 2ª ed. Ver. Lisboa, Agência Geral do Ultramar, 1969.
- BARROS, João de. *As Décadas da Ásia*. Lisboa, Sá da Costa, 1945. reed.
- BARROS, João de. *Diálogo em Louvor da Nossa Linguagem*. Moderna, 1959; edição organizada por Luciana Stegagno-Picchio.
- BATALHA, Graciete N. Situação e perspectivas do Português e dos Crioulos de origem portuguesa na Ásia Oriental (Macau, Hong Kong, Malaca, Singapura, Indonésia). In *Actas do Congresso sobre a situação actual da língua portuguesa no mundo*. Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1985.
- BAXTER, Alan. *A grammar of Kristang*. Canberra, Pacific Linguistics, 1988.
- COELHO, F. Adolpho. *Os dialectos românicos ou neo-latinos na África, Ásia e América*. Lisboa, Boletim da Sociedade de Geografia, 1883.
- DALGADO, Sebastião R. *Dialecto Indo-Português de Ceylão*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1900.

- FRANÇA, António Pinto da. *Portuguese Influence in Indonesia*. Lisboa, Fundação Callouste Gulbenkian, 1985.
- GUISAN, Pierre. *Línguas em contato no Sudeste da Ásia. O caso do kristang*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1992. Dissertação de Mestrado.
- HAAN, Dr. F. de. *Oud Batavia*. Batavia, Société des Arts et Sciences de Batavia, 1919.
- LOPES, David de Melo. *A expansão da língua portuguesa no Oriente durante os séculos XVI, XVII e XVIII*. Barcelos, Portucalense Editora, 1936.
- MARRE. Notice sur la langue portugaise dans l'Inde française et en Malaisie. In: *Annales de l'Extrême-Orient*, 1881.
- PIRES, Tomé. *A Suma Oriental*. Coimbra, Acta Universitatis Conimbrigensis, 1978.
- REGO, Pe. António da S. *Dialecto Português de Malaca. Apontamentos para os seu estudo*. Lisboa, Agência Geral da Colónias, 1942.
- SANTA MARIA, Luigi. *I prestiti portoghesi nel Malese-Indonesiano*. Napoli, Istituto Orientale di Napoli, 1967.
- SCHUCHARDT, Hugo. *Pidgins and Creole Languages. Selected Essays*. London, Cambridge University Press, 1980.
- SANTA MARIA, Bernard. *My people, my country*. Malaca, Malaca Portuguese Development Centre, 1982.
- THOMAZ, Luís Felipe. A língua portuguesa em Timor. In: *Actas do Congresso sobre a situação actual da língua portuguesa no mundo*. Lisboa, Instituto de Cultura e de Língua Portuguesa, 1985.
- VIANA, Gonçalves. Vocabulário malaio derivado do português. In: *Revista Lusitana*, Lisboa, tomo VIII, 1902-1904.

CENTENÁRIO DE PAULO RÓNAI

Rosalvo do Valle
(UFF, ABRAFIL, LLP)

A Academia Brasileira de Filologia comemorou o centenário de nascimento desse notável humanista húngaro-brasileiro em dois momentos. Homenageou-o na sessão de 14 de abril de 2007 com a palestra “Paulo Rónai, o latinista”, e na VI Semana Nacional de Língua Portuguesa, como patrono do Seminário Sobre Ciências da Linguagem, com intensa programação realizada de 2 a 6 de julho na Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Também desta vez o autor destas linhas mereceu a honra de ser o porta-voz de seus colegas acadêmicos, e, num vôo mais ousado, estendeu suas considerações, ao falar sobre “O humanista Paulo Rónai” – agora, para honra ainda maior do orador, com a presença da filha, a jornalista Cora Rónai.

2. Fica-lhe muito bem, ao nosso homenageado, chamá-lo de humanista, termo abonado em português desde o século XVI (bem antes de humanismo, que é do século XIX), para designar “o que é muito versado em humanidades”, “cultor do estudo das belas-letas” (como registra o dicionário de Aulete), ou cultor dos estudos clássicos. Nascentes, sempre atilado etimólogo, lembra a associação que os romanos faziam entre *humanitas* (como traduziram o grego *paidéia*) – “natureza humana, afeição humana, cultura do espírito, polidez” – e a cultura literária (*humaniores litterae*), que tornava o homem mais humano. (1)

O *Novo Dicionário Aurélio*, de que Paulo Rónai foi “colaborador especializado”, registra também em *humanista* o sentido de “partidário do humanismo filosófico”, entendido como “doutrina ou atitude que se situa expressamente numa perspectiva antropocêntrica, em domínios e níveis diversos, assumindo, com maior ou menor radicalismo, as conseqüências daí decorrentes”. (2)

Em qualquer desses sentidos, vejo em Paulo Rónai um autêntico humanista, que nunca esqueceu (ao contrário, sempre pôs em prática) o conhecido *homo sum*, de Terêncio: “Sou homem e nada do que é humano julgo alheio a mim”. Sua vida e sua obra só confirmam nosso juízo sobre esse “homem dos sete instrumentos”, como disse Aurélio Buarque de Holanda Ferreira: “professor, tradutor (sabe umas dez línguas, sem contar as universais), editor literário,

antologista, autor didático (boa porção de obras de francês e latim), crítico, ensaísta, conferencista (que já tem andado pelo Brasil e pelo estrangeiro)... romancista... e teatrólogo” (3, p. 12-13).

3. Paulo Rónai nasceu em Budapeste no dia 13 de abril de 1907. Sofreu os horrores da Primeira Guerra Mundial, de 1914, quando, com os cinco irmãos, teve de suportar por três anos a ausência do pai, convocado para o serviço militar, assumindo a mãe a direção da casa e da pequena livraria. Concluídos os estudos em Budapeste, ganhou uma bolsa do governo francês, passou mais de dois anos em Paris, e freqüentou a Sorbonne, onde começou a estudar Balzac, estudos que o capacitaram para a tese sobre o autor, defendida em 1930 na Universidade de Budapeste.

Em *Como aprendi o português, e outras aventuras*, Rónai fez um interessante registro não só de suas atividades como professor e tradutor, mas também da vida cultural de sua cidade:

Naquela época eu ensinava latim e italiano num ginásio de Budapeste. Uma vez por semana freqüentava um café onde se reuniam meus amigos lingüistas... Só interessados em idiomas exóticos, tinham verdadeira paixão pelas línguas difíceis e desprezavam minhas modestas excursões no domínio neolatino (4, p. 9).

Como tradutor, diz numa entrevista:

Eu traduzia do húngaro em francês para uma revista que se chamava *Nouvelle Revue de Hongrie*. Traduzia também poetas de várias línguas, sobretudo de latim, mas também do francês, do espanhol, e tinha um capricho, que era apresentar a literatura brasileira ao público húngaro. (5)

Seus contatos com o português (que lhe pareceu, de início, fácil demais) estão registrados, cronometricamente, em *Como aprendi o português*. Vale a pena transcrever pelo menos dois parágrafos:

Lembro-me ainda do dia em que o primeiro livro português me veio ter às mãos. Foi uma antologiazinha *As Cem Melhores Poesias Líricas da Língua Portuguesa*, de Carolina Michaëlis. Possuía outras antologias da mesma coleção: a francesa, a italiana, a espanhola. Inferi que devia haver uma portuguesa também, e mandei-a vir da Livraria Perche, de Paris...

O livrinho chegou-me às nove da manhã num dia das férias de Natal. Às dez, já eu tinha descoberto o único dicionário português existente nas livrarias de

Budapeste, o de Luísa Ey, com tradução alemã. Atirei-me então às poesias com sôfrega curiosidade. Às três da tarde, o soneto “Sonho Oriental”, de Antero, estava traduzido em versos húngaros; às cinco, aceito por uma revista, que o publicaria pouco depois (4, p. 10).

Mestre na arte do *savoir-faire*, correspondia-se com muitos escritores, entre os quais Ribeiro Couto, cônsul do Brasil na Holanda, de quem havia traduzido o poema “A Moça da Estaçãozinha Pobre”, que publicou, em 1939, numa antologia da poesia brasileira, intitulada *Mensagem do Brasil*. Diz Paulo Rónai na entrevista referida que a antologia “saiu no primeiro dia da Segunda Guerra”, e acrescenta, com o humor que lhe é característico, um tópico do nosso “Correio da Manhã”:

Enquanto a guerra se aproxima, a cada espaço na Hungria, um maluco de Budapeste está traduzindo poesia brasileira. (5)

Ribeiro Couto, de quem veio a tornar-se amigo (Rónai foi também mestre em fazer amigos), foi providencial na sua vinda para o Brasil, conseguindo-lhe o visto de entrada em sua segunda pátria – não sem antes ter sofrido os horrores de um campo de concentração nazista, prisioneiro seis meses numa ilha do Danúbio. Para o bem de todos nós, Rónai conseguiu fugir:

Quando nos deixaram sair durante o inverno, eu aproveitei a brecha e saí de lá. Deixei a Hungria em 28 de dezembro de 1940. (5)

A vinda para o Brasil merece uma releitura do final de *Como aprendi o Português*, um texto delicioso que eu gostaria de transcrever e que recomendo particularmente ao meu leitor, pela graça com que fala de diferenças entre a pronúncia lusitana e a nossa. (4, p. 14 e 15)

Rónai, afinal, chegou ao Brasil em 3 de março de 1941. Os sete sobreviventes de sua família, inclusive sua mãe, chegaram em 1946, um ano depois de ele ter-se naturalizado brasileiro. Casou-se em 1952 com Nora Tausz, judia italiana, também imigrante, nascida em Fiume, professora, arquiteta e nadadora premiadíssima, aqui e no exterior. Um casamento de quarenta e um anos felicíssimos, como diz Nora Rónai numa entrevista recente, com um marido “o máximo de atencioso, generoso, manso”. Por sua vez, Paulo Rónai diz noutra entrevista: “Nora foi o fato mais importante da minha vida, junto de minhas filhas Cora e Laura”. A primeira, jornalista, e a segunda, flautista, povoaram

com os netos o Sítio Pois é, em Friburgo, RJ, onde, a partir de 1977, o casal foi morar – um lugar quase mítico, visitado por “monstros” e plantado de poemas, de onde Paulo Rónai só saiu quando nos deixou, definitivamente, no primeiro dia de dezembro de 1992.

4. Mas, estávamos dizendo que Rónai chegou ao Brasil no dia 3 de março de 1941. Uns quinze dias depois, deu-se um encontro, na verdade, surpreendente com Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, que secretariava e revisava a Revista do Brasil. Rónai foi levar-lhe um artigo, *Viajantes húngaros no Brasil*, escrito em francês. Aurélio pediu-lhe que voltasse, mas com o artigo traduzido em português.

A tradução foi aprovada, depois de inúmeras correções de Aurélio Buarque de Holanda e de um diálogo que merece transcrição:

Mas esta tradução está horrível. Quem fez? Eu disse que tinha sido eu... Ele, então, perguntou: “Há quanto tempo o senhor está no Brasil?” Respondi: “Há quinze dias” E ele disse: “Ah, então a tradução está magnífica. Vou lhe mostrar o que há de errado”. E aí começou a explicar os meus erros. Assim é que ele abandonou a revisão e começou a conversar comigo. (5)

Mais do que a correção e explicação dos erros, bem como dos acertos para troca de aulas de latim e de português, aí começou uma amizade de quarenta e oito anos (Aurélio morreu em 1989) – “plenos, inteiros, sem lacunas ou fissuras”, como disse o próprio Aurélio, em 1975, do brasileiro Paulo Rónai na 2ª edição de *A Tradução vivida*. “Foi o meu grande amigo, o meu irmão brasileiro”, dirá Paulo Rónai de Aurélio na entrevista de 1991, aqui referida.

5. É impressionante verificar em textos de Rónai publicados a partir de 1943 (dois anos depois!) o pleno domínio da língua portuguesa, não só do léxico e do sistema gramatical, mas de recursos estilísticos, e da apreensão desses recursos em autores tão diversos como Drummond, Guimarães Rosa, Manuel António de Almeida, Lima Barreto, Jorge de Lima, Cecília Meireles, Graciliano Ramos – como comprovam os artigos reunidos em *Encontros com o Brasil*.

Com muitos deles Rónai conviveu – e conviveu fraternalmente –, deixando-nos, além de percucientes apreciações de suas obras, o testemunho incomum de sabedoria nessa difícil arte de conviver com os outros: Aurélio o tem como “amigo perfeíssimo”; Drummond, a quem dedica *Escola de Tradutores*, é padrinho de Laura; Cecília Meireles é madrinha de Cora; Astrogildo Pereira levou-o para conhecer o cenário de *Memórias de um Sargento de Milícias*, que Rónai traduziu em francês; gostava muito de Otto Maria Carpeaux, seu

vizinho; a Guimarães Rosa, a quem deve a entrada de sua família no Brasil, visitava com frequência no Itamaraty; “aos queridos amigos” Dinah Silveira de Queiroz e Dário Castro Alves oferece *A tradução vivida*; a Rachel de Queiroz, *Como aprendi o português, e outras aventuras*; no prefácio de *Pois é* agradece “ao bom amigo Prof. Gilberto Mendonça Teles” o estímulo para a publicação da obra...

Os leitores poderão facilmente colher esses registros de amizade, aos quais acrescentará outros em que o autor não conseguiu conter o ímpeto da cordialidade espontânea que perpassa pelos seus textos. No prefácio de *Pois é* pede aos leitores que não reclamem, “se em alguns trabalhos não encontrarem o distanciamento sentimental tão desejável no ensaio”. Veja, porém, o leitor se é cabível exigir esse distanciamento de um autor que, ao falar de um “tradutor ideal”, Agenor Soares de Moura, que se ocultava com as iniciais C.T. ao assinar, por dois anos, “À margem das Traduções” do Suplemento Literário do *Diário de Notícias* (1944) – veja, leitor, se tem sentido alguma reclamação de um autor, mestre incontestável do assunto, que termina assim o seu texto de 1957, reproduzido em *Encontros com o Brasil*:

A notícia de sua morte colheu-me de improviso. Senti profundamente a sua perda, não obstante a pouca frequência de nossos encontros pessoais. Ao reler, recentemente, esse tratado precioso, que é formado pela coleção dos recortes de “À margem das Traduções”, conservada por seu filho Marcelo Siqueira Soares de Moura, pude medir, em toda a sua extensão, a falta que nos faz essa figura grave e discreta de mineiro, padrão de erudição européia numa casinha de Barbacena (6, p. 227).

6. Mestre na arte da amizade, Rónai não poderia ser outro na arte de ensinar – precisamente aquela para a qual se sente predestinado: “Escritor nas horas vagas, sou professor por vocação e destino”. Convido o leitor para uma releitura dos quatro monólogos de um professor de línguas, na mesma obra: “O latim e o sorriso”, “Francês ou Inglês?”, “Uma geração sem palavras” e “Examinando os nossos exames”. (4, p. 51 a 68). Em cada um, o comentário sábio, a lição erudita sem pedantismo, a observação aguda de deficiências de nosso sistema escolar, a percepção clara da falta de leitura dos alunos... Mas nas críticas, feitas sempre com humor, não falta a contraparte construtiva, revelando o educador que nos dá lições da melhor pedagogia, esquivando-se embora de assumir esse papel, ao dizer, com humildade, que não pretende “dar palpites de metodologia”. Ensinando latim ou ensinando francês, esse professor pre-

destinado sentia-se sempre feliz “no meio dos moços”, o que lhe dava a “ilusão de envelhecer menos rapidamente do que aqueles que passam a vida inteira entre adultos solenes e estereotipados”. Não só por isso, certamente. O que lhe dava esse ar de felicidade era, digamos um tanto pedantemente, seu *amor paedagogicus*, que dispensa tradução. Em Paulo Rónai docência e discência são inseparáveis e se complementam.

7. Para aprendizes de latim Paulo Rónai escreveu os quatro volumes dos *Gradus*, série didática de iniciação em que prioriza os textos, cuidadosamente organizados segundo os programas oficiais. Continua atualíssima esta lição no prefácio da 1ª edição do *Gradus Primus*, de 1943:

Era também minha ambição redigir uma obra rigorosamente metódica, em que a leitura e a gramática sempre andassem juntas. Em cada lição coloquei no primeiro plano o texto que deve servir de ponto de partida a todo o ensinamento. Dos fatos gramaticais observados nesse texto é que parte cada vez a explicação gramatical... Nunca é a gramática um fim em si: é um meio que vem em auxílio dos alunos no momento necessário. (7)

Esse método, porém, não impede que o autor vá iniciando os alunos na leitura dos textos latinos originais, total ou parcialmente, acrescentando-lhes comentários culturais para ingresso na latinidade.

Como latinista, a bibliografia de Paulo Rónai, de nosso conhecimento, inclui o *Dicionário Gramatical Latino* (Editora Globo S.A.), *Não perca o seu latim* (Editora Nova Fronteira); a tradução de um texto de Apuleio, *Amor e Psique* (Civilização Brasileira); artigos, como *L'influence de la langue latine sur la langue et la littérature hongroises*, publicado na revista *Romanitas*; *O latim e o sorriso*, já referido; *Mecenas sem roupagem*, incluído em *Encontros com o Brasil*; prefácios, como *Vale ainda a pena ler a “Eneida”?* reproduzido em *Pois é*; e os muitos e sempre sólidos comentários a traduções de clássicos latinos, feitas em várias línguas, alguns dos quais se podem ler em *A tradução vivida*. Chamo atenção para as onze traduções de apenas três versos da *Eneida* (IV, 90-92), escolhidos ao acaso, e para as finas anotações de um mestre que sabia a língua original e sabia as línguas dos tradutores (inglês, francês, italiano, espanhol, alemão e português).

8. Admirável em Paulo Rónai a capacidade de conviver com as diferenças – o que do ponto de vista lingüístico creio que se pode aplicar à compreensão, sem preconceitos, das variedades de uma língua. Refiro-me ao fato de que esse leitor dos clássicos latinos – deslumbrado com Virgílio, em cujos versos sentia

“um prazer quase sensual”, apaixonado por Horácio e pelos poetas do amor (Catulo, Tibulo, Propércio, Ovídio) – esse *homo cordialis* (*cordialis* não é clássico, mas se aplica muito bem a Paulo Rónai) soube apreciar com igual sensibilidade os *Carmina Drummondiana*, cinqüenta e dois poemas de Drummond traduzidos em latim por Silva Bélkior, seguro latinista, filólogo, tradutor, crítico textual e grande estudioso da latinidade brasileira. O texto que transcrevo é da carta que Rónai escreveu a Silva Bélkior em 1978, e está na obra citada:

Trata-se de trabalho de extraordinário virtuosismo, que demonstra ao mesmo tempo conhecimento invulgar da língua latina e extraordinária sensibilidade literária. Achei deveras notável que o Senhor também tenha optado pelo latim decadente, com sua riqueza bizantina e suas expressivas corruptelas. Aprendi, aliás, em suas traduções muitos termos e modismos que não conhecia. (8)

9. Na área de francês, Paulo Rónai foi catedrático do Colégio Pedro II, tendo apresentado a tese *Um romance de Balzac: A pele de Onagro* (1952), e lecionou em colégios particulares. Como sempre associou aulas e publicações, é autor ou co-autor de séries didáticas de língua e literatura para o ensino médio da época. Além disso, publicou outros trabalhos: *Dicionário essencial francês-português e português-francês*; *Dicionário francês-português* (ambos da Nova Fronteira); *Guia Prático da tradução francesa, Gramática completa do francês moderno* (J. Ozon Editor); *Introdução à Língua Francesa* (no vol. VI da *Enciclopédia Delta Larousse*); *Os verbos franceses ao alcance de todos* (Editora Didática. Irradiante).

Não é fora de propósito registrar que pelo sólido conhecimento do francês e pelas relações culturais com a França, Paulo Rónai foi convidado pelo Prof. Jean Rose, Delegado-Geral da Aliança Francesa no Brasil, a fazer conferências sobre tradução no Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, em 1975 – conferências de que surgiu *A tradução vivida*.

10. Quanto ao tradutor, é Paulo Rónai considerado pelos especialistas como um mestre, não só da teoria da tradução, como da prática de bem traduzir. Na verdade, é um saber só de experiências feito, um saber que vem de longe e carrega um traço cultural húngaro que aprendemos com o próprio Rónai, em *Escola de Tradutores*:

Nasci num pequeno país colocado no âmago da Europa, no cruzamento das mais variadas correntes espirituais, mas de idioma completamente isolado. Preocupados com a sua integração espiritual na comunidade européia, os intelectuais de todas as épocas não somente estudavam línguas, mas se empenhavam em traduzir as

obras-primas das literaturas estrangeiras. A bagagem poética dos maiores poetas magiares sempre inclui traduções... Na Hungria, as traduções eram sempre comentadas e discutidas, pelo menos tanto quanto as obras originais. (9, p. 29).

Rónai é um esplêndido exemplo dessa tradição cultural. Traduzindo de várias línguas, revendo traduções ou enriquecendo-as com notas e comentários, como fez com os dezessete volumes de *A Comédia Humana* (segundo Aurélio Buarque de Holanda foram mais de doze mil anotações) – Paulo Rónai pôs em prática a fundamentação teórica que se lê, por exemplo, em *Escola de Tradutores e A Tradução Vivida*.

A importância desse aspecto de sua obra não passou despercebida dos meios universitários, e tem motivado trabalhos de pós-graduação, como a tese de doutorado de Marileide Dias Esqueda, *O tradutor Paulo Rónai – o desejo da tradução e do traduzir*. A autora, cuja motivação inicial foram “algumas das notas de rodapé de Paulo Rónai na tradução para a língua portuguesa da obra *A Comédia Humana* de Balzac”, inicia sua tese com esta afirmação consagrada: “Nada do que pensamos hoje sobre a tradução no Brasil seria possível sem as intervenções anteriores de Rónai. Construir esta tese, portanto, é reconhecer que não se pode negar a assinatura de Rónai. Revisitemos um clássico. Estudemos tradução no Brasil a partir do que nos fala Rónai”. (10, p. 5)

11. Professor, tradutor, ensaísta, crítico literário, editor... Paulo Rónai, como disse Gilberto Mendonça Teles, é bem o homem que “realmente *sabe ler* e transformar em metalinguagem a sua experiência de leitor culto”. (11) No Sítio *Pois é* – um autêntico *locus amoenus* da tradição clássica e medieval, a julgar pelo lindo poema de Gilberto Mendonça Teles *Pois é* publicado em *A Hora Aberta* – organizou sua última seleção de ensaios, sempre tão agudos, tão agradáveis de ler, tão cheios daquela verdadeira sabedoria que eu aprendi com Alceu Amoroso Lima, mestre inesquecível, ser a sabedoria do coração. No caso de Paulo Rónai, isso tem pleno sentido, quando lembramos que para os antigos o coração era considerado a sede das idéias, pensamentos e volições. E os autores cristãos enriqueceram o campo semântico de cor, cordis, coração, entendendo-o como *anima, animus, mens, ratio, intellectus*, etc.

Sempre que releio Paulo Rónai vem-me à lembrança aquele trecho de uma epístola de Horácio (1,11,27), transcrita em *Não perca o seu latim: Caelum, non animum, mutant qui trans mare currunt*, “*Mudam de céus, não de espírito, os que transpõem o mar.*” (12)

Na Hungria, como no Brasil, o nosso Paulo Rónai, que nos chegou de navio, revela sempre o mesmo *animus*, quer dizer, o mesmo espírito, o mesmo

coração, a mesma inteligência – rica sinoníma que se aplica tanto ao texto horaciano, quanto a Paulo Rónai, cujo centenário de nascimento a cultura e a latinidade brasileiras festejam com imenso júbilo.

Rio de Janeiro, 11/7/2007.

Referências

- (1) NASCENTES, Antenor. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, 1932.
- (2) FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, 1ª edição (2ª impressão), Editora Nova Fronteira. Rio de Janeiro, 1975.
- (3) RÓNAI, Paulo. *A tradução vivida*, 2ª edição, revista e ampliada, Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1981.
- (4) _____. *Como aprendi o português, e outras aventuras*, Segunda edição, revista, Editora Artenova S.A., Rio de Janeiro, 1975.
- (5) *Faz 50 anos que o Tradutor e Ensaísta chegou ao Brasil – Paulo Rónai*. Entrevista com Nelson Ascher e Alcino Leite Neto, publicada na Folha de São Paulo em 27/4/1991.
- (6) RÓNAI, Paulo. *Encontros com o Brasil*, Ministério da Educação e Cultura, Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1958.
- (7) _____. Prefácio reproduzido em *Curso Básico de Latim - I - Gradus primus*, Editora Cultrix, São Paulo, 1980.
- (8) BÉLKIOR, Silva e ANDRADE, Carlos Drummond de. *Carmina Drummondiana*, Editora Universidade de Brasília, Salamandra, 1982, p. 142.
- (9) RÓNAI, Paulo. *Escola de Tradutores – Cadernos de Cultura – Ministério da Educação e Saúde - Serviço de Documentação*
- (10) ESQUEDA, Marileide Dias. *O tradutor Paulo Rónai – o desejo da tradução e do traduzir*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, SP, 2004.
- (11) RÓNAI, Paulo. *Pois é*, Ensaios, Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1990
- (12) _____. *Não perca o seu latim*, 2ª edição, revista e ampliada, Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1980, p. 37.

ÍNDICE ACUMULATIVO

Confluência – Volumes 1 a 31

1º semestre de 1991 a 1º semestre de 2006

Adriana Villaça (ABL)
Durval Vieira (ABL)

Nota explicativa

No início do mês de março de 2007, o acadêmico Evanildo Bechara convidou a mim e ao bibliotecário Durval Vieira para fazermos a indexação e o índice da revista *Confluência* – do Instituto de Língua Portuguesa do Liceu Literário Português – que vai desde o ano de 1991 até o ano de 2006 com 31 volumes.

Para realizar a indexação e o índice acumulativo da revista *Confluência* foram elaboradas algumas etapas de operacionalização:

1. Levantamento em todos os números: autor, título e palavra-chave;
2. Revisão e transformação da palavra-chave para descritores;
3. Montagem do índice acumulativo com aplicação do software adobe pagemaker.

Na montagem do índice acumulativo foram aplicadas as regras técnicas de biblioteconomia:

- Índice de autor, título e de assunto, de acordo com as Normas da ABNT (NBR-6034);
- Indexação: foi usada a linguagem natural controlada (lista de descritores padronizados com eliminação de sinônimos);
- Arranjo alfabético de A-Z do índice;

- Índice de autor, título e assunto são remetidos à revista segundo os volumes e as páginas que aparecem impressas, da seguinte forma:

2 111-112

Entende-se

Número 2 e páginas 111 a 112

- O autor com sobrenome em CAIXA ALTA, o título normal como aparece na íntegra e o assunto em CAIXA ALTA E NEGRITO, da seguinte forma:

LIMA, Carlos Henrique da Rocha (como autor)

LIMA, Carlos Henrique da Rocha (como assunto)

- Aplicação da remissiva (ver) quando necessária no índice, para controle de vocabulário, da seguinte forma:

Dêictico ver Dítico

- A -

À língua portuguesa por Sílvio Elia	17-18	8
Anos de Eça de Queirós. Anais do III Encontro Internacional de Queirosianos, publicado pelo Centro de Estudos Portugueses da Universidade de São Paulo, 150	15	124-125
Anos de Brasil, 500 por Sílvio Elia	17-18	222-251
A propósito de <i>eis</i> por Vittorio Bergo	3	61-64
A propósito de se rever um algoritmo de transcrição para o português brasileiro: considerações sobre o Vocabulário ortográfico da língua portuguesa por Jedicaia Sabará Silva, Maria Carlota Rosa, Fernando Gil V. Resende Junior, Filipe Leandro Barbosa	27-28	157-166
A propósito de um dicionário de frequência por Antônio Geraldo da Cunha	8	31-55
A propósito do recente Dicionário da literatura medieval, galega e portuguesa por Heitor Megale	7	19-32
A propósito dos pronomes possessivos do português por Luiz M. M. de Barros e Terezinha Bittencourt	27-28	119-147
AAVV. I Colóquio Cuba-Brasil de Terminologia	16	118-119
Abre-se mais uma legislatura por Sílvio Elia	17-18	187-188
ABREU, Alberto de Comemoração de aniversário de trabalho de Alberto de Abreu, no dia 24 de março de 1998	15	140
ABREU, Estela dos Santos Um valioso dicionário de provérbios	20	106-108
Absolvição de Collor pelo STF, A por Sílvio Elia	17-18	184-185
Academia Brasileira de Filologia Homenagem a Gladstone Chaves de Melo e Sílvio Elia, feita pela Academia Brasileira de Filologia, no dia 12 de setembro de 1998	16	132-133
Seminário de Língua Portuguesa, promovido pelo Colégio Pedro II e Academia Brasileira de Filologia, entre os dias 16 e 19 de novembro de 1998	16	130-131
Sessão comemorativa dos 50 anos da Academia Brasileira de Filologia, no dia 26 de agosto de 1994	8	101
Sessão de início das atividades culturais da Academia Brasileira de Filologia, no dia 25 de março de 1995	9	126
Academia Brasileira de Letras Antônio Gomes da Costa recebe a Medalha Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras, em 19 de dezembro de 1991	2	114

Dois novos livros da <i>Coleção Afrânio Peixoto</i> , da Academia Brasileira de Letras....	20	108-110
Revista brasileira, fase 7, a. 3, n. 10, publicado pela Academia Brasileira de Letras	15	130-131
Seminário Camões-Letras (2, Rio de Janeiro, 1995), promovido pelo Real Gabinete Português de Leitura, Academia Brasileira de Letras e Fundação Biblioteca Nacional, entre os dias 12 e 14 de setembro de 1995.....	10	125-126
Academia brasileira de Língua Portuguesa		
Língua portuguesa, publicação da Academia Brasileira da Língua Portuguesa	5	80
Academia Brasileira de Literatura de Cordel		
Sessão solene em preito de louvor e saudade a Augusto dos Anjos, realizado pela Academia Brasileira de Literatura de Cordel, em 15 de abril de 1995	11	124
Academia Cearense da Língua Portuguesa		
Academia Cearense da Língua Portuguesa, boletim informativo.....	3	119
Comemoração do 18º aniversário da Academia Cearense da Língua Portuguesa, no dia 28 de outubro de 1995.....	10	119
Academia Cearense da Língua Portuguesa, boletim informativo.....	3	119
Academia Cearense de Ciências, Letras e Artes do Rio de Janeiro		
Anuário da Academia Cearense de Ciências, Letras e Artes do Rio de Janeiro, a. 11, n. 8.	13	87-88
Academia Cearense de Língua Portuguesa		
Comemoração dos 17 anos de fundação da Academia Cearense de Língua Portuguesa, no dia 28 de outubro de 1994	8	103
Revista da Academia Cearense de Língua Portuguesa, a. 9-11, n. 9	15	130
Academia de Letras do Estado do Rio de Janeiro		
Posse na Academia de Letras do Estado do Rio de Janeiro de Ítalo de Saldanha da Gama, no dia 5 de maio de 1997	14	129
Academia Lusíada de Ciências, Letras e Artes		
Voz Lusíada: revista da Academia Lusíada de Ciências, Letras e Artes, n. 7-8	13	90-91
Academia Luso-Brasileira de Letras		
Revista luso-brasileira de letras, n. 4, publicado pela Academia Luso-Brasileira de Letras.....	15	131-132
Academia Portuguesa de História		
Academia Portuguesa de História presta homenagem a Joaquim Veríssimo Serrão	10	128
Academia Portuguesa de História presta homenagem a Joaquim Veríssimo Serrão	10	128
Acerca do texto reconstituído da Ode IX de Camões por Álvaro de Sá	13	57-68
Acordo ortográfico		
Pecado original do acordo breve, entrevista com Sílvio Elia, catedrático brasileiro, O	17-18	79-82
Acta Universitatis Conimbrigensis, dirigido por Aníbal Pinto de Castro.....	11	99-100

Actas da II Jornadas UFF de Cultura		
Galega.....	11	90-91
Actas do Congresso Internacional Comemorativo do IV Centenário da Morte de D. Frei Bartolomeu dos Mártires	9	103
Acusativo latina e a língua portuguesa, O por Castelar de Carvalho.....	24	104-112
Aditamento ao Índice do vocabulário do português medieval por Antônio Geraldo da Cunha	3	23-35
Adjetivação		
Um aparente desconcerto de adjetivação em Camões e as áreas semânticas de puro n'Os Lusíadas.....	4	101-112
Adjetivo		
Conversão do adjetivo em advérbio em perspectiva sincrônica e diacrônica, A.....	25-26	175-192
Considerações sobre os tipos <i>ela fala esquisito</i> e <i>ela chega cansada</i> no português coloquial e literário do Brasil e de Portugal.....	24	43-70
Advérbio		
Considerações sobre os tipos <i>ela fala esquisito</i> e <i>ela chega cansada</i> no português coloquial e literário do Brasil e de Portugal.....	24	43-70
Conversão do adjetivo em advérbio em perspectiva sincrônica e diacrônica, A.....	25-26	175-192
Propósito de <i>eis</i> , A.....	3	61-64
Afinal, quem é a mulher de verdade? – um estudo lexical, antes do mais por Maria Emília Barcellos da Silva.....	31	167-181
África		
Crioulos portugueses em África e no Oriente.....	12	59-72
Lusografia africana, A.....	29-30	91-98
Simpósio Internacional sobre a língua portuguesa em África e no Oriente	10	111-118
Africanismo		
Presença africana nos falares nordestinos, A.....	12	87-100
Agália, revista da Associação Galega da Língua, n. 25.....	3	118
Agália: revista internacional da Associação Galega da Língua, n. 45.....	13	82-83
Agostinho da Silva (1906-1994) por Sílvio Elia	7	73
AGUIAR, Antônio Martinz de ver AGUIAR, Martinz		
AGUIAR, Martinz		
Centenário de nascimento de Antônio Martinz de Aguiar, no dia 4 de março de 1993.....	5	109-110
Repasso crítico da gramática portuguesa, de Martinz Aguiar.....	15	133-134
AIDS		
por Sílvio Elia.....	17-18	190
AIDS (Doença)		
AIDS.....	17-18	190

AIDS X Carnaval.....	17-18	190-191
Combate à AIDS	17-18	191-192
AIDS X Carnaval por Sílvia Elia	17-18	190-191
ALBINO, Cristina Filólogos portugueses entre 1868 e 1943, de Luís Prista; Cristina Albino.....	13	119-122
ALERJ extingue 787 cargos, A por Sílvia Elia	17-18	194
ALGE, Carlos d' Sal da escrita, de Carlos d'Alge, O.....	14	108-109
ALI, Said Fontes para o estudo da vida e obra de Manuel Said Ali.....	5	48-59
ALMEIDA SENNA, Homero de ver SENNA, Homero		
ALMEIDA, Napoleão Mendes de Falecimento de Napoleão Mendes de Almeida, no dia 24 de abril de 1998.....	15	140-141
ALTMAN, Cristina Depoimentos sobre Mattoso Câmara.....	27-28	41-48
ALTMAN, Cristina Pesquisa lingüística no Brasil, de Cristina Altman, A.....	16	116-118
ALVAREZ, Reynaldo Valinho Galope do tempo, de Reynaldo Valinho Alvarez.....	16	124-125
Reynaldo Valinho Alvarez agraciado com o Prêmio Literário Camaio de Poesia.....	17-18	303
ALVES, Márcio Moreira Sobre a nossa unidade lingüística. (Do artigo Língua e cultura).....	11	71
Amadeu Amaral por Sílvia Elia	7	9-17
AMARAL, Amadeu Amadeu Amaral	7	9-17
De Amadeu Amaral, o saber pluralizado	29-30	69-81
Homenagem a Amadeu Amaral	7	7-8
Amor sem mácula, de Antero de Macedo.....	11	86
Anáfora Dêicticos e anafóricos na língua portuguesa.....	2	25-33
Anais do VII Encontro Nacional de ANPOLL	8	95
Anais do XXVIII Congresso Brasileiro de Língua e Literatura, editado pela Sociedade Brasileira de Língua e Literatura.....	15	123
Análise crítica Análise crítica do projeto da ortografia unificada da língua portuguesa.....	27-28	175-198
Herança de Cândido de Figueiredo, A.	22	218-223
Ozanam: cultura e erudição	22	161-164

Presença de Ozanam, A	22	155-161
Professor de português ante problemas do ensino: análise crítica de seu desempenho em um concurso público, O	23	84-101
Análise crítica do projeto da ortografia unificada da língua portuguesa por Edmilson Monteiro Lopes	27-28	175-198
Análise crítica do Projeto da ortografia unificada da Língua Portuguesa, de Edmilson Monteiro Lopes	6	99
Análise de textos orais, organizado por Dino Preti	16	112-113
Análise do discurso		
Discurso atributivo em Esaú e Jacó, O	27-28	209-222
Modos de falar do escravo nos anúncios de jornal, Os	20	85-93
Análise literária		
Antiguidade clássica na obra de Machado de Assis, A.	22	204-214
De Amadeu Amaral, o saber pluralizado	29-30	69-81
Em busca da palavra exata: Graciliano Ramos, perfeccionista	8	57-67
Machado de Assis, defensor do homem	22	196-203
Morfologia na obra de Mattoso Câmara, A.	29-30	239-247
Vozes de cultura clássica na lira de Manuel Bandeira: II – da sua formação latina aos ritmos inumeráveis	29-30	151-173
Anchieta – polêmica inútil por Antônio Gomes da Costa	14	5-7
Anchieta e a evangelização do Brasil por Sílvia Elia	17-18	207-222
ANCHIETA, José de		
Anchieta – polêmica inútil	14	5-7
Anchieta e a evangelização do Brasil	17-18	207-222
Padre José de Anchieta, o <i>Apóstolo do Brasil</i> : patrono da cadeira número 1 da Academia Brasileira de Letras	14	85-106
ANDRADE, Mário de		
Mário de Andrade e a língua brasileira	17-18	83-93
Mário de Andrade, gramático	17-18	100-104
Angola		
Lusografia em Angola e Moçambique: implicações educativas	11	25-31
Particularidades morfosintáticas do português de Angola e Moçambique	12	27-58
Aniceto dos Reis Gonçalves Viana por Evanildo Bechara	23	11-12
Aniceto dos Reis Gonçalves Viana por José A. Peral Ribeiro	23	13-18
Aniversário		
Actas do Congresso Internacional Comemorativo do IV Centenário da Morte de D. Frei Bartolomeu dos Mártires	9	103
Aniversário do Dr. Antônio Gomes da Costa, no dia 27 de janeiro de 1994	7	114-115

Centenário de nascimento de Antônio Martinz de Aguiar, no dia 4 de março de 1993.....	5	109-110
Cinqüentenário da morte de Leite de Vasconcelos	2	11-13
Coimbra: 700 anos.....	1	85
Comemoração 159º aniversário de fundação do Real Gabinete Português de Leitura	11	126
Comemoração de aniversário da Casa das Beiras, no dia 19 de novembro de 1997.....	14	130-131
Comemoração de aniversário do Liceu Literário Português, no dia 24 de setembro de 1997	14	129
Comemoração de aniversário do Real Gabinete de Leitura, no dia 14 de maio de 1997.....	14	129-130
Comemoração de aniversário do Real Gabinete Português de Leitura, no dia 18 de maio de 1998	15	136
Comemoração do 126º aniversário do Liceu Literário Português, no dia 12 de setembro de 1994	8	102
Comemoração do 18º aniversário da Academia Cearense da Língua Portuguesa, no dia 28 de outubro de 1995.....	10	119
Comemoração dos 17 anos de fundação da Academia Cearense de Língua Portuguesa, no dia 28 de outubro de 1994.....	8	103
Confluência congratula-se com Maximiano de Carvalho e Silva pela passagem dos 50 anos de seu magistério.....	10	130
Flores verbais, homenagem lingüística e literária Eneida do Rego Monteiro Bomfim, no seu 70º aniversário, organizado pelo Jürgen Heye	11	88
José Hermano Saraiva no Liceu Literário Português.....	20	139-141
Lançamento da obra <i>Antônio Houaiss: uma vida</i> , em comemoração dos 80 anos de Antônio Houaiss.....	10	119
Liceu, 5 bodas de prata	6	5-8
Liceu: novas energias.....	4	115-116
Sesquicentenário de um grande mestre.....	2	8-10
Sessão comemorativa do 125º aniversário da Fundação do Liceu Literário Português, realizada no dia 10 de setembro de 1993	6	113
Sessão comemorativa dos 50 anos da Academia Brasileira de Filologia, no dia 26 de agosto de 1994.....	8	101
Aniversário do Dr. Antônio Gomes da Costa, no dia 27 de janeiro de 1994	7	114-115
ANJOS, Agosto dos		
Sessão solene em preto de louvor e saudade a Augusto dos Anjos, realizado pela Academia Brasileira de Literatura de Cordel, em 15 de abril de 1995	11	124
Annali, Sezione Romanza	1	90
Ano Novo		
Show milionário no Ano Novo	17-18	192
Antenor Nascentes, o dialectólogo por Silvio Elia	1	21-36
Antenor Nascentes, romanista por Evanildo Bechara.....	1	37-42
Antigüidade clássica na obra de Machado de Assis, A.....	22	204-214

Antologias de antologias: 101 poetas brasileiros <i>revisitados</i> , de Magaly Trindade Gonçalves; Zélia Thomaz de Aquino; Zina Bellodi Silva	13	79-80
Antônio Geraldo da Cunha (9.3.1924-7.7.1999) por Evanildo Bechara.....	17-18	306
Antônio Gomes da Costa recebe a Medalha Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras, em 19 de dezembro de 1991	2	114
Antônio Houaiss (15.10.1915-7.3.1999) por Evanildo Bechara.....	17-18	304
Antonio Houaiss assumi o Ministério da Cultura	5	108
Antônio Ribeiro Chiado (autos e práticas), organização e fixação do texto e notas por Cleonice Berardinelli e Ronaldo Menegaz por Evanildo Bechara.....	7	81-82
Anuário da Academia Cearense de Ciências, Letras e Artes do Rio de Janeiro, a. 11, n. 8.....	13	87-88
Anúncio de jornal Modos de falar do escravo nos anúncios de jornal, Os.....	20	85-93
Ao nível original por Sílvio Elia	17-18	205-207
Aplicação da crítica textual a textos científicos como o de <i>Princípios de lingüística geral</i> , de Mattoso Câmara Jr. por Nilda Cabral.....	27-28	105-118
Apontamentos de leituras: I – lendo João Ribeiro, de Jesus Bello Galvão por Sílvio Elia	5	74
Aposentadoria Aumento de aposentados 7,76% é enganoso	17-18	199-200
Aposentados por Sílvio Elia	17-18	194-195
Apresentação por Antônio Gomes da Costa.....	17-18	9-10
Aprovação de Eugenio Coseriu, José Gonçalo Herculano de Carvalho e José van den Besselaar no Conselho Universitário da Universidade Federal Fluminense no dia 30 de agosto de 1995.....	10	129-130
Apuro da forma no Quincas Borba (Notas de estilística), O por Adriano da Gama Kury.....	1	50-58
AQUINO, Zélia Thomaz de Antologias de antologias: 101 poetas brasileiros <i>revisitados</i> , de Magaly Trindade Gonçalves; Zélia Thomaz de Aquino; Zina Bellodi Silva	13	79-80
ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de Presença africana nos falares nordestinos, A	12	87-100

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de

Conto popular na Paraíba (um estudo lingüístico-gramatical), de Maria do Socorro Silva de Aragão et al., O.....	5	71
Linguagem falada em Fortaleza (diálogos entre informantes e documentadores), organizado por Maria do Socorro Silva de Aragão e Maria Elias Soares, A.....	15	128-129
Linguagem regional popular na obra de José Lins do Rego, de Maria do Socorro Silva de Aragão, A.....	2	83-84
Arase caótica, de Francisco de Assis Dantas, A.....	13	118

ARAUJO, Antonio Martins de

Brasiliana da Biblioteca Nacional. Guia de fontes sobre o Brasil, organizado por Paulo Roberto Pereira	24	164-166
Caminhos do português, organizado por Maria Helena Mira Mateus	23	140-142
Grammatical da linguagem portuguesa e os índices Maruyama da ortografia lusitana quinhentista, organizado por T. Maruyama, A.	24	159-164

ARAÚJO, Antônio Martins de

Jornada do Maranhão (ortografia, morfossintaxe, estilo e léxico), de Antônio Martins de Araújo, A.....	5	76-77
--	---	-------

ARMOND, Fátima Grandin

Índice da Confluência 1 a 16.....	17-18	307-326
-----------------------------------	-------	---------

Arquivo Mattoso Câmara

por Evanildo Bechara.....	27-28	275
---------------------------	-------	-----

ARRUDA, Clemildo Lyra

Falecimento de Clemildo Lyra de Arruda e Ovídio Cunha	13	127-128
---	----	---------

Ars recte loquendi: constituição da gramática brasileira novecentista

por Mauricio Silva	25-26	234-242
--------------------------	-------	---------

Arte da grammatica da língua portugueza

Edições da Arte da grammatica da língua portugueza de Antônio José dos Reis Lobato, As.....	15	68-84
---	----	-------

Arte e Furtar

Enigma da Arte de furtar, O.....	17-18	118-127
----------------------------------	-------	---------

Artigo

Artigo definido nas línguas românicas, O.....	20	53-58
---	----	-------

Artigo definido nas línguas românicas, O

por Viviane Cunha	20	53-58
-------------------------	----	-------

Ásia

Crioulos portugueses em África e no Oriente.....	12	59-72
Simpósio Internacional sobre a língua portuguesa em África e no Oriente	10	111-118

Aspecto verbal perifrástico em português contemporâneo (visão funcional/sincrônica), de Henrique Barroso, O.

.....	15	122-123
-------	----	---------

Aspectos da receptividade aos acordos ortográficos

por Edith Pimentel Pinto.....	3	17-21
-------------------------------	---	-------

Aspectos diacrônicos e sincrônicos da língua portuguesa por Horácio Rolim de Freitas.....	20	69-83
Aspectos lexicais do português do Brasil no século XIX por Castelar de Carvalho.....	31	203-221
ASSIS, Joaquim Maria Machado de ver ASSIS, Machado de		
ASSIS, Machado de Na arca três capítulos (inéditos) do Gênesis	1	78
ASSIS, Machado de		
Antigüidade clássica na obra de Machado de Assis, A.....	22	204-214
Apuro da forma no Quincas Borba (Notas de estilística), O.....	1	50-58
Crônicas de Machado de Assis ou crônicas machadianas?: (aspectos lingüísticos do problema).....	16	94-103
Discurso atributivo em Esaú e Jacó, O.....	27-28	209-222
Jean-Michel Massa dirige equipe, cujo objetivo é a edição das obras completas de Machado de Assis.....	10	129
Machado de Assis e sua orfandade às avessas.....	16	104-105
Machado de Assis, defensor do homem.....	22	96-203
Uma página (quase) inédita de Machado de Assis	1	78
Associação Alemão de Romanistas		
Congresso Alemão de Romanística (24, Münster, 1995), organizado pela Associação Alemão de Romanistas, entre os dias 25 e 28 de 1995	11	73-76
Associação de Pesquisadores do Manuscrito Literário		
Encontro internacional, sob a epígrafe <i>Gênese e memória</i> , realizado pelo Instituto de Estudos Brasileiros, da Universidade de São Paulo e Associação de Pesquisadores do Manuscrito Literário, entre os dias 26 de agosto e 1º de setembro de 1994.....	8	102
Associação dos Professores de Literatura Portuguesa do Estado do Rio de Janeiro		
Criação da Associação dos Professores de Literatura Portuguesa do Estado do Rio de Janeiro (APLIPERJ), em 1985.....	1	110
Associação Galega da Língua		
Agália, revista da Associação Galega da Língua, n. 25.....	3	118
Agália: revista internacional da Associação Galega da Língua, n. 45.....	13	82-83
Associação Internacional de Lusitanista		
Congresso da Associação Internacional de Lusitanista (6, Rio de Janeiro, 1998), entre os dias 8 a 13 de agosto de 1998.....	16	131
Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Lingüística		
Anais do VII Encontro Nacional de ANPOLL	8	95
Encontro Nacional da Anpoll (11, João Pessoa, 1996), entre os dias 2 e 6 de junho de 1995.....	11	127
Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Lingüística (10, João Pessoa, 1995), realizado entre os dias 4 e 8 de junho de 1995.....	9	126
Encontro Setorial do GT Historiografia da Lingüística Brasileira (3, Campinas, 1998) e Encontro Nacional da ANPOLL (13, Campinas, 1998), ambas realizadas pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Lingüística, entre os dias 9 e 11 de junho de 1998	15	138-140

Revista da ANPOLL, n. 1.....	9	103-104
Revista da ANPOLL, n. 2.....	11	93-94
Associação Galega da Língua ver Associação Galega da Língua		
ASSUNÇÃO, Carlos da Costa		
Edições da Arte da grammatica da língua portuguesa de Antônio José dos Reis Lobato, As.....	15	68-84
Vicissitudes gramatológicas do nome como categoria privilegiada no quadro das classes de palavras.....	25-26	259-296
Atlas da língua portuguesa na historia e no mundo, de Antônio Luís Ferronha et al. por Evanildo Bechara.....	5	82-83
Atlas lingüístico de Sergipe por Adriano da Gama Kury.....	1	98-99
Aumento de aposentados 7,76% é enganoso por Sílvia Elia.....	17-18	199-200
Aurélio Buarque de Holanda por Wilson Choeri.....	24	136-146
Auto da alma		
Silêncio de Santo Tomás no <i>Auto da alma</i> (Nótulo Vicentina), O.....	22	169-172
Autor e a integridade dos seus textos, O.....	22	247-250
Autoria das Cartas chilenas, de José Schiavo, A por Sílvia Elia.....	7	79
Autoridade		
Autor e a integridade dos seus textos, O.....	22	247-250
Avaliação de periódico		
Conceito oficial da Confluência no Qualis.....	25-26	310-312
Aventura semiológica, de Roland Barthes, A.....	1	91
AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de		
Caminho do filólogo Glástone Chaves de Melo, O.....	22	86-88
Literatura e ensino da língua portuguesa.....	29-30	205-219
Sobre os tercetos de Camões.....	4	83-92
Sobre um poema da moderna literatura angolana.....	12	147-156
AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de		
Lançamento de <i>Camões, o desconcerto do mundo e a estética da utopia</i> e o 3º volume da <i>Lírica de Camões</i> , ambas de Leodegário A. de Azevedo Filho.....	10	119
Camões, o desconcerto do mundo e a estética da utopia, de Leodegário A. de Azevedo Filho.....	11	86-87
Configuração do real em Euclides da Cunha, de Leodegário A. de Azevedo Filho, A.....	13	81
Ensaio de lingüísticas, filologia e ecdótica, de Leodegário A. de Azevedo Filho.....	16	115
Leodegário A. de Azevedo Filho proferiu uma conferência sobre <i>As imagens poéticas de Tasso da Silveira</i>	3	132
Lírica de Camões, v. 3, t. 1, de Leodegário A. Azevedo Filho.....	11	109-113

Lírica de Camões. 2. sonetos, tomo 2, de Leodegário A. de Azevedo Filho	1	93
Um mestre de luso-brasilidade	17-18	104-107
- B -		
BACELAR, Bernardo de Lima e		
Gramática filosófica da língua portuguesa (reprodução fac-similada da edição de 1783, de Bernardo de Lima e Melo Bacelar, com introdução e notas do académico correspondente Amadeu Torres.....	13	107-109
Baixos salários		
por Sílvia Elia	17-18	182
Banco Central do Brasil		
BC e o RJU, O	17-18	195-196
Plano de cargos e salários para o BC	17-18	196-197
BANDEIRA, Manuel		
Vozes de cultura clássica na lira de Manuel Bandeira: II – da sua formação latina aos ritmos <i>inumeráveis</i>	29-30	151-173
Barba comprida, A		
por Sílvia Elia	17-18	67-70
BARBADINHO NETO, Raimundo		
Bibliografia de Cândido Jucá (Filho).....	13	29-37
BARBOSA, Filipe Leandro		
A propósito de se rever um algoritmo de transcrição para o português brasileiro: considerações sobre o Vocabulário ortográfico da língua portuguesa	27-28	157-166
BARBOSA, Francisco de Assis		
Escritores de Guaratinguetá, de Brito Broca; Francisco de Assis Barbosa; Homero Senna.....	13	83-84
BARBOSA, Jorge Morais		
Crioulos portugueses em África e no Oriente.....	12	59-72
Linguística e o ensino da língua portuguesa em Portugal, A.....	29-30	83-89
Modalidades verbais portuguesas	16	49-64
BARBOSA, Jorge Morais		
Introdução ao estudo da fonologia e morfologia do português, de Jorge Morais Barbosa.....	10	121-122
BARCELLOS, José Carlos		
Herói problemático em Cerromaior, de José Carlos Barcellos, O	4	114
BARCELOS, Álvaro		
Linguagem da baixada goitacá, de Álvaro Barcelos	5	77-78
BARRETO, Jorge Mário		
Doação feita por Jorge Mário Barreto ao Instituto de Língua Portuguesa do Liceu Literário Português, no dia 24 de novembro de 1994.....	8	103
Falecimento de Jorge Mário Barreto.....	9	122-123

BARRETO, Lima

Impasses no nacionalismo em edição crítica, *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, na *Coleção Archivos*, Os.....21 97-100

BARROS, Luiz M. M. de

Partes *Orationis*: notas sobre a tradição greco-latina31 59-81
 Propósito dos pronomes possessivos do português, A.....27-28 119-147
 Propriedades essenciais da linguagem, As.....25-26 34-54

BARROSO, Henrique

Aspecto verbal perifrástico em português contemporâneo (visão funcional/sincrônica), de Henrique Barroso, O.15 122-123

BARTHES, Roland

Aventura semiológica, de Roland Barthes, A.1 91

Basílica e Ecclesia nas línguas românicas

por Antenor Nascentes2 15-20

BASÍLIO, Margarida

Depoimentos sobre Mattoso Câmara.....27-28 41-48

BASTOS, Neusa Barbosa

Língua portuguesa: história, perspectivas, ensino, organizado por Neusa Barbosa Bastos16 120

BC e o RJU, O

por Sílvio Elia17-18 195-196

BC ver Banco Central do Brasil**BECHARA, Evanildo**

Aniceto dos Reis Gonçalves Viana.....23 11-12
 Antenor Nascentes, romanista1 37-42
 Antônio Geraldo da Cunha (9.3.1924-7.7.1999)17-18 306
 Antônio Houaiss (15.10.1915-7.3.1999)17-18 304
 Antônio Ribeiro Chiado (autos e práticas), organização e fixação do texto e notas por Cleonice Berardinelli e Ronaldo Menegaz7 81-82
 Arquivo Mattoso Câmara.....27-28 275
 Atlas da língua portuguesa na história e no mundo, de Antônio Luís Ferronha et al....5 82-83
 Biografia de Adolfo Coelho12 11-12
 Certo ou errado? Atitudes e crenças no ensino da língua portuguesa, de Emmanoel dos Santos13 123
 Concordância com um dos que na tradição gramatical do português, A.....20 95-101
 contribuição à historiografia dos estudos científicos da linguagem no Brasil:
 Sílvio Elia e João Ribeiro, de Hilma Ranauro13 125-126
 Depoimentos sobre Mattoso Câmara.....27-28 41-48
 Dicionário de formas e construções opcionais da língua portuguesa21 123
 Diversidade do português do Brasil: estudos de dialectologia rural e outros, de Carlos Ferreira et al.....2 80-81
 Do cancionero de D. Dinis, de Lênia Márcia de Medeiros Mongelli9 108
 Estudos de Língua e literatura, de Segismundo Spina.....2 78-79
 Estudos de literatura, filologia e história e história, de Segismundo Spina24 148-150
 Estudos dedicados a Ricardo Carvalho Calero, organizado por José Luís Rodrigues...21 123-124

Eugenio Coseriu: arquiteto de uma lingüística integral da linguagem	25-26	19-23
Filólogos portugueses entre 1868 e 1943, de Luís Prista; Cristina Albino.....	13	119-122
Gládstone Chaves de Melo e o nosso Instituto de Língua Portuguesa	22	84-85
Gramática normativa da língua portuguesa, de Rocha Lima.....	3	125-127
História crítica da literatura portuguesa (Realismo e Naturalismo), de Maria Aparecida Ribeiro	7	81
Homenagem a Cleonice Berardinelli.....	16	142
Incurções de Sousa da Silveira na Romanística.....	15	47-60
João da Silva Correia	21	21-23
Joseph M. Piel.....	3	111-112
Keyword-in-context index of the Grammatica da linguagem portuguesa (1536) by Fernão de Oliveira, de Toru Maruyama.....	24	150-151
Lateinisch – romanischen Zusammensetzungen Nomen + Verb und der Ursprung der romanischen Verb – Ergänzung – Komposita, de Hans Dieter Bork, Die.....	2	105-106
Léxico de Guimarães Rosa, de Nilce Sant’Anna Martins, O	21	128-129
Linguagem dos idosos, de Dino Preti, A.....	2	79-80
Linguagem regional popular na obra de José Lins do Rego, de Maria do Socorro Silva de Aragão, A.....	2	83-84
Littérature populaire brésilienne, de Raymond Cantel, La.....	7	81
Livro didático de português: múltiplos olhares, organizado por Angela Paiva Dionísio e Maria Auxiliadora Bezerra, O	21	127-128
Manuel Rodrigues Lapa.....	14	9-10
Mês modernista, organizado por Homero Senna, O	9	111-113
Morfemas do português, de Valter Kehdi	1	105
Na (DE)rota das erratas d’Os Lusíadas.....	3	69-78
Nomes e expressões vulgares da medicina no Ceará, de Eurípedes Chaves Junior	2	81
Nossa português casta linguagem: para a diacronia de um fato morfológico, A.....	7	65-70
Obra etnográfica, por Adolfo Coelho.....	7	93-103
Obra etnográfica, v. 2. Cultura popular e educação, de Adolfo Coelho.....	9	109-111
Obras inéditas: ensaio sobre o estudo histórico das línguas e elementos de grammatica portugueza, de José Tavares de Macedo	15	134-135
Origens da gramaticografia e da lexicografia latino-portuguesas, de Telmo Verdelho, As.....	11	119-121
Palavras têm a sua história, de José van den Besselaar, As	8	97-98
Paul Teyssier	24	11-13
Portugiesische Gramatikschreibung von 1540 bis 1822, de Bárbara Schäfer-Priess, Die.....	21	125-127
Português em Brasil, história cultural, de Silvio Elia, El	5	81
Pronúncia de nomes próprios: o problema Gandavo ou Gândavo.....	16	89-93
Quaderni di filologia e lingue romaneze. Ricerche svolte nell’Università di Macereta	24	147-148
Questoens apologéticas, de Manuel da Penha do Rosário.....	11	115-118
Razões do I Colóquio Internacional: a língua portuguesa no mundo da lusofonia	27-28	11-13
Revista lusitana, nova série, v. 9	2	77
Revista portuguesa de filologia, v. 19.....	2	77-78
Seminário de Filologias Clássica e Românica (1, Rio de Janeiro, 1997), realizado pelo Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, entre os dias 5 e 6 de novembro de 1997	14	132

Sermão da Sexagésima, de Antônio Vieira	14	115
Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda, de Antônio Vieira	1	102-104
Sesquicentenário de um grande mestre.....	2	8-10
Silvio Elia	17-18	44-46
Subsídios à sintaxe histórica de Epifânio Dias	19	45-61
Terminologia lingüística para os ensinos básico e secundário em Portugal	21	101-117
Tese de doutoramento de Frits Smuders	11	102
Tradição gramatical luso-brasileira, A	10	67-76
Triomphe de l'hiver & du printemps (Triunfo do inverno e da primavera), de Gil Vicente, edicion critique, introduction, traduction française & notes de Paul Teyssier.....	13	92-93
Um aparente desconcerto de adjetivação em Camões e as áreas semânticas de puro n'Os Lusíadas	4	101-112
Uma obra preciosa ao romanista: a Lateinische umgangssprache de Johann Baptist Hofmann.....	31	83-86
Uniletras: revista do Departamento de Letras da UEPG, v. 12.....	2	78
Verbos dar, dizer, estar e fazer no Vocabulário do português medieval, de Antônio Geraldo da Cunha, Os	9	113-118
Vozes do trovadorismo galego-português, de Lênia Márcia de Medeiros Mongelli, Maria do Amparo Tavares Maleval, Yara Frateschi Vieira	8	107-108
BECHARA, Evanildo		
Considerações em torno da Moderna gramática portuguesa, do Prof Evanildo Bechara.....	21	34-45
Eleição do Prof. Evanildo Bechara para conselheiro da Revue de Linguistique romane	15	137
Evanildo Bechara ministra curso. Intitulado Sintaxe e semântica da língua portuguesa, na Universidade de Coimbra	1	109
Luís de Camões: de língua e de linguagem, de Evanildo Bechara	13	111-115
Moderna gramática portuguesa, de Evanildo Bechara	17-18	294-298
Professores eméritos da UFF	20	141-142
BECHARA, Marlit		
Duas notas de linguagem à Feira dos anexins	9	79-81
Termo anexim na Feira dos anexins de F. Manuel de Melo, O.....	6	87-96
BERARDINELLI, Cleonice		
Congresso Internacional Padre Antônio Vieira.....	16	133-137
BERARDINELLI, Cleonice		
Antônio Ribeiro Chiado (autos e práticas), organização e fixação do texto e notas por Cleonice Berardinelli e Ronaldo Menegaz.....	7	81-82
Homenagem a Cleonice Berardinelli.....	16	142
BERGO, Vittorio		
A propósito de <i>eis</i>	3	61-64
Cólera-morbus, A.....	2	53-55
Expansão do sufixo – inho	8	75-84
Uma interjeição singular	5	66-69

BERGO, Vittorio

Erros e dúvidas de linguagem, de Vittorio Bergo 13 80-81

BESSA, José Rogério Fontenele

Cândido Jucá (Filho), o gramático..... 13 11-28

Falecimento de José Reboças Macambira 3 107-109

Problemas da língua: uma olhada nos déficits lingüísticos de seus usuários..... 25-26 248-258

BESSELAAR, J. J. van den ver BESSELAAR, José van den**BESSELAAR, José van den**

Aprovação de Eugenio Coseriu, José Gonçalo Herculano de Carvalho e José van den Besselaar no Conselho Universitário da Universidade Federal Fluminense no dia 30 de agosto de 1995..... 10 129-130

Falecimento de J. J. van den Besselaar, em 20 de junho de 1991..... 2 109-110

Palavras têm a sua história, de José van den Besselaar, As 8 97-98

BETING, Joelmir

Previdência..... 17-18 193-194

BETTO, Frei

Frei Betto 17-18 254

BEZERRA, Maria Auxiliadora

Livro didático de português: múltiplos olhares, organizado por Angela Paiva Dionísio e Maria Auxiliadora Bezerra, O 21 127-128

Bibliografia

Bibliografia de Adolfo Coelho 12 13-26

Bibliografia de Cândido Jucá (Filho)..... 13 29-37

Bibliografia de Carolina Michaëlis de Vasconcelos..... 16 16-30

Bibliografia de Celso Cunha 5 15-21

Bibliografia de Herculano de Carvalho 4 11-22

Bibliografia de Jacinto do Prado Coelho 10 15-41

Bibliografia de Lindley Cintra 8 10-16

Bibliografia de Mattoso Câmara 27-28 21-40

Bibliografia de Rocha Lima 3 11-13

Bibliografia do Prof. Manuel Rodrigues Lapa..... 14 11-32

Bibliografia lingüístico-filológica de Manuel de Paiva Baléo (até 1980)..... 6 13-45

Fontes para o estudo da vida e obra de Alphonsus de Guimaraens 21 53-56

Fontes para o estudo da vida e obra de Manuel Said Ali..... 5 48-59

Jesus Bello Galvão 23 121-127

Sousa da Silveira e as suas edições críticas e comentadas de autores brasileiros..... 21 46-53

Um inédito do Prof. Ismael de Lima Coutinho: estremunhado 21 118-122

Bibliografia da prosa medieval em língua portuguesa: subsídios,
de Biblioteca Nacional (Brasil)

por Antônio Geraldo da Cunha 11 105-106

Bibliografia de Adolfo Coelho 12 13-26

Bibliografia de Cândido Jucá (Filho)

por Raimundo Barbadinho Neto 13 29-37

Bibliografia de Carolina Michaëlis de Vasconcelos por Gerhard Moldenhauer.....	16	16-30
Bibliografia de Celso Cunha por Cilene da Cunha Pereira.....	5	15-21
Bibliografia de Herculano de Carvalho.....	4	11-22
Bibliografia de Jacinto do Prado Coelho.....	10	15-41
Bibliografia de Lindley Cintra.....	8	10-16
Bibliografia de Mattoso Câmara por Carlos Eduardo Falcão Uchôa.....	27-28	21-40
Bibliografia de Rocha Lima.....	3	11-13
Bibliografia do Prof. Manuel Rodrigues Lapa por Isabel Vilares Cepeda.....	32	11-32
Bibliografia dos patronos: Bernardo Guimarães e Casimiro de Abreu Dois novos livros da <i>Coleção Afrânio Peixoto</i> , da Academia Brasileira de Letras....	20	108-110
Bibliografia lingüístico-filológica de Manuel de Paiva Baléo (até 1980).....	6	13-45
Biblioteca Nacional (Brasil) Bibliografia da prosa medieval em língua portuguesa: subsídios, de Biblioteca Nacional (Brasil).....	11	105-106
Brasileira da Biblioteca Nacional. Guia de fontes sobre o Brasil, organizado por Paulo Roberto Pereira.....	24	164-166
Cursos da Fundação Biblioteca Nacional programados para o primeiro semestre de 1992.....	3	129
Seminário Camões-Letras (2, Rio de Janeiro, 1995), promovido pelo Real Gabinete Português de Leitura, Academia Brasileira de Letras e Fundação Biblioteca Nacional, entre os dias 12 e 14 de setembro de 1995.....	10	125-126
Biobibliografia Biobibliografia de Gonçalves Viana.....	23	19-34
Biobibliografia de Eugenio Coseriu.....	25-26	60-92
Epifânio Dias: o homem e a obra.....	19	9-44
Gládstone Chaves de Melo: o homem e a obra.....	22	11-81
Ismael de Lima Coutinho: o homem e a obra.....	20	9-35
Paul Teyssier <i>in memoriam</i>	24	14-42
Professor Ernesto de Faria.....	31	11-48
Silvio Elia: retrato e bibliografia.....	17-18	11-34
Sousa da Silveira: o homem e a obra.....	15	13-43
Biobibliografia de Eugenio Coseriu.....	25-26	60-92
Biobibliografia de Gonçalves Viana por Álvaro Neves.....	23	19-34
Biografia Biografia de Adolfo Coelho.....	12	11-12

Biografia de Adolfo Coelho por Evanildo Bechara.....	12	11-12
BITTENCOURT, Terezinha da Fonseca Passos		
Estrangeirismos: questão lingüística e ideológica	29-30	175-183
Partes <i>Orationis</i> : notas sobre a tradição greco-latina	31	59-81
Propósito dos pronomes possessivos do português, A.....	27-28	119-147
Propriedades essenciais da linguagem, As.....	25-26	34-54
BLUTEAU, Rafael		
CD-Rom do vocabulário de Bluteau, O.....	20	103-106
Boa causa do paladino da língua, A por Antônio Houaiss	3	15-16
BOFF, Leonardo		
Frei Leonardo Boff	17-18	257-259
BOLÉO, Manuel de Paiva		
Bibliografia lingüístico-filológica de Manuel de Paiva Baléo (até 1980).....	6	13-45
Falecimento de Manuel de Paiva Boléo, em 01 de novembro de 1993 e Edith Pimentel Pinto, em 18 de novembro 1993	5	111-113
Homenagem a Manuel de Paiva Boléo.....	6	9-12
Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa, série 109, n. 1-6	13	85
BOMFIM, Eneida do Rego Monteiro		
Homenagem à Eneida do Rego Monteiro Bomfim, realizado pelo Departamento de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, no dia 12 de dezembro de 1996.....	11	123
BOMFIM, Eneida Monteiro Recordando Clóvis Monteiro.....	11	9-13
BOMFIM, Rego Monteiro		
Flores verbais, homenagem lingüística e literária Eneida do Rego Monteiro Bomfim, no seu 70º aniversário, organizado pelo Jürgen Heye	11	88
BORGHERT, Eduardo		
Manifesto eleitoral na sua reeleição em 1954.....	22	110-112
BORK, Hans Dieter		
Lateinisch – romanischen Zusammensetzungen Nomen + Verb und der Ursprung der romanischen Verb – Ergänzung – Komposita, de Hans Dieter Bork, Die.....	2	105-106
BOSI, Alfredo		
Dialética da colonização, de Alfredo Bosi.....	17-18	263-272
Brasil		
Abre-se mais uma legislatura.....	17-18	187-188
ALERJ extingue 787 cargos, A.....	17-18	194
Anchieta e a evangelização do Brasil.....	17-18	207-222
Aposentados.....	17-18	194-195
Aspectos lexicais do português do Brasil no século XIX.....	31	203-221

Aumento de aposentados 7,76% é enganoso	17-18	199-200
Baixos salários	17-18	182
BC e o RJU, O	17-18	195-196
Camilo, o Brasil e os brasileiros	2	57-66
Considerações sobre os tipos <i>ela fala esquisito</i> e <i>ela chega cansada</i> no português coloquial literário do Brasil e de Portugal.....	24	43-70
De Moraes Silva a João Ribeiro – contribuição à história da gramática no Brasil.....	27-28	252-261
Declínio da popularidade de FHC	17-18	203
Epítome de Antonio de Moraes Silva na historiografia gramatical brasileira, O	25-26	215-223
Esboço de um retrato	22	109-110
Estudos da língua portuguesa em Portugal e no Brasil, Os	27-28	307-315
Existencialismo e o Brasil, O.....	17-18	127-130
FHC X Classe média.....	17-18	202
Governo e a nova lei do IR, O	17-18	175-176
Imposto de renda.....	17-18	201-202
Infeliz reforma do sistema previdenciário	17-18	189
Inflação de 96 é..., A.....	17-18	197-198
Leitura e ensino no Brasil do século XIX.....	24	71-82
Linguística e o ensino da língua portuguesa no Brasil: uma visão crítica, A	29-30	43-56
Livro português no Brasil, O	31	7-8
Manifesto eleitoral na sua reeleição em 1954.....	22	110-112
Mattoso Câmara e os ambíguos primeiros passos da linguística sincrônica no Brasil (1940-1960).....	27-28	95-104
Mensalão.....	17-18	178
Pesquisa com línguas indígenas brasileiras: um debate, A.....	10	53-59
Plano de cargos e salários para o BC	17-18	196-197
Pressupostos para o estudo histórico da pronúncia brasileira.....	29-30	57-68
Previdência.....	17-18	193-194
Sobre a nossa unidade linguística. (Do artigo Língua e cultura).....	11	71
Sobre plebiscitos	17-18	181
Sr. Justino Rezende protesta, O	17-18	178-179
STF ganho de causa de 28,86%.....	17-18	203-204
Transformações sociais e seu reflexo no léxico da linguagem urbana brasileira contemporânea	4	93-99
Tumulto nas declarações de IR.....	17-18	177
Um filólogo desafia o Diabo: Aristóteles tem um representante na Câmara dos Vereadores.....	22	113-116
Uma proposta de periodização dos estudos linguísticos no Brasil.....	23	102-120
Venda de férias... pagamento de taxa extra.....	17-18	200-201
Brasil x Portugal: um derby linguístico, de Luiz César Saraiva Feijó.....	16	116
Brasil. Ministério Público. Direção e Assessoramento Superior		
FH dá aumento de 170%... ao DAS.....	17-18	198-199
Brasil. Presidente (1995-2002 : Fernando Henrique Cardoso)		
Declínio da popularidade de FHC	17-18	203
FH dá aumento de 170%... ao DAS.....	17-18	198-199
FHC X Classe média.....	17-18	202

Novo governo... palavras mágicas	17-18	186-187
Otimismo... nosso governo da República	17-18	185-186
Brasil. Supremo Tribunal de Justiça		
Absolvição de Collor pelo STF, A	17-18	184-185
Brasil. Supremo Tribunal Federal		
STF ganho de causa de 28,86%	17-18	203-204
Brasileirismo		
Que língua se fala no Brasil?	22	223-227
Brasileira da Biblioteca Nacional. Guia de fontes sobre o Brasil, organizado por Paulo Roberto Pereira		
por Antonio Martins de Araujo	24	164-166
BROCA, Brito		
Escritores de Guaratinguetá, de Brito Broca; Francisco de Assis Barbosa; Homero Senna	13	83-84
BUENO, Justino de Almeida		
Homília na santa missa de corpo presente	22	92-93
Burla no ensino		
por Sílvio Elia	17-18	163-194
- C -		
CABRAL, Leonor Scliar		
Ensino da língua portuguesa hoje: desafios e dilemas, O	21	25-33
CABRAL, Nilda		
Aplicação da crítica textual a textos científicos como o de <i>Princípios de</i> <i>lingüística geral</i> , de Mattoso Câmara Jr.	27-28	105-118
Variação e variantes nas edições de <i>Princípios de lingüística geral</i> de Mattoso Câmara Jr: questões filológicas e lingüísticas	29-30	221-238
CABRAL, Nilda		
Doutoramento na USP (conclusão do doutoramento de Nilda Cabral, na USP, no dia 28 de janeiro de 1999)	17-18	301-302
Cadernos da católica, série letras, a, 2, n. 3	13	81-82
Cadernos de letras da UFF, n. 8, v. 1-2	9	107
Cadernos pedagógicos e culturais, do Centro de Educação de Niterói por Sílvio Elia	7	75
Cafundó (a África no Brasil), de Carlos Vogt; Peter Fry por Sílvio Elia	13	95-105
Caligrama, de Ana Lúcia Esteves dos Santos. Revista de estudos românicos, v. 2	20	130-131
Câmara e câmara		
por Ricardo Cavaliere	31	193-201

CÂMARA JÚNIOR, J. Mattoso		
Alternância portuguesa fui: foi, A.....	27-28	277-285
Discurso de paraninfo na Faculdade Nacional de Filosofia (27 de dezembro de 1954).....	27-28	286-297
Estudos da língua portuguesa em Portugal e no Brasil, Os.....	27-28	307-315
Filologia.....	27-28	316-369
Gonçalves Viana and the phonic sciences.....	23	46-51
Para uma estilística estrutural.....	27-28	298-306
CÂMARA JÚNIOR, J. Mattoso		
Arquivo Mattoso Câmara.....	27-28	275
Aplicação da crítica textual a textos científicos como o de <i>Princípios de lingüística geral</i> , de Mattoso Câmara Jr.....	27-28	105-118
Bibliografia de Mattoso Câmara.....	27-28	21-40
Colaboração de Mattoso Câmara em <i>A Cigarra</i> (1957-1960), A.....	20	45-52
Contribuição de Mattoso Câmara aos estudos de fonologia portuguesa.....	27-28	75-84
Depoimentos sobre Mattoso Câmara.....	27-28	41-48
Em defesa de Mattoso Câmara: um caso de morfologia.....	25-26	224-233
Lembranças do convívio com o Prof. Matoso Câmara.....	29-30	255-266
Mattoso Câmara e a história da língua portuguesa.....	27-28	67-73
Mattoso Câmara e a história da língua portuguesa.....	29-30	279-286
Mattoso Câmara e o ensino da língua portuguesa.....	29-30	267-277
Mattoso Câmara e os ambíguos primeiros passos da lingüística sincrônica no Brasil (1940-1960).....	27-28	95-104
Mattoso Câmara estilicista.....	27-28	85-94
Mattoso Câmara: a figura humana e o professor.....	27-28	11-20
Morfologia na obra de Mattoso Câmara, A.....	29-30	239-247
Sintaxe de J. Mattoso Câmara Jr.: novas considerações, A.....	29-30	249-253
Sousa da Silveira e Matoso Câmara Jr.: filologia e lingüística em perfeita sintonia.....	27-28	49-65
Variação e variantes nas edições de <i>Princípios de lingüística geral</i> de Mattoso Câmara Jr: questões filológicas e lingüísticas.....	29-30	221-238
CÂMARA, Joaquim Mattoso ver CÂMARA JÚNIOR, J. Mattoso		
Camilo, o Brasil e os brasileiros		
por Aníbal Pinto de Castro.....	2	57-66
CAMINHA, Pero Vaz de		
Emprego dos demonstrativos este, esse, aquele na carta de Pero Vaz de Caminha.....	1	59-67
Lettera sulla scoperta del Brasile, Pero Vaz de Caminha.....	5	84-88
Notas sobre edições e estudos mais recentes da <i>Carta de Pero Vaz de Caminha</i>	19	124-126
Caminho da vida.....	22	120-121
Caminho do filólogo Gládstone Chaves de Melo, O		
por Leodegário A. de Azevedo Filho.....	22	86-88
Caminhos do português, organizado por Maria Helena Mira Mateus		
por Antonio Martins de Araujo.....	23	140-142
Camões filósofo		
por Sílvio Elia.....	17-18	131-133

Camões nas escolas por Sílvio Elia	17-18	161-163
CAMÕES, Luis de		
Acerca do texto reconstituído da Ode IX de Camões	13	57-68
Barba comprida, A	17-18	67-70
Camões filósofo	17-18	131-133
Camões nas escolas.....	17-18	161-163
Conferência <i>Camões e os descobrimentos portugueses</i> , realizados entre os dias 27 e 29 de setembro de 1995	10	127
Lírica de Camões, v. 3, t. 1, de Leodegário A. Azevedo Filho	11	109-113
Na (DE)rota das erratas d'Os Lusíadas.....	3	69-78
Nosso contemporâneo Luís de Camões	17-18	63-67
Ortodoxia do poeta, A	17-18	77-78
Pelo repatriamento de <i>Os Lusíadas</i>	22	186-191
Presença camoniana na literatura brasileira.....	21	56-60
Regras de bem viver em <i>Os Lusíadas</i> , As	22	172-181
Sobre os tercetos de Camões	4	83-92
Sonetos de Camões: (alguns dados estatísticos), Os.....	13	69-75
Um aparente desconcerto de adjetivação em Camões e as áreas semânticas de puro n'Os Lusíadas	4	101-112
Uma interpretação do episódio do <i>Velho do restelo</i>	22	182-186
Camões, o desconcerto do mundo e a estética da utopia, de Leodegário A. de Azevedo Filho.....	11	86-87
CAMPOS, Agostinho de		
Transcrição [Futuro da Língua Portuguesa no Brasil, de Agostinho de Campos]... 9		99-102
Cândido Jucá (Filho), o gramático por José Rogério Fontenele Bessa	13	11-28
CANIATO, Benilde Justo		
Crioulo e português: vertentes lingüísticas da literatura de Cabo Verde	12	138-146
CANTEL, Raymond		
Littérature populaire brésilienne, de Raymond Cantel, La.....	7	80
Cantiga		
Garvaya: da cantiga à busca de testemunhos.....	6	79-86
Cantiga <i>Dissérom-m'hoj, ai amiga, que nom, A</i> por Sílvio Elia	5	72-73
Canzoniere di D. Pedro, Conte di Barcelos, de Manuel Simões, II por Sílvio Elia	6	101-104
Carlos Alberto Short Nunes (16.5.1941-14.5.1999) por Horácio Rolim de Freitas.....	17-18	304-305
Carnaval (Brasil)		
AIDS X Carnaval.....	17-18	190-191
CARNEIRO, Agostinho Dias		
Discurso da Mídia, organizado por Agostinho Dias Carneiro, O	15	121

Carolina Michaëlis e a filologia românica por W. Meyer-Lübke.....	16	9-15
CARONE, Flávia de Barros		
Morfossintaxe, de Flávia de Barros Carone.....	2	91-94
Carta		
Emprego dos demonstrativos este, esse, aquele na carta de Pero Vaz de Caminha	1	59-67
Carta ao Presidente Figueiredo por Sílvio Elia	17-18	173-175
Cartas de Gilberto Freyre, de Sônia Maria van Dijk Lima e Nestor Figueiredo Junior	15	128
CARVALHO, Castelar de		
Acusativo latina e a língua portuguesa, O	24	104-112
Aspectos lexicais do português do Brasil no século XIX.....	31	203-221
Mattoso Câmara estilicista.....	27-28	85-94
Na ponta da língua, organizado por Sílvio Elia	16	122-123
Renascimento e as Línguas Vernáculas, O	19	76-83
Voz medial: do latim ao português, A.....	16	78-88
CARVALHO, José G. Herculano de		
Ensinar a língua	4	9
Ortografia e as ortografias do português	13	39-46
CARVALHO, José G. Herculano de		
Aprovação de Eugenio Coseriu, José Gonçalo Herculano de Carvalho e José van den Besselaar no Conselho Universitário da Universidade Federal Fluminense no dia 30 de agosto de 1995.....	10	129-130
Bibliografia de Herculano de Carvalho	4	11-22
Homenagem a José G. Herculano de Carvalho	4	7
CARVALHO, José Murilo de		
Inquérito parlamentar... proibidade.....	17-18	179-180
CARVALHO, Nelly		
Dicionário os fez homem e mulher.....	21	70-92
Saudade na língua portuguesa, A	31	183-192
Casa das Beiras		
Comemoração de aniversário da Casa das Beiras, no dia 19 de novembro de 1997 ...	14	130-131
CASTELO BRANCO, Camilo		
Camilo, o Brasil e os brasileiros	2	57-66
Colóquio sobre <i>A mulher na vida e obra de Camilo</i> , realizado entre os dias 19 e 21 de outubro de 1995.....	10	127-128
Obra de Camilo Castelo Branco como objeto da crítica textual, A	25-26	193-208
CASTELO, José Aderaldo		
Professor José Aderaldo Castelo : ensaísta e editor de textos, O.....	19	128-131
CASTILHO, Ataliba T. de		
Português do Brasil, de Ataliba T. de Castilho, O.....	5	88-104

Castro Alves: tragédia no mar (o Navio negreiro)

Dois novos livros da <i>Coleção Afrânio Peixoto</i> , da Academia Brasileira de Letras	20	108-110
CASTRO, Aníbal Pinto de		
Camilo, o Brasil e os brasileiros	2	57-66
Discurso pronunciado pelo Presidente do Liceu Literário Português Dr. Antonio Gomes da Costa, na sessão de Instalação do Instituto de Língua Portuguesa	1	8-14
Gladstone Chaves de Melo, um brasileiro de alma portuguesa	22	89-91
Língua portuguesa no mundo contemporâneo, A	29-30	27-38
CASTRO, Aníbal Pinto de		
Acta Universitatis Conimbrigensis, dirigido por Aníbal Pinto de Castro	11	99-100
CASTRO, Ivo		
Celso Cunha, o não-gramático	5	23-28
CASTRO, Sílvio de		
Sílvio de Castro convidado a coordenar uma edição crítica da História da Literatura Brasileiro	1	110
Catolicismo		
Caminho da vida	22	120-121
Religião – algo sobre a graça	22	123-124
Um livro sobre a missa	22	119-120
CAVALIERE, Ricardo		
Câmara e câmara	31	193-201
Epítome de Antonio de Moraes Silva na historiografia gramatical brasileira, O	25-26	215-223
Fonética sintática	15	62-67
Fontes inglesas dos estudos gramaticais brasileiros	20	59-68
Grau em português, O	24	126-130
Interjeição à luz da semântica argumentativa, A	27-28	199-207
Pressupostos para o estudo histórico da pronúncia brasileira	29-30	57-68
Ritmo da poesia, O	7	45-56
Uma proposta de periodização dos estudos lingüísticos no Brasil	23	102-120
CAVALIERE, Ricardo		
Fonologia e morfologia na gramática científica brasileira, de Ricardo Cavaliere	21	132-134
CD-Rom do vocabulário de Bluteau, O		
por Maximiano de Carvalho e Silva	20	103-106
Celso Cunha, o não-gramático		
por Ivo Castro	5	23-28
Centenário de nascimento de Antônio Martinz de Aguiar, no dia 4 de março de 1993	5	109-110
Cento e cinqüenta anos de Eça de Queirós. Anais do III Encontro Internacional de Queirosianos, publicado pelo Centro de Estudos Portugueses da Universidade de São Paulo ver Anos de Eça de Queirós. Anais do III Encontro Internacional de Queirosianos, publicado pelo Centro de Estudos Portugueses da Universidade de São Paulo, 150		
Centre de Recherche em Littérature de Langue Portugaise		
Quadrant, n. 12, revista publicada pelo Centre de Recherche em Littérature de Langue Portugaise	11	89-90

Quadrant: revista do Centre de Recherche em Littérature de Langue Portugaise	7	77
Centro de Cultura Humanística		
Declarações de princípios do Centro de Cultura Humanística	22	136-137
Centro de Educação de Niterói		
Cadernos pedagógicos e culturais, do Centro de Educação de Niterói.....	7	75
Centro de Estudos Portugueses do Brasil		
Encontro de Estudos Portugueses do Brasil (2, Rio de Janeiro, 1994), realizado pelo Centro de Estudos Portugueses do Brasil, no mês de agosto de 1994.....	8	101-102
Centro de Estudos Portugueses, Brasileiros e Africanos de Língua Portuguesa		
Colóquio de Literatura Portuguesa Moderna (1, Rio de Janeiro, 1993), realizado pelo Centro de Estudos Portugueses, Brasileiros e Africanos de Língua Portuguesa, entre os dias 5 e 7 de outubro de 1993.....	6	115
Curso de Poesia Portuguesa Moderna (1), realizado pelo Centro de Estudos Portugueses, Brasileiros e Africanos de Língua Portuguesa, entre os dias 25 e 28 de junho de 1994.....	8	100
Fundação do Centro de Estudos Portugueses, Brasileiros e Africanos de Língua Portuguesa	6	115
Seminário Superior de Língua Portuguesa, realizado pelo Centro de Estudos Portugueses, Brasileiros e Africanos de Língua Portuguesa, entre os dias 16 e 20 de maio de 1994.....	8	99
Centro de Investigação Ibero-Americana		
Fundação do Centro de Investigação Ibero-Americana, na Universidade de Leipzig, em 18 de janeiro de 1994.....	8	99
Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos		
Reunião Internacional de Camonistas (6, Coimbra, 1996), promovido pelo Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos em colaboração com o Instituto de Língua e Literatura Portuguesas da Faculdade de Letras de Coimbra, entre os dias 16 e 19 de abril de 1996.....	11	77-83
CEPEDA, Isabel Vilares		
Bibliografia do Prof. Manuel Rodrigues Lapa.....	14	11-32
Certo ou errado? Atitudes e crenças no ensino da língua portuguesa, de Emmanoel dos Santos		
por Evanildo Bechara.....	13	123
CÉSAR, Guilhermino		
Guilhermino César (1908-1993).....	7	71-72
CHAVES JUNIOR, Eurípedes		
Nomes e expressões vulgares da medicina no Ceará, de Eurípedes Chaves Junior ...	2	81
CHEDIAK, Antônio José		
Dois novos livros da <i>Coleção Afrânio Peixoto</i> , da Academia Brasileira de Letras....	20	108-110
CHINI, Edson		
Edson Chini, toma posse da Diretoria do Liceu Literário Português	5	111
CHOERI, Wilson		
Aurélio Buarque de Holanda	24	136-146

Galeria de meus mestres no Colégio Pedro II, Antenor Nascentes	23	128-139
Quintino do Vale	25-26	297-305
CHOMSKY, Noam		
Noam Chomsky, metafísico frustrado da linguagem.....	17-18	133-145
Ciclo de Conferências <i>Vasco da Gama e a expansão portuguesa</i> , promovido pelo Instituto de Língua Portuguesa do Liceu Literário Português, entre os dias 21 de setembro e 23 de novembro de 1998	16	132
CIDADE, Hernani		
João da Silva Correia	21	21-23
Cigarra, A		
Colaboração de Mattoso Câmara em <i>A Cigarra</i> (1957-1960), A.....	20	45-52
Cinqüentenário da morte de Leite de Vasconcelos por Maximiano de Carvalho e Silva	2	11-13
CINTRA, Geraldo		
Depoimentos sobre Mattoso Câmara.....	27-28	41-48
CINTRA, Lindley		
Bibliografia de Lindley Cintra	8	10-16
Falecimento de Luís Filipe Lindley Cintra, em 1991	2	114-115
Homenagem a Lindley Cintra.....	8	7-9
CINTRA, Luís Filipe Lindley ver CINTRA, Lindley		
Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Lingüísticos		
Congresso Nacional de Lingüística e Filologia (2, Rio de Janeiro, 1998), promovido pelo Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Lingüísticos, entre os dias 5 e 9 de outubro.....	16	129
Revista <i>philologus</i> , revistado Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Lingüísticos, a. 3, n. 11	20	134
Círculo Linguístico do Rio de Janeiro, ocorrido em 07 de dezembro de 1991	2	113
Cirigüela		
por Edmilson Monteiro Lopes	12	92-97
Classe média		
FHC X Classe média.....	17-18	202
Clepsidra e outros poemas, de Camilo Pessanha	16	119
COELHO, Adolfo ver COELHO, Francisco Adolfo		
COELHO, Francisco Adolfo		
Bibliografia de Adolfo Coelho	12	13-26
Biografia de Adolfo Coelho	12	11-12
Homenagem a Francisco Adolfo Coelho	12	9
Obra etnográfica, por Adolfo Coelho.....	7	93-103
Obra etnográfica, v. 2. Cultura popular e educação, de Adolfo Coelho.....	9	109-111
COELHO, Jacinto do Prado		
Variantes e variações.....	10	93-110

COELHO, Jacinto do Prado

Bibliografia de Jacinto do Prado Coelho	10	15-41
Homenagem a Jacinto do Prado Coelho	10	9
Lembranças do professor Jacinto do Prado Coelho.....	10	43-51
Silêncio de Jacinto do Prado Coelho, O	10	11-13

COELHO, Olga

Fonologia e morfologia na gramática científica brasileira, de Ricardo Cavaliere.....	21	132-134
Mattoso Câmara e os ambíguos primeiros passos da lingüística sincrônica no Brasil (1940-1960).....	27-28	95-104

Coimbra (Portugal)

Coimbra: 700 anos	1	85
-------------------------	---	----

Coimbra: 700 anos	1	85
-------------------------	---	----

Coincidências lingüísticas

por Olmar Guterres da Silveira.....	13	47-48
-------------------------------------	----	-------

Colaboração de Mattoso Câmara em *A Cigarra* (1957-1960), A

por Carlos Eduardo Falcão Uchôa.....	20	45-52
--------------------------------------	----	-------

Colaboração do Instituto de Língua Portuguesa às Bibliotecas do Liceu Literário Português

por Maximiano de Carvalho e Silva	17-18	298-301
---	-------	---------

Coleção Afrânio Peixoto

Dois novos livros da <i>Coleção Afrânio Peixoto</i> , da Academia Brasileira de Letras....	20	108-110
--	----	---------

Colegialidade

Massificação e colegialidade	30	117-129
------------------------------------	----	---------

Colégio Pedro II

Inauguração da Sala Professor Antenor Nascentes, no Colégio Pedro II, no dia 25 de agosto de 1992.....	3	131
---	---	-----

Galeria de meus mestres no Colégio Pedro II, Antenor Nascentes	23	128-139
--	----	---------

Seminário de Língua Portuguesa, promovido pelo Colégio Pedro II e Academia Brasileira de Filologia, entre os dias 16 e 19 de novembro de 1998	16	130-131
--	----	---------

Cólera-morbus, A

por Vittorio Bergo	2	53-55
--------------------------	---	-------

COLLADO, Sessus Antônio

Fundamentos da lingüística geral, de Sesus Antônio Collado	1	91
--	---	----

COLLOR, Fernando

Absolvição de Collor pelo STF, A	17-18	184-185
--	-------	---------

Colocação de o (s), a (s) como complemento de infinitivo regido de por e para em Fernão Lopes

por Hilma Ranauro.....	9	69-78
------------------------	---	-------

Colóquio com o tema *O Sertão*, promovido pela Université Rennes II Haute

Bretagne, entre os dias 13 e 14 de setembro de 1991	2	111
---	---	-----

Colóquio de Literatura Portuguesa Moderna (1, Rio de Janeiro, 1993), realizado pelo Centro de Estudos Portugueses, Brasileiros e Africanos de Língua Portuguesa, entre os dias 5 e 7 de outubro de 1993.....

6	115
---	-----

Colóquio Internacional A Língua Portuguesa no Mundo da Lusofonia**(1, Rio de Janeiro, 2005)**

Colóquio Internacional, I	29-30	7-9
Discurso de encerramento.....	29-30	287
Razões do I Colóquio Internacional: a língua portuguesa no mundo da lusofonia	29-30	11-13
Resumos das atividades do Colóquio	29-30	15-25
Colóquio Internacional da Língua Portuguesa Literária, promovido pelo Instituto de Língua Portuguesa, do Liceu Literário Português, entre os dias 5 e 10 de outubro de 1992.....	5	105-107
Colóquio Internacional de Língua Portuguesa Literária (1, Rio de Janeiro)		
Raízes e signos.....	3	5-6
Colóquio Internacional, I		
por Antônio Gomes da Costa.....	29-30	7-9
Colóquio sobre <i>A mulher na vida e obra de Camilo</i> , realizado entre os dias 19 e 21 de outubro de 1995.....	10	127-128
Combate à AIDS		
por Sílvio Elia	17-18	191-192
Comemoração 159º aniversário de fundação do Real Gabinete Português de Leitura... 11		126
Comemoração de aniversário da Casa das Beiras, no dia 19 de novembro de 1997 por Sílvio Elia	14	130-131
Comemoração de aniversário de trabalho de Alberto de Abreu, no dia 24 de março de 1998.....	15	140
Comemoração de aniversário do Liceu Literário Português, no dia 24 de setembro de 1997.....	14	129
Comemoração de aniversário do Real Gabinete de Leitura, no dia 14 de maio de 1997 .. 14		129-130
Comemoração de aniversário do Real Gabinete Português de Leitura, no dia 18 de maio de 1998.....	15	136
Comemoração do 126º aniversário do Liceu Literário Português, no dia 12 de setembro de 1994.....	8	102
Comemoração do 18º aniversário da Academia Cearense da Língua Portuguesa, no dia 28 de outubro de 1995.....	10	119
Comemoração do Dia de Portugal, no dia 8 de junho de 1998.....	15	141-142
Comemoração dos 17 anos de fundação da Academia Cearense de Língua Portuguesa, no dia 28 de outubro de 1994.....	8	103
Comentário a artigo de Fernando Pedreira		
por Sílvio Elia	17-18	183-184
Comissão Interamericana dos Direitos Humanos		
Missão Interamericana dos Direitos Humanos.....	17-18	253
Como explicar variantes de uso no português? um desafio descritivo-prescritivo		
por Francisco Gomes de Matos	21	93-96
Comparação: a imagem, a metáfora, A		
por Segismundo Spina	27-28	263-273

Complemento nominal		
Complemento nominal: problemas de caracterização	5	60-65
Complemento nominal: problemas de caracterização por Valter Kehdi	5	60-65
Complemento verbal		
Complementos verbais preposicionados.....	3	37-42
Complementos verbais preposicionados por Valter Kehdi	3	37-42
Comunicação do corpo, de Mónica Réctor e Aluizio Ramos Trinta por Silvio Elia	1	87
Comunidade dos países da língua portuguesa. Trabalhos desenvolvidos pela mesa-redonda Luso-Afro-Brasileira, A por Silvio Elia	7	107-112
Comunidade dos países de língua portuguesa		
Porque a comunidade.....	12	157-164
Sentido e missão da comunidade dos países de língua portuguesa	15	8-9
Comunidade dos países de língua portuguesa, A por Antônio Gomes da Costa.....	23	7-8
Comunidade dos países de língua portuguesa, de Pedro da Silva Feijó Sobrinho	15	126-127
Comunidade luso-afro-brasileira		
Comunidade dos países da língua portuguesa. Trabalhos desenvolvidos pela mesa-redonda Luso-Afro-Brasileira, A.....	7	107-112
Mesa-redonda Luso-Afro-Brasileira de Luanda, ocorrida entre os dias 26-27 de janeiro de 1994.....	7	107-112
Comunidade luso-brasileira		
Encontro das Comunidades Luso-Brasileiras (5, Rio de Janeiro, 1998), realizado entre os dias 18 e 19 de abril de 1998	15	136-137
Encontro Nacional das Comunidades Luso-Brasileiras (4, Curitiba, 1994), entre os dias 19-20 de março de 1994.....	7	114-115
Conceito de <i>difração</i> em crítica textual por Maurizio Perugi	9	55-59
Conceito oficial da Confluência no Qualis.....	25-26	310-312
Concordância		
Concordância com um dos que na tradição gramatical do português, A.....	20	95-101
Concordância com um dos que na tradição gramatical do português, A por Evanildo Bechara.....	20	95-101
Concurso		
Professor de português ante problemas do ensino: análise crítica de seu desempenho em um concurso público, O	23	84-101
Conferência <i>Camões e os descobrimentos portugueses</i> , realizados entre os dias 27 e 29 de setembro de 1995.....	10	127

Conferência sobre <i>A vida e a obra do Infante D. Henrique</i> , proferida pelo Comandante Max Justo Quedes, no dia 6 de outubro de 1994.....	8	102
Conferências sobre o período colonial brasileiro, realizados pelo Instituto Luso-Brasileiro de História e Liceu Literário Português.....	14	130
Configuração do real em Euclides da Cunha, de Leodegário A. de Azevedo Filho, A.....	13	81
Confluência		
Conceito oficial da Confluência no Qualis	25-26	310-312
Índice da Confluência 1 a 16.....	17-18	307-326
Lançamento da Confluência, v. 17-18, em Homenagem ao professor Silvio Elia, no dia 19 de novembro de 1999.....	19	133-140
Confluência congratula-se com Maximiano de Carvalho e Silva pela passagem dos 50 anos de seu magistério.....	10	130
Congresso Alemão de Romanística (24, Münster, 1995), organizado pela Associação Alemão de Romanistas, entre os dias 25 e 28 de 1995 por Eberhard Gärtner	11	73-76
Congresso Anchietano na Universidade de Coimbra (25 a 29 de outubro de 1998) por Maximiano de Carvalho e Silva	16	137-142
Congresso Brasileiro de Língua e Literatura (24, Rio de Janeiro), entre os dias 27 e 31 de junho de 1992.....	3	130-131
Congresso Brasileiro de Língua e Literatura (25, Rio de Janeiro, 1993), realizado pela Sociedade Brasileira de Língua e Literatura, entre os dias 26 e 30 de junho de 1993.....	6	113
Congresso Brasileiro de Língua e Literatura (26, Rio de Janeiro, 1994), realizado pela Sociedade Brasileira de Língua e Literatura, entre os dias 25 e 29 de julho de 1994.....	8	100
Congresso Brasileiro de Língua e Literatura (27, Rio de Janeiro, 1995), realizado pela Sociedade Brasileira de Língua e Literatura, entre os dias 24 e 28 de julho de 1995.....	10	125
Congresso Brasileiro de Língua e Literatura (29, Rio de Janeiro, 1997), realizado pelo Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Sociedade de Língua e Literatura, entre os dias 21 e 25 de julho de 1997	14	126-127
Congresso Brasileiro de Língua e Literatura (30, Rio de Janeiro, 1998), realizado pela Sociedade Brasileira de Língua e Literatura, entre os dias 27 e 31 de junho de 1998.....	15	137-138
Congresso Brasileiro de Língua e Literatura (33, Rio de Janeiro), entre os dias 22 e 26 de julho de 1991.....	2	111
Congresso Brasileiro de Língua Portuguesa (7, Rio de Janeiro, 1998), promovido Instituto de Pesquisas Lingüísticas, entre os dias 1 e 2 de maio de 1998.....	16	129
Congresso Brasileiro de Línguas e Literatura de Língua Portuguesa (29, Rio de Janeiro, 1997), promovido pelo Facoltà di Lettere e Filosofia e pela Sociedade Brasileira de Língua e Literatura, entre os dias 21 e 25 de julho de 1997.....	13	129-130
Congresso da Associação Internacional de Lusitanista (6, Rio de Janeiro, 1998), entre os dias 8 a 13 de agosto de 1998.....	16	131
Congresso Internacional <i>A língua portuguesa no mundo, terceira língua de comunicação internacional, 200 milhões de lusófonos</i>	3	131-132

Congresso Internacional de Estudos Camonianos (1, Rio de Janeiro, 1997), realizado pelo Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Sociedade de Língua e Literatura, entre os dias 21 e 25 de julho de 1997	14	126-127
Congresso Internacional de Lingüística e Filologia Românicas (19, Santiago de Compostela)	1	100
Congresso Internacional de Lingüística e Filologia Românicas (20, Zurique), entre os dias 6 e 11 de abril de 1991	2	114
Congresso Internacional de Literatura Lusófona, realizado pelas Irmandades da Fala da Galiza e Portugal e pelo Conselho Internacional da Lusofonia	11	123
Congresso Internacional de Literaturas Lusófonas (1, Santiago), realizado na Universidade de Santiago, Espanha, entre os dias 19 e 21 de setembro de 1991	2	111-112
Congresso Internacional de Lusitanistas (3, Coimbra), entre os dias 18 e 22 de junho de 1991	1	110
Congresso Internacional Padre Antônio Vieira por Cleonice Berardinelli	16	133-137
Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais (4, Rio de Janeiro, 1996), realizado pelo Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, entre os dias 2 e 5 de setembro de 1996	1	128
Congresso Nacional de Lingüística e Filologia (2, Rio de Janeiro, 1998), promovido pelo Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Lingüísticos, entre os dias 5 e 9 de outubro	16	129
Congresso Portugal e os Mares: um encontro de culturas, realizado em Nápoles, promovido pela Facoltà di Lettere e Filosofia do Istituto Universitario Orientale, entre os dias 15 e 17 de dezembro de 1994	13	128-129
Conselho Internacional da Lusofonia		
Congresso Internacional de Literatura Lusófona, realizado pelas Irmandades da Fala da Galiza e Portugal e pelo Conselho Internacional da Lusofonia	11	123
Considerações em torno da Moderna gramática portuguesa, do Prof. Evanildo Bechara por Valter Kehdi	21	34-45
Considerações sobre democracia	22	137-144
Considerações sobre os tipos <i>ela fala esquisito</i> e <i>ela chega cansada</i> no português coloquial e literário do Brasil e de Portugal por Martin Hummel	24	43-70
Conto brasileiro		
Na arca três capítulos (inéditos) do Gênesis	1	78
Conto popular na Paraíba (um estudo lingüístico-gramatical), de Maria do Socorro Silva de Aragão et al., O por Sílvia Elia	5	71
Contribuição à historiografia dos estudos científicos da linguagem no Brasil: Sílvia Elia e João Ribeiro, de Hilma Ranauro por Evanildo Bechara	13	25-126

Contribuição de Mattoso Câmara aos estudos de fonologia portuguesa por Horácio Rolim de Freitas.....	27-28	75-84
Contribuição para o tratamento de preposições num dicionário espanhol/português por Valter Kehdi.....	23	78-83
Convergência lusíada: revista do Real Gabinete Português de Leitura, n. 12.....	11	92
Convergência, do Real Gabinete Português de Leitura volta a ser editada.....	3	132
Conversão do adjetivo em advérbio em perspectiva sincrônica e diacrônica, A por Martin Hummel.....	25-26	175-192
Convite a ler Vieira por Gladstone Chaves de Melo.....	7	33-38
Convivência, número especial, publicado pelo Pen Clube do Brasil.....	1	90
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior		
Conceito oficial da Confluência no Qualis.....	25-26	310-312
CORÇÃO, Gustavo		
Esboço de um retrato.....	22	109-110
Manifesto eleitoral na sua reeleição em 1954.....	22	110-112
CORÇÃO, Gustavo		
Gustavo Corção e sua obra singular: reedição de <i>A descoberta do outro</i>	21	60-69
Cores do discurso. Análise do discurso de crítica de arte, de Lúcia Teixeira, As por Hilma Ranauro.....	12	171-173
CORRÊA, Villas-Boas		
Villas Boas Corrêa está coberto de razão.....	17-18	259-262
CORREIA, João da Silva		
Homenagem a João da Silva Correia.....	21	8
João da Silva Correia.....	21	9-20
João da Silva Correia.....	21	21-23
Correspondência		
Abre-se mais uma legislatura.....	17-18	187-188
Absolvição de Collor pelo STF, A.....	17-18	184-185
AIDS.....	17-18	190
ALERJ extingue 787 cargos, A.....	17-18	194
Ao nível original.....	17-18	205-207
Aposentados.....	17-18	194-195
Aumento de aposentados 7,76% é enganoso.....	17-18	199-200
Autor e a integridade dos seus textos, O.....	22	247-250
Baixos salários.....	17-18	182
BC e o RJU, O.....	17-18	195-196
Carta ao Presidente Figueiredo.....	17-18	173-175
Combate à AIDS.....	17-18	191-192
Comentário a artigo de Fernando Pedreira.....	17-18	183-184
Declínio da popularidade de FHC.....	17-18	203

Extrema-direita na PUC.....	17-18	256-257
FH dá aumento de 170%... ao DAS.....	17-18	198-199
FHC X Classe média.....	17-18	202
Frei Betto	17-18	254
Frei Leonardo Boff	17-18	257-259
Governo e a nova lei do IR, O.....	17-18	175-176
Imposto de renda.....	17-18	201-202
Infeliz reforma do sistema previdenciário	17-18	189
Inflação de 96 é..., A.....	17-18	197-198
Inquérito parlamentar... proibidade.....	17-18	179-180
Mensalão.....	17-18	178
Missão Interamericana dos Direitos Humanos	17-18	253
Novo governo... palavras mágicas	17-18	186-187
Otimismo... nosso governo da República	17-18	185-186
Plano de cargos e salários para o BC.....	17-18	196-197
Previdência.....	17-18	193-194
Sobre plebiscitos	17-18	181
Sociólogo Emir Sader, O	17-18	255-256
Sr. Justino Rezende protesta, O	17-18	178-179
STF ganho de causa de 28,86%.....	17-18	203-204
Tumulto nas declarações de IR	17-18	177
Venda de férias... pagamento de taxa extra.....	17-18	200-201
Villas Boas Corrêa está coberto de razão.....	17-18	259-262
Coseriu e a lingüística do texto		
por Carlos Eduardo Falcão Uchôa	25-26	24-35
COSERIU, Eugenio		
Depoimentos sobre Mattoso Câmara.....	27-28	41-48
Do sentido do ensino da língua portuguesa	5	29-47
Meu Saussure, O	14	33-36
Sobre o ensino do idioma nacional: problemas, propostas e perspectivas	23	71-77
COSERIU, Eugenio		
Aprovação de Eugenio Coseriu, José Gonçalo Herculano de Carvalho e José van den Besselaar no Conselho Universitário da Universidade Federal Fluminense no dia 30 de agosto de 1995.....	10	129-130
Biobibliografia de Eugenio Coseriu.....	25-26	60-92
Coseriu e a lingüística do texto.....	25-26	24-35
Eugenio Coseriu – depoimento <i>in memoriam</i>	25-26	11-18
Eugenio Coseriu doutor honoris causa em duas universidades brasileiras.....	12	175-182
Eugenio Coseriu e Eberhard Gärtner em conferência realizada pelo Instituto de Língua Portuguesa, do Liceu Literário Português	8	101
Eugênio Coseriu ministra curso na Universidade Federal Fluminense	1	110
Eugenio Coseriu romanista e humanista.....	25-26	55-59
Eugenio Coseriu: arquiteto de uma lingüística integral da linguagem	25-26	19-23
Homenagem a Eugenio Coseriu na UFF, no dia 3 de dezembro de 2003	25-26	307
Introducción a la lingüística, de Eugenio Coseriu	1	94-98
Propriedades essenciais da linguagem, As.....	25-26	36-54

COSTA, A. Gomes **ver** COSTA, Antonio Gomes

COSTA, Antônio Gomes

Anchieta – polêmica inútil.....	14	5-7
Apresentação.....	17-18	9-10
Comunidade dos países de língua portuguesa, A.....	23	7-8
Defesa da língua, A.....	25-26	7-8
Editorial.....	2	5
Editorial.....	7	5-6
Editorial.....	12	5-7
Ensino do português, O.....	21	5-6
Foi um sábio e foi um santo.....	22	9-10
Homem português, O.....	13	5-8
I Colóquio Internacional.....	29-30	7-8
José Hermano Saraiva no Liceu Literário Português.....	20	139-141
Liceu, 5 bodas de prata.....	6	5-8
Liceu: novas energias.....	4	115-116
Língua portuguesa e o Papa, A.....	24	7-8
Língua portuguesa, A.....	1	7
Livro português no Brasil, O.....	31	7-8
Lusofonia: novo tempo, A.....	10	5-8
Na proa foi a música e foi a língua.....	4	5-6
No 10 de junho.....	15	5-7
Pátria da língua.....	8	5-6
Política cultural para os países da lusofonia.....	5	5-6
Políticas para a língua.....	29-30	39-41
Português primeiro, depois as outras línguas, O.....	27-28	7-8
Protocolo.....	2	6-7
Raízes e signos.....	3	5-6
Salvar o português.....	6	97-98
Sílvio Elia (4.7.1913-16.11.1998).....	16	5-6
Simpósio Internacional sobre a língua portuguesa em África e no Oriente.....	10	111-118
Uma idéia em marcha.....	19	5-6
Uma questão de bom-senso.....	11	5-6
Universidade da Lusofonia.....	20	5-6
Viagem pela lusofonia.....	9	5-6

COSTA, Antonio Gomes da

Aniversário do Dr. Antônio Gomes da Costa, no dia 27 de janeiro de 1994.....	7	114-115
Antônio Gomes da Costa recebe a Medalha Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras, em 19 de dezembro de 1991.....	2	114
Discurso pronunciado pelo Presidente do Liceu Literário Português Dr. Antonio Gomes da Costa, na sessão de Instalação do Instituto de Língua Portuguesa.....	1	8-14

COSTA, Marcos de Farias

João Ribeiro: bibliografia anotada e comentada, de Marcos de Farias Costa.....	16	126-128
--	----	---------

COUTINHO, Ismael de

Desfazendo um equívoco.....	20	36-37
-----------------------------	----	-------

Estudos gramaticais latinos, Os	20	38-44
Iniciação à filologia portuguesa, de Glástone Chaves de Melo	22	99-102
COUTINHO, Ismael de Lima		
Homenagem a Ismael de Lima Coutinho	20	7
Ismael de Lima Coutinho: o homem e a obra	20	9-35
Um inédito do Prof. Ismael de Lima Coutinho: estremunhado	21	118-122
Criação da Associação dos Professores de Literatura Portuguesa do Estado do Rio de Janeiro (APLIPERJ), em 1985	1	110
Crioulo e português: vertentes lingüísticas da literatura de Cabo Verde por Benilde Justo Caniato	12	138-146
Crioulos		
Crioulos portugueses em África e no Oriente	12	59-72
Voz medial: do latim ao português, A	12	138-146
Crioulos portugueses em África e no Oriente por Jorge Morais Barbosa	12	59-72
Cristianismo		
Basílica e Ecclesia nas línguas românicas	2	15-20
Crítica e verdade (Coleção Signos, n. 14)	1	88
Crítica genética		
Em demanda da gênese: uma metodologia de trabalho	8	85-91
Sobre a crítica genética: I – antecedentes	9	83-97
Sobre a crítica genética: II	10	77-91
Crítica literária		
Ernst Robert Curtius e sua obra	16	40-48
Crítica textual		
Acerca do texto reconstituído da Ode IX de Camões	13	57-68
Ao nível original	17-18	205-207
Aplicação da crítica textual a textos científicos como o de <i>Princípios de lingüística geral</i> , de Mattoso Câmara Jr.	27-28	105-118
Autor e a integridade dos seus textos, O	22	247-250
Barba comprida, A	17-18	67-70
Caminho da vida	22	120-121
Camões nas escolas	17-18	161-163
Conceito de <i>difração</i> em crítica textual	9	55-59
Convite a ler Vieira	7	33-38
Crítica textual – matéria básica na formação dos pesquisadores e professores de letras	29-30	125-150
Crítica textual: conceito – objeto – finalidade	7	57-63
Dois novos livros da <i>Coleção Afrânio Peixoto</i> , da Academia Brasileira de Letras	20	108-110
Edições críticas de Celso Cunha: o filólogo e o medievalista	19	118-121
Edições da <i>Arte da grammatica da língua portuguesa</i> de Antônio José dos Reis Lobato, As	15	68-84
Editores e preparadores de texto e o desconhecimento de princípios básicos		

de crítica textual e de editoração, Os	20	110-115
Enigma da Arte de furtar, O.....	17-18	118-127
Filosofia da linguagem e terminologia ecdótica	31	111-125
Fontes para o estudo da vida e obra de Alphonsus de Guimaraens	21	53-56
Gustavo Corção e sua obra singular: reedição de <i>A descoberta do outro</i>	21	60-69
Herança parnasiana na Obra de Camilo Pessanha, A.....	19	107-117
Modificações na Grammatica expositiva de Eduardo Carlos Pereira.....	27-28	223-249
Na (DE)rota das erratas d'Os Lusíadas.....	3	69-78
Notas sobre edições e estudos mais recentes da <i>Carta de Pero Vaz de Caminha</i>	19	124-126
Obra de Camilo Castelo Branco como objeto da crítica textual, A	25-26	193-208
Ortodoxia do poeta, A.....	17-18	77-78
Pelo repatriamento de <i>Os Lusíadas</i>	22	186-191
Post-vulgata Arturiana na Península Ibérica: qual foi sua primeira tradução?, A....	11	39-55
Presença camoniana na literatura brasileira.....	21	56-60
Professor José Aderaldo Castelo : ensaísta e editor de textos, O.....	19	128-131
Quarta mão: um manuscrito de Clavis Prophetarum do Padre Antônio Vieira, A...9		14-31
Regras de bem viver em <i>Os Lusíadas</i> , As	22	172-181
Regularidade e irregularidade nos versos de J. Rodrigues	6	61-77
Reino da estupidez, O	6	47-60
Religião – algo sobre a graça.....	22	123-124
Sobre o gerúndio e <i>gerundismo</i> : uma análise de um assunto emotivo e polêmico	31	87-110
Sobre <i>o problema da riqueza</i>	22	164-168
Sobre os tercetos de Camões	4	83-92
Sousa da Silveira e as suas edições críticas e comentadas de autores brasileiros....	21	46-53
Um livro sobre a missa	22	119-120
Um novo livro sobre o ensino secundário	22	121-123
Um valioso dicionário de provérbios.....	20	106-108
Uma interpretação do episódio do <i>Velho do restelo</i>	22	182-186
Uma nova edição das Histórias de proveito e exemplo de Gonçalo Fernandes Trancoso	19	121-123
Uma nova edição de A língua do Brasil.....	22	104-106
Variação e variantes nas edições de Princípios de lingüística geral de Mattoso Câmara Jr: questões filológicas e lingüísticas.....	29-30	221-238
Variantes e variações.....	10	93-110
Crítica textual – matéria básica na formação dos pesquisadores e professores de letras por Maximiano de Carvalho e Silva.....	29-30	125-150
Crítica textual: conceito – objeto – finalidade por Maximiano de Carvalho e Silva	7	57-63
Critique textuelle portugaise, da Fundação Calouste Gulbenkian.....	1	90
CROLL, Morris		
Introdução ao Maneirismo e à prosa barroca, de Segismundo Spina e Morris Croll... 1		87
Crônica		
Crônicas de Machado de Assis ou crônicas machadianas?: (aspectos lingüísticos do problema).....	16	94-103

Crônicas de Machado de Assis ou crônicas machadianas?: (aspectos lingüísticos do problema) por Horácio Rolim de Freitas	16	94-103
Cultura clássica		
Vozes de cultura clássica na lira de Manuel Bandeira: II – da sua formação latina aos ritmos <i>inumeráveis</i>	29-30	151-173
Cultura e resistência por Opázia Chain Feres'	25-26	243-245
Cultura Galega		
Actas da II Jornadas UFF de Cultura Galega	11	90-91
Jornadas UFF de Cultura Galega (2, Niterói, 1994), realizado em os dias 16 e 19 de maio de 1994.....	8	99-100
Cultura portuguesa		
Idéias lingüísticas em Portugal no século XVIII, As	14	37-59
Língua e a cultura portuguesa em Macau e as Instituições ao seu serviço no presente e no futuro, A.....	12	73-86
Cultura: revista de história e teoria das idéias (II série), publicação do Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa	15	129-130
CUNHA, A. G. ver CUNHA, Antônio Geraldo da		
CUNHA, Antônio Geraldo da		
A propósito de um dicionário de freqüência.....	8	31-55
Aditamento ao Índice do vocabulário do português medieval	3	23-25
Bibliografia da prosa medieval em língua portuguesa: subsídios, de Biblioteca Nacional (Brasil)	11	105-106
Dicionário dos dicionários portugueses, de Dieter Messner.....	16	128
Dicionário dos dicionários portugueses, de Dieter Miessner	13	117-118
Dicionário dos dicionários portugueses, I: ABA-ABC, por Dieter Messner.....	7	105-106
Dicionário dos dicionários portugueses, II: ABD-ABU, de Dieter, Messner	10	123-124
Eslavo – escravo: estudo histórico-etimológico	9	33-45
Sonetos de Camões: (alguns dados estatísticos), Os.....	13	69-75
Sufixo –ACO ² em português (estudo histórico-etimológico), O	15	85-91
Tratamento lexicográfico das variantes e das formas paralelas, O	10	61-66
Três exotismos quinhentistas (o Betel, a Coca e a Cola).....	11	33-37
Vocabulário da <i>miscelânea</i> de Garcia de Resende, de Ronaldo Menegaz.....	11	103-104
CUNHA, Antônio Geraldo da		
Antônio Geraldo da Cunha (9.3.1924-7.7.1999)	17-18	306
Índice do Vocabulário do português medieval, 3: D.....	9	104
Lançamento do livro <i>Índice analítico do vocabulário dos sonetos da 1ª edição (1595) da Rhythmas de Luis de Camões</i> , de A. G. Cunha, em 20 de maio de 1996 ...	11	126-127
CUNHA, Celso		
Bibliografia de Celso Cunha.....	5	15-21
Celso Cunha, o não-gramático.....	5	23-28
Edições críticas de Celso Cunha: o filólogo e o medievalista	19	118-121
Homenagem a Celso Ferreira da Cunha	5	7

Perfil intelectual de Celso Cunha.....	5	9-14
CUNHA, Celso Ferreira ver CUNHA, Celso		
CUNHA, Euclides da		
Configuração do real em Euclides da Cunha, de Leodegário A. de Azevedo Filho, A	13	81
Euclides da Cunha, Krieg im Sertão, aus dem brasilianischen portugiesisch von Berthold Zilly	9	118-119
Tradutor implícito: considerações acerca da transliguidade de <i>Os Sertões</i> , O	19	84-106
CUNHA, Ovídio		
Falecimento de Clemildo Lyra de Arruda e Ovídio Cunha	13	127-128
Curso		
Curso de Poesia Portuguesa Moderna (1), realizado pelo Centro de Estudos Portugueses, Brasileiros e Africanos de Língua Portuguesa, entre os dia 25 e 28 de junho de 1994.....	8	100
Curso do Professor Doutor Paul Teyssier ministrado na Universidade Federal Fluminense, em outubro de 1991.....	1	109
Curso sobre Crítica textual aplicada a textos modernos, ministrado por Carlos Reis, entre os dias 30 e 30 de setembro de 1993	6	114
Cursos da Fundação Biblioteca Nacional programados para o primeiro semestre de 1992.....	3	129
Cursos no Liceu Literário Português, durante o 1º semestre de 1996	11	128-129
Cursos promovidos pelo Instituto de Língua Portuguesa, realizados entre março a dezembro de 2003	25-26	308-309
Curso de Poesia Portuguesa Moderna (1), realizado pelo Centro de Estudos Portugueses, Brasileiros e Africanos de Língua Portuguesa, entre os dia 25 e 28 de junho de 1994	8	100
Curso do Professor Doutor Paul Teyssier ministrado na Universidade Federal Fluminense, em outubro de 1991	1	109
Curso sobre Crítica textual aplicada a textos modernos, ministrado por Carlos Reis, entre os dias 30 e 30 de setembro de 1993.....	6	114
Cursos da Fundação Biblioteca Nacional programados para o primeiro semestre de 1992.....	3	129
Cursos no Liceu Literário Português, durante o 1º semestre de 1996	11	128-129
Cursos promovidos pelo Instituto de Língua Portuguesa, realizados entre março a dezembro de 2003	25-26	308-309
CURTIUS, Ernst Robert		
Ernst Robert Curtius e sua obra	16	40-48
- D -		
Da negatividade em português por Sílvio Elia	16	31-39
Da unipessoalização/impessoalização à pessoalização verbal (e vice-versa) por Valter Kehdi	8	69-74

DALGADO, Sebastião Rodolfo		
Estudos sobre os cioulos indo-portugueses, de Sebastião Rodolfo Dalgado.....	16	114-115
DANTAS, Francisco de Assis		
Frase caótica, de Francisco de Assis Dantas, A	3	118
D.A.S ver Brasil. Ministério Público. Direção e Assessoramento Superior		
De Amadeu Amaral, o saber pluralizado por Maria Emília Barcellos da Silva.....	29-30	69-81
De Moraes Silva a João Ribeiro – contribuição à história da gramática no Brasil por Leonor Lopes Fávero.....	27-28	252-261
De neologismos por Edith Pimentel Pinto.....	4	25-32
De uma filha a seu pai por Maria Cristina da Fonseca Elia.....	17-18	35-43
(DE) que falamos, de Maria Cecília Mollica por Sílvio Elia	11	107-108
Declarações de princípios do Centro de Cultura Humanística	22	136-137
Declínio da popularidade de FHC por Sílvio Elia	17-18	203
Defesa da língua, A por Antônio Gomes da Costa.....	25-26	7-8
Dêictico ver Dístico		
Dêicticos e anafóricos na língua portuguesa por Gladstone Chaves de Melo.....	2	25-33
Dêitico ver Dístico		
Demanda do Santo Graal, A.....	11	98-99
Demanda do Santo Graal, sob os cuidados de Heitor Megale.....	1	90
Democracia		
Considerações sobre democracia.....	22	137-144
Maritain e a fé na democracia.....	22	144-154
Depoimento		
Depoimentos sobre Mattoso Câmara.....	27-28	41-48
Um depoimento sobre meu pai.....	22	82-83
Depoimentos sobre Mattoso Câmara depoimentos de Roman Jakobson, Eugenio Coseriu, Evanildo Bechara, José Honório Rodrigues, L. de Castro Faria, Eduardo Portella, Leodegário A. de Azevedo Filho, Aryon Dall’Igna Rodrigues, Francisco Gomes de Matos, Geraldo Cintra, Yonne Leite, Margarida Basílio, Valter Kedhi, Cristina Altman, Ângela França, Edith Pimentel Pinto, Rosa Virgínia Mattos e Silva	27-28	41-48
Derivação lingüística		
Substantivos deverbais em português, Os.....	25-26	209-214

Derivação vocabular		
Grau em português, O.....	24	126-130
Descoberta do outro, A		
Gustavo Corção e sua obra singular: reedição de <i>A descoberta do outro</i>	21	60-69
Descobrimto do Japão pelos portugueses 1543, de Carlos Francisco Moura, O.....	11	85-86
Desfazendo um equívoco		
por Ismael de Coutinho.....	20	36-37
Despedida do cargo de Pedro Ribeiro de Menezes, no dia 10 de outubro de 1997.....	14	129
Deverbal		
Substantivos deverbais em português, Os.....	25-26	209-214
Dia de Portugal		
Comemoração do Dia de Portugal, no dia 8 de junho de 1998.....	15	141-142
Homem português, O.....	13	5-8
No 10 de junho.....	15	5-7
Sessão solene comemorativa do Dia de Portugal, 12 de junho de 1991.....	1	108-109
Diacronia		
Aspectos diacrônicos e sincrônicos da língua portuguesa.....	20	69-83
Dialectologia		
Antenor Nascentes, o dialectólogo.....	1	21-36
Dialética da colonização, de Alfredo Bosi.....	17-18	263-272
Dialética, revista de diálogo com a inteligência, a. 4, n. 4.....	13	77
Diálogo literário e realidade lingüística		
por Dino Petri.....	11	57-64
DIAS, Augusto Epifânio da Silva		
Sesquicentenário de um grande mestre.....	2	8-10
DIAS, Epifânio		
Homenagem a Epifânio Dias.....	19	7
Epifânio Dias: o homem e a obra.....	19	9-44
Subsídios à sintaxe histórica de Epifânio Dias.....	19	45-61
DIAS, Gonçalves		
Excelência vernácula de Gonçalves Dias, A.....	5	79-80
Língua das <i>Sextilhas de Frei Antão</i> , A.....	4	53-64
Dicionário		
Dicionários de regência verbal da língua portuguesa.....	2	35-46
Dicionário da literatura medieval, galega e portuguesa		
A propósito do recente Dicionário da literatura medieval, galega e portuguesa.....	7	19-32
Dicionário de formas e construções opcionais da língua portuguesa		
por Evanildo Bechara.....	21	123
Dicionário de freqüência		
A propósito de um dicionário de freqüência.....	8	31-55

Dicionário de lingüística		
Ao nível original	17-18	205-207
Dicionário de provérbios		
Um valioso dicionário de provérbios.....	20	106-108
Dicionário de termos literários, de Massaud Moisés	10	120
Dicionário dos dicionários portugueses, de Dieter Messner por Antônio Geraldo da Cunha	16	128
Dicionário dos dicionários portugueses, de Dieter Miessner por Antônio Geraldo da Cunha	13	117-118
Dicionário dos dicionários portugueses, I: ABA-ABC, por Dieter Messner por Antônio Geraldo da Cunha	7	105-106
Dicionário dos dicionários portugueses, II: ABD-ABU, de Dieter, Messner por Antônio Geraldo da Cunha	10	123-124
Dicionário latino-português, de Amós Coêlho da Silva Airoto Ceolin Montagner por Mariza Mencialha de Souza	31	223-225
Dicionário os fez homem e mulher, O por Nelly Carvalho.....	21	70-92
Dicionários de regência verbal da língua portuguesa por Valter Kehdi	2	35-46
Dicionários e etimologias por Horácio Rolim de Freitas.....	24	113-125
Díctico		
Dêicticos e anafóricos na língua portuguesa.....	2	25-33
Didática		
Evolução do conceito de lingüística aplicada ao ensino de línguas, A.....	1	68-76
Horário e programas	17-18	151-154
Método no ensino do latim, O	17-18	148-151
Difração		
Conceito de <i>difração</i> em crítica textual.....	9	55-59
Dino Preti como novo titular na área de Filologia e Língua Portuguesa, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo	1	109
Diretrizes gerais para a elaboração de uma gramática descritiva por Valter Kehdi.....	11	65-69
Disciplina história da língua portuguesa em debate, A por Rosalvo do Valle.....	29-30	113-123
Discurso		
Congresso Internacional Padre Antônio Vieira.....	16	133-137
Discurso de encerramento.....	29-30	287
Discurso de Gladstone Chaves de Melo homenageado pela Universidade de Coimbra	8	104-106

Discurso de paraninfo na Faculdade Nacional de Filosofia (27 de dezembro de 1954)	27-28	286-297
Discurso de saudação, em nome do corpo docente do Instituto de Letras	21	135-141
Discurso do Acadêmico Antonio Houaiss, O.....	1	15
Discurso pronunciado pelo Presidente do Liceu Literário Português Dr. Antonio Gomes da Costa, na sessão de Instalação do Instituto de Língua Portuguesa	1	8-14
Eugenio Coseriu doutor honoris causa em duas universidades brasileiras.....	12	175-182
Liceu: novas energias.....	4	115-116
Discurso atributivo em Esaú e Jacó, O por Maria da Piedade Moreira de Sá	27-28	209-222
Discurso da Mídia, organizado por Agostinho Dias Carneiro, O	15	121
Discurso de encerramento por Francisco Gomes da Costa	29-30	287
Discurso de Gladstone Chaves de Melo homenageado pela Universidade de Coimbra ...	8	104-106
Discurso de saudação, em nome do corpo docente do Instituto de Letras por Carlos Eduardo Falcão Uchôa	21	135-141
Discurso do Acadêmico Antonio Houaiss, O por Antônio Houaiss	1	15
Discurso oral culto, organizado por Dino Preti, O Discurso oral culto, organizado por Dino Preti, O.....	16	111-112
por Sílvia Elia	14	116-118
Discurso pronunciado pelo Presidente do Liceu Literário Português Dr. Antonio Gomes da Costa, na sessão de Instalação do Instituto de Língua Portuguesa por Aníbal Pinto de Castro.....	1	8-14
Discursos (estudos de língua e cultura portuguesa), n. 4, da Universidade Aberta, Delegação de Coimbra por Sílvia Elia	7	76
Discursos (estudos de língua e cultura portuguesa), n. 6, da Universidade Aberta, Delegação de Coimbra por Sílvia Elia	7	76
Discursos n. 13, estudos de língua e cultura portuguesa.....	13	91
Diversidade do português do Brasil: estudos de dialectologia rural e outros, de Carlos Ferreira et al por Evanildo Bechara.....	2	80-81
Do cancionário de D. Dinis, de Lênia Márcia de Medeiros Mongelli por Evanildo Bechara.....	9	108
Do sentido do ensino da língua portuguesa por Eugenio Coseriu	5	29-47
Doação Doação feita por Jorge Mário Barreto ao Instituto de Língua Portuguesa do Liceu Literário Português, no dia 24 de novembro de 1994.....	8	103

Doação feita por Jorge Mário Barreto ao Instituto de Língua Portuguesa do Liceu Literário Português, no dia 24 de novembro de 1994.....	8	103
Dois momentos da poesia de Manuel Bandeira, de Rocha Lima		
por Sílvio Elia	3	121-123
por Sílvio Elia	5	70
Dois novos livros da <i>Coleção Afrânio Peixoto</i> , da Academia Brasileira de Letras		
por Maximiano de Carvalho e Silva	20	108-110
DORIA, Escragnolle		
Memória histórica do Colégio de Pedro Segundo, de Escragnolle Doria	15	124
Doutoramento na USP (conclusão do doutoramento de Nilda Cabral, na USP, no dia 28 de janeiro de 1999)		
por Maximiano de Carvalho e Silva	17-18	301-302
Drama de escrever, O		
por Edith Pimentel Pinto.....	4	47-52
Duas notas de linguagem à Feira dos anexins		
por Marlit Bechara.....	9	79-81
DUBOIS, Jean		
Ao nível original	17-18	205-207
- E -		
E.B. ver BECHARA, Evanildo		
Ecdótica ver Crítica textual		
Edições críticas de Celso Cunha: o filólogo e o medievalista		
por Maximiano de Carvalho e Silva	19	118-121
Edições da Arte da grammatica da língua portuguesa de Antônio José dos Reis Lobato, As		
por Carlos Assunção	15	68-84
Editoração		
Editores e preparadores de texto e o desconhecimento de princípios básicos de crítica textual e de editoração, Os.....	20	110-115
Editorial		
Comunidade dos países de língua portuguesa, A.....	23	7-8
Editores e preparadores de texto e o desconhecimento de princípios básicos de crítica textual e de editoração, Os		
por Maximiano de Carvalho e Silva	20	110-115
Editorial		
por Antônio Gomes da Costa	2	5
por Antônio Gomes da Costa.....	7	5-6
por Antônio Gomes da Costa.....	12	5-7

Editorial

Anchieta – polémica inútil.....	14	5-7
Apresentação.....	17-18	9-10
Comunidade dos países de língua portuguesa, A.....	23	7-8
Defesa da língua, A.....	25-26	7-8
Editorial.....	2	5
Editorial.....	7	5-6
Editorial.....	12	5-7
Homem português, O.....	13	5-8
Liceu, 5 bodas de prata.....	6	5-8
Língua portuguesa e o Papa, A.....	24	7-8
Livro português no Brasil, O.....	31	7-8
Lusofonia: novo tempo, A.....	10	5-8
Na proa foi a música e foi a língua.....	4	5-6
No 10 de junho.....	15	5-7
Pátria da língua.....	8	5-6
Política cultural para os países da lusofonia.....	5	5-6
Português primeiro, depois as outras línguas, O.....	27-28	7-8
Raízes e signos.....	3	5-6
Sílvio Elia (4.7.1913-16.11.1998).....	16	5-6
Uma idéia em marcha.....	19	5-6
Uma questão de bom-senso.....	11	5-6
Universidade da Lusofonia.....	20	5-6
Viagem pela lusofonia.....	9	5-6
Edson Chini, toma posse da Diretoria do Liceu Literário Português.....	5	111

Educação

Fiscalização das leis do ensino, A.....	17-18	146-148
Lusografia em Angola e Moçambique: implicações educativas.....	11	25-31
Paulo Freire.....	17-18	169-171
Eleição de diretores de escola por Sílvio Elia.....	17-18	167-168
Eleição do Prof. Evanildo Bechara para conselheiro da Revue de Linguistique romane....	15	137
ELIA, Maria Cristina da Fonseca De uma filha a seu pai.....	17-18	35-43
ELIA, Sílvio 500 anos de Brasil.....	17-18	222-251
À língua portuguesa.....	17-18	8
Abre-se mais uma legislatura.....	17-18	187-188
Absolvição de Collor pelo STF, A.....	17-18	184-185
Agostinho da Silva (1906-1994).....	7	73
AIDS.....	17-18	190
AIDS X Carnaval.....	17-18	190-191
ALERJ extingue 787 cargos, A.....	17-18	194
Amadeu Amaral.....	7	9-17
Anchieta e a evangelização do Brasil.....	17-18	207-222

Antenor Nascentes, o dialectólogo	1	21-36
Ao nível original	17-18	205-207
Aposentados	17-18	194-195
Autoria das Cartas chilenas, de José Schiavo, A.....	7	79
Baixos salários	17-18	182
Barba comprida, A	17-18	67-70
BC e o RJU, O	17-18	195-196
Burla no ensino	17-18	163-164
Cadernos pedagógicos e culturais, do Centro de Educação de Niterói.....	7	75
Cafundó (a África no Brasil), de Carlos Vogt; Peter Fry.....	13	95-105
Camões filósofo	17-18	131-133
Camões nas escolas.....	17-18	161-163
Cantiga <i>Dissêrom-m' hoj', ai amiga, que nom, A</i>	5	72-73
Carta ao Presidente Figueiredo.....	17-18	173-175
Combate à AIDS	17-18	191-192
Comemoração de aniversário da Casa das Beiras, no dia 19 de novembro de 1997 ...	14	130-131
Comentário a artigo de Fernando Pedreira	17-18	183-184
Comunicação do corpo, de Mônica Réctor e Aluizio Ramos Trinta	1	87
Comunidade dos países da língua portuguesa. Trabalhos desenvolvidos pela mesa-redonda Luso-Afro-Brasileira, A.....	7	107-112
Conto popular na Paraíba (um estudo lingüístico-gramatical), de Maria do Socorro Silva de Aragão et al., O.....	5	71
Da negatividade em português.....	16	31-39
(DE) que falamos, de Maria Cecília Mollica	11	107-108
Declínio da popularidade de FHC	17-18	203
Discurso oral culto, organizado por Dino Preti, O.....	14	116-118
Discursos (estudos de língua e cultura portuguesa), n. 4, da Universidade Aberta, Delegação de Coimbra	7	76
Discursos (estudos de língua e cultura portuguesa), n. 6, da Universidade Aberta, Delegação de Coimbra.....	7	76
Dois momentos da poesia de Manuel Bandeira, de Rocha Lima	3	121-123
Dois momentos da poesia de Manuel Bandeira, de Rocha Lima	5	70
Eleição de diretores de escola.....	17-18	67-168
Em defesa da língua e de uma grafia comum	17-18	94-100
Enigma da Arte de furtar, O.....	17-18	118-127
Entrevista de Paulo Renato, A.....	17-18	171-172
Escabrosa situação do ensino, A	17-18	169
Escritores de Guaratinguetá, de Brito Broca; Francisco de Assis Barbosa; Homero Senna.....	13	83-84
Espírito universitário.....	17-18	158-159
Estágio atual da língua portuguesa no mundo, O	17-18	48-55
Estudos universitários de língua e literatura	5	73-74
Evangelho da podridão, de Chico Viana, O.....	9	104-105
Evasão de professores.....	17-18	165-166
Excelência vernácula de Gonçalves Dias, A.....	5	79-80
Existencialismo e o Brasil, O.....	17-18	127-130
Extrema-direita na PUC.....	17-18	256-257
FH dá aumento de 170%... ao DAS.....	17-18	198-199

FHC X Classe média.....	17-18	202
Fiscalização das leis do ensino, A.....	17-18	146-148
Forma e conteúdo nas letras medievais	17-18	70-76
Frei Betto	17-18	254
Frei Leonardo Boff	17-18	257-259
Governo e a nova lei do IR, O	17-18	175-176
Gramática filosófica da língua portuguesa (reprodução fac-similada da edição de 1783, de Bernardo de Lima e Melo Bacelar, com introdução e notas do acadêmico correspondente Amadeu Torres.....	13	107-109
Guilhermino César (1908-1993).....	7	71-72
Hamilton Nogueira	17-18	251-253
História e antologia da literatura portuguesa: séculos XIII-XIV, publicado pela Fundação Calouste Gulbenkian.....	14	107-108
Horário e programas	17-18	151-154
II Canzoniere di D. Pedro, Conte di Barcelos, de Manuel Simões.....	6	101-104
Imposto de renda.....	17-18	201-202
Infeliz reforma do sistema previdenciário	17-18	189
Inflação de 96 é..., A.....	17-18	197-198
Inquérito parlamentar... proibidade.....	17-18	179-180
Introdução ao Maneirismo e à prosa barroca, de Segismundo Spina e Morris Croll... 1		87
Introducción a la lingüística, de Eugenio Coseriu	1	94-98
Inventário do arquivo 5, de Clarice Lispector	7	78
Jornada do Maranhão (ortografia, morfossintaxe, estilo e léxico), de Antônio Martins de Araújo, A.....	5	76-77
Latim, O	17-18	160-161
Lembrança de Sousa da Silveira	15	46
Lendo Hermilo Borba Filho (fisionomia e espírito de uma literatura), de Sônia Maria van Dijk Lima.....	5	75
Lettera sulla scoperta del Brasile, Pero Vaz de Caminha.....	5	84-88
Língua e linguagem em questão, organizado por Maria Teresa G. Pereira	14	119-125
Língua escrita no Brasil, de Edith Pimentel Pinto, A.....	1	101
Língua francesa no após-guerra, A	17-18	155-158
Língua portuguesa, publicação da Academia Brasileira da Língua Portuguesa.....	5	80
Linguagem da baixada goitacá, de Álvaro Barcelos, A	5	77-78
Linguagem na região de Franca, de Marina de Andrade Marconi.....	7	79-80
Línguas de cultura no limítar do terceiro milénio, As	17-18	111-118
Lírica de Camões, v. 3, t. 1, de Leodegário A. Azevedo Filho	11	109-113
Lírica de Camões. 2. sonetos, tomo 2, de Leodegário A. de Azevedo Filho.....	1	93
Literatura portuguesa em perspectiva, v. 1, de Lênia Márcia de Medeiros Mongelli et al., A.....	5	81-82
Lúis de Camões: de língua e de linguagem, de Evanildo Bechara.....	13	111-115
Mário de Andrade e a língua brasileira.....	17-18	83-93
Mário de Andrade, gramático	17-18	100-104
Mensalão	17-18	178
Método no ensino do latim, O	17-18	148-151
Missão Interamericana dos Direitos Humanos	17-18	253
Morfologia portuguesa, de José Lemos Monteiro	2	85-89

Morfossintaxe, de Flávia de Barros Carone.....	2	91-94
Noam Chomsky, metafísico frustrado da linguagem.....	17-18	133-145
Nosso contemporâneo Luís de Camões.....	17-18	63-67
Novo governo... palavras mágicas.....	17-18	186-187
Obras completas de Rui Barbosa, editada pela Fundação casa de Rui Barbosa.....	7	78
Ortodoxia do poeta, A.....	17-18	77-78
Otimismo... nosso governo da República.....	17-18	185-186
Palavras do natal.....	17-18	60-63
Para uma teoria sintática.....	4	33-45
Paulo Freire.....	17-18	169-171
Pecado original do acordo breve, entrevista com Sílvio Elia, catedrático brasileiro, O.....	17-18	79-82
Plano de cargos e salários para o BC.....	17-18	196-197
Poesia de Rei: três notas dionisinas, de Elsa Gonçalves.....	6	105-111
Porque a comunidade.....	12	157-164
Português brasileiro: uma viagem diacrônica, organizado por Ian Roberts e Mary A. Kato.....	7	83-92
Português do Brasil, de Ataliba T. de Castilho, O.....	5	88-104
Português no mundo, O.....	17-18	108-111
Previdência.....	17-18	193-194
Princípios de morfologia, Horácio Rolim de Freitas.....	2	99-103
Professores.....	17-18	168-169
Quadrant: revista do Centre de Recherche em Littérature de Langue Portugaise...7		77
Resgate do professor.....	17-18	166-167
Re-Unir: revista semestral do Curso de Letras da Universidade Federal de Rondônia, n. 3.....	9	107
Revista da ANPOLL, n. 2.....	11	93-94
Revista luso-brasileira de letras, n. 4, publicado pela Academia Luso-Brasileira De Letras.....	15	131-132
Revista Philologus, a. 2, n. 5.....	14	107
Sal da escrita, de Carlos d'Alge, O.....	14	108-109
Show milionário no Ano Novo.....	17-18	192
Sobre a crítica genética: I – antecedentes.....	9	83-97
Sobre a crítica genética: II.....	10	77-91
Sobre as novas gramáticas.....	3	43-51
Sobre plebiscitos.....	17-18	181
Sociólogo Emir Sader, O.....	17-18	255-256
Sr. Justino Rezende protesta, O.....	17-18	178-179
STF ganho de causa de 28,86%.....	17-18	203-204
Transcrição [Futuro da Língua Portuguesa no Brasil, de Agostinho de Campos]...9		99-102
Tumulto nas declarações de IR.....	17-18	177
Um mestre de luso-brasilidade.....	17-18	104-107
Um modernista.....	17-18	55-56
Uniletras, revista da Universidade Estadual de Ponta Grossa (Paraná).....	7	77-78
Venda de férias... pagamento de taxa extra.....	17-18	200-201
Villas Boas Corrêa está coberto de razão.....	17-18	259-262
Vossler e o idealismo lingüístico.....	17-18	57-60

ELIA, Sílvio

Apresentação.....	17-18	9-10
De uma filha a seu pai.....	17-18	35-43
Homenagem a Gladstone Chaves de Melo e Sílvio Elia, feita pela Academia Brasileira de Filologia, no dia 12 de setembro de 1998.....	16	132-133
Homenagem a Sílvio Elia.....	17-18	7
Lançamento da <i>Confluência</i> , v. 17-18, em Homenagem ao professor Sílvio Elia, no dia 19 de novembro de 1999.....	19	133-140
Na ponta da língua, organizado por Sílvio Elia.....	16	122-123
Palestra sobre <i>O romance de Almeida Garrett</i> , proferida por Sílvio Elia, no dia 21 de junho de 1994.....	8	100
Português em Brasil, história cultural, de Sílvio Elia, El.....	5	81
Professores eméritos da UFF.....	20	141-142
Sílvio Elia (4.7.1913-16.11.1998).....	16	5-6
Sílvio Elia: retrato e bibliografia.....	17-18	11-34
Em ar de conversa		
por Silva Ramos.....	1	79-83
Em busca da palavra exata: Graciliano Ramos, perfeccionista		
por Adriano da Gama Kury.....	8	57-67
Em defesa da língua e de uma grafia comum		
por Sílvio Elia.....	17-18	94-100
Em defesa da língua-comum do espaço luso-brasileiro		
por Gladstone Chaves de Melo.....	1	43-49
Em defesa de Mattoso Câmara: um caso de morfologia		
por Horácio Rolim de Freitas.....	25-26	224-233
Em demanda da gênese: uma metodologia de trabalho		
por Sônia Maria van Dijk Lima.....	8	85-91
Emprego dos demonstrativos este, esse, aquele na carta de Pero Vaz de Caminha		
por Luiz Soares de Lima.....	1	59-67
Encontro das Comunidades Luso-Brasileiras (5, Rio de Janeiro, 1998), realizado entre os dias 18 e 19 de abril de 1998.....	15	136-137
Encontro de Ecdótica e Crítica Genética (3, João Pessoa), entre os dias 15 e 18 de outubro de 1991.....	2	112-113
Encontro de Estudos Portugueses do Brasil (2, Rio de Janeiro, 1994), realizado pelo Centro de Estudos Portugueses do Brasil, no mês de agosto de 1994.....	8	101-102
Encontro Internacional de Estudos Medievais (1, São Paulo, 1995) realizado entre os dias 4 e 6 de julho de 1995.....	9	127-128
Encontro Internacional de Queirosianos (2, Coimbra), em julho de 1992.....	3	130
Encontro Internacional de Queirosianos (3, São Paulo, 1995), promovido pelo Centro de Estudos Portugueses da Universidade de São Paulo, entre os dias 18 e 24 de setembro de 1995.....	10	126-127

Encontro internacional, sob a epígrafe “Gênese e memória”, realizado pelo Instituto de Estudos Brasileiros, da Universidade de São Paulo e Associação de Pesquisadores do Manuscrito Literário, entre os dias 26 de agosto e 1º de setembro de 1994.....	8	102
Encontro Nacional da Anpoll (11, João Pessoa, 1996), entre os dias 2 e 6 de junho de 1995.....	11	127
Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (10, João Pessoa, 1995), realizado entre os dias 4 e 8 de junho de 1995.....	9	126
Encontro Nacional das Comunidades Luso-Brasileiras (4, Curitiba, 1994), entre os dias 19-20 de março de 1994	7	114-115
Encontro Nacional de Filologia (2, Rio de Janeiro, 1998), promovido pela Universidade do estado do Rio de Janeiro, entre os dias 21 e 23 de setembro de 1998	16	130
Encontro Setorial do GT Historiografia da Linguística Brasileira (3, Campinas, 1998) e Encontro Nacional da ANPOLL (13, Campinas, 1998), ambas realizadas pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística, entre os dias 9 e 11 de junho de 1998	15	138-140
Encontros na biblioteca do Liceu Literário Português por Antonio Basílio Rodrigues	14	132-133
Enigma da Arte de furtar, O por Sílvia Elia	17-18	118-127
Ensaio de estilística da língua portuguesa, de Gládstone Chaves de Melo por Adriano da Gama Kury.....	22	106-108
Ensaio de lingüísticas, filologia e ecdótica, de Leodegário A. de Azevedo Filho.....	16	115
Ensaio literários e lingüísticos, de José Pedro Machado.....	11	95
Ensinar a língua por José G. Herculano de Carvalho	4	9
Ensino		
Burla no ensino	17-18	163-164
Crítica textual – matéria básica na formação dos pesquisadores e professores de letras	29-30	125-150
Disciplina história da língua portuguesa em debate, A.....	29-30	113-123
Do sentido do ensino da língua portuguesa	5	29-47
Eleição de diretores de escola	17-18	167-168
Ensinar a língua	4	9
Ensino da língua portuguesa hoje: desafios e dilemas, O.....	21	25-33
Ensino da língua portuguesa na Universidade de Ciências Econômicas de Budapeste, O.....	2	73-75
Ensino do português, O.....	21	5-6
Escabrosa situação do ensino, A	17-18	169
Evasão de professores.....	17-18	165-166
Fundamentos lingüísticos e pedagógicos para um ensino abrangente e produtivo da língua materna	19	62-75
Gládstone Chaves de Melo e o bom combate pelo ensino da língua portuguesa	22	102-104
Leitura e ensino no Brasil do século XIX.....	24	71-82

Leitura e escrita na língua materna: a tarefa multidisciplinar.....	29-30	99-111
Linguística e o ensino da língua portuguesa em Portugal, A.....	29-30	83-89
Linguística e o ensino da língua portuguesa no Brasil: uma visão crítica, A.....	29-30	43-56
Linguística e o professor de português como língua materna, A.....	4	47-52
Literatura e ensino da língua portuguesa.....	29-30	205-219
Massificação e colegialidade.....	30	117-129
Mattoso Câmara e o ensino da língua portuguesa.....	29-30	267-277
Pórtico.....	3	9
Professor de português ante problemas do ensino: análise crítica de seu desempenho em um concurso público, O.....	23	84-101
Professores.....	17-18	168-169
Quem deve ensinar literatura brasileira.....	22	250-253
Resgate do professor.....	17-18	166-167
Sobre o ensino do idioma nacional: problemas, propostas e perspectivas.....	23	71-77
Texto e ensino: análise da variação linguística na narrativa.....	24	83-97
Ensino básico		
Terminologia linguística para os ensinos básico e secundário em Portugal.....	21	101-117
Ensino da língua portuguesa hoje: desafios e dilemas, O por Leonor Scliar Cabral.....	21	25-33
Ensino da língua portuguesa na Universidade de Ciências Econômicas de Budapeste, O por Olga ZSOLDOS.....	2	73-75
Ensino do português, O por Antônio Gomes da Costa.....	21	5-6
Ensino secundário		
Terminologia linguística para os ensinos básico e secundário em Portugal.....	21	101-117
Um novo livro sobre o ensino secundário.....	22	121-123
Universidade e a desvalorização do professor secundário, A.....	24	131-135
Entrega ao Presidente de Portugal Jorge Sampaio, o Laurel da gratidão, pelo Real Gabinete Português de Leitura, no dia 10 de setembro de 1997.....	14	128
Entretiens avec Georges Kassai et avec la collaboration de Jeanne Martinet, de A. Martinet por Helena Rebelo.....	24	152-159
Entrevista		
Entrevista de Paulo Renato, A.....	17-18	171-172
Pecado original do acordo breve, entrevista com Sílvio Elia, catedrático brasileiro, O.....	17-18	79-82
Entrevista de Paulo Renato, A por Sílvio Elia.....	17-18	171-172
Epifânio Dias: o homem e a obra por Maximiano de Carvalho e Silva.....	19	9-44
Epítome de Antonio de Moraes Silva na historiografia gramatical brasileira, O por Ricardo Cavaliere.....	25-26	215-223

Ernst Robert Curtius e sua obra por Segismundo Spina	16	40-48
Erros e dúvidas de linguagem, de Vittorio Bergo	13	80-81
Esaú e Jacó		
Discurso atributivo em Esaú e Jacó, O	27-28	209-222
Esboço de um retrato por Gustavo Corção	22	109-110
Escabrosa situação do ensino, A por Sílvio Elia	17-18	169
Escravo		
Modos de falar do escravo nos anúncios de jornal, Os.....	20	85-93
Escrita		
Drama de escrever, O.....	2	47-52
Leitura e escrita na língua materna: a tarefa multidisciplinar.....	29-30	99-111
Escritores de Guaratinguetá, de Brito Broca; Francisco de Assis Barbosa; Homero Senna por Sílvio Elia	13	83-84
Escrituração da escrita: teoria e prática do texto literário, de Gilberto Mendonça Teles, A.....	11	91
Esfinge clara e outros enigmas, de Othon M. Garcia.....	12	170
Eslavo – escravo: estudo histórico-etimológico por Antônio Geraldo da Cunha	9	33-45
Espírito universitário por Sílvio Elia	17-18	158-159
Estágio atual da língua portuguesa no mundo, O por Sílvio Elia	17-18	48-55
Estatística vocabular		
Sonetos de Camões: (alguns dados estatísticos), Os.....	13	69-75
Estilística		
Apuro da forma no Quincas Borba (Notas de estilística), O	1	50-58
Ensaio de estilística da língua portuguesa, de Gládstone Chaves de Melo	22	106-108
Mattoso Câmara estilicista.....	27-28	85-94
Modificações da forma literária	2	67
Para uma estilística estrutural	27-28	298-306
Estilo e as suas técnicas, de Marcel Gressot, O por Gladstone Chaves de Melo.....	1	99-100
Estrangeirismo		
Estrangeirismos: questão lingüística e ideológica	29-30	175-183
Estrangeirismos: questão lingüística e ideológica por Terezinha da Fonseca Passos Bittencourt.....	29-30	175-183

Estruturalismo		
Para uma estilística estrutural	27-28	298-306
Estudo gramatical		
Estudos gramaticais latinos, Os	20	38-44
Fontes inglesas dos estudos gramaticais brasileiros	20	59-68
Estudo histórico		
Partes <i>Orationis</i> : notas sobre a tradição greco-latina	31	59-81
Pressupostos para o estudo histórico da pronúncia brasileira	29-30	57-68
Estudo lingüístico		
Conversão do adjetivo em advérbio em perspectiva sincrônica e diacrônica, A.....	25-26	175-192
Crônicas de Machado de Assis ou crônicas machadianas?: (aspectos lingüísticos do problema).....	16	94-103
Dicionário os fez homem e mulher, O	21	70-92
Duas notas de linguagem à Feira dos anexins	9	79-81
Garvaya: da cantiga à busca de testemunhos.....	6	79-86
Língua das <i>Sextilhas de Frei Antão</i> , A.....	4	53-64
Problemas da língua: uma olhada nos <i>déficits</i> lingüísticos de seus usuários.....	25-26	248-258
Termo anexim na Feira dos anexins de F. Manuel de Melo, O.....	6	87-96
Estudo literário		
Forma e conteúdo nas letras medievais	17-18	70-76
Estudo medieval		
Encontro Internacional de Estudos Medievais (1, São Paulo, 1995) realizado entre os dias 4 e 6 de julho de 1995.....	9	127-128
Estudos da língua portuguesa em Portugal e no Brasil, Os por J. Mattoso Câmara Júnior	27-28	307-315
Estudos de Língua e literatura, de Segismundo Spina por Evanildo Bechara.....	2	78-79
Estudos de literatura, filologia e história		
Cultura e resistência.....	25-26	243-245
Estudos de literatura, filologia e história e história, de Segismundo Spina por Evanildo Bechara.....	24	148-150
Estudos dedicados a Ricardo Carvalho Calero, organizado por José Luís Rodrigues por Evanildo Bechara.....	21	123-124
Estudos gramaticais latinos, Os por Ismael de Coutinho.....	20	38-44
Estudos sobre os cioulos indo-portugueses, de Sebastião Rodolfo Dalgado	16	114-115
Estudos universitários de língua e literatura por Sílvio Elia	5	73-74
Etimologia		
Câmara e câmara.....	31	193-201
Cirigüela.....	15	92-97

Cólera-morbus, A.....	2	53-55
Desfazendo um equívoco.....	20	36-37
Dicionários e etimologias.....	24	113-125
Eslavo – escravo: estudo histórico-etimológico.....	9	33-45
Etimologia popular.....	22	227-232
Etimologias numa visão culturalista de Serafim da Silva Neto.....	14	73-84
Palavras do natal.....	17-18	60-63
Etimologia popular.....	22	227-232
Etimologias numa visão culturalista de Serafim da Silva Neto por Horácio Rolim de Freitas.....	14	73-84
Euclides da Cunha, Krieg im Sertão, aus dem brasilianischen portugiesisch von Berthold Zilly por Gerardo Guedes de Figueiredo e Wolfgang Roth.....	9	118-119
Eugenio Coseriu – depoimento <i>in memoriam</i> por Amadeu Torres.....	25-26	11-18
Eugenio Coseriu doutor honoris causa em duas universidades brasileiras.....	12	175-182
Eugenio Coseriu e Eberhard Gärtner em conferência realizada pelo Instituto de Língua Portuguesa, do Liceu Literário Português.....	8	101
Eugênio Coseriu ministra curso na Universidade Federal Fluminense.....	1	110
Eugenio Coseriu romanista e humanista por Rosalvo do Valle.....	25-26	55-59
Eugenio Coseriu: arquiteto de uma lingüística integral da linguagem por Evanildo Bechara.....	25-26	19-23
Evangelho da podridão, de Chico Viana, O por Sílvio Elia.....	9	104-105
Evangelização Anchieta e a evangelização do Brasil.....	17-18	207-222
Evanildo Bechara ministra curso. Intitulado Sintaxe e semântica da língua portuguesa, na Universidade de Coimbra.....	1	109
Evasão de professores por Sílvio Elia.....	17-18	165-166
Evolução do conceito de lingüística aplicada ao ensino de línguas, A por Carly Silva.....	1	68-76
Excelência vernácula de Gonçalves Dias, A por Sílvio Elia.....	5	79-80
Exigências e técnicas da boa tradução.....	22	261-265
Existencialismo Existencialismo e o Brasil, O.....	17-18	127-130
Existencialismo e o Brasil, O por Sílvio Elia.....	17-18	127-130

Expansão do sufixo – inho por Vittorio Bergo	8	75-84
Extinção de cargos		
ALERJ extingue 787 cargos, A.....	17-18	194
Extrema-direita na PUC por Sílvia Elia	17-18	256-257

- F -

Facoltà di Lettere e Filosofia

Congresso Brasileiro de Línguas e Literatura de Língua Portuguesa (29, Rio de Janeiro, 1997), promovido pelo Facoltà di Lettere e Filosofia e pela Sociedade Brasileira de Língua e Literatura, entre os dias 21 e 25 de julho de 1997.....	13	129-130
---	----	---------

Faculdade de Letras de Universidade de Coimbra. Faculdade de Letras. Instituto de Língua e Literatura Portuguesas

Reunião Internacional de Camonistas (6, Coimbra, 1996), promovido pelo Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos em colaboração com o Instituto de Língua e Literatura Portuguesas da Faculdade de Letras de Coimbra, entre os dias 16 e 19 de abril de 1996.....	11	77-83
---	----	-------

Faculdade Nacional de Filosofia

Discurso de paraninfo na Faculdade Nacional de Filosofia (27 de dezembro de 1954).....	27-28	286-297
Falecimento de Carlos Henrique da Rocha Lima, em 22 de junho de 1991.....	2	110
Falecimento de Clemildo Lyra de Arruda e Ovídio Cunha.....	13	127-128
Falecimento de Cordélia Rodrigues Chaves de Melo, no dia 17 de fevereiro de 1995..	9	121
Falecimento de Ernesto Guerra da Cal, no dia 27 de julho de 1994.....	9	121-122
Falecimento de Issac Nicolau Salum, em 3 de maio de 1993.....	5	114
Falecimento de J. J. van den Besselaar, em 20 de junho de 1991.....	2	109-110
Falecimento de Jorge Mário Barreto.....	9	122-123
Falecimento de José Azevedo Ferreira, no dia 13 de abril de 1995.....	9	122
Falecimento de José Rebouças Macambira por José Rogério Fontenele Bessa	3	107-109
Falecimento de Luís Filipe Lindley Cintra, em 1991	2	114-115
Falecimento de Luís Franco.....	9	122
Falecimento de Manuel de Paiva Boléo, em 01 de novembro de 1993 e Edith Pimentel Pinto, em 18 de novembro 1993	5	111-113
Falecimento de Manuel Simões, no mês de fevereiro de 1995.....	9	122
Falecimento de Miguel Torga, no dia 17 de janeiro de 1995.....	9	121
Falecimento de Napoleão Mendes de Almeida, no dia 24 de abril de 1998.....	15	140-141

Falecimento de Romeu Ritter dos Reis, em 1993.....	5	113-114
Falecimento de Vergílio Ferreira e Jorge Borges de Macedo	11	123-124
FARIA, Eduardo Lourenço		
Universidade Federal do Rio de Janeiro concedeu o título de Doutor Honoris causa ao Prof. Dr. Eduardo Lourenço de Faria, no dia 14 de setembro de 1995.....	10	126
FARIA, Ernesto		
Prof. Ernesto Faria e sua importância para os estudos de latim, O.....	31	49-57
Professor Ernesto de Faria	31	11-48
FARIA, L. de Castro		
Depoimentos sobre Mattoso Câmara.....	27-28	41-48
FÁVERO, Leonor Lopes		
De Moraes Silva a João Ribeiro – contribuição à história da gramática no Brasil.....	27-28	252-261
Leitura e ensino no Brasil do século XIX.....	24	71-82
FEIJÓ SOBRINHO, Pedro da Silva		
Comunidade dos países de língua portuguesa, de Pedro da Silva Feijó Sobrinho	15	126-127
FEIJÓ, Luiz César Saraiva		
Brasil x Portugal: um derby lingüístico, de Luiz César Saraiva Feijó.....	16	116
Feira dos anexins		
Duas notas de linguagem à Feira dos anexins	9	79-81
Termo anexim na Feira dos anexins de F. Manuel de Melo, O.....	6	87-96
FERES, Opázia Chain		
Cultura e resistência.....	25-26	243-245
Férias trabalhistas		
Venda de férias... pagamento de taxa extra.....	17-18	200-201
FERNANDES, José Alves		
Dicionário de formas e construções opcionais da língua portuguesa	21	123
FERREIRA, Carlos		
Diversidade do português do Brasil: estudos de dialectologia rural e outros, de Carlos Ferreira et al.....	2	80-81
FERREIRA, José Azevedo		
Falecimento de José Azevedo Ferreira, no dia 13 de abril de 1995.....	9	122
FERREIRA, Vergílio		
Falecimento de Vergílio Ferreira e Jorge Borges de Macedo	11	123-124
FERRONHA, António Luís		
Atlas da língua portuguesa na história e no mundo, de António Luís Ferronha et al... 5		82-83
FH dá aumento de 170%... ao DAS		
por Sílvia Elia	17-18	198-199
FHC X Classe média		
por Sílvia Elia	17-18	202

FIGUEIREDO JUNIOR, Nestor

- Cartas de Gilberto Freyre, de Sônia Maria van Dijk Lima e Nestor Figueiredo Junior 15 128

FIGUEIREDO, Gerardo Guedes de

- Euclides da Cunha, Krieg im Sertão, aus dem brasilianischen portugiesisch von Berthold Zilly 9 118-119

FIGUEIREDO, João Baptista de

- Carta ao Presidente Figueiredo 17-18 173-175

FILHO, Leodegário Amarante de Azevedo **ver** AZEVEDO FILHO, Leodegário

- A. de Filologia
por J. Mattoso Câmara Júnior 27-28 316-369

Filologia

- Filologia 27-28 316-369
Linguística, filologia e conhecimento da língua 22 232-236
Palavra filologia e as suas diversas acepções: os problemas da polissemia, A. 23 53-70

- Filologia e linguística portuguesa, n. 2, publicação da FFLCH/USP 20 133-134

- Filologia e linguística portuguesa, São Paulo, n. 1 13 89-90

Filologia portuguesa

- Iniciação à filologia portuguesa, de Glástone Chaves de Melo 22 99-102
Origem das letras, de Antenor Nascentes: uma reescritura 16 65-77

Filologia românica

- Carolina Michaëlis e a filologia românica 16 9-15
Incursões de Sousa da Silveira na Romanística 15 47-60

Filólogos portugueses entre 1868 e 1943, de Luís Prista; Cristina Albino

- por Evanildo Bechara 13 119-122

Filosofia

- Camões filósofo 17-18 131-133

Filosofia da linguagem

- Filosofia da linguagem e terminologia ecdótica 31 111-125

Filosofia da linguagem e terminologia ecdótica

- por Barbara Spaggiari 31 111-125

- Filosofia da linguagem, de J. Sumpf et al 1 91

FIQUEIREDO, Cândido de

- Herança de Cândido de Figueiredo, A 22 218-223

Fiscalização das leis do ensino, A

- por Sílvia Elia 17-18 146-148

Flores verbais, homenagem linguística e literária Eneida do Rego Monteiro Bomfim,

- no seu 70º aniversário, organizado pelo Jürgen Heye 11 88

Foi um sábio e foi um santo

- por Antônio Gomes da Costa 22 9-10

Fonética

Alternância portuguesa <i>fui: foi, A</i>	27-28	277-285
Fonética sintática	15	62-67
Gonçalves Viana and the phonic sciences	23	46-51
Gonçalves Viana and the study of portuguese phonetics.....	23	35-42
Pressupostos para o estudo histórico da pronúncia brasileira.....	29-30	57-68
Pronúncia de nomes próprios: o problema Gandavo ou Gândavo.....	16	89-93

Fonética sintática

por Ricardo Cavaliere	15	62-67
-----------------------------	----	-------

Fonologia

Contribuição de Mattoso Câmara aos estudos de fonologia portuguesa	27-28	75-84
--	-------	-------

Fonologia e morfologia na gramática científica brasileira, de Ricardo Cavaliere

por Olga Coelho.....	21	132-134
----------------------	----	---------

Fontes inglesas dos estudos gramaticais brasileiros

por Ricardo Cavaliere	20	59-68
-----------------------------	----	-------

Fontes para o estudo da vida e obra de Alphonsus de Guimaraens

por Maximiano de Carvalho e Silva	21	53-56
---	----	-------

Fontes para o estudo da vida e obra de Manuel Said Ali

por Maximiano de Carvalho e Silva	5	48-59
---	---	-------

Forma e conteúdo nas letras medievais

por Sílvio Elia	17-18	70-76
-----------------------	-------	-------

Formação de palavras em português, de Valter Kehdi.....

	3	117
--	---	-----

Formação de professores

Crítica textual – matéria básica na formação dos pesquisadores e professores de letra.....	29-30	125-150
Fórum de Estudos de Língua Portuguesa (1), entre os dias 22 e 24 de maio de 1991 ... 1		107-108

FORUM de Estudos Lingüísticos – língua, lingüística, literatura: uma integração para o ensino (2, Rio de Janeiro, 1997), realizado pelo Mestrado em Língua Portuguesa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, entre os dias 22 e 14 de outubro de 1997.....

	14	131-132
--	----	---------

FRANÇA, Ângela

Depoimentos sobre Mattoso Câmara.....	27-28	41-48
---------------------------------------	-------	-------

FRANCO, Luís

Falecimento de Luís Franco.....	9	122
---------------------------------	---	-----

Frei Betto

por Sílvio Elia	17-18	254
-----------------------	-------	-----

Frei Leonardo Boff

por Sílvio Elia	17-18	257-259
-----------------------	-------	---------

FREIRE, Paulo

Paulo Freire.....	17-18	169-171
-------------------	-------	---------

FREITAS, Horácio Rolim de

Aspectos diacrônicos e sincrônicos da língua portuguesa	20	69-83
---	----	-------

Carlos Alberto Short Nunes (16.5.1941-14.5.1999)	17-18	304-305
Contribuição de Mattoso Câmara aos estudos de fonologia portuguesa	27-28	75-84
Crônicas de Machado de Assis ou crônicas machadianas?: (aspectos lingüísticos do problema).....	16	94-103
Dicionários e etimologias	24	113-125
Em defesa de Mattoso Câmara: um caso de morfologia	25-26	224-233
Etimologias numa visão culturalista de Serafim da Silva Neto	14	73-84
Olmar Guterres da Silveira (19.6.1922-26.5.1999)	17-18	305-306
Prof. Ernesto Faria e sua importância para os estudos de latim, O.....	31	49-57
Um problema de semântica.....	9	61-67
FREITAS, Horácio Rolim de		
Obra de Olmar Guterres da Silveira (sua contribuição aos estudos das línguas portuguesa e latina), de Horácio Rolim de Freitas, A	13	77-78
Obra de Olmar Guterres da Silveira: sua contribuição aos estudos das línguas portuguesa e latina, de Horácio Rolim de Freitas, A	14	110-113
Princípios de morfologia, Horácio Rolim de Freitas	2	99-103
Princípios de morfologia: visão sincrônica, de Horácio Rolim de Freitas	16	113
FRY, Peter		
Cafundó (a África no Brasil), de Carlos Vogt; Peter Fry	13	95-105
Função e dinâmica das línguas, de André Martinet	10	120-121
Fundação Calouste Gulbenkian		
Critique textuelle portugaise, da Fundação Calouste Gulbenkian	1	90
História e antologia da literatura portuguesa (séculos XIII-XIV), publicado pela Fundação Calouste Gulbenkian.....	15	125-126
História e antologia da literatura portuguesa: séculos XIII-XIV, publicado pela Fundação Calouste Gulbenkian	14	107-108
Fundação Casa de Rui Barbosa		
Mesa-redonda sobre a situação atual do estudo de manuscritos e correspondências, realizado pela Fundação Casa de Rui Barbosa, no dia 05 de setembro de 1994	8	102
Obras completas de Rui Barbosa, editada pela Fundação casa de Rui Barbosa.....	7	78
Semana Mário de Andrade, promovida pela Fundação Casa de Rui Barbosa, entre os dias 27 de setembro e 1º de outubro de 1993	6	114-115
Fundação Casa de Rui Barbosa. Setor Ruiano		
Publicações da Direção e do Setor Ruiano da Fundação Casa de Rui Barbosa	19	126-128
Fundação do Centro de Estudos Portugueses, Brasileiros e Africanos de Língua Portuguesa.....	6	115
Fundação do Centro de Investigação Ibero-Americana, na Universidade de Leipzig, em 18 de janeiro de 1994	8	99
Fundamentos da lingüística geral, de Sesus Antônio Collado	1	91
Fundamentos lingüísticos e pedagógicos para um ensino abrangente e produtivo da língua materna por Carlos Eduardo Falcão Uchôa	19	62-75

- G -

Gabinete Português de Leitura (Bahia)

Quinto Império, revista editada pelo Gabinete Português de Leitura, da Bahia..... 6	100
Galeria de meus mestres no Colégio Pedro II, Antenor Nascentes por Wilson Choeri..... 23	128-139
Galope do tempo, de Reynaldo Valinho Alvarez por Antonio Basílio Rodrigues 16	124-125
GALVÃO, Jesus Bello	
Apontamentos de leituras: I – lendo João Ribeiro, de Jesus Bello Galvão 5	74
Jesus Bello Galvão..... 23	121-127
GAMA, Ítalo Saldanha da	
Posse na Academia de Letras do Estado do Rio de Janeiro de Ítalo de Saldanha da Gama, no dia 5 de maio de 1997 14	129
GAMBOA, Marcia	
Garvaya: da cantiga à busca de testemunhos..... 6	79-86
GARCIA, Othon M	
Esfinge clara e outros enigmas, de Othon M. Garcia..... 12	170
Garnacha ver Garvaya	
GÄRTNER, Eberhard	
Congresso Alemão de Romanística (24, Münster, 1995), organizado pela Associação Alemão de Romanistas, entre os dias 25 e 28 de 1995..... 11	73-76
Particularidades morfosintáticas do português de Angola e Moçambique 12	27-58
GÄRTNER, Eberhard	
Eugenio Coseriu e Eberhard Gärtner em conferência realizada pelo Instituto de Língua Portuguesa, do Liceu Literário Português 8	101
Grammatik der portugugiesischen Sprache, de Eberhart Gärtner 20	130
Pesquisas lingüísticas em Portugal e no Brasil, editado por Eberhard Gärtner 16	113-114
Garvaya	
Garvaya: da cantiga à busca de testemunhos..... 6	79-86
Garvaya: da cantiga à busca de testemunhos por Marcia Gamboa 6	79-86
Gênese de uma poética da transtextualidade, de Sônia Maria van Dijck Lima 6	99-100
Gênese e memória, Anais do IV Encontro Internacional de Pesquisadores do Manuscrito e de Edições, organizado por Philippe illermart..... 11	85
Gênese textual ver Crítica genética	
Gládstone Chaves de Melo e o bom combate pelo ensino da língua portuguesa por Rosalvo do Valle..... 22	102-104
Gládstone Chaves de Melo e o nosso Instituto de Língua Portuguesa por Evanildo Bechara..... 22	84-85

Gladstone Chaves de Melo recebe o título de Honoris Causa, pela Universidade de Coimbra, no dia 24 de outubro de 1993	6	115-116
Gladstone Chaves de Melo, um brasileiro de alma portuguesa por Aníbal Pinto de Castro	22	89-91
Gládstone Chaves de Melo: o homem e a obra por Maximiano de Carvalho e Silva	22	11-81
Glotta, revista de pós-graduação da UNESP, n. 12-13	3	117
Glotta: revista de estudos lingüísticos, n. 15	9	105-106
Glotta: revista de estudos lingüísticos, n. 16	10	120
GOMES, Maria Rita Andrade Protocolo	2	6-7
Gonçalves Viana por J. J. Nunes	23	43-45
Gonçalves Viana and the phonic sciences por J. Mattoso Câmara Júnior	23	46-51
Gonçalves Viana and the study of portuguese phonetics por Francis M. Rogers	23	35-42
GONÇALVES, Elsa Poesia de Rei: três notas dionisinas, de Elsa Gonçalves	6	105-111
GONÇALVES, Francisco Rebelo Obra completa, de Francisco Rebelo Gonçalves	15	132-133
GONÇALVES, Magaly Trindade Antologias de antologias: 101 poetas brasileiros <i>revisitados</i> , de Magaly Trindade Gonçalves; Zélia Thomaz de Aquino; Zina Bellodi Silva	13	79-80
GONÇALVES, Maria Filomena Idéias lingüísticas em Portugal no século XVIII, As	14	37-59
Governo e a nova lei do IR, O por Sílvio Elia	17-18	175-176
Graal Demanda do Santo Graal, A	11	98-99
Gradação Grau em português, O	24	126-130
Gragoatá, revista do Instituto de Letras/UFF	20	132-133
Gragoatá: revista do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense	13	88-89
Gramática Ars recte loquendi: constituição da gramática brasileira novecentista	25-26	234-242
Concordância com um dos que na tradição gramatical do português, A	20	95-101
Gramática em crise	22	215-218
Gramaticalização das formas estar, ser, andar, ir, vir + gerúndio. Breve		

percurso por textos dos séculos XIII a XVI – usos, sentido e valores.....	31	127-165
Sobre as novas gramáticas	3	43-51
Tradição gramatical luso-brasileira, A	10	67-76
Vicissitudes gramatológicas do nome como categoria privilegiada no quadro das classes de palavras.....	25-26	259-296
Gramática da linguagem portuguesa, de Fernão de Oliveira por Dieter Woll.....	20	135-138
Gramática descritiva		
Diretrizes gerais para a elaboração de uma gramática descritiva	11	65-69
Gramática em crise	22	215-218
Gramática filosófica da língua portuguesa (reprodução fac-similada da edição de 1783, de Bernardo de Lima e Melo Bacelar, com introdução e notas do acadêmico correspondente Amadeu Torres por Silvío Elia	13	107-109
Gramática funcional, de Maria Helena de Moura Neves, A	16	111
Gramática histórica		
Gramática histórica de Eduardo Carlos Pereira, A	9	47-53
Gramática histórica de Eduardo Carlos Pereira, A por Heitor Megale.....	9	47-53
Gramática normativa da língua portuguesa, de Rocha Lima por Evanildo Bechara.....	3	125-127
Gramática portuguesa		
Mário Pereira de Souza Lima – gramática portuguesa.....	7	39-43
Gramaticalização das formas estar, ser, andar, ir, vir + gerúndio. Breve percurso por textos dos séculos XIII a XVI – usos, sentido e valores por Carla Abreu Vaz.....	31	127-165
Gramatiquinha da fala brasileira		
Mário de Andrade e a língua brasileira.....	17-18	83-93
Grammatica da linguagem portuguesa (1536)		
Keyword-in-context index of the Grammatica da linguagem portuguesa (1536) by Fernão de Oliveira, de Toru Maruyama.....	24	150-151
Grammatica expositiva		
Modificações na Grammatica expositiva de Eduardo Carlos Pereira.....	27-28	223-249
Grammatical da lingoagem portuguesa e os índices Maruyama da ortografia lusitana quinhentista, organizado por T. Maruyama, A por Antonio Martins de Araujo	24	159-164
Grammatik der portugugiesischen Sprache, de Eberhart Gärtner	20	130
Grão da voz, O	1	88
Grau em português, O por Ricardo Cavaliere	24	126-130

GRESSOT, Marcel

Estilo e as suas técnicas, de Marcel Gressot, O 1 99-100

Guaratinguetá (São Paulo)

Escritores de Guaratinguetá, de Brito Broca; Francisco de Assis Barbosa;
Homero Senna..... 13 83-84

GUERRA DA CAL, Ernesto

Falecimento de Ernesto Guerra da Cal, no dia 27 de julho de 1994..... 9 121-122

Guerra do Iraque

Neologismo na cobertura jornalística da Guerra do Iraque: ruídos da
comunicação internacional?, O 27-28 167-174

Guerra Mundial, 1939-1945

Língua francesa no após-guerra, A 17-18 155-158

Guia de estudo, de Clarinda de Azevedo Maia, da Coleção Textos pedagógicos
e didáticos 11 100-102

Guilhermino César (1908-1993)

por Sílvio Elia 7 71-72

GUIMARAENS, Alphonsus **ver** GUIMARÃES, Afonso

GUIMARÃES, Afonso

Fontes para o estudo da vida e obra de Alphonsus de Guimaraens 21 53-56

Gustavo Corção e sua obra singular: reedição de A descoberta do outro
por Maximiano de Carvalho e Silva 21 60-69

- H -

Hamilton Nogueira
por Sílvio Elia 17-18 251-253

HENRIQUES, Cláudio Cezar

Origem das letras, de Antenor Nascentes: uma reescritura 16 65-77

Herança de Cândido de Figueiredo, A 22 218-223

Herança parnasiana na Obra de Camilo Pessanha, A

por Barbara Spaggiari 19 107-117

Herói problemático em Cerromaior, de José Carlos Barcellos, O

por Antonio Basílio Rodrigues 14 114

HEYE, Jürgen

Flores verbais, homenagem lingüística e literária Eneida do Rego Monteiro
Bomfim, no seu 70º aniversário, organizado pelo Jürgen Heye 11 88

História crítica da literatura portuguesa (Realismo e Naturalismo), de Maria**Aparecida Ribeiro**

por Evanildo Bechara..... 7 81

História da gramática

De Moraes Silva a João Ribeiro – contribuição à história da gramática no Brasil..... 27-28 252-261

Epítome de Antonio de Moraes Silva na historiografia gramatical brasileira, O	25-26	215-223
História da Língua Portuguesa		
Disciplina história da língua portuguesa em debate, A.....	29-30	113-123
Mattoso Câmara e a história da língua portuguesa.....	27-28	67-73
Mattoso Câmara e a história da língua portuguesa.....	29-30	279-286
Um artigo sobre história da língua portuguesa.....	19	131-132
História do Brasil		
500 anos de Brasil.....	17-18	222-251
História e antologia da literatura portuguesa (séculos XIII-XIV), publicado pela Fundação Calouste Gulbenkian.....	15	125-126
História e antologia da literatura portuguesa: séculos XIII-XIV, publicado pela Fundação Calouste Gulbenkian por Silvio Elia.....	14	107-108
Histórias de proveito e exemplo		
Uma nova edição das Histórias de proveito e exemplo de Gonçalo Fernandes Trancoso.....	19	121-123
Historiografia		
Vicissitudes gramatológicas do nome como categoria privilegiada no quadro das classes de palavras.....	25-26	259-296
Hofmann, Johann Baptist		
Uma obra preciosa ao romanista: a Lateinische umgangssprache de Johann Baptist Hofmann.....	31	83-86
HOLANDA, Aurélio Buarque		
Aurélio Buarque de Holanda.....	24	136-146
Homem português, O por Antônio Gomes da Costa.....	13	5-8
Homenagem		
Amadeu Amaral.....	7	9-17
Aniceto dos Reis Gonçalves Viana.....	23	11-12
Aniceto dos Reis Gonçalves Viana.....	23	13-18
Apresentação.....	17-18	9-10
Arquivo Mattoso Câmara.....	27-28	275
Aurélio Buarque de Holanda.....	24	136-146
Biobibliografia de Eugenio Coseriu.....	25-26	60-92
Biografia de Adolfo Coelho.....	12	11-12
Boa causa do paladino da língua, A.....	3	15-16
Caminho do filólogo Gládstone Chaves de Melo, O.....	22	86-88
Cândido Jucá (Filho), o gramático.....	13	11-28
Celso Cunha, o não-gramático.....	5	23-28
Cinqüentenário da morte de Leite de Vasconcelos.....	2	11-13
Coseriu e a lingüística do texto.....	25-26	24-35
De uma filha a seu pai.....	17-18	35-43

Depoimentos sobre Mattoso Câmara.....	27-28	41-48
Epifânio Dias: o homem e a obra.....	19	9-44
Eugenio Coseriu – depoimento <i>in memoriam</i>	25-26	11-18
Eugenio Coseriu romanista e humanista.....	25-26	55-59
Eugenio Coseriu: arquiteto de uma lingüística integral da linguagem.....	25-26	19-23
Falecimento de José Rebouças Macambira.....	3	107-109
Foi um sábio e foi um santo.....	22	9-10
Gládstone Chaves de Melo e o nosso Instituto de Língua Portuguesa.....	22	84-85
Gladstone Chaves de Melo, um brasileiro de alma portuguesa.....	22	89-91
Gládstone Chaves de Melo: o homem e a obra.....	22	11-81
Gonçalves Viana.....	23	43-45
Homenagem a Amadeu Amaral.....	7	7-8
Homenagem a Cândido Jucá (Filho).....	13	9
Homenagem a Carlos Henrique da Rocha Lima.....	3	7
Homenagem a Carolina Michaëlis de Vasconcelos.....	16	7
Homenagem a Celso Ferreira da Cunha.....	5	7
Homenagem a Clóvis Monteiro.....	11	7
Homenagem a Epifânio Dias.....	19	7
Homenagem a Eugenio Coseriu na UFF, no dia 3 de dezembro de 2003.....	25-26	307
Homenagem a Francisco Adolfo Coelho.....	12	9
Homenagem a Gladstone Chaves de Melo e Sílvio Elia, feita pela Academia Brasileira de Filologia, no dia 12 de setembro de 1998.....	16	132-133
Homenagem a Gonçalves Vianna.....	23	9
Homenagem a Ismael de Lima Coutinho.....	20	7
Homenagem a Jacinto do Prado Coelho.....	10	9
Homenagem a João da Silva Correia.....	21	8
Homenagem a José G. Herculano de Carvalho.....	4	7
Homenagem a Lindley Cintra.....	8	7-9
Homenagem a Manuel de Paiva Boléo.....	6	9-12
Homenagem a Manuel Rodrigues Lapa.....	14	8
Homenagem à Maria Helena Rocha Pereira.....	10	129
Homenagem a Paul Teyssier.....	24	9
Homenagem a Serafim da Silva Neto.....	9	7
Homenagem a Silvo Elia.....	17-18	7
Homenagem a Sousa da Silveira.....	15	11
Homenagem a Vicente Tapajós, em 10 de abril de 1992.....	11	124
Homília na santa missa de corpo presente.....	22	92-93
Incurções de Sousa da Silveira na Romanística.....	15	47-60
Ismael de Lima Coutinho: o homem e a obra.....	20	9-35
Jesus Bello Galvão.....	23	121-127
João da Silva Correia.....	21	9-20
João da Silva Correia.....	21	21-23
Joseph M. Piel.....	3	111-112
Lançamento da Confluência, v. 17-18, em Homenagem ao professor Sílvio Elia, no dia 19 de novembro de 1999.....	19	133-140
Lembrança de Sousa da Silveira.....	15	46

Liceu: novas energias.....	4	115-116
Louvor do filólogo, O	22	96-99
Manuel Rodrigues Lapa.....	14	9-10
Mattoso Câmara: a figura humana e o professor	27-28	11-20
Mestre Augusto Magne.....	22	125-128
Mestre Serafim da Silva Neto, O	9	9-12
Na missa de 7º dia.....	22	94-95
Paul Teyssier	24	11-13
Paul Teyssier <i>in memoriam</i>	24	14-42
Pequena lembrança de um grande mestre.....	15	44-45
Prof. Antenor Nascentes, homenagem.....	1	16-19
Prof. Ernesto Faria e sua importância para os estudos de latim, O.....	31	49-57
Professor Ernesto de Faria	31	11-48
Propriedades essenciais da linguagem, As.....	25-26	36-54
Quintino do Vale	25-26	297-305
Recordando Clóvis Monteiro.....	11	9-13
Saudade de Clóvis Monteiro.....	11	15-16
Sesquicentenário de um grande mestre.....	2	8-10
Silêncio de Jacinto do Prado Coelho, O	10	11-13
Sílvio Elia (4.7.1913-16.11.1998).....	16	5-6
Sousa da Silveira, patrono do Congresso Internacional de Filologia Portuguesa ...	22	130-135
Sousa da Silveira, professor.....	22	128-130
Sousa da Silveira: o homem e a obra.....	15	13-43
Um depoimento sobre meu pai.....	22	82-83
Homenagem a Amadeu Amaral	7	7-8
Homenagem a Cândido Jucá (Filho).....	13	9
Homenagem a Carlos Henrique da Rocha Lima.....	3	7
Homenagem a Carolina Michaëlis de Vasconcelos	16	7
Homenagem a Celso Ferreira da Cunha	5	7
Homenagem a Cleonice Berardinelli por Evanildo Bechara.....	16	142
Homenagem a Clóvis Monteiro	11	7
Homenagem à Eneida do Rego Monteiro Bomfim, realizado pelo Departamento de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, no dia 12 de dezembro de 1996.....	11	123
Homenagem a Epifânio Dias	19	7
Homenagem a Eugenio Coseriu na UFF, no dia 3 de dezembro de 2003.....	25-26	307
Homenagem a Francisco Adolfo Coelho	12	9
Homenagem a Gladstone Chaves de Melo e Sílvio Elia, feita pela Academia Brasileira de Filologia, no dia 12 de setembro de 1998.....	16	132-133
Homenagem a Gonçalves Vianna	23	9
Homenagem a Ismael de Lima Coutinho.....	20	7

Homenagem a Jacinto do Prado Coelho	10	9
Homenagem a João da Silva Correia	21	8
Homenagem a José G. Herculano de Carvalho	4	7
Homenagem a Lindley Cintra	8	7-9
Homenagem a Manuel de Paiva Boléo	6	9-12
Homenagem a Manuel Rodrigues Lapa	14	8
Homenagem à Maria Helena Rocha Pereira	10	129
Homenagem a Paul Teyssier	24	9
Homenagem a Serafim da Silva Neto	9	7
Homenagem a Sílvio Elia	17-18	7
Homenagem a Sousa da Silveira	15	11
Homenagem a Vicente Tapajós, em 10 de abril de 1992	11	124
Homília na santa missa de corpo presente por Justino de Almeida Bueno	22	92-93
Honrar o português como língua materna por Francisco Gomes de Matos	15	117-120
Horário e programas por Sílvio Elia	17-18	151-154
HOUAISS, Antônio		
Boa causa do paladino da língua, A	3	15-16
Discurso do Acadêmico Antonio Houaiss, O	1	15
HOUAISS, Antônio		
Antônio Houaiss (15.10.1915-7.3.1999)	17-18	304
Antonio Houaiss assumi o Ministério da Cultura	5	108
Lançamento da obra <i>Antônio Houaiss: uma vida</i> , em comemoração dos 80 anos de Antônio Houaiss	10	119
HUMMEL, Martín		
Considerações sobre os tipos <i>ela fala esquisito</i> e <i>ela chega cansada</i> no português coloquial e literário do Brasil e de Portugal	24	43-70
Conversão do adjetivo em advérbio em perspectiva sincrônica e diacrônica, A	25-26	175-192

Idade Média

Aditamento ao Índice do vocabulário do português medieval	3	23-35
Forma e conteúdo nas letras medievais	17-18	70-76
Gramaticalização das formas estar, ser, andar, ir, vir + gerúndio. Breve percurso por textos dos séculos XIII a XVI – usos, sentido e valores	31	127-165
Grammatical da lingoagem portuguesa e os índices Maruyama da ortografia lusitana quinhentista, organizado por T. Maruyama, A	24	159-164

Renascimento e as Línguas Vernáculas, O	79	76-83
Sobre a formação dos nomes de mulher medievais hipano-visigodos	3	79-106
Três exotismos quinhentistas (o Betel, a Coca e a Cola).....	11	33-37
Idéias lingüísticas de Fernão de Oliveira, As		
por José Lemos Monteiro	15	98-116
Idéias lingüísticas em Portugal no século XVIII, As		
por Maria Filomena Gonçalves.....	14	37-59
Imagem		
Comparação: a imagem, a metáfora, A.....	27-28	263-273
Impasses no nacionalismo em edição crítica, <i>Triste fim de Policarpo Quaresma</i>, de Lima Barreto, na <i>Coleção Archivos, Os</i>		
por Berthold Zilly	21	97-100
Imposto de renda		
por Sílvio Elia	17-18	201-202
Imposto de renda		
Imposto de renda.....	17-18	201-202
Governo e a nova lei do IR, O	17-18	175-176
Mensalão.....	17-18	178
Sr. Justino Rezende protesta, O	17-18	178-179
Tumulto nas declarações de IR	17-18	177
Venda de férias... pagamento de taxa extra.....	17-18	200-201
Imprensa ver Jornalismo		
Inauguração da Biblioteca do Instituto de Língua Portuguesa, no dia 18 de maio de 1998.....	15	138
Inauguração da Sala Professor Antenor Nascentes, no Colégio Pedro II, no dia 25 de agosto de 1992.....	3	131
Incurções de Sousa da Silveira na Romanística		
por Evanildo Bechara.....	15	47-60
Independência do Brasil		
Mário Soares e o 7 de setembro.....	8	93-94
Índice		
Aditamento ao Índice do vocabulário do português medieval	3	23-35
Índice da Confluência 1 a 16.....	17-18	307-326
Índice da Confluência 1 a 16		
por Fátima Grandin Armond.....	17-18	307-326
Índice do Vocabulário do português medieval, 3: D.....	9	104
Infeliz reforma do sistema previdenciário		
por Sílvio Elia	17-18	189
Inflação		
Inflação de 96 é..., A.....	17-18	197-198

Inflação de 96 é..., A por Sílvia Elia	17-18	197-198
Iniciação à filologia portuguesa, de Glástone Chaves de Melo por Ismael de Coutinho.....	22	99-102
Inquérito parlamentar... proibidade por Sílvia Elia	17-18	179-180
Instituto de Estudos Portugueses Afrânio Peixoto		
Palestras do Instituto de Estudos Portugueses Afrânio Peixoto realizadas no primeiro semestre de 1992.....	3	129
Instituto de Língua Portuguesa		
Palestras e conferencias realizadas pelo Instituto de Língua Portuguesa	6	116
Discurso pronunciado pelo Presidente do Liceu Literário Português Dr. Antonio Gomes da Costa, na sessão de Instalação do Instituto de Língua Portuguesa	1	8-14
Instituto de Pesquisas Lingüísticas		
Congresso Brasileiro de Língua Portuguesa (7, Rio de Janeiro, 1998), promovido Instituto de Pesquisas Lingüísticas, entre os dias 1 e 2 de maio de 1998.....	16	129
Interjeição		
Interjeição à luz da semântica argumentativa, A.....	27-28	199-207
Uma interjeição singular	5	66-69
Interjeição à luz da semântica argumentativa, A por Ricardo Cavaliere	27-28	199-207
Introdução ao estudo da fonologia e morfologia do português, de Jorge Morais Barbosa	10	121-122
Introdução ao Maneirismo e à prosa barroca, de Segismundo Spina e Morris Croll por Sílvia Elia	1	87
Introdução ao nacionalismo galego, de José Viale Moutinho.....	1	91
Introducción a la lingüística, de Eugenio Coseriu por Sílvia Elia	1	94-98
Invenção da história (estudos sobre o historicismo), de Arno Wehling, A	11	88-89
Inventário do arquivo 5, de Clarice Lispector por Sílvia Elia	7	78
Irmandades da Fala da Galiza e Portugal		
Congresso Internacional de Literatura Lusófona, realizado pelas Irmandades da Fala da Galiza e Portugal e pelo Conselho Internacional da Lusofonia	11	123
Ismael de Lima Coutinho: o homem e a obra por Rosalvo do Valle.....	20	9-35
Istituto Universitario Orientale. Facoltà di Lettere e Filosofia		
Congresso Portugal e os Mares: um encontro de culturas, realizado em Nápoles, promovido pela Facoltà di Lettere e Filosofia do Istituto Universitario Orientale, entre os dias 15 e 17 de dezembro de 1994	13	128-129

IVO, Ledo		
Um filólogo desafia o Diabo: Aristóteles tem um representante na Câmara dos Vereadores	22	113-116
IVO, Ledo		
Visita de Ledo Ivo a Lisboa	5	108-109
- J -		
JAKOBSON, Roman		
Depoimentos sobre Mattoso Câmara	27-28	41-48
Jean-Michel Massa dirige equipe, cujo objetivo é a edição das obras completas de Machado de Assis	10	129
Jean-Michel Massa e sua visita ao Brasil	9	127
Jesus Bello Galvão		
por Rosalvo do Valle	23	121-127
João da Silva Correia		
por Evanildo Bechara	21	9-20
João da Silva Correia		
por Hernani Cidade	21	21-23
JOÃO PAULO II, Papa		
Língua portuguesa e o Papa, A	24	7-8
João Ribeiro sempre, de Núbia Marques	15	127-128
João Ribeiro: bibliografia anotada e comentada, de Marcos de Farias Costa por Hilma Ranauro	16	126-128
Joaquim Manuel de Macedo ou os dois Macedos, de Tânia Rebelo Costa Serra	11	87-88
Jornada do Maranhão (ortografia, morfossintaxe, estilo e léxico), de Antônio Martins de Araújo, A		
por Silvío Elia	5	76-77
Jornadas de Cultura Galega, promovido pelo Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense, entre os dias 11 e 13 de dezembro de 1991	2	113-114
Jornadas UFF de Cultura Galega (2, Niterói, 1994), realizado em os dias 16 e 19 de maio de 1994	8	99-100
Jornalismo		
Moçambique, março de 1995: o português da imprensa	12	115-135
Neologismo na cobertura jornalística da Guerra do Iraque: ruídos da comunicação internacional?, O	27-28	167-174
José Hermano Saraiva no Liceu Literário Português		
por Antônio Gomes da Costa	20	139-141
Joseph M. Piel		
por Evanildo Bechara	3	111-112

JUCÁ FILHO, Cândido

Bibliografia de Cândido Jucá (Filho).....	13	29-37
Cândido Jucá (Filho), o gramático.....	13	11-28
Coincidências lingüísticas.....	13	47-48
Homenagem a Cândido Jucá (Filho)	13	9

Julgamento

Absolvição de Collor pelo STF, A	17-18	184-185
Julius Platzmann: e os seus trabalhos sobre as línguas americanas por Carolina Michaëlis de Vasconcelos	16	106-110

- K -**KASSAI, Georges**

Entretiens avec Georges Kassai et avec la collaboration de Jeanne Martinet, de A. Martinet.	24	152-159
---	----	---------

KATO, Mary A.

Português brasileiro: uma viagem diacrônica, organizado por Ian Roberts e Mary A. Kato	7	83-92
---	---	-------

KEDHI, Valter

Formação de palavras em português, de Valter Kehdi.....	3	117
Morfemas do português, de Valter Kehdi	1	105
Morfemas do português, Valter Kehdi.....	2	95-97

KEHDI, Valter

Complemento nominal: problemas de caracterização	5	60-65
Complementos verbais preposicionados.....	3	37-42
Considerações em torno da Moderna gramática portuguesa, do Prof. Evanildo Bechara.....	21	34-45
Contribuição para o tratamento de preposições num dicionário espanhol/português	23	78-83
Da unipessoalização/imessoalização à pessoalização verbal (e vice-versa).....	8	69-74
Dicionários de regência verbal da língua portuguesa	2	35-46
Diretrizes gerais para a elaboração de uma gramática descritiva	11	65-69
Léxico de Guimarães Rosa, de Nilce Sant'Anna Martins, O	21	130-131
Mário Pereira de Souza Lima – gramática portuguesa	7	39-43
Sintaxe de J. Mattoso Câmara Jr.: novas considerações, A.....	29-30	249-253
Sintaxe portuguesa – metodologia e funções, de Mário Perini.....	1	101-102
Subordinação inversa, A	24	98-103
Substantivos deverbais em português, Os.....	25-26	209-214
Keyword-in-context index of the Grammatica da linguagem portuguesa (1536) by Fernão de Oliveira, de Toru Maruyama por Evanildo Bechara.....	24	150-151

KOPSHITZ, Maria Helena Peixoto

Professores eméritos da UFF	20	141-142
-----------------------------------	----	---------

KOSSÁRIK, Marina		
Monumentos lingüísticos portugueses dos séculos XVI e XVII.....	25-26	93-174
KURY, Adriano da Gama		
Apuro da forma no Quincas Borba (Notas de estilística), O	1	50-58
Atlas lingüístico de Sergipe	1	98-99
Em busca da palavra exata: Graciliano Ramos, perfeccionista	8	57-67
Ensaio de estilística da língua portuguesa, de Gládstone Chaves de Melo	22	106-108
Uma página (quase) inédita de Machado de Assis	1	78

- L -

LABAN, Michel		
Português literário do Cabo Verde, O	12	101-113
Labirintos e mapas, de Maria Helena Varela por Antonio Basílio Rodrigues	16	125-126
LACERDA, Helena da Rosa Cortes de		
Um valioso dicionário de provérbios.....	20	106-108
Lançamento da Confluência, v. 17-18, em Homenagem ao professor Silvio Elia, no dia 19 de novembro de 1999.....	19	133-140
Lançamento da obra <i>Antônio Houaiss: uma vida</i> , em comemoração dos 80 anos de Antônio Houaiss	10	119
Lançamento de <i>Camões, o desconcerto do mundo e a estética da utopia</i> e o 3º volume da <i>Lírica de Camões</i> , ambas de Leodegário A. de Azevedo Filho	10	119
Lançamento de <i>Pronúncias, erudita e vulgar</i> de Hélio Melo.....	10	119-120
Lançamento do livro Índice analítico do vocabulário dos sonetos da 1ª edição (1595) da <i>Rhythmas</i> de Luis de Camões, de A. G. Cunha, em 20 de maio de 1996.....	11	126-127
LAPA, Manuel Rodrigues		
Bibliografia do Prof. Manuel Rodrigues Lapa.....	14	11-32
Homenagem a Manuel Rodrigues Lapa.....	14	8
Manuel Rodrigues Lapa.....	14	9-10
Tradução de livros estrangeiros em Portugal, com Manuel Rodrigues Lapa, A.....	14	60-72
Lateinisch – romanischen Zusammensetzungen Nomen + Verb und der Ursprung der romanischen Verb – Ergänzung – Komposita, de Hans Dieter Bork, Die por Evanildo Bechara.....	2	105-106
Lateinische umgangssprache		
Uma obra preciosa ao romanista: a Lateinische umgangssprache de Johann Baptist Hofmann	31	83-86
Latim, O por Silvio Elia	17-18	160-161
Latina essentia, Antônio Martinez de Resende	11	95-96

Laurel da gratidão

Entrega ao Presidente de Portugal Jorge Sampaio, o Laurel da gratidão, pelo Real Gabinete Português de Leitura, no dia 10 de setembro de 1997	14	128
---	----	-----

Legislação

Fiscalização das leis do ensino, A.....	17-18	146-148
---	-------	---------

LEITE, Yonne

Depoimentos sobre Mattoso Câmara.....	27-28	41-48
Pesquisa com línguas indígenas brasileiras: um debate, A.....	10	53-59

Leitura

Leitura e ensino no Brasil do século XIX.....	24	71-82
Leitura e escrita na língua materna: a tarefa multidisciplinar.....	29-30	99-111

Leitura e ensino no Brasil do século XIX

por Leonor Lopes Fávero.....	24	71-82
------------------------------	----	-------

Leitura e escrita na língua materna: a tarefa multidisciplinar

por José Carlos de Azevedo.....	29-30	99-111
---------------------------------	-------	--------

Lembrança de Sousa da Silveira

por Sílvio Elia.....	15	46
----------------------	----	----

Lembranças do convívio com o Prof. Matoso Câmara

por Maximiano de Carvalho e Silva.....	29-30	255-266
--	-------	---------

Lembranças do professor Jacinto do Prado Coelho

por Maximiano de Carvalho e Silva.....	10	43-51
--	----	-------

Lendo Hermilo Borba Filho (fisionomia e espírito de uma literatura), de Sônia Maria van Dijk Lima

por Sílvio Elia.....	5	75
----------------------	---	----

Leodegário A. de Azevedo Filho proferiu uma conferência sobre *As imagens poéticas de Tasso da Silveira*.....

.....	3	132
-------	---	-----

Letras & letras

Letras & letras.....	3	113-114
Letras & letras, v. 12, n. 1.....	2	167-168

Letras: revista do Instituto de Letras da Pontifícia Católica de Campinas, v. 13, n. 1-2....

.....	9	106-107
-------	---	---------

Lettera sulla scoperta del Brasile, Pero Vaz de Caminha

por Sílvio Elia.....	5	84-88
----------------------	---	-------

Léxico de Guimarães Rosa, de Nilce Sant'Anna Martins, O

por Evanildo Bechara.....	21	128-129
---------------------------	----	---------

Léxico de Guimarães Rosa, de Nilce Sant'Anna Martins, O

por Valter Kehdi.....	21	130-131
-----------------------	----	---------

Léxico do português: perspectivação geral, O

por Mário Vilela.....	8	17-30
-----------------------	---	-------

Lexicografia

A propósito de um dicionário de frequência.....	8	31-55
---	---	-------

CD-Rom do vocabulário de Bluteau, O.....	20	103-106
Contribuição para o tratamento de preposições num dicionário espanhol/português ..	23	78-83
Dicionário os fez homem e mulher, O	21	70-92
Dicionários de regência verbal da língua portuguesa	2	35-46
Dicionários e etimologias	24	113-125
Estrangeirismos: questão lingüística e ideológica	29-30	175-183
Lexicografia de corpus e a dicionarística contextualista	29-30	193-204
Tratamento lexicográfico das variantes e das formas paralelas, O	10	61-66
Lexicografia de corpus e a dicionarística contextualista		
por Mauro de Salles Villar	29-30	193-204
Lexicologia		
Afinal, quem é a mulher de verdade? – um estudo lexical, antes do mais	31	167-181
Aspectos lexicais do português do Brasil no século XIX.....	31	203-221
Câmara e câmara.....	31	193-201
Léxico do português: perspectivação geral, O.....	8	17-30
Para o estudo léxico-semântico de uma língua de especialidade.....	3	53-60
Posição da metafonia no quadro das alternâncias vocálicas, A	13	49-56
Saudade na língua portuguesa, A.....	31	183-192
Transformações sociais e seu reflexo no léxico da linguagem urbana brasileira contemporânea	4	93-99
Três exotismos quinhentistas (o Betel, a Coca e a Cola).....	11	33-37
Lexikon der romanistischen linguistik, v. 6, n. 2	11	96-98
Liceu Literário Português		
Comemoração de aniversário do Liceu Literário Português, no dia 24 de setembro de 1997.....	14	129
Comemoração do 126º aniversário do Liceu Literário Português, no dia 12 de setembro de 1994	8	102
Conferências sobre o período colonial brasileiro, realizados pelo Instituto Luso-Brasileiro de História e Liceu Literário Português.....	14	130
Cursos no Liceu Literário Português, durante o 1º semestre de 1996	11	128-129
Editorial	7	5-6
Encontros na biblioteca do Liceu Literário Português.....	14	132-133
José Hermano Saraiva no Liceu Literário Português.....	20	139-141
Liceu, 5 bodas de prata	6	5-8
Liceu: novas energias.....	4	115-116
Palestras promovidas pelo Liceu Literário Português no ano de 1991.....	2	107-109
Seminário Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, realizado pelo Liceu Literário Português e a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, entre os dias 16 e 19 de setembro de 1997	14	127-128
Sessão comemorativa do 125º aniversário da Fundação do Liceu Literário Português, realizada no dia 10 de setembro de 1993.....	6	113
Sessão solene do Liceu Literário Português, em 28 de março de 1991.....	1	107
Universidade da Lusofonia	20	5-6
Liceu Literário Português. Instituto de Letras		
Discurso de saudação, em nome do corpo docente do Instituto de Letras	21	135-141

Liceu Literário Português. Instituto de Língua Portuguesa

Ciclo de Conferências <i>Vasco da Gama e a expansão portuguesa</i> , promovido pelo Instituto de Língua Portuguesa do Liceu Literário Português, entre os dias 21 de setembro e 23 de novembro de 1998.....	16	132
Colaboração do Instituto de Língua Portuguesa às Bibliotecas do Liceu Literário Português	17-18	298-301
Colóquio Internacional da Língua Portuguesa Literária, promovido pelo Instituto de Língua Portuguesa, do Liceu Literário Português, entre os dias 5 e 10 de outubro de 1992.....	5	105- 107
Cursos promovidos pelo Instituto de Língua Portuguesa, realizados entre março a dezembro de 2003	25-26	308-309
Doação feita por Jorge Mário Barreto ao Instituto de Língua Portuguesa do Liceu Literário Português, no dia 24 de novembro de 1994.....	8	103
Glástone Chaves de Melo e o nosso Instituto de Língua Portuguesa	22	84-85
Inauguração da Biblioteca do Instituto de Língua Portuguesa, no dia 18 de maio de 1998.....	15	138
Semana de Estudos da Língua Portuguesa (1, Rio de Janeiro, 1995), realizado pelo Instituto de Língua Portuguesa, do Liceu Literário Português, entre os dias 24 e 27 de outubro de 1995.....	10	128
Simpósio Internacional da Língua Portuguesa em África e no Oriente, promovido pelo Instituto de Língua Portuguesa do Liceu Literário Português, entre os dias 24 e 28 de abril de 1995.....	9	123-126
Simpósio sobre a língua portuguesa e no Oriente, Organizado pelo Instituto de Língua Portuguesa do Liceu Literário Português, realização prevista para abril de 1995.....	8	104
Uma idéia em marcha	19	5-6
Liceu Literário Português. Instituto Luso-Brasileiro de História		
Conferências sobre o período colonial brasileiro, realizados pelo Instituto Luso-Brasileiro de História e Liceu Literário Português.....	14	130
Liceu, 5 bodas de prata por Antônio Gomes da Costa	6	5-8
Liceu: novas energias por Antônio Gomes da Costa	4	115-116
LIMA, Alceu Amoroso Lima		
Um modernista.....	17-18	55-56
LIMA, Carlos Henrique da Rocha		
Pórtico.....	3	9
LIMA, Carlos Henrique da Rocha		
Bibliografia de Rocha Lima	3	11-13
Boa causa do paladino da língua, A	3	15-16
Falecimento de Carlos Henrique da Rocha Lima, em 22 de junho de 1991.....	2	110
Homenagem a Carlos Henrique da Rocha Lima	3	7
LIMA, Israel de Sousa		
Dois novos livros da <i>Coleção Afrânio Peixoto</i> , da Academia Brasileira de Letras....	20	108-110
LIMA, Luiz Soares de		
Emprego dos demonstrativos este, esse, aquele na carta de Pero Vaz de Caminha....	1	59-67

LIMA, Mário Pereira de Souza

Mário Pereira de Souza Lima – gramática portuguesa.....	7	39-43
---	---	-------

LIMA, Rocha

Dois momentos da poesia de Manuel Bandeira, de Rocha Lima	3	121-123
Dois momentos da poesia de Manuel Bandeira, de Rocha Lima	5	70
Gramática normativa da língua portuguesa, de Rocha Lima.....	3	125-127

LIMA, Sônia Maria van Dijk

Em demanda da gênese: uma metodologia de trabalho.....	8	85-91
--	---	-------

LIMA, Sônia Maria van Dijk

Cartas de Gilberto Freyre, de Sônia Maria van Dijk Lima e Nestor Figueiredo Junior.....	15	128
Gênese de uma poética da transtextualidade, de Sônia Maria van Dijk Lima.....	6	99-100
Lendo Hermilo Borba Filho (fisionomia e espírito de uma literatura), de Sônia Maria vanDijk Lima	5	75

Língua

Pórtico.....	3	9
--------------	---	---

Língua das *Sextilhas de Frei Antão, A*

por Gladstone Chaves de Melo.....	4	53-64
-----------------------------------	---	-------

Língua e a cultura portuguesa em Macau e as Instituições ao seu serviço no presente e no futuro, A

por Jorge Rangel	12	73-86
------------------------	----	-------

Língua e linguagem em questão, organizado por Maria Teresa G. Pereira

por Sílvio Elia	14	119-125
-----------------------	----	---------

Língua escrita no Brasil, de Edith Pimentel Pinto, A

por Sílvio Elia	1	101
-----------------------	---	-----

Língua espanhola

Contribuição para o tratamento de preposições num dicionário espanhol/português....	23	78-83
Sobre o ensino do idioma nacional: problemas, propostas e perspectivas	23	71-77

Língua francesa

Língua francesa no após-guerra, A	17-18	155-158
Subordinação inversa, A	24	98-103

Língua francesa no após-guerra, A

por Sílvio Elia	17-18	155-158
-----------------------	-------	---------

Língua galega

Reintegração galego-portuguesa, A	22	237-247
---	----	---------

Língua do Brasil, A

Uma nova edição de A língua do Brasil.....	22	104-106
--	----	---------

Língua inglesa

Fontes inglesas dos estudos gramaticais brasileiros	20	59-68
---	----	-------

Língua latina

Acusativo latina e a língua portuguesa, O	24	104-112
Estudos gramaticais latinos, Os	20	38-44

Horário e programas	17-18	151-154
Latim, O	17-18	160-161
Método no ensino do latim, O	17-18	148-151
Prof. Ernesto Faria e sua importância para os estudos de latim, O.....	31	49-57
Uma obra preciosa ao romanista: a Lateinische umgangssprache de Johann Baptist Hofmann	31	83-86
Língua literária e língua padrão		
por Wolfgang Roth.....	11	17-24
Língua portuguesa		
Reintegração galego-portuguesa, A	22	237-247
À língua portuguesa.....	17-18	8
A propósito de se rever um algoritmo de transcrição para o português brasileiro: considerações sobre o Vocabulário ortográfico da língua portuguesa	27-28	157-166
Acusativo latina e a língua portuguesa, O	24	104-112
Aditamento ao Índice do vocabulário do português medieval	3	23-35
Afinal, quem é a mulher de verdade? – um estudo lexical, antes do mais	31	167-181
Alternância portuguesa <i>fui: foi, A</i>	27-28	277-285
Análise crítica do projeto da ortografia unificada da língua portuguesa.....	27-28	175-198
Ars recte loquendi: constituição da gramática brasileira novecentista.....	25-26	234-242
Aspectos da receptividade aos acordos ortográficos.....	3	17-21
Aspectos diacrônicos e sincrônicos da língua portuguesa	20	69-83
Aspectos lexicais do português do Brasil no século XIX.....	31	203-221
Barba comprida, A	17-18	67-70
Câmara e câmara.....	31	193-201
Cirigüela.....	15	92-97
Cólera-morbus, A.....	2	53-55
Colocação de o (s), a (s) como complemento de infinitivo regido de por e para em Fernão Lopes.....	9	69-78
Como explicar variantes de uso no português? um desafio descritivo-prescritivo.....	21	93-96
Comparação: a imagem, a metáfora, A.....	27-28	263-273
Complemento nominal: problemas de caracterização	5	60-65
Complementos verbais preposicionados.....	3	37-42
Comunidade dos países de língua portuguesa, A.....	23	7-8
Concordância com um dos que na tradição gramatical do português, A.....	20	95-101
Considerações sobre os tipos <i>ela fala esquisito</i> e <i>ela chega cansada</i> no português coloquial e literário do Brasil e de Portugal.....	24	43-70
Contribuição de Mattoso Câmara aos estudos de fonologia portuguesa	27-28	75-84
Contribuição para o tratamento de preposições num dicionário espanhol/português	23	78-83
Conversão do adjetivo em advérbio em perspectiva sincrônica e diacrônica, A.....	25-26	175-192
Crioulos portugueses em África e no Oriente.....	12	59-72
Crítica textual – matéria básica na formação dos pesquisadores e professores de letras.....	29-30	125-150
Da negatividade em português.....	16	31-39
Da unipessoalização/impessoalização à pessoalização verbal (e vice-versa).....	8	69-74
De neologismos.....	4	25-32
Defesa da língua, A.....	25-26	7-8
Dêicticos e anafóricos na língua portuguesa.....	2	25-33

Desfazendo um equívoco.....	20	36-37
Dicionário os fez homem e mulher, O.....	21	70-92
Dicionários de regência verbal da língua portuguesa.....	2	35-46
Dicionários e etimologias.....	24	113-125
Diretrizes gerais para a elaboração de uma gramática descritiva.....	11	65-69
Do sentido do ensino da língua portuguesa.....	5	29-47
Drama de escrever, O.....	2	47-52
Editorial.....	2	5
Editorial.....	12	5-7
Em ar de conversa.....	1	79-83
Em defesa da língua e de uma grafia comum.....	17-18	94-100
Em defesa da língua-comum do espaço luso-brasileiro.....	1	43-49
Em defesa de Mattoso Câmara: um caso de morfologia.....	25-26	224-233
Emprego dos demonstrativos este, esse, aquele na carta de Pero Vaz de Caminha....	1	59-67
Ensaio de estilística da língua portuguesa, de Gládstone Chaves de Melo.....	22	106-108
Ensinar a língua.....	4	9
Ensino da língua portuguesa hoje: desafios e dilemas, O.....	21	25-33
Ensino da língua portuguesa na Universidade de Ciências Econômicas de Budapeste, O.....	2	73-75
Ensino do português, O.....	21	5-6
Epítome de Antonio de Moraes Silva na historiografia gramatical brasileira, O.....	25-26	215-223
Eslavo – escravo: estudo histórico-etimológico.....	9	33-45
Estágio atual da língua portuguesa no mundo, O.....	17-18	48-55
Estudos da língua portuguesa em Portugal e no Brasil, Os.....	27-28	307-315
Etimologia popular.....	22	227-232
Expansão do sufixo – inho.....	8	75-84
Filologia.....	27-28	316-369
Fonética sintática.....	15	62-67
Fontes inglesas dos estudos gramaticais brasileiros.....	20	59-68
Forma e conteúdo nas letras medievais.....	17-18	70-76
Fórum de Estudos de Língua Portuguesa (1), entre os dias 22 e 24 de maio de 1991.....	1	107-108
Fundamentos lingüísticos e pedagógicos para um ensino abrangente e produtivo da língua materna.....	19	62-75
Gládstone Chaves de Melo e o bom combate pelo ensino da língua portuguesa....	22	102-104
Gonçalves Viana and the study of portuguese phonetics.....	23	35-42
Gramática em crise.....	22	215-218
Gramaticalização das formas estar, ser, andar, ir, vir + gerúndio. Breve percurso por textos dos séculos XIII a XVI – usos, sentido e valores.....	31	127-165
Grammatical da lingoagem portuguesa e os índices Maruyama da ortografia lusitana quinhentista, organizado por T. Maruyama, A.....	24	159-164
Grau em português, O.....	24	126-130
Honar o português como língua materna.....	15	117-120
Interjeição à luz da semântica argumentativa, A.....	27-28	199-207
Leitura e ensino no Brasil do século XIX.....	24	71-82
Leitura e escrita na língua materna: a tarefa multidisciplinar.....	29-30	99-111
Léxico do português: perspetivação geral, O.....	8	17-30
Língua e a cultura portuguesa em Macau e as Instituições ao seu serviço no presente e no futuro, A.....	12	73-86
Língua portuguesa e o Papa, A.....	24	7-8
Língua portuguesa no mundo contemporâneo, A.....	29-30	27-38
Língua portuguesa, A.....	1	7
Lingüística e o ensino da língua portuguesa em Portugal, A.....	29-30	83-89

Linguística e o ensino da língua portuguesa no Brasil: uma visão crítica, A	29-30	43-56
Linguística e o professor de português como língua materna, A.....	4	47-52
Linguística, filologia e conhecimento da língua	22	232-236
Literatura e ensino da língua portuguesa	29-30	205-219
Lusografia africana, A.....	29-30	91-98
Mário de Andrade e a língua brasileira.....	17-18	83-93
Mattoso Câmara e o ensino da língua portuguesa	29-30	267-277
Moçambique, março de 1995: o português da imprensa	12	115-135
Modalidades verbais portuguesas	16	49-64
Modificações da forma literária	2	67
Monumentos lingüísticos portugueses dos séculos XVI e XVII.....	25-26	93-174
Na proa foi a música e foi a língua.....	4	5-6
Neologismo na cobertura jornalística da Guerra do Iraque: ruídos da comunicação internacional?, O.....	27-28	167-174
Nossa português casta linguagem: para a diacronia de um fato morfológico, A.....	7	65-70
Origem das letras, de Antenor Nascentes: uma reescritura	16	65-77
Ortografia e as ortografias do português	13	39-46
Palavra filologia e as suas diversas acepções: os problemas da polissemia, A.....	23	53-70
Palavras do natal	17-18	60-63
Para o estudo léxico-semântico de uma língua de especialidade.....	3	53-60
Para uma estilística estrutural	27-28	298-306
Particularidades morfosintáticas do português de Angola e Moçambique	12	27-58
Pátria da língua	8	5-6
Pecado original do acordo breve, entrevista com Sílvio Elia, catedrático brasileiro, O	17-18	79-82
Política cultural para os países da lusofonia	5	5-6
Políticas para a língua	29-30	39-41
Português literário do Cabo Verde, O	12	101-113
Português no mundo, O	17-18	108-111
Português primeiro, depois as outras línguas, O.....	27-28	7-8
Posição da metafonia no quadro das alternâncias vocálicas, A	13	49-56
Presença africana nos falares nordestinos, A	12	87-100
Pressupostos para o estudo histórico da pronúncia brasileira.....	29-30	57-68
Problemas da língua: uma olhada nos <i>déficits</i> lingüísticos de seus usuários.....	25-26	248-258
Professor de português ante problemas do ensino: análise crítica de seu desempenho em um concurso público, O	23	84-101
Pronúncia de nomes próprios: o problema Gandavo ou Gândavo.....	16	89-93
Propósito de <i>eis</i> , A	3	61-64
Propósito dos pronomes possessivos do português, A.....	27-28	119-147
Que língua se fala no Brasil?	22	223-227
Reflexões sobre a nomenclatura de fatos de sintaxe.....	3	65-67
Reintegração galego-portuguesa, A	22	237-247
Salvar o português	6	97-98
Saudade na língua portuguesa, A.....	31	183-192
Simpósio Internacional sobre a língua portuguesa em África e no Oriente	10	111-118
Sobre a nossa unidade lingüística. (Do artigo Língua e cultura).....	11	71
Sobre as novas gramáticas	3	43-51

Sobre o gerúndio e <i>gerundismo</i> : uma análise de um assunto emotivo e polêmico	31	87-110
Sobre o <i>patriotismo lingüístico</i>	2	21-23
Subordinação inversa, A	24	98-103
Substantivos deverbais em português, Os.....	25-26	209-214
Sufixo –ACO ² em português (estudo histórico-etimológico), O	15	85-91
Texto e ensino: análise da variação lingüística na narrativa	24	83-97
Tradição gramatical luso-brasileira, A	10	67-76
Transcrição [Futuro da Língua Portuguesa no Brasil, de Agostinho de Campos].....	9	99-102
Transformações sociais e seu reflexo no léxico da linguagem urbana brasileira contemporânea	4	93-99
Tratamento lexicográfico das variantes e das formas paralelas, O	10	61-66
Três exotismos quincentistas (o Betel, a Coca e a Cola).....	11	33-37
Um aparente desconcerto de adjetivação em Camões e as áreas semânticas de puro n'Os <i>Lusíadas</i>	4	101-112
Uma interjeição singular.....	5	66-69
Uma nova edição das Histórias de proveito e exemplo de Gonçalo Fernandes Trancoso.	19	121-123
Uma proposta de periodização dos estudos lingüísticos no Brasil	23	102-120
Uma questão de bom-senso	11	5-6
Unidade lingüística da comunidade luso-afro-brasileira. (De O mundo português), A.....	11	71
Variação de timbre das vogais médias no percurso diacrônico dos pronomes portugueses	27-28	149-156
Variantes e variações.....	10	93-110
Verbos dar, dizer, estar e fazer no Vocabulário do português medieval, de Antônio Geraldo da Cunha, Os	9	113-118
Vicissitudes gramatológicas do nome como categoria privilegiada no quadro das classes de palavras.....	25-26	259-296
Voz medial: do latim ao português, A	12	138-146
Língua portuguesa e o Papa, A por Antônio Gomes da Costa	24	7-8
Língua portuguesa no mundo contemporâneo, A por Aníbal Pinto de Castro.....	29-30	27-38
Língua portuguesa, A por Antônio Gomes da Costa.....	1	7
Língua portuguesa, publicação da Academia Brasileira da Língua Portuguesa por Sílvio Elia	5	80
Língua portuguesa: história, perspectivas, ensino, organizado por Neusa Barbosa Bjastos.....	16	120
Língua românica ver Línguas neolatinas		
Língua vernácula		
Renascimento e as Línguas Vernáculas, O	79	76-83
Linguagem		
Lingüística e o professor de português como língua materna, A.....	4	47-52

Partes <i>Orationis</i> : notas sobre a tradição greco-latina	31	59-81
Propriedades essenciais da linguagem, As.....	25-26	36-54
Linguagem da baixada goitacá, de Álvaro Barcelos, A por Sílvio Elia	5	77-78
Linguagem dos idosos, de Dino Preti, A por Evanildo Bechara.....	2	79-80
Linguagem falada em Fortaleza (diálogos entre informantes e documentadores), organizado por Maria do Socorro Silva de Aragão e Maria Elias Soares, A	15	128-129
Linguagem regional popular na obra de José Lins do Rego, de Maria do Socorro Silva de Aragão, A por Evanildo Bechara.....	2	83-84
Línguas americanas		
Julius Platzmann: e os seus trabalhos sobre as línguas americanas.....	16	106-110
Línguas de cultura no limítar do terceiro milénio, As por Sílvio Elia	17-18	111-118
Línguas indígenas		
Pesquisa com línguas indígenas brasileiras: um debate, A.....	10	53-59
Línguas neolatinas		
Artigo definido nas línguas românicas, O.....	20	53-58
Basilíca e Ecclesia nas línguas românicas	2	15-20
Linguística		
Alternância portuguesa <i>fui: foi</i> , A.....	27-28	277-285
Como explicar variantes de uso no português? um desafio descritivo-prescritivo.....	21	93-96
Coseriu e a linguística do texto.....	25-26	24-35
Diálogo literário e realidade linguística.....	11	57-64
Eugenio Coseriu: arquiteto de uma linguística integral da linguagem	25-26	19-23
Evolução do conceito de linguística aplicada ao ensino de línguas, A.....	1	68-76
Fundamentos linguísticos e pedagógicos para um ensino abrangente e produtivo da língua materna	19	62-75
Idéias linguísticas de Fernão de Oliveira, As.....	15	98-116
Língua literária e língua padrão	11	17-24
Línguas de cultura no limítar do terceiro milénio, As	17-18	111-118
Linguística e o ensino da língua portuguesa em Portugal, A.....	29-30	83-89
Linguística e o ensino da língua portuguesa no Brasil: uma visão crítica, A	29-30	43-56
Linguística, filologia e conhecimento da língua	22	232-236
Mattoso Câmara e os ambíguos primeiros passos da linguística sincrónica no Brasil (1940-1960).....	27-28	95-104
Meu Saussure, O	14	33-36
Monumentos linguísticos portugueses dos séculos XVI e XVII	25-26	93-174
Noam Chomsky, metafísico frustrado da linguagem.....	17-18	133-145
Vossler e o idealismo linguístico.....	17-18	57-60
Linguística e o ensino da língua portuguesa em Portugal, A por Jorge Morais Barbosa	29-30	83-89

Linguística e o ensino da língua portuguesa no Brasil: uma visão crítica, A por Carlos Eduardo Falcão Uchoa	29-30	43-56
Linguística e o ensino do português, de Carlos Eduardo Falcão Uchoa, publicado no segundo número da Série cadernos de letras, da Universidade Federal Fluminense, A	3	114-115
Linguística e o professor de português como língua materna, A por Francisco Gomes de Matos	4	47-52
Linguística hoje, de Morteza Mohmoudian, A.....	1	91
Linguística, filologia e conhecimento da língua	22	232-236
Lírica de Camões, v. 3, t. 1, de Leodegário A. Azevedo Filho por Sílvio Elia	11	109-113
Lírica de Camões. 2. sonetos, tomo 2, de Leodegário A. de Azevedo Filho por Sílvio Elia	1	93
Lisboa Ultramarina: 1415-1580: a invenção do mundo pelos navegadores portugueses	6	100
LISPECTOR, Clarice Inventário do arquivo 5, de Clarice Lispector	7	78
Literatura Diálogo literário e realidade lingüística.....	11	57-64
Literatura e ensino da língua portuguesa	29-30	205-219
Literatura angolana Sobre um poema da moderna literatura angolana.....	12	147-156
Literatura brasileira Padre José de Anchieta, o <i>Apóstolo do Brasil</i> : patrono da cadeira número 1 da Academia Brasileira de Letras.....	14	85-106
Presença camoniana na literatura brasileira.....	21	56-60
Quem deve ensinar literatura brasileira?	22	250-253
Literatura cabo-verdiana Português literário do Cabo Verde, O	12	101-113
Voz medial: do latim ao português, A.....	12	138-146
Literatura e ensino da língua portuguesa por Leodegário A. de Azevedo Filho	29-30	205-219
Literatura medieval Cantiga <i>Dissérom-m'hoj', ai amiga, que nom</i> , A.....	5	72-73
Literatura portuguesa em perspectiva, v. 1, de Lênia Márcia de Medeiros Mongelli et al., A por Sílvio Elia	5	81-82
Littérature populaire brésilienne, de Raymond Cantel, La por Evanildo Bechara.....	7	80
Liturgia católica Um livro sobre a missa	22	119-120

Livro

Livro português no Brasil, O	31	7-8
Livro didático de português: múltiplos olhares, organizado por Angela Paiva Dionísio e Maria Auxiliadora Bezerra, O por Evanildo Bechara.....	21	127-128
Livro português no Brasil, O por Antônio Gomes da Costa.....	31	7-8
LOBATO, Antônio José dos Reis		
Edições da Arte da grammatica da língua portuguesa de Antônio José dos Reis Lobato, As.....	15	68-84
LOPES, Edmilson Monteiro		
Análise crítica do projeto da ortografia unificada da língua portuguesa.....	27-28	175-198
Cirigüela.....	15	92-97
LOPES, Edmilson Monteiro		
Análise crítica do Projeto da ortografia unificada da Língua Portuguesa, de Edmilson Monteiro Lopes.....	6	99
LOPES, Fernão		
Colocação de o (s), a (s) como complemento de infinitivo regido de por e para em Fernão Lopes.....	9	69-78
LOPES, Pedro Santana		
Visita do Secretário da Cultura de Portugal, Sr. Pedro Santana Lopes.....	5	110
Louvor do filólogo, O por Serafim da Silva Neto.....	22	96-99
LÜBKE, W. Meyer ver MEYER-LÜBKE, W		
Luís de Camões: de língua e de linguagem, de Evanildo Bechara por Sílvio Elia	13	111-115
Lúmen: revista de estudos e comunicações, v. 2, n. 4	12	165-166
Lusiadas, Os		
Na (DE)rota das erratas d' <i>Os Lusíadas</i>	3	69-78
Nosso contemporâneo Luís de Camões	17-18	63-67
Pelo repatriamento de <i>Os Lusíadas</i>	22	186-191
Regras de bem viver em <i>Os Lusíadas</i> , As	22	172-181
Um aparente desconcerto de adjetivação em Camões e as áreas semânticas de puro n' <i>Os Lusíadas</i>	4	101-112
Uma interpretação do episódio do <i>Velho do restelo</i>	22	182-186
Luso-Afro-Brasileiro		
Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais (4, Rio de Janeiro, 1996), realizado pelo Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, entre os dias 2 e 5 de setembro de 1996	11	128
Lusofonia		
Comunidade dos países de língua portuguesa, A.....	23	7-8
Congresso Internacional de Literatura Lusófona, realizado pelas Irmandades da Fala da Galiza e Portugal e pelo Conselho Internacional da Lusofonia	11	123

Lusofonia: novo tempo, A.....	10	5-8
Política cultural para os países da lusofonia	5	5-6
Políticas para a língua	29-30	39-41
Uma questão de bom-senso	11	5-6
Unidade lingüística da comunidade luso-afro-brasileira. (De O mundo português), A.....	11	71
Universidade da Lusofonia	20	5-6
Viagem pela lusofonia	9	5-6
Lusofonia: novo tempo, A por Antônio Gomes da Costa.....	10	5-8
Lusografia		
Lusografia africana, A.....	29-30	91-98
Lusografia em Angola e Moçambique: implicações educativas.....	11	25-31
Lusografia africana, A por Jean-Michel Massa	29-30	91-98
Lusografia em Angola e Moçambique: implicações educativas por Ana Maria Mão-de-Ferro Martinho.....	11	25-31
- M -		
M.C.S. ver SILVA, Maximiano de Carvalho e		
MACAMBIRA, José Reboças		
Falecimento de José Reboças Macambira	3	107-109
Macau (China)		
Língua e a cultura portuguesa em Macau e as Instituições ao seu serviço no presente e no futuro, A.....	12	73-86
MACEDO, Antero de		
Amor sem mácula, de Antero de Macedo.....	11	86
MACEDO, Joaquim Manuel de		
Joaquim Manuel de Macedo ou os dois Macedos, de Tânia Rebelo Costa Serra.....	11	87-88
MACEDO, Jorge Borges de		
Falecimento de Vergílio Ferreira e Jorge Borges de Macedo	11	123-124
MACEDO, José Tavares de		
Obras inéditas: ensaio sobre o estudo histórico das línguas e elementos de grammatica portugueza, de José Tavares de Macedo	15	134-135
Machado de Assis e sua orfandade às avessas por Homero Senna	16	104-105
Machado de Assis, defensor do homem.....	22	196-203
MACHADO, José Pedro		
Ensaio literários e lingüísticos, de José Pedro Machado.....	11	95
Palavras a respeito de palavras: notas lexicais, de José Pedro Machado.....	11	95

Magistério

Eleição de diretores de escola.....	17-18	167-168
Evasão de professores.....	17-18	165-166
Professores.....	17-18	168-169
Resgate do professor.....	17-18	166-167

MAGNE, Augusto

Mestre Augusto Magne.....	22	125-128
---------------------------	----	---------

MAIA, Clarinda de Azevedo

Guia de estudo, de Clarinda de Azevedo Maia, da Coleção Textos pedagógicos e didáticos.....	11	100-102
---	----	---------

MALEVAL, Maria do Amparo Tavares

Vozes do trovadorismo galego-português, de Lênia Márcia de Medeiros Mongelli, Maria do Amparo Tavares Maleval, Yara Frateschi Vieira.....	9	107-108
---	---	---------

MALVEIRA, Antônio Nunes

Velho sertão da Bica, de Antônio Nunes Malveira, O.....	1	89
---	---	----

Manifesto eleitoral na sua reeleição em 1954

por Gustavo Corção, Maximiano de Carvalho e Silva e Eduardo Borghert.....	22	110-112
---	----	---------

Manual de lingüística românica, de Benedek Elemér Vidos.....	12	168-169
--	----	---------

Manuel Rodrigues Lapa

por Evanildo Bechara.....	14	9-10
---------------------------	----	------

Manuscrito

Quarta mão: um manuscrito de Clavis Prophetarum do Padre Antônio Vieira, A.....	9	14-31
---	---	-------

MARCONI, Marina de Andrade

Linguagem na região de Franca, de Marina de Andrade Marconi.....	7	79-80
--	---	-------

Mário de Andrade e a língua brasileira

por Sílvio Elia.....	17-18	83-93
----------------------	-------	-------

Mário de Andrade, gramático

por Sílvio Elia.....	17-18	100-104
----------------------	-------	---------

Mário Pereira de Souza Lima – gramática portuguesa

por Valter Kehdi.....	7	39-43
-----------------------	---	-------

Mário Soares e a comunidade dos países de língua portuguesa, cerimônia ocorrida no dia 10 de janeiro de 1994.....

7	113-114
---	---------

Mário Soares e o 7 de setembro.....	8	93-94
-------------------------------------	---	-------

Maritain e a fé na democracia.....	22	144-154
------------------------------------	----	---------

MARITAIN, Jacques

Maritain e a fé na democracia.....	22	144-154
------------------------------------	----	---------

MARQUES, Núbia

João Ribeiro sempre, de Núbia Marques.....	15	127-128
--	----	---------

MARQUILHAS, Rita

Quarta mão: um manuscrito de Clavis Prophetarum do Padre Antônio Vieira, A.....	9	14-31
---	---	-------

MARTINET, André

- Entretiens avec Georges Kassai et avec la collaboration de Jeanne Martinet,
de A. Martinet 24 152-159
- Função e dinâmica das línguas, de André Martinet 10 120-121

MARTINET, Jeanne

- Entretiens avec Georges Kassai et avec la collaboration de Jeanne Martinet,
de A. Martinet 24 152-159

MARTINHO, Ana Maria Mão-de-Ferro

- Lusografia em Angola e Moçambique: implicações educativas 11 25-31

MARTINS, Coimbra

- Português no mundo, O 17-18 108-111

MARTINS, Nilce Sant'Anna

- Léxico de Guimarães Rosa, de Nilce Sant'Anna Martins, O 21 128-129
- Léxico de Guimarães Rosa, de Nilce Sant'Anna Martins, O 21 130-131

MÁRTIRES, Bartolomeu dos

- Actas do Congresso Internacional Comemorativo do IV Centenário da Morte
de D. Frei Bartolomeu dos Mártires 9 103

MARUYAMA, Toru

- Grammatical da linguagem portuguesa e os índices Maruyama da ortografia
lusitana quinhentista, organizado por T. Maruyama, A. 24 159-164
- Keyword-in-context index of the Grammatica da linguagem portuguesa (1536)
by Fernão de Oliveira, de Toru Maruyama 24 150-151

MASSA, Jean-Michel

- Lusografia africana, A. 29-30 91-98

MASSA, Jean-Michel

- Jean-Michel Massa dirige equipe, cujo objetivo é a edição das obras completas
de Machado de Assis 10 129
- Jean-Michel Massa e sua visita ao Brasil 9 127

Massificação

- Massificação e colegialidade 20 117-129

Massificação e colegialidade

- por Eduardo d'Oliveira 20 117-129

MATEUS, Maria Helena Mira

- Caminhos do português, organizado por Maria Helena Mira Mateus 23 140-142

- Máthesis, miscelânea em hora de Monsenhor Celso Tavares da Silva 12 168

- Máthesis: revista da Faculdade de Letras da Universidade Católica Portuguesa 11 87

MATOS, Francisco Gomes de

- Como explicar variantes de uso no português? Um desafio descritivo-prescritivo 21 93-96
- Depoimentos sobre Mattoso Câmara 27-28 41-48
- Honrar o português como língua materna 15 117-120
- Linguística e o professor de português como língua materna, A. 4 47-52

MATOS, Francisco Gomes de

Pedagogia da positividade. Comunicação construtiva em português, de Francisco Gomes de Matos	12	169-170
Mattoso Câmara e a história da língua portuguesa por Rosalvo do Valle.....	27-28	67-73
Mattoso Câmara e a história da língua portuguesa por Rosalvo do Valle.....	29-30	279-286
Mattoso Câmara e o ensino da língua portuguesa por Carlos Eduardo Falcão Uchôa.....	29-30	267-277
Mattoso Câmara e os ambíguos primeiros passos da lingüística sincrônica no Brasil (1940-1960) por Olga Coelho.....	27-28	95-104
Mattoso Câmara estilicista por Castelar de Carvalho.....	27-28	85-94
Mattoso Câmara: a figura humana e o professor por Carlos Eduardo Falcão Uchôa.....	27-28	11-20
MEGALE, Heitor		
A propósito do recente Dicionário da literatura medieval, galega e portuguesa	7	19-32
Gramática histórica de Eduardo Carlos Pereira, A	9	47-53
Post-vulgata Arturiana na Península Ibérica: qual foi sua primeira tradução?, A.....	11	39-55
MEGALE, Heitor		
Demanda do Santo Graal, sob os cuidados de Heitor Megale.....	1	90
MELO NETO, João Cabral de		
Título de Doutor Honoris Causa conferido ao escritor João Cabral de Melo Neto e à professora Luciana Stegagno Picchio, no dia 17 de setembro de 1991	1	109
MELO, Cordélia Rodrigues Chaves de		
Falecimento de Cordélia Rodrigues Chaves de Melo, no dia 17 de fevereiro de 1995.....	9	121
MELO, Evaldo Cabral de		
Prêmio Internacional D. João de Castro entregue ao Embaixador Evaldo Cabral de Melo, no dia 4 de junho de 1998.....	15	140
MELO, Francisco Manuel de		
Duas notas de linguagem à Feira dos anexins	9	79-81
Termo anexim na Feira dos anexins de F. Manuel de Melo, O.....	6	87-96
MELO, Gladstone Chaves de		
Convite a ler Vieira	7	33-38
Dêicticos e anafóricos na língua portuguesa.....	2	25-33
Em defesa da língua-comum do espaço luso-brasileiro.....	1	43-49
Estilo e as suas técnicas, de Marcel Gressot, O	1	99-100
Língua das <i>Sextilhas de Frei Antão</i> , A.....	4	53-64
Pequena lembrança de um grande mestre.....	15	44-45
Um livro sobre a missa	22	119-120

MELO, Gladstone Chaves de

Caminho do filólogo Gládstone Chaves de Melo, O	22	86-88
Discurso de Gladstone Chaves de Melo homenageado pela Universidade de Coimbra.....	8	104-106
Ensaio de estilística da língua portuguesa, de Gládstone Chaves de Melo	22	106-108
Esboço de um retrato	22	109-110
Foi um sábio e foi um santo.....	22	9-10
Gládstone Chaves de Melo e o bom combate pelo ensino da língua portuguesa	22	102-104
Gládstone Chaves de Melo e o nosso Instituto de Língua Portuguesa	22	84-85
Gladstone Chaves de Melo recebe o título de Honoris Causa, pela Universidade de Coimbra, no dia 24 de outubro de 1993.....	6	115-116
Gladstone Chaves de Melo, um brasileiro de alma portuguesa.....	22	89-91
Gládstone Chaves de Melo: o homem e a obra	22	11-81
Homenagem a Gladstone Chaves de Melo e Sílvio Elia, feita pela Academia Brasileira de Filologia, no dia 12 de setembro de 1998.....	16	132-133
Homília na santa missa de corpo presente	22	92-93
Iniciação à filologia portuguesa, de Gládstone Chaves de Melo	22	99-102
Louvor do filólogo, O	22	96-99
Manifesto eleitoral na sua reeleição em 1954.....	22	110-112
Miscelânea em homenagem ao Prof. Dr. Gladstone Chaves de Melo.....	10	122
Na missa de 7º dia.....	22	94-95
Término do curso sobre Comentários a textos modernos portuguesas, ministrado pelo Prof. Gladstone Chaves de Melo	14	130
Um depoimento sobre meu pai.....	22	82-83
Um filólogo desafia o Diabo: Aristóteles tem um representante na Câmara dos Vereadores.....	22	113-116
Uma nova edição de A língua do Brasil.....	22	104-106

MELO, Hélio

Lançamento de <i>Pronúncias, erudita e vulgar</i> de Hélio Melo.....	10	119-120
Vozes de animais, de Hélio Melo.....	3	114

MELO, Manuel de

Tuba de Calópe, de Dom Francisco, de Manuel de Melo, A.....	1	90
---	---	----

MELO, Paulo de Tarso Chaves de

Um depoimento sobre meu pai	22	82-83
-----------------------------------	----	-------

Memória histórica do Colégio de Pedro Segundo, de Escragnole Doria.....	15	124
---	----	-----

MENDES, Margarida Vieira

Quarta mão: um manuscrito de Clavis Prophetarum do Padre Antônio Vieira, A.....	9	14-31
---	---	-------

MENDES, Murilo

Murilo Mendes: poesia completa e prosa, organizado por Luciana Stegagno Picchio.....	17-18	272-293
--	-------	---------

MENDONÇA, Eduardo Prado de

Sobre o problema da riqueza	22	164-168
-----------------------------------	----	---------

MENEGAZ, Ronaldo

Antônio Ribeiro Chiado (autos e práticas), organização e fixação do texto e notas por Cleonice Berardinelli e Ronaldo Menegaz	7	81-82
---	---	-------

Vocabulário da <i>miscelânea</i> de Garcia de Resende, de Ronaldo Menegaz.....	11	103-104
MENEZES, Pedro Ribeiro		
Despedida do cargo de Pedro Ribeiro de Menezes, no dia 10 de outubro de 1997....	14	129
Mensalão		
por Sílvio Elia	17-18	178
Mês modernista, organizado por Homero Senna, O		
por Evanildo Bechara.....	9	111-113
Mesa-redonda Luso-Afro-Brasileira de Luanda, ocorrida entre os dias 26-27 de janeiro de 1994.....	7	107-112
Mesa-redonda sobre a situação atual do estudo de manuscritos e correspondências, realizado pela Fundação Casa de Rui Barbosa, no dia 05 de setembro de 1994	8	102
MESSNER, Dieter		
Dicionário dos dicionários portugueses, de Dieter Messner.....	16	128
Dicionário dos dicionários portugueses, I: ABA-ABC, por Dieter Messner.....	7	105-106
Dicionário dos dicionários portugueses, II: ABD-ABU, de Dieter, Messner	10	123-124
Mestre Augusto Magne	22	125-128
Mestre Serafim da Silva Neto, O	9	9-12
Metafonia		
Posição da metafonia no quadro das alternâncias vocálicas, A	13	49-56
Metáfora		
Comparação: a imagem, a metáfora, A.....	27-28	263-273
Método no ensino do latim, O		
por Sílvio Elia	17-18	148-151
Meu Saussure, O		
por Eugenio Coseriu	14	33-36
MEYER-LÜBKE, W.		
Carolina Michaëlis e a filologia românica	16	9-15
MIESSNER, Dieter		
Dicionário dos dicionários portugueses, de Dieter Miessner	13	117-118
Miscelânea em homenagem ao Prof. Dr. Gradstone Chaves de Melo.....	10	122
Missa		
Um livro sobre a missa	22	119-120
Missão Interamericana dos Direitos Humanos		
por Sílvio Elia	17-18	253
Moçambique		
Lusografia em Angola e Moçambique: implicações educativas	11	25-31
Moçambique, março de 1995: o português da imprensa	12	115-135
Particularidades morfosintáticas do português de Angola e Moçambique	12	27-58
Moçambique, março de 1995: o português da imprensa		
por Fátima Ribeiro	12	115-135

Modalidade verbal		
Modalidades verbais portuguesas	16	49-64
Modalidades verbais portuguesas por Jorge Morais Barbosa	16	49-64
Moderna gramática portuguesa		
Considerações em torno da Moderna gramática portuguesa, do Prof. Evanildo Bechara	21	34-45
Moderna gramática portuguesa, de Evanildo Bechara por José Lemos Monteiro	17-18	294-298
Moderno dicionário de antônimos, de Paulo José de Sousa	8	95
Modificações da forma literária por Sousa da Silveira	2	67
Modificações na Grammatica expositiva de Eduardo Carlos Pereira por Márcia A. G. Molina.....	27-28	223-249
Modos de falar do escravo nos anúncios de jornal, Os por Marlos de Barros Pessoa	20	85-93
MOHMOUDIAN, Morteza		
Linguística hoje, de Morteza Mohmoudian, A	1	91
MOISÉS, Massaud		
Dicionário de termos literários, de Massaud Moisés.....	10	120
MOLDENHAUER, Gerhard		
Bibliografia de Carolina Michaëlis de Vasconcelos.....	16	16-30
MOLINA, Márcia A. G.		
Modificações na Grammatica expositiva de Eduardo Carlos Pereira.....	27-28	223-249
MOLLICA, Maria Cecília		
(DE) que falamos, de Maria Cecília Mollica.....	11	107-108
MONGELLI, Lênia Márcia de Medeiros		
Do cancionero de D. Dinis, de Lênia Márcia de Medeiros Mongelli.....	9	108
Literatura portuguesa em perspectiva, v. 1, de Lênia Márcia de Medeiros Mongelli et al., A.....	5	81-82
Vozes do trovadorismo galego-português, de Lênia Márcia de Medeiros Mongelli, Maria do Amparo Tavares Maleval, Yara Frateschi Vieira	9	107-108
MONTAGNER, Aírto Ceolin		
Dicionário latino-português, de Amós Coelho da Silva Aírto Ceolin Montagner.....	31	223-225
MONTEIRO, Clóvis		
Homenagem a Clóvis Monteiro.....	11	7
Recordando Clóvis Monteiro.....	11	9-13
Saudade de Clovis Monteiro.....	11	15-16
MONTEIRO, José Lemos		
Idéias lingüísticas de Fernão de Oliveira, As.....	15	98-116
Moderna gramática portuguesa, de Evanildo Bechara	17-18	294-298

MONTEIRO, José Lemos

Morfologia portuguesa, de José Lemos Monteiro 2 85-89

MONTELLO, Josué

Silêncio de Jacinto do Prado Coelho, O 10 11-13

Monumentos lingüísticos portugueses dos séculos XVI e XVII

por Marina Kossárik 25-26 93-174

Morfemas do português, de Valter Kehdi

por Evanildo Bechara..... 1 105

Morfemas do português, Valter Kedhi

por Sílvio Elia 2 95-97

Morfologia

Artigo definido nas línguas românicas, O..... 20 53-58

Conversão do adjetivo em advérbio em perspectiva sincrónica e diacrónica, A..... 25-26 175-192

Em defesa de Mattoso Câmara: um caso de morfologia 25-26 224-233

Grau em português, O 24 126-130

Interjeição à luz da semântica argumentativa, A..... 27-28 199-207

Morfologia na obra de Mattoso Câmara, A..... 29-30 239-247

Nossa português casta linguagem: para a diacronia de um fato morfológico, A..... 7 65-70

Particularidades morfossintáticas do português de Angola e Moçambique 12 27-58

Propósito dos pronomes possessivos do português, A..... 27-28 119-147

Sobre o gerúndio e *gerundismo*: uma análise de um assunto emotivo e polémico 31 87-110

Sufixo –ACO² em português (estudo histórico-etimológico), O 15 85-91

Variação de timbre das vogais médias no percurso diacrónico dos pronomes portugueses 27-28 149-156

Morfologia na obra de Mattoso Câmara, A

por Horácio Rolim 29-30 239-247

Morfologia portuguesa, de José Lemos Monteiro
por Sílvio Elia 2 85-89

Morfossintaxe, de Flávia de Barros Carone

por Sílvio Elia 2 91-94

MOURA, Carlos Francisco

Descobrimento do Japão pelos portugueses 1543, de Carlos Francisco Moura, O.... 11 85-86

MOUTINHO, José Viale

Introdução ao nacionalismo galego, de José Viale Moutinho..... 1 91

Mudança social

Transformações sociais e seu reflexo no léxico da linguagem urbana
brasileira contemporânea 4 93-99

Mulher

Afinal, quem é a mulher de verdade? – um estudo lexical, antes do mais 31 167-181

Murilo Mendes: poesia completa e prosa, organizado por Luciana
Stegagno Picchio..... 17-18 272-293

- N -

Na arca três capítulos (inéditos) do Gênesis por Machado de Assis.....	1	78
Na (DE)rota das erratas d' <i>Os Lusíadas</i> por Evanildo Bechara.....	3	69-78
Na missa de 7º dia por Irineu Penna.....	22	94-95
Na ponta da língua, organizado por Sílvio Elia por Castelar de Carvalho.....	16	122-123
Na proa foi a música e foi a língua por Antônio Gomes da Costa.....	4	5-6
Nacionalismo		
Impasses no nacionalismo em edição crítica, Triste fim de Policarpo Quaresma, de Lima Barreto, na <i>Coleção Archivos</i> , Os.....	21	97-100
Narrativa		
Texto e ensino: análise da variação lingüística na narrativa.....	24	83-97
NASCENTES, Antenor		
Basilica e Ecclesia nas línguas românicas.....	2	15-20
NASCENTES, Antenor		
Antenor Nascentes, o dialectólogo.....	1	21-36
Antenor Nascentes, romanista.....	1	37-42
Galeria de meus mestres no Colégio Pedro II, Antenor Nascentes.....	23	128-139
Origem das letras, de Antenor Nascentes: uma reescritura.....	16	65-77
Prof. Antenor Nascentes, homenagem.....	1	16-19
Negativação		
Da negatividade em português.....	16	31-39
Neologismo		
De neologismos.....	4	25-32
Neologismo na cobertura jornalística da Guerra do Iraque: ruídos da comunicação internacional?, O.....	27-28	167-174
Neologismo na cobertura jornalística da Guerra do Iraque: ruídos da comunicação internacional?, O Por Mariana Reis.....	27-28	167-174
NETO, Raimundo Barbadinho ver BARBADINHO NETO, Raimundo		
NEVES, Álvaro		
Biobibliografia de Gonçalves Viana.....	23	19-34
NEVES, Maria Helena de Moura		
Gramática funcional, de Maria Helena de Moura Neves, A.....	16	111
No 10 de junho		
por Antônio Gomes da Costa.....	15	5-7

Noam Chomsky, metafísico frustrado da linguagem por Sílvia Elia	17-18	133-145
NOGUEIRA, Hamilton		
Hamilton Nogueira	17-18	251-253
Nomes e expressões vulgares da medicina no Ceará, de Eurípedes Chaves Junior por Evanildo Bechara.....	2	81
Nordeste (Brasil)		
Presença africana nos falares nordestinos, A	12	87-100
Nossa português casta linguagem: para a diacronia de um fato morfológico, A por Evanildo Bechara.....	7	65-70
Nosso contemporâneo Luís de Camões por Sílvia Elia	17-18	63-67
Notas sobre edições e estudos mais recentes da <i>Carta de Pero Vaz de Caminha</i>	19	124-126
Noticiário		
Academia Portuguesa de História presta homenagem a Joaquim Veríssimo Serrão ..	10	128
Aniversário do Dr. António Gomes da Costa, no dia 27 de janeiro de 1994.....	7	114-115
Antônio Geraldo da Cunha (9.3.1924-7.7.1999)	17-18	306
Antônio Gomes da Costa recebe a Medalha Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras, em 19 de dezembro de 1991	2	114
Antônio Houaiss (15.10.1915-7.3.1999)	17-18	304
Antônio Houaiss assumi o Ministério da Cultura	5	108
Aprovação de Eugenio Coseriu, José Gonçalo Herculano de Carvalho e José van den Besselaar no Conselho Universitário da Universidade Federal Fluminense no dia 30 de agosto de 1995	10	129-130
Carlos Alberto Short Nunes (16.5.1941-14.5.1999)	17-18	304-305
Centenário de nascimento de Antônio Martinz de Aguiar, no dia 4 de março de 1993.....	5	109-110
Ciclo de Conferências <i>Vasco da Gama e a expansão portuguesa</i> , promovido pelo Instituto de Língua Portuguesa do Liceu Literário Português, entre os dias 21 de setembro e 23 de novembro de 1998	16	132
Círculo Linguístico do Rio de Janeiro, ocorrido em 07 de dezembro de 1991	2	113
Círculo Linguístico do Rio de Janeiro, ocorrido em 23 de novembro de 1991	2	113
Colaboração do Instituto de Língua Portuguesa às Bibliotecas do Liceu Literário Português.	17-18	298-301
Colóquio com o tema <i>O Sertão</i> , promovido pela Université Rennes II Haute Bretagne, entre os dias 13 e 14 de setembro de 1991	2	111
Colóquio de Literatura Portuguesa Moderna (1, Rio de Janeiro, 1993), realizado pelo Centro de Estudos Portugueses, Brasileiros e Africanos de Língua Portuguesa, entre os dias 5 e 7 de outubro de 1993.....	6	115
Colóquio Internacional da Língua Portuguesa Literária, promovido pelo Instituto de Língua Portuguesa, do Liceu Literário Português, entre os dias 5 e 10 de outubro de 1992	5	105- 107
Colóquio sobre <i>A mulher na vida e obra de Camilo</i> , realizado entre os dias 19 e 21 de outubro de 1995.....	10	127-128
Comemoração 159º aniversário de fundação do Real Gabinete Português de Leitura	11	126

Comemoração de aniversário da Casa das Beiras, no dia 19 de novembro de 1997 ...	14	130-131
Comemoração de aniversário de trabalho de Alberto de Abreu, no dia 24 de março de 1998.....	15	140
Comemoração de aniversário do Liceu Literário Português, no dia 24 de setembro de 1997.....	14	129
Comemoração de aniversário do Real Gabinete de Leitura, no dia 14 de maio de 1997.....	14	129-130
Comemoração de aniversário do Real Gabinete Português de Leitura, no dia 18 de maio de 1998.....	15	136
Comemoração do 126º aniversário do Liceu Literário Português, no dia 12 de setembro de 1994.....	8	102
Comemoração do Dia de Portugal, no dia 8 de junho de 1998.....	15	141-142
Comemoração dos 17 anos de fundação da Academia Cearense de Língua Portuguesa, no dia 28 de outubro de 1994.....	8	103
Comunidade dos países da língua portuguesa. Trabalhos desenvolvidos pela mesa-redonda Luso-Afro-Brasileira, A.....	7	107-112
Conferência <i>Camões e os descobrimentos portugueses</i> , realizados entre os dias 27 e 29 de setembro de 1995.....	10	127
Conferência sobre <i>A vida e a obra do Infante D. Henrique</i> , proferida pelo Comandante Max Justo Quedes, no dia 6 de outubro de 1994.....	8	102
Conferências sobre o período colonial brasileiro, realizados pelo Instituto Luso-Brasileiro de História e Liceu Literário Português.....	14	130
Confluência congratula-se com Maximiano de Carvalho e Silva pela passagem dos 50 anos de seu magistério.....	10	130
Congresso Anchietano na Universidade de Coimbra (25 a 29 de outubro de 1998).....	16	137-142
Congresso Brasileiro de Língua e Literatura (24, Rio de Janeiro), entre os dias 27 e 31 de junho de 1992.....	3	130-131
Congresso Brasileiro de Língua e Literatura (25, Rio de Janeiro, 1993), realizado pela Sociedade Brasileira de Língua e Literatura, entre os dias 26 e 30 de junho de 1993.....	6	113
Congresso Brasileiro de Língua e Literatura (26, Rio de Janeiro, 1994), realizado pela Sociedade Brasileira de Língua e Literatura, entre os dias 25 e 29 de julho de 1994.....	8	100
Congresso Brasileiro de Língua e Literatura (27, Rio de Janeiro, 1995), realizado pela Sociedade Brasileira de Língua e Literatura, entre os dias 24 e 28 de julho de 1995.....	10	125
Congresso Brasileiro de Língua e Literatura (29, Rio de Janeiro, 1997), realizado pelo Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Sociedade de Língua e Literatura, entre os dias 21 e 25 de julho de 1997.....	14	126-127
Congresso Brasileiro de Língua e Literatura (30, Rio de Janeiro, 1998), realizado pela Sociedade Brasileira de Língua e Literatura, entre os dias 27 e 31 de junho de 1998.....	15	137-138
Congresso Brasileiro de Língua e Literatura (33, Rio de Janeiro), entre os dias 22 e 26 de julho de 1991.....	2	111
Congresso Brasileiro de Língua Portuguesa (7, Rio de Janeiro, 1998), promovido Instituto de Pesquisas Lingüísticas, entre os dias 1 e 2 de maio de 1998.....	16	129
Congresso Brasileiro de Línguas e Literatura de Língua Portuguesa (29, Rio de Janeiro, 1997), promovido pelo Facoltà di Lettere e Filosofia e pela Sociedade Brasileira de Língua e Literatura, entre os dias 21 e 25 de julho de 1997.....	13	129-130
Congresso da Associação Internacional de Lusitanista (6, Rio de Janeiro, 1998), entre os dias 8 a 13 de agosto de 1998.....	16	131

Congresso Internacional <i>A língua portuguesa no mundo, terceira língua de comunicação internacional, 200 milhões de lusófonos</i>	3	131-132
Congresso Internacional de Estudos Camonianos (1, Rio de Janeiro, 1997), realizado pelo Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Sociedade de Língua e Literatura, entre os dias 21 e 25 de julho de 1997.....	14	126-127
Congresso Internacional de Lingüística e Filologia Românicas (19, Santiago de Compostela).....	1	110
Congresso Internacional de Lingüística e Filologia Românicas (20, Zurique), entre os dias 6 e 11 de abril de 1991.....	2	114
Congresso Internacional de Literatura Lusófona, realizado pelas Irmandades da Fala da Galiza e Portugal e pelo Conselho Internacional da Lusofonia.....	11	123
Congresso Internacional de Literaturas Lusófonas (1, Santiago), realizado na Universidade de Santiago, Espanha, entre os dias 19 e 21 de setembro de 1991....	2	111-112
Congresso Internacional de Lusitanistas (3, Coimbra), entre os dias 18 e 22 de junho de 1991.....	1	110
Congresso Internacional Padre Antônio Vieira.....	16	133-137
Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais (4, Rio de Janeiro, 1996), realizado pelo Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, entre os dias 2 e 5 de setembro de 1996.....	11	128
Congresso Nacional de Lingüística e Filologia (2, Rio de Janeiro, 1998), promovido pelo Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Lingüísticos, entre os dias 5 e 9 de outubro.....	16	129
Congresso Portugal e os Mares: um encontro de culturas, realizado em Nápoles, promovido pela Facoltà di Lettere e Filosofia do Istituto Universitario Orientale, entre os dias 15 e 17 de dezembro de 1994.....	13	128-129
Convergência, do Real Gabinete Português de Leitura volta a ser editada.....	3	132
Criação da Associação dos Professores de Literatura Portuguesa do Estado do Rio de Janeiro (APLIPERJ), em 1985.....	1	110
Curso de Poesia Portuguesa Moderna (1), realizado pelo Centro de Estudos Portugueses, Brasileiros e Africanos de Língua Portuguesa, entre os dias 25 e 28 de junho de 1994.....	8	100
Curso do Professor Doutor Paul Teyssier ministrado na Universidade Federal Fluminense, em outubro de 1991.....	1	109
Curso sobre Crítica textual aplicada a textos modernos, ministrado por Carlos Reis, entre os dias 30 e 30 de setembro de 1993.....	6	114
Cursos da Fundação Biblioteca Nacional programados para o primeiro semestre de 1992.....	3	129
Cursos no Liceu Literário Português, durante o 1º semestre de 1996.....	11	128-129
Cursos promovidos pelo Instituto de Língua Portuguesa, realizados entre março a dezembro de 2003.....	25-2	308-309
Despedida do cargo de Pedro Ribeiro de Menezes, no dia 10 de outubro de 1997....	14	129
Dino Preti como novo titular na área de Filologia e Língua Portuguesa, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.....	1	109
Discurso de Gladstone Chaves de Melo homenageado pela Universidade de Coimbra.....	8	104-106
Discurso de saudação, em nome do corpo docente do Instituto de Letras.....	21	135-141
Doação feita por Jorge Mário Barreto ao Instituto de Língua Portuguesa do Liceu Literário Português, no dia 24 de novembro de 1994.....	8	103
Doutoramento na USP (conclusão do doutoramento de Nilda Cabral, na USP, no dia 28 de janeiro de 1999).....	17-18	301-302
Edson Chini, toma posse da Diretoria do Liceu Literário Português.....	5	111

Eleição do Prof. Evanildo Bechara para conselheiro da Revue de Linguistique romane.....	15	137
Encontro das Comunidades Luso-Brasileiras (5, Rio de Janeiro, 1998), realizado entre os dias 18 e 19 de abril de 1998	15	136-137
Encontro de Ecdótica e Crítica Genética (3, João Pessoa), entre os dias 15 e 18 de outubro de 1991	2	112-113
Encontro de Estudos Portugueses do Brasil (2, Rio de Janeiro, 1994), realizado pelo Centro de Estudos Portugueses do Brasil, no mês de agosto de 1994.....	8	101-102
Encontro Internacional de Estudos Medievais (1, São Paulo, 1995) realizado entre os dias 4 e 6 de julho de 1995.....	9	127-128
Encontro Internacional de Queirosianos (2, Coimbra), em julho de 1992	3	130
Encontro Internacional de Queirosianos (3, São Paulo, 1995), promovido pelo Centro de Estudos Portugueses da Universidade de São Paulo, entre os dias 18 e 24 de setembro de 1995	10	126-127
Encontro internacional, sob a epígrafe “Gênese e memória”, realizado pelo Instituto de Estudos Brasileiros, da Universidade de São Paulo e Associação de Pesquisadores do Manuscrito Literário, entre os dias 26 de agosto e 1º de setembro de 1994.....	8	102
Encontro Nacional da Anpoll (11, João Pessoa, 1996), entre os dias 2 e 6 de junho de 1995.....	11	127
Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (10, João Pessoa, 1995), realizado entre os dias 4 e 8 de junho de 1995.....	9	126
Encontro Nacional das Comunidades Luso-Brasileiras (4, Curitiba, 1994), entre os dias 19-20 de março de 1994.....	7	114-115
Encontro Nacional de Filologia (2, Rio de Janeiro, 1998), promovido pela Universidade do estado do Rio de Janeiro, entre os dias 21 e 23 de setembro de 1998	16	130
Encontro Setorial do GT Historiografia da Linguística Brasileira (3, Campinas, 1998) e Encontro Nacional da ANPOLL (13, Campinas, 1998), ambas realizadas pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística, entre os dias 9 e 11 de junho de 1998	15	138-140
Encontros na biblioteca do Liceu Literário Português.....	14	132-133
Entrega ao Presidente de Portugal Jorge Sampaio, o Laurel da gratidão, pelo Real Gabinete Português de Leitura, no dia 10 de setembro de 1997	14	128
Eugenio Coseriu e Eberhard Gärtner em conferência realizada pelo Instituto de Língua Portuguesa, do Liceu Literário Português	8	101
Eugênio Coseriu ministra curso na Universidade Federal Fluminense	1	110
Evanildo Bechara ministra curso. Intitulado Sintaxe e semântica da língua portuguesa, na Universidade de Coimbra	1	109
Falecimento de Carlos Henrique da Rocha Lima, em 22 de junho de 1991.....	2	110
Falecimento de Clemildo Lyra de Arruda e Ovídio Cunha	13	127-128
Falecimento de Cordélia Rodrigues Chaves de Melo, no dia 17 de fevereiro de 1995.....	9	121
Falecimento de Ernesto Guerra da Cal, no dia 27 de julho de 1994.....	9	121-122
Falecimento de Issac Nicolau Salum, em 3 de maio de 1993.....	5	114
Falecimento de J. J. van den Besselaar, em 20 de junho de 1991.....	2	109-110
Falecimento de Jorge Mário Barreto.....	9	122-123
Falecimento de José Azevedo Ferreira, no dia 13 de abril de 1995.....	9	122
Falecimento de Luís Filipe Lindley Cintra, em 1991	2	114-115
Falecimento de Luís Franco.....	9	122
Falecimento de Manuel de Paiva Boléo, em 01 de novembro de 1993 e Edith Pimentel Pinto, em 18 de novembro 1993	5	111-113

Falecimento de Manuel Simões, no mês de fevereiro de 1995	9	122
Falecimento de Miguel Torga, no dia 17 de janeiro de 1995.....	9	121
Falecimento de Napoleão Mendes de Almeida, no dia 24 de abril de 1998.....	15	140-141
Falecimento de Romeu Ritter dos Reis, em 1993.....	5	113-114
Falecimento de Vergílio Ferreira e Jorge Borges de Macedo	11	123-124
Fórum de Estudos de Língua Portuguesa (1), entre os dias 22 e 24 de maio de 1991 ...	1	107-108
Fórum de Estudos Lingüísticos – língua, lingüística, literatura: uma integração para o ensino (2, Rio de Janeiro, 1997), realizado pelo Mestrado em Língua Portuguesa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, entre os dias 22 e 14 de outubro de 1997.....	14	131-132
Fundação do Centro de Estudos Portugueses, Brasileiros e Africanos de Língua Portuguesa	6	115
Fundação do Centro de Investigação Ibero-Americana, na Universidade de Leipzig, em 18 de janeiro de 1994.....	8	99
Gladstone Chaves de Melo recebe o título de Honoris Causa, pela Universidade de Coimbra, no dia 24 de outubro de 1993.....	6	115-116
Homenagem a Cleonice Berardinelli.....	16	142
Homenagem à Eneida do Rego Monteiro Bomfim, realizado pelo Departamento de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, no dia 12 de dezembro de 1996.....	11	123
Homenagem a Eugenio Coseriu na UFF, no dia 3 de dezembro de 2003	25-26	307
Homenagem a Gladstone Chaves de Melo e Sílvio Elia, feita pela Academia Brasileira de Filologia, no dia 12 de setembro de 1998.....	16	132-133
Homenagem à Maria Helena Rocha Pereira.....	10	129
Homenagem a Vicente Tapajós, em 10 de abril de 1992.....	11	124
Inauguração da Biblioteca do Instituto de Língua Portuguesa, no dia 18 de maio de 1998.....	15	138
Inauguração da Sala Professor Antenor Nascentes, no Colégio Pedro II, no dia 25 de agosto de 1992.....	3	131
Jean-Michel Massa dirige equipe, cujo objetivo é a edição das obras completas de Machado de Assis.....	10	129
Jean-Michel Massa e sua visita ao Brasil	9	127
Jornadas de Cultura Galega, promovido pelo Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense, entre os dias 11 e 13 de dezembro de 1991	2	113-114
Jornadas UFF de Cultura Galega (2, Niterói, 1994), realizado em os dias 16 e 19 de maio de 1994.....	8	99-100
José Hermano Saraiva no Liceu Literário Português.....	20	139-141
Lançamento da Confluência, v. 17-18, em Homenagem ao professor Sílvio Elia, no dia 19 de novembro de 1999.....	19	133-140
Lançamento do livro <i>Índice analítico do vocabulário dos sonetos da 1ª edição (1595) da Rhythmas de Luis de Camões</i> , de A. G. Cunha, em 20 de maio de 1996.....	11	126-127
Leodegário A. de Azevedo Filho proferiu uma conferência sobre <i>As imagens poéticas de Tasso da Silveira</i>	3	132
Mário Soares e a comunidade dos países de língua portuguesa, cerimônia ocorrida no dia 10 de janeiro de 1994.....	7	113-114
Mesa-redonda Luso-Afro-Brasileira de Luanda, ocorrida entre os dias 26-27 de janeiro de 1994.....	7	107-112
Mesa-redonda sobre a situação atual do estudo de manuscritos e correspondências, realizado pela Fundação Casa de Rui Barbosa, no dia 05 de setembro de 1994.....	8	102
Olmar Guterres da Silveira (19.6.1922-26.5.1999).....	17-18	305-306

Palestra sobre <i>O romance de Almeida Garrett</i> , proferida por Sílvio Elia, no dia 21 de junho de 1994.....	8	100
Palestras do Instituto de Estudos Portugueses Afrânio Peixoto realizadas no primeiro semestre de 1992.....	3	129
Palestras e conferencias realizadas pelo Instituto de Língua Portuguesa.....	6	116
Palestras promovidas pelo Liceu Literário Português no ano de 1991.....	2	107-109
Posse na Academia de Letras do Estado do Rio de Janeiro de Ítalo de Saldanha da Gama, no dia 5 de maio de 1997.....	14	129
Prêmio Internacional D. João de Castro entregue ao Embaixador Evaldo Cabral de Melo, no dia 4 de junho de 1998.....	15	140
Prêmio José Régio 1989.....	1	109
Professores eméritos da UFF.....	20	141-142
Protocolo assinado entre Brasil e Portugal.....	11	125-126
Reynaldo Valinho Alvarez agraciado com o Prêmio Literário Camaioire de Poesia... 17-18		303
Semana de Estudos da Língua Portuguesa (1, Rio de Janeiro, 1995), realizado pelo Instituto de Língua Portuguesa, do Liceu Literário Português, entre os dias 24 e 27 de outubro de 1995.....	10	128
Semana de Linguagem (8, Fortaleza, 1994), realizado pelo Curso de Letras do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, entre os dias 24 e 27 de outubro de 1994.....	8	102-103
Semana Mário de Andrade, promovida pela Fundação Casa de Rui Barbosa, entre os dias 27 de setembro e 1º de outubro de 1993.....	6	114-115
Seminário Camões-Letras (2, Rio de Janeiro, 1995), promovido pelo Real Gabinete Português de Leitura, Academia Brasileira de Letras e Fundação Biblioteca Nacional, entre os dias 12 e 14 de setembro de 1995.....	10	125-126
Seminário de Filologias Clássica e Românica (1, Rio de Janeiro, 1997), realizado pelo Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, entre os dias 5 e 6 de novembro de 1997.....	14	132
Seminário de Língua Portuguesa, promovido pelo Colégio Pedro II e Academia Brasileira de Filologia, entre os dias 16 e 19 de novembro de 1998.....	16	130-131
Seminário Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, realizado pelo Liceu Literário Português e a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, entre os dias 16 e 19 de setembro de 1997.....	14	127-128
Seminário sobre o <i>Rio através dos sentidos</i> , realizado pelo Real Gabinete Português de leitura.....	11	124-125
Seminário Superior de Língua Portuguesa, realizado pelo Centro de Estudos Portugueses, Brasileiros e Africanos de Língua Portuguesa, entre os dias 16 e 20 de maio de 1994.....	8	99
Sessão comemorativa do 125º aniversário da Fundação do Liceu Literário Português, realizada no dia 10 de setembro de 1993.....	6	113
Sessão comemorativa dos 50 anos da Academia Brasileira de Filologia, no dia 26 de agosto de 1994.....	8	101
Sessão de início das atividades culturais da Academia Brasileira de Filologia, no dia 25 de março de 1995.....	9	126
Sessão solene comemorativa do Dia de Portugal, 12 de junho de 1991.....	1	108-109
Sessão solene do Liceu Literário Português, em 28 de março de 1991.....	1	107
Sessão solene em preito de louvor e saudade a Augusto dos Anjos, realizado pela Academia Brasileira de Literatura de Cordel, em 15 de abril de 1995.....	11	124
Sílvio de Castro convidado a coordenar uma edição crítica da História da Literatura Brasileiro.....	1	110

Simpósio Internacional da Língua Portuguesa em África e no Oriente, promovido pelo Instituto de Língua Portuguesa do Liceu Literário Português, entre os dias 24 e 28 de abril de 1995.....	9	123-126
Simpósio sobre a língua portuguesa e no Oriente, Organizado pelo Instituto de Língua Portuguesa do Liceu Literário Português, realização prevista para abril de 1995.....	8	104
Término do curso sobre Comentários a textos modernos portuguesas, ministrado pelo Prof. Gladstone Chaves de Melo	14	130
Título de Doutor Honoris Causa conferido ao escritor João Cabral de Melo Neto e à professora Luciana Stegagno Picchio, no dia 17 de setembro de 1991	1	109
Universidade Federal do Rio de Janeiro concedeu o título de Doutor Honoris causa ao Prof. Dr. Eduardo Lourenço de Faria, no dia 14 de setembro de 1995.....	10	126
Visita de Ledo Ivo a Lisboa	5	108-109
Visita do Secretário da Cultura de Portugal, Sr. Pedro Santana Lopes.....	5	110
Novo governo... palavras mágicas por Silvio Elia	17-18	186-187
NUNES, Carlos Alberto Short Carlos Alberto Short Nunes (16.5.1941-14.5.1999)	17-18	304-305
NUNES, J. J. Gonçalves Viana	23	43-45

- O -

Obituário

Agostinho da Silva (1906-1994).....	7	73
Antônio Geraldo da Cunha (9.3.1924-7.7.1999)	17-18	306
Antônio Houaiss (15.10.1915-7.3.1999)	17-18	304
Carlos Alberto Short Nunes (16.5.1941-14.5.1999)	17-18	304-305
Falecimento de Carlos Henrique da Rocha Lima, em 22 de junho de 1991.....	2	110
Falecimento de Clemildo Lyra de Arruda e Ovídio Cunha	13	127-128
Falecimento de Cordélia Rodrigues Chaves de Melo, no dia 17 de fevereiro de 1995.....	9	121
Falecimento de Ernesto Guerra da Cal, no dia 27 de julho de 1994.....	9	121-122
Falecimento de Issac Nicolau Salum, em 3 de maio de 1993.....	5	114
Falecimento de J. J. van den Besselaar, em 20 de junho de 1991.....	2	109-110
Falecimento de Jorge Mário Barreto.....	9	122-123
Falecimento de José Azevedo Ferreira, no dia 13 de abril de 1995.....	9	122
Falecimento de José Rebouças Macambira	3	107-109
Falecimento de Luís Filipe Lindley Cintra, em 1991	2	114-115
Falecimento de Luís Franco.....	9	122
Falecimento de Manuel de Paiva Boléo, em 01 de novembro de 1993 e Edith Pimentel Pinto, em 18 de novembro 1993	5	111-113
Falecimento de Manuel Simões, no mês de fevereiro de 1995	9	122
Falecimento de Miguel Torga, no dia 17 de janeiro de 1995.....	9	121
Falecimento de Napoleão Mendes de Almeida, no dia 24 de abril de 1998.....	15	140-141
Falecimento de Romeu Ritter dos Reis, em 1993.....	5	113-114
Falecimento de Vergílio Ferreira e Jorge Borges de Macedo	11	123-124

Guilhermino César (1908-1993).....	7	71-72
Olmair Guterres da Silveira (19.6.1922-26.5.1999).....	17-18	305-306
Sílvio Elia (4.7.1913-16.11.1998).....	16	5-6
Obra completa, de Francisco Rebelo Gonçalves	15	132-133
Obra de Camilo Castelo Branco como objeto da crítica textual, A por Maximiano de Carvalho e Silva	25-26	193-208
Obra de Olmar Guterres da Silveira (sua contribuição aos estudos das línguas portuguesa e latina), de Horácio Rolim de Freitas, A.....	13	77-78
Obra de Olmar Guterres da Silveira: sua contribuição aos estudos das línguas portuguesa e latina, de Horácio Rolim de Freitas, A por Hilma Ranauro.....	14	110-113
Obra etnográfica, por Adolfo Coelho por Evanildo Bechara.....	7	93-103
Obra etnográfica, v. 2. Cultura popular e educação, de Adolfo Coelho por Evanildo Bechara.....	9	109-111
Obras completas de Rui Barbosa, editada pela Fundação casa de Rui Barbosa por Sílvio Elia	7	78
Obras inéditas: ensaio sobre o estudo histórico das línguas e elementos de grammatica portuguesa, de José Tavares de Macedo por Evanildo Bechara.....	15	134-135
Ode IX		
Acerca do texto reconstituído da Ode IX de Camões.....	13	57-68
OLIVEIRA, Eduardo d'		
Massificação e colegialidade	20	117-129
OLIVEIRA, Fernão de		
Gramática da linguagem portuguesa, de Fernão de Oliveira.....	20	135-138
Idéias lingüísticas de Fernão de Oliveira, As.....	15	98-116
Keyword-in-context index of the Grammatica da linguagem portuguesa (1536) by Fernão de Oliveira, de Toru Maruyama	24	150-151
Olmar Guterres da Silveira (19.6.1922-26.5.1999) por Horácio Rolim de Freitas.....	17-18	305-306
Onomástica		
Pronúncia de nomes próprios: o problema Gandavo ou Gândavo.....	16	89-93
Onomástica hipano-visigodo		
Sobre a formação dos nomes de mulher medievais hipano-visigodos	3	79-106
Oralidade		
Partes <i>Orationis</i> : notas sobre a tradição greco-latina	31	59-81
Organon, revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, n. 18	3	116
Origem das letras, de Antenor Nascentes: uma reescritura por Cláudio Cezar Henriques.....	16	65-77

Origens da gramaticografia e da lexicografia latino-portuguesas, de Telmo Verdelho, As por Evanildo Bechara.....	11	119-121
Ortodoxia do poeta, A por Sílvio Elia	17-18	77-78
Ortografia		
A propósito de se rever um algoritmo de transcrição para o português brasileiro: considerações sobre o Vocabulário ortográfico da língua portuguesa	27-28	157-166
Análise crítica do projeto da ortografia unificada da língua portuguesa.....	27-28	175-198
Aspectos da receptividade aos acordos ortográficos.....	3	17-21
Em defesa da língua e de uma grafia comum	17-18	94-100
Grammatical da linguagem portuguesa e os índices Maruyama da ortografia lusitana quinhentista, organizado por T. Maruyama, A.	24	159-164
Lusografia africana, A.....	29-30	91-98
Ortografia e as ortografias do português	13	39-46
Ortografia e as ortografias do português por José G. Herculano de Carvalho	13	39-46
Otimismo... nosso governo da República por Sílvio Elia	17-18	185-186
OZANAM, Antônio Frederico		
Ozanam: cultura e erudição	22	161-164
Presença de Ozanam, A.....	22	155-161
Ozanam: cultura e erudição	22	161-164

- P -

Padre José de Anchieta, o Apóstolo do Brasil: patrono da cadeira número 1 da Academia Brasileira de Letras por Maximiano de Carvalho e Silva	14	85-106
Palavra filologia e as suas diversas acepções: os problemas da polissemia, A por Maximiano de Carvalho e Silva	23	53-70
Palavras a respeito de palavras: notas lexicais, de José Pedro Machado.....	11	95
Palavras do natal por Sílvio Elia	17-18	60-63
Palavras têm a sua história, de José van den Besselaar, As por Evanildo Bechara.....	8	97-98
Palestra sobre <i>O romance de Almeida Garrett</i> , proferida por Sílvio Elia, no dia 21 de junho de 1994.....	8	100
Palestras do Instituto de Estudos Portugueses Afrânio Peixoto realizadas no primeiro semestre de 1992	3	129
Palestras e conferencias realizadas pelo Instituto de Língua Portuguesa	6	116
Palestras promovidas pelo Liceu Literário Português no ano de 1991	2	107-109

PALMER, F. R.

Semântica, de F. R. Palmer, A.....	1	91
Para o estudo léxico-semântico de uma língua de especialidade por Cilene da Cunha Pereira e Maria Emilia Barcellos da Silva.....	3	53-60
Para uma estilística estrutural por J. Mattoso Câmara Júnior.....	27-28	298-306
Para uma teoria sintática por Sílvio Elia.....	4	33-45
Paremiologia		
Duas notas de linguagem à Feira dos anexins.....	9	79-81
Termo anexim na Feira dos anexins de F. Manuel de Melo, O.....	6	87-96
Parnasianismo		
Herança parnasiana na Obra de Camilo Pessanha, A.....	19	107-117
Partes <i>Orationis</i> : notas sobre a tradição greco-latina por Luiz M. M. de Barros e Terezinha Bittencourt.....	31	59-81
Particularidades morfosintáticas do português de Angola e Moçambique por Eberhard Gärtner.....	12	27-58
Pátria da língua por Antônio Gomes da Costa.....	8	5-6
Patrimônio histórico-cultural		
Proteção ao texto literário como peça integrante do nosso patrimônio histórico-cultural.....	4	65-82
Patriotismo lingüístico		
Sobre o <i>patriotismo lingüístico</i>	2	21-23
Paul Teyssier por Evanildo Bechara.....	24	11-13
Paul Teyssier <i>in memoriam</i> por Evelina Verdelho e Telmo Verdelho.....	24	14-42
Paulo Freire por Sílvio Elia.....	17-18	169-171
Pecado original do acordo breve, entrevista com Sílvio Elia, catedrático brasileiro, O por Sílvio Elia e Paulo de Castro.....	17-18	79-82
PÉCORA, Alcir		
Teatro do Sacramento (A unidade teológico-retórico-política dos sermões de Antônio Vieira), de Alcir Pécora.....	13	78-79
Pedagogia		
Fundamentos lingüísticos e pedagógicos para um ensino abrangente e produtivo da língua materna.....	19	62-75
Pedagogia da positividade. Comunicação construtiva em português, de Francisco Gomes de Matos.....	12	169-170

PEDREIRA, Fernando

- Comentário a artigo de Fernando Pedreira 17-18 183-184
 Pelo repatriamento de *Os Lusíadas* 22 186-191

Pen Clube do Brasil

- Convivência, número especial, publicado pelo Pen Clube do Brasil 1 90

PENNA, Irineu

- Na missa de 7º dia 22 94-95

Pequena lembrança de um grande mestre

- por Gladstone Chaves de Melo 15 44-45

PEREIRA, Cilene da Cunha

- Afinal, quem é a mulher de verdade? – um estudo lexical, antes do mais 31 167-181
 Bibliografia de Celso Cunha 5 15-21
 De Amadeu Amaral, o saber pluralizado 29-30 69-81
 Para o estudo léxico-semântico de uma língua de especialidade 3 53-60
 Para o estudo léxico-semântico de uma língua de especialidade 3 53-60
 Perfil intelectual de Celso Cunha 5 9-14

PEREIRA, Eduardo Carlos

- Gramática histórica de Eduardo Carlos Pereira, A 9 47-53
 Modificações na Grammatica expositiva de Eduardo Carlos Pereira 27-28 223-249

PEREIRA, Maria Helena Rocha

- Homenagem à Maria Helena Rocha Pereira 10 129

PEREIRA, Maria Teresa G

- Língua e linguagem em questão, organizado por Maria Teresa G. Pereira 14 119-125

PEREIRA, Paulo Roberto

- Brasileiana da Biblioteca Nacional. Guia de fontes sobre o Brasil, organizado por Paulo Roberto Pereira 24 164-166

Perfil intelectual de Celso Cunha

- por Cilene da Cunha Pereira 5 9-14

PERINI, Mário

- Sintaxe portuguesa – metodologia e funções, de Mário Perini 1 101-102

Periodização

- Ars recte loquendi: constituição da gramática brasileira novecentista 25-26 234-242
 Uma proposta de periodização dos estudos lingüísticos no Brasil 23 102-120

Período Clássico

- Antigüidade clássica na obra de Machado de Assis, A 22 204-214

Período medieval ver Idade Média

PERUGI, Maurizio

- Conceito de *difração* em crítica textual 9 55-59

Pesquisa com línguas indígenas brasileiras: um debate, A

- por Yonne Leite 10 53-59

- Pesquisa lingüística no Brasil, de Cristina Altman, A 16 116-118

Pesquisas lingüísticas em Portugal e no Brasil, editado por Eberhard Gärtner.....	16	113-114
PESSANHA, Camilo		
Clepsidra e outros poemas, de Camilo Pessanha.....	16	119
Herança parnasiana na Obra de Camilo Pessanha, A.....	19	107-117
PESSOA, Marlos de Barros		
Modos de falar do escravo nos anúncios de jornal, Os.....	20	85-93
PICCHIO, Luciana Stegagno		
Murilo Mendes: poesia completa e prosa, organizado por Luciana Stegagno		
Picchio.....	17-18	272-293
Título de Doutor Honoris Causa conferido ao escritor João Cabral de Melo Neto e à professora Luciana Stegagno Picchio, no dia 17 de setembro de 1991	1	109
PIEL, Joseph M.		
Sobre a formação dos nomes de mulher medievais hipano-visigodos	3	79-106
PIEL, Joseph M.		
Joseph M. Piel.....	3	111-112
PINHO, Sebastião Tavares de		
Vozes de cultura clássica na lira de Manuel Bandeira: II – da sua formação latina aos ritmos <i>inumeráveis</i>	29-30	151-173
PINTO, Edith Pimentel		
Drama de escrever, O.....	2	47-52
PINTO, Edith Pimentel		
Falecimento de Manuel de Paiva Boléo, em 01 de novembro de 1993 e Edith Pimentel Pinto, em 18 de novembro 1993.....	5	111-113
Língua escrita no Brasil, de Edith Pimentel Pinto, A.....	1	101
Plano de cargos e salários para o BC		
por Sílvia Elia	17-18	196-197
PLATZMANN, Julius		
Julius Platzmann: e os seus trabalhos sobre as línguas americanas.....	16	106-110
Plebiscito		
Sobre plebiscitos	17-18	181
Poema		
Sobre um poema da moderna literatura angolana.....	12	147-156
Poesia de Rei: três notas dionisinas, de Elsa Gonçalves		
por Sílvia Elia	6	105-111
Poética		
Ritmo da poesia, O.....	7	45-56
Polissemia		
Palavra filologia e as suas diversas acepções: os problemas da polissemia, A.....	23	53-70
Política		
Esboço de um retrato	22	109-110
Manifesto eleitoral na sua reeleição em 1954.....	22	110-112
Políticas para a língua	29-30	39-41

Um filólogo desafia o Diabo: Aristóteles tem um representante na Câmara dos Vereadores.....	22	113-116
Política cultural		
Política cultural para os países da lusofonia	5	5-6
Política cultural para os países da lusofonia por Antônio Gomes da Costa	5	5-6
Políticas para a língua por Antônio Gomes da Costa	29-30	39-41
Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Instituto de Letras		
Letras: revista do Instituto de Letras da Pontifícia Católica de Campinas, v. 13, n. 1-2	9	106-107
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro		
Extrema-direita na PUC	17-18	256-257
Seminário Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, realizado pelo Liceu Literário Português e a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, entre os dias 16 e 19 de setembro de 1997	14	127-128
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras		
Homenagem à Eneida do Rego Monteiro Bomfim, realizado pelo Departamento de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, no dia 12 de dezembro de 1996.....	11	123
Porque a comunidade por Sílvia Elia	12	157-164
PORTELLA, Eduardo Depoimentos sobre Mattoso Câmara.....	27-28	41-48
Pórtico por Carlos Henrique da Rocha Lima	3	9
Portugal		
Considerações sobre os tipos <i>ela fala esquisito</i> e <i>ela chega cansada</i> no português coloquial e literário do Brasil e de Portugal.....	24	43-70
Estudos da língua portuguesa em Portugal e no Brasil, Os	27-28	307-315
Linguística e o ensino da língua portuguesa em Portugal, A.....	29-30	83-89
Livro português no Brasil, O	31	7-8
Terminologia linguística para os ensinos básico e secundário em Portugal	21	101-117
Tradução de livros estrangeiros em Portugal, com Manuel Rodrigues Lapa, A.....	14	60-72
Portugiesische Gramatikschreibung von 1540 bis 1822, de Bárbara Schäfer-Priess, Die por Evanildo Bechara.....	2	25-127
Português brasileiro: uma viagem diacrônica, organizado por Ian Roberts e Mary A. Kato por Sílvia Elia	7	83-92
Português do Brasil, de Ataliba T. de Castilho, O por Sílvia Elia	5	88-104
Português em Brasil, história cultural, de Sílvia Elia, El por Evanildo Bechara.....	5	81

Português literário do Cabo Verde, O por Michel Laban.....	12	101-113
Português no mundo, O por Sílvia Elia	17-18	108-111
Português primeiro, depois as outras línguas, O por Antônio Gomes da Costa.....	27-28	7-8
Posição da metafonia no quadro das alternâncias vocálicas, A por Viviane Cunha	13	49-56
Posse na Academia de Letras do Estado do Rio de Janeiro de Ítalo de Saldanha da Gama, no dia 5 de maio de 1997.....	14	129
Post-vulgata Arturiana na Península Ibérica: qual foi sua primeira tradução?, A por Heitor Megale.....	11	39-55
Premiação		
Entrega ao Presidente de Portugal Jorge Sampaio, o Laurel da gratidão, pelo Real Gabinete Português de Leitura, no dia 10 de setembro de 1997	14	128
Prêmio Internacional D. João de Castro entregue ao Embaixador Evaldo Cabral de Melo, no dia 4 de junho de 1998.....	15	140
Prêmio José Régio 1989	1	109
Reynaldo Valinho Alvarez agraciado com o Prêmio Literário Camaioire de Poesia.....	17-18	303
Prêmio Internacional D. João de Castro entregue ao Embaixador Evaldo Cabral de Melo, no dia 4 de junho de 1998.....	15	140
Prêmio José Régio 1989.....	1	109
Prêmio Literário Camaioire de Poesia		
Reynaldo Valinho Alvarez agraciado com o Prêmio Literário Camaioire de Poesia...	17-18	303
Preposição		
Contribuição para o tratamento de preposições num dicionário espanhol/português ..	23	78-83
Presença africana nos falares nordestinos, A por Maria do Socorro Silva de Aragão	12	87-100
Presença camoniana na literatura brasileira por Maximiano de Carvalho e Silva	21	56-60
Presença de Ozanam, A.....	22	155-161
Pressupostos para o estudo histórico da pronúncia brasileira por Ricardo Cavaliere	29-30	57-68
PRETI, Dino		
Dialógo literário e realidade lingüística.....	11	57-64
Transformações sociais e seu reflexo no léxico da linguagem urbana brasileira contemporânea	4	93-99
Universidade e a desvalorização do professor secundário, A	24	131-135
Variação lingüística: contribuições da sociolingüística para o ensino da língua, A....	29-30	185-192
PRETI, Dino		
Análise de textos orais, organizado por Dino Preti.....	16	112-113

Dino Preti como novo titular na área de Filologia e Língua Portuguesa, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo ...	1	109
Discurso oral culto, organizado por Dino Preti, O.....	16	111-112
Discurso oral culto, organizado por Dino Preti, O.....	14	116-118
Linguagem dos idosos, de Dino Preti, A.....	2	79-80
Prevenção		
Combate à AIDS	17-18	191-192
Previdência		
por Sílvia Elia	17-18	193-194
Previdência Social		
Abre-se mais uma legislatura.....	17-18	187-188
Aposentados.....	17-18	194-195
Aumento de aposentados 7,76% é enganoso	17-18	199-200
Infeliz reforma do sistema previdenciário	17-18	189
Previdência.....	17-18	193-194
Primeiro Colóquio Internacional ver I Colóquio Internacional		
Princípios de lingüística geral		
Aplicação da crítica textual a textos científicos como o de <i>Princípios de lingüística geral</i> , de Mattoso Câmara Jr.....	27-28	105-118
Variação e variantes nas edições de Princípios de lingüística geral de Mattoso Câmara Jr: questões filológicas e lingüísticas	29-30	221-238
Princípios de morfologia, Horácio Rolim de Freitas		
por Sílvia Elia	2	99-103
Princípios de morfologia: visão sincrônica, de Horácio Rolim de Freitas	16	113
PRISTA, Luís		
Filólogos portugueses entre 1868 e 1943, de Luís Prista; Cristina Albino.....	13	119-122
Problema da tradução, O.....	22	253-258
Problemas da língua: uma olhada nos <i>déficits</i> lingüísticos de seus usuários		
por José Rogério Fontenele Bessa	25-26	248-258
Prof. Antenor Nascentes, homenagem.....	1	16-19
Prof. Ernesto Faria e sua importância para os estudos de latim, O		
por Horácio Rolim de Freitas.....	31	49-57
Professor		
Professores	17-18	168-169
Universidade e a desvalorização do professor secundário, A.....	24	131-135
Professor de português ante problemas do ensino: análise crítica de seu desempenho em um concurso público, O		
por Carlos Eduardo Falcão Uchôa	23	84-101
Professor Ernesto de Faria		
por Rosalvo do Valle.....	31	11-48
Professor José Aderaldo Castelo : ensaísta e editor de textos, O.....	19	128-131

Professores		
por Sílvio Elia	17-18	168-169
Professores eméritos da UFF	20	141-142
Pronome		
Variação de timbre das vogais médias no percurso diacrônico dos pronomes portugueses	27-28	149-156
Pronome demonstrativo		
Emprego dos demonstrativos este, esse, aquele na carta de Pero Vaz de Caminha	1	59-67
Pronome possessivo		
Propósito dos pronomes possessivos do português, A.....	27-28	119-147
Pronúncia de nomes próprios: o problema Gandavo ou Gândavo		
por Evanildo Bechara.....	16	89-93
Proteção ao texto literário como peça integrante do nosso patrimônio histórico-cultural		
por Maximiano de Carvalho e Silva	4	65-82
Protocolo		
por Maria Rita Andrade Gomes e A. Gomes da Costa	2	6-7
Protocolo		
Idéias lingüísticas em Portugal no século XVIII, As	14	37-59
Protocolo assinado entre Brasil e Portugal	11	125-126
Publicações da Direção e do Setor Ruiano da Fundação Casa de Rui Barbosa	19	126-128

- Q -

Quaderni di filologia e lingue romaneze. Ricerche svolte nell'Università di Macereta		
por Evanildo Bechara.....	24	147-148
Quaderni di filologia e lingue romanze, n. 10.....	11	96
Quaderni di filologia e lingue romanze, n. 6.....	3	117
Quaderni di filologia romanze, serie 3, n. 11	13	92
Quadrant, n. 12, revista publicada pelo Centre de Recherche em Littérature de Langue Portugaise.....	11	89-90
Quadrant: revista do Centre de Recherche em Littérature de Langue Portugaise		
por Sílvio Elia	7	77
Quarta mão: um manuscrito de Clavis Prophetarum do Padre Antônio Vieira, A		
por Margarida Vieira Mendes e Rita Marquilhas.....	9	14-31
Que língua se fala no Brasil?	22	223-227
QUEDES, Max Justo		
Conferência sobre <i>A vida e a obra do Infante D. Henrique</i> , proferida pelo Comandante Max Justo Quedes, no dia 6 de outubro de 1994.....	8	102
Quem deve ensinar literatura brasileira?.....	22	250-253

Questões apologéticas, de Manuel da Penha do Rosário por Evanildo Bechara.....	11	115-118
Quincas Borba		
Apuro da forma no Quincas Borba (Notas de estilística), O	1	50-58
Quinhentos anos de Brasil ver Anos de Brasil, 500		
Quintino do Vale por Wilson Choeri.....	25-26	297-305
Quinto Império, revista editada pelo Gabinete Português de Leitura, da Bahia.....	6	100
Quinto Império: revista de cultura e literaturas de língua portuguesa	8	95
- R -		
Raízes e signos por Antônio Gomes da Costa.....	3	5-6
RAMOS, Graciliano		
Em busca da palavra exata: Graciliano Ramos, perfeccionista	8	57-67
RAMOS, Silva		
Em ar de conversa.....	1	79-83
RANAURO, Hilma		
Colocação de o (s), a (s) como complemento de infinitivo regido de por e para em Fernão Lopes.....	9	69-78
Cores do discurso. Análise do discurso de crítica de arte, de Lúcia Teixeira, As....	12	171-173
João Ribeiro: bibliografia anotada e comentada, de Marcos de Farias Costa.....	16	126-128
Obra de Olmar Guterres da Silveira: sua contribuição aos estudos das línguas portuguesa e latina, de Horácio Rolim de Freitas, A	14	110-113
Sílvio Elia: retrato e bibliografia.....	17-18	11-34
RANAURO, Hilma		
Contribuição à historiografia dos estudos científicos da linguagem no Brasil: Sílvio Elia e João Ribeiro, de Hilma Ranauro	13	125-126
RANGEL, Jorge		
Língua e a cultura portuguesa em Macau e as Instituições ao seu serviço no presente e no futuro, A.....	12	73-86
Rápido		
VIEIRA, os textos e os ladrões.....	22	191-195
Razões do I Colóquio Internacional: a língua portuguesa no mundo da lusofonia por Evanildo Bechara.....	29-30	11-13
Real Gabinete Português de Leitura		
Comemoração 159º aniversário de fundação do Real Gabinete Português de Leitura	11	126
Comemoração de aniversário do Real Gabinete de Leitura, no dia 14 de maio de 1997.....	14	129-130

Comemoração de aniversário do Real Gabinete Português de Leitura, no dia 18 de maio de 1998.....	15	136
Convergência lusíada: revista do Real Gabinete Português de Leitura, n. 12.....	11	92
Convergência, do Real Gabinete Português de Leitura volta a ser editada.....	3	132
Entrega ao Presidente de Portugal Jorge Sampaio, o Laurel da gratidão, pelo Real Gabinete Português de Leitura, no dia 10 de setembro de 1997.....	14	128
Seminário Camões-Letras (2, Rio de Janeiro, 1995), promovido pelo Real Gabinete Português de Leitura, Academia Brasileira de Letras e Fundação Biblioteca Nacional, entre os dias 12 e 14 de setembro de 1995.....	10	125-126
Seminário sobre o <i>Rio através dos sentidos</i> , realizado pelo Real Gabinete Português de leitura.....	11	124-125
REBELO, Helena		
Entretiens avec Georges Kassai et avec la collaboration de Jeanne Martinet, de A. Martinet.....	24	152-159
Recordando Clóvis Monteiro		
por Eneida Monteiro Bomfim.....	11	11-13
RÉCTOR, Mônica		
Comunicação do corpo, de Mônica Réctor e Aluizio Ramos Trinta.....	1	87
Reflexões sobre a nomenclatura de fatos de sintaxe		
por Olmar Guterres da Silveira.....	3	65-67
Reforma constitucional		
Abre-se mais uma legislatura.....	17-18	187-188
Infeliz reforma do sistema previdenciário.....	17-18	189
Regência verbal		
Dicionários de regência verbal da língua portuguesa.....	2	35-46
Regime Jurídico Único		
BC e o RJU, O.....	17-18	195-196
Regimento		
Declarações de princípios do Centro de Cultura Humanística.....	22	136-137
Registro bibliográfico		
150 anos de Eça de Queirós. Anais do III Encontro Internacional de Queirozianos, publicado pelo Centro de Estudos Portugueses da Universidade de São Paulo.....	15	124-125
AAVV. I Colóquio Cuba-Brasil de Terminologia.....	16	118-119
Academia Cearense da Língua Portuguesa, boletim informativo.....	3	119
Acta Universitatis Conimbrigensis, dirigido por Aníbal Pinto de Castro.....	11	99-100
Actas da II Jornadas UFF de Cultura Galega.....	11	90-91
Actas do Congresso Internacional Comemorativo do IV Centenário da Morte de D. Frei Bartolomeu dos Mártires.....	9	103
Agália, revista da Associação Galega da Língua, n. 25.....	3	118
Agália: revista internacional da Associação Galega da Língua, n. 45.....	13	82-83
Amor sem mácula, de Antero de Macedo.....	11	86
Anais do VII Encontro Nacional de ANPOLL.....	8	95
Anais do XXVIII Congresso Brasileiro de Língua e Literatura, editado pela Sociedade Brasileira de Língua e Literatura.....	15	123
Análise crítica do Projeto da ortografia unificada da Língua Portuguesa, de		

Edmilson Monteiro Lopes	6	99
Análise de textos orais, organizado por Dino Preti.....	16	112-113
Annali, Sezione Romanza.....	1	90
Antologias de antologias: 101 poetas brasileiros <i>revisitados</i> , de Magaly Trindade Gonçalves; Zélia Thomaz de Aquino; Zina Bellodi Silva	13	79-80
Antônio Ribeiro Chiado (autos e práticas), organização e fixação do texto e notas por Cleonice Berardinelli e Ronaldo Menegaz	7	81-82
Anuário da Academia Cearense de Ciências, Letras e Artes do Rio de Janeiro, a. 11, n. 8.....	13	87-88
Apontamentos de leituras: I – lendo João Ribeiro, de Jesus Bello Galvão	5	74
Aspecto verbal perifrástico em português contemporâneo (visão funcional/sincrônica), de Henrique Barroso, O	15	122-123
Atlas da língua portuguesa na história e no mundo, de Antônio Luís Ferronha et al...	5	82-83
Autoria das Cartas chilenas, de José Schiavo, A.....	7	79
Aventura semiológica, de Roland Barthes, A.....	1	91
Bibliografia da prosa medieval em língua portuguesa: subsídios, de Biblioteca Nacional (Brasil)	11	105-106
Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa, série 109, n. 1-6	13	85
Brasil x Portugal: um derby lingüístico, de Luiz César Saraiva Feijó.....	16	116
Cadernos da católica, série letras, a. 2, n. 3	13	81-82
Cadernos de letras da UFF, n. 8, v. 1-2.....	9	107
Cadernos pedagógicos e culturais, do Centro de Educação de Niterói.....	7	75
Caligrama, de Ana Lúcia Esteves dos Santos. Revista de estudos românicos, v. 2....	20	130-131
Camões, o desconcerto do mundo e a estética da utopia, de Leodegário A. de Azevedo Filho.....	11	86-87
Cantiga <i>Dissérom-m'hoj', ai amiga, que nom</i> , A.....	5	72-73
Cartas de Gilberto Freyre, de Sônia Maria van Dijck Lima e Nestor Figueiredo Junior.....	15	128
Clepsidra e outros poemas, de Camilo Pessanha.....	16	119
Comemoração do 18º aniversário da Academia Cearense da Língua Portuguesa, no dia 28 de outubro de 1995.....	10	119
Comunicação do corpo, de Mônica Réctor e Aluizio Ramos Trinta	1	87
Comunidade dos países de língua portuguesa, de Pedro da Silva Feijó Sobrinho	15	126-127
Configuração do real em Euclides da Cunha, de Leodegário A. de Azevedo Filho, A.....	13	81
Conto popular na Paraíba (um estudo lingüístico-gramatical), de Maria do Socorro Silva de Aragão et al., O.....	5	71
Convergência lusíada: revista do Real Gabinete Português de Leitura, n. 12	11	92
Convivência, número especial, publicado pelo Pen Clube do Brasil	1	90
Cores do discurso. Análise do discurso de crítica de arte, de Lúcia Teixeira, As....	12	171-173
Crítica e verdade (Coleção Signos, n. 14)	1	88
Critique textuelle portugaise, da Fundação Calouste Gulbenkian	1	90
Cultura: revista de história e teoria das idéias (II série), publicação do Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa.....	15	129-130
(DE) que falamos, de Maria Cecília Mollica.....	11	107-108
Demanda do Santo Graal, A.....	11	98-99
Demanda do Santo Graal, sob os cuidados de Heitor Megale.....	1	90
Descobrimto do Japão pelos portugueses 1543, de Carlos Francisco Moura, O....	11	85-86
Dialética, revista de diálogo com a inteligência, a. 4, n. 4	11	77

Dicionário de formas e construções opcionais da língua portuguesa	21	123
Dicionário de termos literários, de Massaud Moisés	10	120
Dicionário dos dicionários portugueses, I: ABA-ABC, por Dieter Messner.....	7	105-106
Discurso da Mídia, organizado por Agostinho Dias Carneiro, O	15	121
Discurso oral culto, organizado por Dino Preti, O.....	16	111-112
Discursos (estudos de língua e cultura portuguesa), n. 4, da Universidade Aberta, Delegação de Coimbra	7	76
Discursos (estudos de língua e cultura portuguesa), n. 6, da Universidade Aberta, Delegação de Coimbra.....	7	76
Discursos n. 13, estudos de língua e cultura portuguesa	13	91
Diversidade do português do Brasil: estudos de dialectologia rural e outros, de Carlos Ferreira et al.....	2	80-81
Do cancionero de D. Dinis, de Lênia Márcia de Medeiros Mongelli.....	9	108
Dois momentos da poesia de Manuel Bandeira, de Rocha Lima	5	70
Ensaio de lingüística, filologia e ecdótica, de Leodegário A. de Azevedo Filho.....	16	115
Ensaio literário e lingüístico, de José Pedro Machado.....	11	95
Erros e dúvidas de linguagem, de Vittorio Bergo	13	80-81
Escritores de Guaratinguetá, de Brito Broca; Francisco de Assis Barbosa; Homero Senna.....	13	83-84
Escrituração da escrita: teoria e prática do texto literário, de Gilberto Mendonça Teles, A.....	11	91
Esfinge clara e outros enigmas, de Othon M. Garcia.....	12	170
Estudos de Língua e literatura, de Segismundo Spina.....	2	78-79
Estudos de literatura, filologia e história e história, de Segismundo Spina	24	148-150
Estudos dedicados a Ricardo Carvalho Calero, organizado por José Luís Rodrigues...	21	123-124
Estudos sobre os cioulos indo-portugueses, de Sebastião Rodolfo Dalgado.....	16	114-115
Estudos universitários de língua e literatura	5	73-74
Eugenio Coseriu doutor honoris causa em duas universidades brasileiras.....	12	175-182
Evangelho da podridão, de Chico Viana, O.....	9	104-105
Excelência vernácula de Gonçalves Dias, A.....	5	79-80
Filologia e lingüística portuguesa, n. 2, publicação da FFLCH/USP	20	133-134
Filologia e lingüística portuguesa, São Paulo, n. 1	13	89-90
Filosofia da linguagem, de J. Sumpf et al.....	1	91
Flores verbais, homenagem lingüística e literária Eneida do Rego Monteiro Bomfim, no seu 70º aniversário, organizado pelo Jürgen Heye	11	88
Formação de palavras em português, de Valter Kehdi.....	3	117
Frase caótica, de Francisco de Assis Dantas, A	3	118
Função e dinâmica das línguas, de André Martinet	10	120-121
Fundamentos da lingüística geral, de Sesus Antônio Collado	1	91
Gênese de uma poética da transtextualidade, de Sônia Maria van Dijck Lima.....	6	99-100
Gênese e memória, Anais do IV Encontro Internacional de Pesquisadores do Manuscrito e de Edições, organizado por Philippe Willermart	11	85
Glotta, revista de pós-graduação da UNESP, n. 12-13	3	117
Glotta: revista de estudos lingüísticos, n. 15	9	105-106
Glotta: revista de estudos lingüísticos, n. 16	10	120
Gragoatá, revista do Instituto de Letras/UFF.....	20	132-133
Gragoatá: revista do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense	13	88-89
Gramática funcional, de Maria Helena de Moura Neves, A	16	111
Grammatik der portugugiesischen Sprache, de Eberhart Gärtner	20	130

Grão da voz, O.....	1	88
Guia de estudo, de Clarinda de Azevedo Maia, da Coleção Textos pedagógicos e didáticos.....	11	100-102
História crítica da literatura portuguesa (Realismo e Naturalismo), de Maria Aparecida Ribeiro.....	7	81
História e antologia da literatura portuguesa (séculos XIII-XIV), publicado pela Fundação Calouste Gulbenkian.....	15	125-126
História e antologia da literatura portuguesa: séculos XIII-XIV, publicado pela Fundação Calouste Gulbenkian.....	14	107-108
Índice do Vocabulário do português medieval, 3: D.....	9	104
Introdução ao estudo da fonologia e morfologia do português, de Jorge Morais Barbosa.....	10	121-122
Introdução ao Maneirismo e à prosa barroca, de Segismundo Spina e Morris Croll.....	1	87
Introdução ao nacionalismo galego, de José Viale Moutinho.....	1	91
Invenção da história (estudos sobre o historicismo), de Arno Wehling, A.....	11	88-89
Inventário do arquivo 5, de Clarice Lispector.....	7	78
João Ribeiro sempre, de Núbia Marques.....	15	127-128
Joaquim Manuel de Macedo ou os dois Macedos, de Tânia Rebelo Costa Serra.....	11	87-88
Jornada do Maranhão (ortografia, morfossintaxe, estilo e léxico), de Antônio Martins de Araújo, A.....	5	76-77
Keyword-in-context index of the Grammatica da linguagem portuguesa (1536) by Fernão de Oliveira, de Toru Maruyama.....	24	150-151
Lançamento da obra <i>Antônio Houaiss: uma vida</i> , em comemoração dos 80 anos de Antônio Houaiss.....	10	119
Lançamento de <i>Camões, o desconcerto do mundo e a estética da utopia e o 3º volume da Lírica de Camões</i> , ambas de Leodegário A. de Azevedo Filho.....	10	119
Lançamento de <i>Pronúncias, erudita e vulgar</i> de Hélio Melo.....	10	119-120
Latina essentia, Antônio Martinez de Resende.....	11	95-96
Lendo Hermilo Borba Filho (fisionomia e espírito de uma literatura), de Sônia Maria van Dijk Lima.....	5	75
Letras & letras.....	3	113-114
Letras & letras, v. 12, n. 1.....	12	167-168
Letras: revista do Instituto de Letras da Pontifícia Católica de Campinas, v. 13, n. 1-2.....	9	106-107
Léxico de Guimarães Rosa, de Nilce Sant'Anna Martins, O.....	21	128-129
Lexikon der romanistischen linguistik, v. 6, n. 2.....	11	96-98
Língua portuguesa, publicação da Academia Brasileira da Língua Portuguesa.....	5	80
Língua portuguesa: história, perspectivas, ensino, organizado por Neusa Barbosa Bastos.....	16	120
Linguagem da baixada goitacá, de Álvaro Barcelos.....	5	77-78
Linguagem dos idosos, de Dino Preti, A.....	2	79-80
Linguagem falada em Fortaleza (diálogos entre informantes e documentadores), organizado por Maria do Socorro Silva de Aragão e Maria Elias Soares, A.....	15	128-129
Linguagem na região de Franca, de Marina de Andrade Marconi.....	7	79-80
Linguística e o ensino do português, de Carlos Eduardo Falcão Uchoa, publicado no segundo número da Série cadernos de letras, da Universidade Federal Fluminense, A.....	3	114-115
Linguística hoje, de Morteza Mohmoudian, A.....	1	91
Lírica de Camões, v. 3, t. 1, de Leodegário A. Azevedo Filho.....	11	109-113

Lisboa Ultramarina: 1415-1580: a invenção do mundo pelos navegadores portugueses	6	100
Literatura portuguesa em perspectiva, v. 1, de Lênia Márcia de Medeiros Mongelli et al., A.....	5	81-82
Introdução ao estudo da fonologia e morfologia do português, de Jorge Morais Barbosa.....	10	121-122
Introdução ao Maneirismo e à prosa barroca, de Segismundo Spina e Morris Coll.....	1	87
Introdução ao nacionalismo galego, de José Viale Moutinho.....	1	91
Invenção da história (estudos sobre o historicismo), de Arno Wehling, A.....	11	88-89
Inventário do arquivo 5, de Clarice Lispector	7	78
João Ribeiro sempre, de Núbia Marques.....	15	127-128
Joaquim Manuel de Macedo ou os dois Macedos, de Tânia Rebelo Costa Serra....	11	87-88
Jornada do Maranhão (ortografia, morfossintaxe, estilo e léxico), de Antônio Martins de Araújo, A.....	5	76-77
Keyword-in-context index of the Grammatica da linguagem portuguesa (1536) by Fernão de Oliveira, de Toru Maruyama.....	24	150-151
Lançamento da obra <i>Antônio Houaiss: uma vida</i> , em comemoração dos 80 anos de Antônio Houaiss.....	10	119
Lançamento de <i>Camões, o desconcerto do mundo e a estética da utopia</i> e o 3º volume da <i>Lírica de Camões</i> , ambas de Leodegário A. de Azevedo Filho	10	119
Lançamento de <i>Pronúncias, erudita e vulgar</i> de Hélio Melo.....	10	119-120
Latina essentia, Antônio Martinez de Resende.....	11	95-96
Lendo Hermilo Borba Filho (fisionomia e espírito de uma literatura), de Sônia Maria van Dijk Lima.....	5	75
Letras & letras.....	3	113-114
Letras & letras, v. 12, n. 1	12	167-168
Letras: revista do Instituto de Letras da Pontifícia Católica de Campinas, v. 13, n. 1-2.....	9	106-107
Léxico de Guimarães Rosa, de Nilce Sant'Anna Martins, O	21	128-129
Lexikon der romanistischen linguistik, v. 6, n. 2.....	11	96-98
Língua portuguesa, publicação da Academia Brasileira da Língua Portuguesa	5	80
Língua portuguesa: história, perspectivas, ensino, organizado por Neusa Barbosa Bastos.....	16	120
Linguagem da baixada goitacá, de Álvaro Barcelos.....	5	77-78
Linguagem dos idosos, de Dino Preti, A.....	2	79-80
Linguagem falada em Fortaleza (diálogos entre informantes e documentadores), organizado por Maria do Socorro Silva de Aragão e Maria Elias Soares, A.....	15	128-129
Linguagem na região de Franca, de Marina de Andrade Marconi.....	7	79-80
Linguística e o ensino do português, de Carlos Eduardo Falcão Uchoa, publicado no segundo número da Série cadernos de letras, da Universidade Federal Fluminense, A.....	3	114-115
Linguística hoje, de Morteza Mohmoudian, A	1	91
Lírica de Camões, v. 3, t. 1, de Leodegário A. Azevedo Filho	11	109-113
Lisboa Ultramarina: 1415-1580: a invenção do mundo pelos navegadores portugueses.....	6	100
Literatura portuguesa em perspectiva, v. 1, de Lênia Márcia de Medeiros Mongelli et al., A.....	5	81-82
Português brasileiro: uma viagem diacrônica, organizado por Ian Roberts e Mary A. Kato	7	83-92
Português em Brasil, história cultural, de Silvio Elia, El	5	81

Princípios de morfologia: visão sincrônica, de Horácio Rolim de Freitas	16	113
Publicações da Direção e do Setor Ruiano da Fundação Casa de Rui Barbosa	19	126-128
Quaderni di filologia e lingue romaneze. Ricerche svolte nell'Università di Macereta	24	147-148
Quaderni di filologia e lingue romanze, n. 10.....	11	96
Quaderni di filologia e lingue romanze, n. 6.....	3	117
Quaderni di filologia romanze, serie 3, n. 11	13	92
Quadrant, n. 12, revista publicada pelo Centre de Recherche em Littérature de Langue Portugaise.....	11	89-90
Quadrant: revista do Centre de Recherche em Littérature de Langue Portugaise	7	77
Questoens apoloéticas, de Manuel da Penha do Rosário.....	11	115-118
Quinto Império, revista editada pelo Gabinete Português de Leitura, da Bahia.....	6	100
Quinto Império: revista de cultura e literaturas de língua portuguesa.....	8	95
Renascimento italiano e a poesia lírica de Camões, de Bárbara Spaggiari et al., O...	5	75-76
Repasse crítico da gramática portuguesa, de Martinz Aguiar.....	15	133-134
Re-Unir: revista semestral do Curso de Letras da Universidade Federal de Rondônia, n. 3	9	107
Revista Augustus, n. 2.....	13	85-86
Revista brasileira, fase 7, a. 3, n. 10, publicado pela Academia Brasileira de Letras	15	130-131
Revista camoniana, 2. série, v. 10, publicação da disciplina de Literatura Portuguesa da FFLCH/USP.....	20	131-132
Revista ciências humanas, a. 18, n. 30.....	11	93
Revista da Academia Cearense de Língua Portuguesa, a. 9-11, n. 9.....	15	130
Revista da ANPOLL, n. 1	9	103-104
Revista da ANPOLL, n. 2	11	93-94
Revista de letras, São Paulo, v. 35	12	165
Revista Letras, Curitiba, n. 45	13	86-87
Revista lusitana, nova série, v. 9.....	2	77
Revista luso-brasileira de letras, n. 4, publicado pela Academia Luso-Brasileira de Letras.....	15	131-132
Revista luso-brasileira, n. 3.....	11	90
Revista philologus, a. 2, n. 4.....	12	165
Revista Philologus, a. 2, n. 5.....	14	107
Revista philologus, revistado Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos, a. 3, n. 11	20	134
Revista portuguesa de filologia, v. 19.....	2	77-78
Revista Portuguesa de Filologia, v. 20.....	12	166-167
Sal da escrita, de Carlos d'Alge, O.....	14	108-109
Semântica, de F. R. Palmer, A.....	1	91
Seminário do Grupo de Estudos Linguísticos de São Paulo (40, Jaú), entre os dias 4 e 6 de junho de 1992.....	3	116
Sobre o pré-modernismo.....	1	89
Sociedade, cultura e língua: ensaios de sócio e etnolinguística.....	3	115
Teatro do Sacramento (A unidade teológico-retórico-política dos sermões de Antônio Vieira), de Alcir Pécora	13	78-79
Tese de doutoramento de Frits Smuders	11	102
Triomphe de l'hiver & du printemps (Triunfo do inverno e da primavera), de Gil Vicente, edicion critique, introduction, traduction française & notes de Paul Teyssier.....	13	92-93

Tuba de Calíope, de Dom Francisco, de Manuel de Melo, A	1	90
Últimos sonetos, de Cruz e Souza	1	88
Uniletras, n. 17	11	93
Uniletras, n. 19, publicado pela Universidade Estadual de Ponta Grossa	16	121
Uniletras, revista da Universidade Estadual de Ponta Grossa (Paraná).....	7	77-78
Uniletras: revista do Departamento de Letras da UEPG, v. 12.....	2	78
Uniletras: revista do Departamento de Letras da UEPG, v. 13.....	1	113
Universa, v. 4	12	166
Velho sertão da Bica, de Antônio Nunes Malveira, O	1	89
Vocabulário da <i>miscelânea</i> de Garcia de Resende, de Ronaldo Menegaz.....	11	103-104
Voz Lusíada: revista da Academia Lusíada de Ciências, Letras e Artes, n. 7-8	13	90-91
Vozes de animais, de Hélio Melo.....	3	114
Vozes do trovadorismo galego-português, de Lênia Márcia de Medeiros Mongelli, Maria do Amparo Tavares Maleval, Yara Frateschi Vieira	9	107-108
Regras de bem viver em <i>Os Lusíadas</i> , As.....	22	172-181
Regularidade e irregularidade nos versos de J. Rodrigues por Ramon Quintela Torreira	6	61-77
Reino da estupidez, O por Olmar Guterres da Silveira	6	47-60
Reintegração galego-portuguesa, A	22	237-247
REIS, Carlos		
Curso sobre Crítica textual aplicada a textos modernos, ministrado por Carlos Reis, entre os dias 30 e 30 de setembro de 1993	6	114
REIS, Mariana		
Neologismo na cobertura jornalística da Guerra do Iraque: ruídos da comunicação internacional?, O.....	27-28	167-174
REIS, Romeu Ritter		
Falecimento de Romeu Ritter dos Reis, em 1993.....	5	113-114
Religião – algo sobre a graça	22	123-124
Renascimento		
Renascimento e as Línguas Vernáculas, O	79	76-83
Renascimento e as Línguas Vernáculas, O por Castelar de Carvalho.....	19	76-83
Renascimento italiano e a poesia lírica de Camões, de Bárbara Spaggiari et al., O por Sílvio Elia	5	75-76
Repasse crítico da gramática portuguesa, de Martinz Aguiar.....	15	133-134
RESENDE JUNIOR, Fernando Gil V.		
A propósito de se rever um algoritmo de transcrição para o português brasileiro: considerações sobre o Vocabulário ortográfico da língua portuguesa	27-28	157-166
RESENDE, Antônio Martínez de		
Latina essentia, Antônio Martínez de Resende	11	95-96
Resenha		
A propósito do recente Dicionário da literatura medieval, galega e portuguesa	7	19-32

Resenha crítica

Atlas lingüístico de Sergipe.....	1	98-99
Brasiliana da Biblioteca Nacional. Guia de fontes sobre o Brasil, organizado por Paulo Roberto Pereira.....	24	164-166
Cafundó (a África no Brasil), de Carlos Vogt; Peter Fry.....	13	95-105
Caminhos do português, organizado por Maria Helena Mira Mateus.....	23	140-142
Certo ou errado? Atitudes e crenças no ensino da língua portuguesa, de Emmanoel dos Santos.....	13	123
Contribuição à historiografia dos estudos científicos da linguagem no Brasil:		
Sílvio Elia e João Ribeiro, de Hilma Ranauro.....	13	125-126
Dialética da colonização, de Alfredo Bosi.....	17-18	263-272
Dicionário dos dicionários portugueses, de Dieter Messner.....	16	128
Dicionário dos dicionários portugueses, de Dieter Miessner.....	13	117-118
Dicionário dos dicionários portugueses, II: ABD-ABU, de Dieter, Messner.....	10	123-124
Dicionário latino-português, de Amós Coêlho da Silva Airoto Ceolin Montagner.....	31	223-225
Discurso oral culto, organizado por Dino Preti, O.....	14	116-118
Dois momentos da poesia de Manuel Bandeira, de Rocha Lima.....	3	121-123
Entretiens avec Georges Kassai et avec la collaboration de Jeanne Martinet, de A. Martinet.....	24	152-159
Estilo e as suas técnicas, de Marcel Gressot, O.....	1	99-100
Euclides da Cunha, Krieg im Sertão, aus dem brasilianischen portugiesisch von Berthold Zilly.....	9	118-119
Filólogos portugueses entre 1868 e 1943, de Luís Prista; Cristina Albino.....	13	119-122
Fonologia e morfologia na gramática científica brasileira, de Ricardo Cavaliere...	21	132-134
Galope do tempo, de Reynaldo Valinho Alvarez.....	16	124-125
Gramática da linguagem portuguesa, de Fernão de Oliveira.....	20	135-138
Gramática filosófica da língua portuguesa (reprodução fac-similada da edição de 1783, de Bernardo de Lima e Melo Bacelar, com introdução e notas do acadêmico correspondente Amadeu Torres.....	13	107-109
Gramática normativa da língua portuguesa, de Rocha Lima.....	3	125-127
Grammatical da lingoagem portuguesa e os índices Maruyama da ortografia lusitana quinhentista, organizado por T. Maruyama, A.....	24	159-164
Herói problemático em Cerromaior, de José Carlos Barcellos, O.....	4	114
Il Canzoniere di D. Pedro, Conte di Barcelos, de Manuel Simões.....	6	101-104
Introducción a la lingüística, de Eugenio Coseriu.....	1	94-98
João Ribeiro: bibliografia anotada e comentada, de Marcos de Farias Costa.....	16	126-128
Labirintos e mapas, de Maria Helena Varela.....	16	125-126
Lateinisch – romanischen Zusammensetzungen Nomen + Verb und der Ursprung der romanischen Verb – Ergänzung – Komposita, de Hans Dieter Bork, Die.....	2	105-106
Lettera sulla scoperta del Brasile, Pero Vaz de Caminha.....	5	84-88
Léxico de Guimarães Rosa, de Nilce Sant' Anna Martins, O.....	21	130-131
Língua e linguagem em questão, organizado por Maria Teresa G. Pereira.....	14	119-125
Língua escrita no Brasil, de Edith Pimentel Pinto, A.....	1	101
Linguagem regional popular na obra de José Lins do Rego, de Maria do Socorro Silva de Aragão, A.....	2	83-84
Lírica de Camões. 2. sonetos, tomo 2, de Leodegário A. de Azevedo Filho.....	1	93
Luís de Camões: de língua e de linguagem, de Evanildo Bechara.....	13	111-115
Mês modernista, organizado por Homero Senna, O.....	9	111-113

Moderna gramática portuguesa, de Evanildo Bechara	17-18	294-298
Morfemas do português, de Valter Kehdi	1	105
Morfemas do português, Valter Kedhi	2	95-97
Morfologia portuguesa, de José Lemos Monteiro	2	85-89
Morfossintaxe, de Flávia de Barros Carone.....	2	91-94
Murilo Mendes: poesia completa e prosa, organizado por Luciana Stegagno Picchio.....	17-18	272-293
Na ponta da língua, organizado por Sílvio Elia	16	122-123
Obra de Olmar Guterres da Silveira: sua contribuição aos estudos das línguas portuguesa e latina, de Horácio Rolim de Freitas, A	14	110-113
Obra etnográfica, v. 2. Cultura popular e educação, de Adolfo Coelho.....	9	109-111
Palavras têm a sua história, de José van den Besselaar, As	8	97-98
Poesia de Rei: três notas dionisinas, de Elsa Gonçalves.....	6	105-111
Português do Brasil, de Ataliba T. de Castilho, O.....	5	88-104
Princípios de morfologia, Horácio Rolim de Freitas	2	99-103
Sermão da Sexagésima, de Antônio Vieira	14	115
Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda, de Antônio Vieira.....	1	102-104
Sintaxe portuguesa – metodologia e funções, de Mário Perini.....	1	101-102
Verbos dar, dizer, estar e fazer no Vocabulário do português medieval, de Antônio Geraldo da Cunha, Os.....	9	113-118
Resgate do professor por Sílvio Elia	17-18	166-167
Resumo		
Resumos das atividades do Colóquio	29-30	15-25
Resumos das atividades do Colóquio	29-30	15-25
Reunião Internacional de Camonistas (6, Coimbra, 1996), promovido pelo Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos em colaboração com o Instituto de Língua e Literatura Portuguesas da Faculdade de Letras de Coimbra, entre os dias 16 e 19 de abril de 1996	11	77-83
Re-Unir: revista semestral do Curso de Letras da Universidade Federal de Rondônia, n. 3 por Sílvio Elia	9	107
Revista Augustus, n. 2.....	13	85-86
Revista brasileira, fase 7, a. 3, n. 10, publicado pela Academia Brasileira de Letras.....	15	130-131
Revista camoniana, 2. série, v. 10, publicação da disciplina de Literatura Portuguesa da FFLCH/USP	20	131-132
Revista ciências humanas, a. 18, n. 30.....	11	93
Revista da Academia Cearense de Língua Portuguesa, a. 9-11, n. 9	15	130
Revista da ANPOLL, n. 1	9	103-104
Revista da ANPOLL, n. 2 por Sílvio Elia	11	93-94
Revista de letras, São Paulo, v. 35	12	165

Revista Letras, Curitiba, n. 45	13	86-87
Revista lusitana, nova série, v. 9 por Evanildo Bechara.....	2	77
Revista luso-brasileira de letras, n. 4, publicado pela Academia Luso-Brasileira de Letras por Sílvia Elia	15	131-132
Revista luso-brasileira, n. 3.....	11	90
Revista philologus, a. 2, n. 4.....	12	165
Revista Philologus, a. 2, n. 5 por Sílvia Elia	14	107
Revista philologus, revistado Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos, a. 3, n. 11	20	134
Revista portuguesa de filologia, v. 19 por Evanildo Bechara.....	2	77-78
Revista Portuguesa de Filologia, v. 20.....	12	166-167
Reynaldo Valinho Alvarez agraciado com o Prêmio Literário Camaioire de Poesia por Antonio Basílio Rodrigues	17-18	303
REZENDE, Justino Sr. Justino Rezende protesta, O	17-18	178-179
RIBEIRO, Fátima Moçambique, março de 1995: o português da imprensa	12	115-135
RIBEIRO, João De Moraes Silva a João Ribeiro – contribuição à história da gramática no Brasil.....	27-28	252-261
RIBEIRO, José A. Peral Aniceto dos Reis Gonçalves Viana	23	13-18
RIBEIRO, Maria Aparecida História crítica da literatura portuguesa (Realismo e Naturalismo), de Maria Aparecida Ribeiro	7	81
Rio de Janeiro (Estado). Assembléia Legislativa ALERJ extingue 787 cargos, A.....	17-18	194
Rio de Janeiro (RJ). Câmara Municipal Um filólogo desafia o Diabo: Aristóteles tem um representante na Câmara dos Vereadores	22	113-116
Rio de Janeiro (RJ). Prefeitura Show milionário no Ano Novo.....	17-18	192
Ritmo da poesia, O por Ricardo Cavaliere	7	45-56
ROBERTS, Ian Português brasileiro: uma viagem diacrônica, organizado por Ian Roberts e Mary A. Kato.....	7	83-92

ROCHA, Adolfo Correia da ver TORGA, Miguel

RODRIGUES, Antonio Basilio		
Encontros na biblioteca do Liceu Literário Português.....	14	132-133
Galope do tempo, de Reynaldo Valinho Alvarez.....	16	124-125
Herói problemático em Cerromaior, de José Carlos Barcellos, O.....	14	114
Labirintos e mapas, de Maria Helena Varela.....	16	125-126
Reynaldo Valinho Alvarez agraciado com o Prêmio Literário Camaioire de Poesia.....	17-18	303
RODRIGUES, Aryon Dall'Igna		
Depoimentos sobre Mattoso Câmara.....	27-28	41-48
RODRIGUES, J.		
Regularidade e irregularidade nos versos de J. Rodrigues.....	6	61-77
RODRIGUES, José Luís		
Estudos dedicados a Ricardo Carvalho Calero, organizado por José Luís Rodrigues... 21		123-124
ROGERS, Francis M.		
Gonçalves Viana and the study of portuguese phonetics.....	23	35-42
ROLIM, Horácio		
Morfologia na obra de Mattoso Câmara, A.....	29-30	239-247
Romanismo		
Antenor Nascentes, romanista.....	1	37-42
ROSA, Maria Carlota		
A propósito de se rever um algoritmo de transcrição para o português brasileiro: considerações sobre o Vocabulário ortográfico da língua portuguesa.....	27-28	157-166
ROSÁRIO, Manuel da Penha do		
Questoens apologéticas, de Manuel da Penha do Rosário.....	11	115-118
ROTH, Wolfgang		
Euclides da Cunha, Krieg im Sertão, aus dem brasilianischen portugiesisch von Berthold Zilly.....	9	118-119
Língua literária e língua padrão.....	11	17-24
- S -		
S.E. ver ELIA, Sílvio		
SÁ, Álvaro de		
Acerca do texto reconstituído da Ode IX de Camões.....	13	57-68
SÁ, Maria da Piedade Moreira de		
Discurso atributivo em Esaú e Jacó, O.....	27-28	209-222
SADER, Emir		
Sociólogo Emir Sader, O.....	17-18	255-256
Sal da escrita, de Carlos d'Alge, O		
por Sílvio Elia.....	14	108-109

Salário

Aumento de aposentados 7,76% é enganoso	17-18	199-200
Baixos salários	17-18	182
FH dá aumento de 170%... ao DAS	17-18	198-199
Plano de cargos e salários para o BC	17-18	196-197
STF ganho de causa de 28,86%	17-18	203-204

SALUM, Issac Nicolau

Falecimento de Issac Nicolau Salum, em 3 de maio de 1993.....	5	114
---	---	-----

Salvar o português

por Antônio Gomes da Costa.....	6	97-98
---------------------------------	---	-------

SAMPAIO, Jorge

Entrega ao Presidente de Portugal Jorge Sampaio, o Laurel da gratidão, pelo Real Gabinete Português de Leitura, no dia 10 de setembro de 1997	14	128
---	----	-----

Santo Graal ver Graal**SANTOS, Ana Lúcia Esteves dos**

Caligrama, de Ana Lúcia Esteves dos Santos. Revista de estudos românicos, v. 2....	20	130-131
--	----	---------

SANTOS, Emmanoel dos

Certo ou errado? Atitudes e crenças no ensino da língua portuguesa, de Emmanoel dos Santos	13	123
--	----	-----

SARAIVA, José Hermano

José Hermano Saraiva no Liceu Literário Português.....	20	139-141
--	----	---------

Sátira portuguesa

Reino da estupidez, O	6	47-60
-----------------------------	---	-------

Saudade

Saudade na língua portuguesa, A.....	31	183-192
--------------------------------------	----	---------

Saudade de Clovis Monteiro

por Olmar Guterres da Silveira.....	11	15-16
-------------------------------------	----	-------

Saudade na língua portuguesa, A

por Nelly Carvalho.....	31	183-192
-------------------------	----	---------

SAUSSURE, Ferdinand de

Meu Saussure, O	14	33-36
-----------------------	----	-------

SCHÄFER-PRIESS, Bárbara

Portugiesische Gramatikschreibung von 1540 bis 1822, de Bárbara Schäfer-Priess, Die.....	21	125-127
--	----	---------

SCHIAVO, José

Autoria das Cartas chilenas, de José Schiavo, A.....	7	79
--	---	----

SCHMITZ, John Robert

Sobre o gerúndio e <i>gerundismo</i> : uma análise de um assunto emotivo e polémico	31	87-110
--	----	--------

Século 16

Monumentos lingüísticos portugueses dos séculos XVI e XVII	25-26	93-174
--	-------	--------

Século 17		
Monumentos lingüísticos portugueses dos séculos XVI e XVII.....	25-26	93-174
Século 18		
Uma nova edição das Histórias de proveito e exemplo de Gonçalo Fernandes Trancoso.....	19	121-123
Século 19		
Aspectos lexicais do português do Brasil no século XIX.....	31	203-221
Leitura e ensino no Brasil do século XIX.....	24	71-82
Século 20		
Ars recte loquendi: constituição da gramática brasileira novecentista.....	25-26	234-242
Século XIX ver Século 19		
Século XVI ver Século 16		
Século XVII ver Século 17		
Século XVIII ver Século 18		
Século XX ver Século 20		
Semana de Estudos da Língua Portuguesa (1, Rio de Janeiro, 1995), realizado pelo Instituto de Língua Portuguesa, do Liceu Literário Português, entre os dias 24 e 27 de outubro de 1995.....	10	128
Semana de Linguagem (8, Fortaleza, 1994), realizado pelo Curso de Letras do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, entre os dias 24 e 27 de outubro de 1994.....	8	102-103
Semana Mário de Andrade, promovida pela Fundação Casa de Rui Barbosa, entre os dias 27 de setembro e 1º de outubro de 1993.....	6	114-115
Semântica		
Interjeição à luz da semântica argumentativa, A.....	27-28	199-207
Para o estudo léxico-semântico de uma língua de especialidade.....	3	53-60
Um aparente desconcerto de adjetivação em Camões e as áreas semânticas de puro n'Os Lusíadas.....	4	101-112
Um problema de semântica.....	9	61-67
Semântica, de F. R. Palmer, A.....	1	91
Seminário Camões-Letras (2, Rio de Janeiro, 1995), promovido pelo Real Gabinete Português de Leitura, Academia Brasileira de Letras e Fundação Biblioteca Nacional, entre os dias 12 e 14 de setembro de 1995.....	10	125-126
Seminário de Filologias Clássica e Românica (1, Rio de Janeiro, 1997), realizado pelo Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, entre os dias 5 e 6 de novembro de 1997 por Evanildo Bechara.....	14	132
Seminário de Língua Portuguesa, promovido pelo Colégio Pedro II e Academia Brasileira de Filologia, entre os dias 16 e 19 de novembro de 1998.....	16	130-131
Seminário do Grupo de Estudos Lingüísticos de São Paulo (40, Jaú), entre os dias 4 e 6 de junho de 1992.....	3	116

Seminário Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, realizado pelo Liceu Literário Português e a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, entre os dias 16 e 19 de setembro de 1997	14	127-128
Seminário sobre o <i>Rio através dos sentidos</i> , realizado pelo Real Gabinete Português de leitura.....	11	124-125
Seminário Superior de Língua Portuguesa, realizado pelo Centro de Estudos Portugueses, Brasileiros e Africanos de Língua Portuguesa, entre os dias 16 e 20 de maio de 1994	8	99
ENNA, Homero		
Machado de Assis e sua orfandade às avessas	16	104-105
SENNA, Homero		
Escritores de Guaratinguetá, de Brito Broca; Francisco de Assis Barbosa; Homero Senna.....	13	83-84
Mês modernista, organizado por Homero Senna, O	9	111-113
Sentido e missão da comunidade dos países de língua portuguesa	15	8-9
Sermão da Sexagésima, de Antônio Vieira		
por Evanildo Bechara.....	14	115
Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda, de Antônio Vieira		
por Evanildo Bechara.....	1	102-104
SERRA, Tânia Rebelo Costa		
Joaquim Manuel de Macedo ou os dois Macedos, de Tânia Rebelo Costa Serra....	11	87-88
SERRÃO, Joaquim Veríssimo		
Academia Portuguesa de História presta homenagem a Joaquim Veríssimo Serrão....	10	128
Sesquicentenário de um grande mestre		
por Evanildo Bechara.....	2	8-10
Sessão comemorativa do 125º aniversário da Fundação do Liceu Literário Português, realizada no dia 10 de setembro de 1993	6	113
Sessão comemorativa dos 50 anos da Academia Brasileira de Filologia, no dia 26 de agosto de 1994.....	8	101
Sessão de início das atividades culturais da Academia Brasileira de Filologia, no dia 25 de março de 1995	9	126
Sessão solene comemorativa do Dia de Portugal, 12 de junho de 1991.....	1	108-109
Sessão solene do Liceu Literário Português, em 28 de março de 1991	1	107
Sessão solene em preito de louvor e saudade a Augusto dos Anjos, realizado pela Academia Brasileira de Literatura de Cordel, em 15 de abril de 1995.....	11	124
Sertões, Os		
Tradutor implícito: considerações acerca da transliguidade de <i>Os Sertões</i> , O	19	84-106
Sextilhas de Frei Antônio		
Língua das <i>Sextilhas de Frei Antônio</i> , A.....	4	53-64

Show milionário no Ano Novo por Sílvia Elia	17-18	192
Silêncio de Jacinto do Prado Coelho, O por Josué Montello.....	10	11-13
SILVA NETO, Serafim da Louvor do filólogo, O	22	96-99
SILVA NETO, Serafim da		
Etimologias numa visão culturalista de Serafim da Silva Neto	14	73-84
Homenagem a Serafim da Silva Neto	9	7
Mestre Serafim da Silva Neto, O	9	9-12
SILVA, Agostinho da		
Agostinho da Silva (1906-1994).....	7	73
SILVA, Amós Coêlho da		
Dicionário latino-português, de Amós Coêlho da Silva Aírto Ceolin Montagner ...	31	223-225
SILVA, Antonio de Moraes		
Építome de Antonio de Moraes Silva na historiografia gramatical brasileira, O	25-26	215-223
SILVA, Carly		
Evolução do conceito de lingüística aplicada ao ensino de línguas, A.....	1	68-76
SILVA, Celso Tavares de		
Máthesis, miscelânea em hora de Monsenhor Celso Tavares da Silva.....	12	168
SILVA, Jedita Sabará		
A propósito de se rever um algoritmo de transcrição para o português brasileiro: considerações sobre o Vocabulário ortográfico da língua portuguesa	27-28	157-166
SILVA, Maria Emília Barcellos da		
Para o estudo léxico-semântico de uma língua de especialidade.....	3	53-60
SILVA, Maurício		
Ars recte loquendi: constituição da gramática brasileira novecentista.....	25-26	234-242
SILVA, Maximiano de Carvalho e		
CD-Rom do vocabulário de Bluteau, O.....	20	103-106
Cinqüentenário da morte de Leite de Vasconcelos	2	11-13
Colaboração do Instituto de Língua Portuguesa às Bibliotecas do Liceu Literário Português	17-18	298-301
Congresso Anchieta na Universidade de Coimbra (25 a 29 de outubro de 1998) ..	16	137-142
Crítica textual – matéria básica na formação dos pesquisadores e professores de letras	29-30	125-130
Crítica textual: conceito – objeto – finalidade	7	57-63
Dois novos livros da <i>Coleção Afrânio Peixoto</i> , da Academia Brasileira de Letras....	20	108-110
Doutoramento na USP (conclusão do doutoramento de Nilda Cabral, na USP, no dia 28 de janeiro de 1999).....	17-18	301-302
Edições críticas de Celso Cunha: o filólogo e o medievalista	19	118-121
Editores e preparadores de texto e o desconhecimento de princípios básicos de crítica textual e de editoração, Os.....	20	110-115
Epifânio Dias: o homem e a obra.....	19	9-44

Fontes para o estudo da vida e obra de Alphonsus de Guimaraens	21	53-56
Fontes para o estudo da vida e obra de Manuel Said Ali.....	5	48-59
Gládstone Chaves de Melo: o homem e a obra	22	11-81
Gustavo Corção e sua obra singular: reedição de <i>A descoberta do outro</i>	21	60-69
Lembranças do convívio com o Prof. Matoso Câmara.....	29-30	267-277
Lembranças do professor Jacinto do Prado Coelho.....	10	43-51
Manifesto eleitoral na sua reeleição em 1954.....	22	110-112
Obra de Camilo Castelo Branco como objeto da crítica textual, A	25-26	193-208
Padre José de Anchieta, o <i>Apóstolo do Brasil</i> : patrono da cadeira número 1 da Academia Brasileira de Letras.....	14	85-106
Palavra filologia e as suas diversas acepções: os problemas da polissemia, A.....	23	53-70
Presença camoniana na literatura brasileira.....	21	56-60
Proteção ao texto literário como peça integrante do nosso patrimônio histórico-cultural.....	4	65-82
Sousa da Silveira e as suas edições críticas e comentadas de autores brasileiros.....	21	46-53
Sousa da Silveira e Matoso Câmara Jr.: filologia e lingüística em perfeita sintonia ..	27-28	49-65
Sousa da Silveira: o homem e a obra.....	15	13-43
Um valioso dicionário de provérbios.....	20	106-108
SILVA, Maximiano de Carvalho e		
Confluência congratula-se com Maximiano de Carvalho e Silva pela passagem dos 50 anos de seu magistério	10	130
Professores eméritos da UFF	20	141-142
SILVA, Moraes		
De Moraes Silva a João Ribeiro – contribuição à história da gramática no Brasil.....	27-28	252-261
SILVA, Rosa Virgínia Mattos e		
Depoimentos sobre Mattoso Câmara.....	27-28	41-48
SILVA, Zina Bellodi		
Antologias de antologias: 101 poetas brasileiros <i>revisitados</i> , de Magaly Trindade Gonçalves; Zélia Thomaz de Aquino; Zina Bellodi Silva	13	79-80
SILVEIRA, Olmar Guterres da		
Coincidências lingüísticas.....	13	47-48
Reflexões sobre a nomenclatura de fatos de sintaxe.....	3	65-67
Reino da estupidez, O	6	47-60
Saudade de Clovis Monteiro.....	11	15-16
SILVEIRA, Olmar Guterres da		
Obra de Olmar Guterres da Silveira (sua contribuição aos estudos das línguas portuguesa e latina), de Horácio Rolim de Freitas, A	13	77-78
Olmar Guterres da Silveira (19.6.1922-26.5.1999)	17-18	305-306
SILVEIRA, Sousa da		
Modificações da forma literária	2	67
SILVEIRA, Sousa da		
Homenagem a Sousa da Silveira	15	11
Incursões de Sousa da Silveira na Romanística.....	15	47-60
Lembrança de Sousa da Silveira.....	15	46

Pequena lembrança de um grande mestre.....	15	44-45
Sousa da Silveira e as suas edições críticas e comentadas de autores brasileiros....	21	46-53
Sousa da Silveira e Matoso Câmara Jr.: filologia e lingüística em perfeita sintonia ..	27-28	49-65
Sousa da Silveira, patrono do Congresso Internacional de Filologia Portuguesa ...	22	130-135
Sousa da Silveira, professor.....	22	128-130
Sousa da Silveira: o homem e a obra.....	15	13-43
Sílvio de Castro convidado a coordenar uma edição crítica da História da Literatura Brasileiro.....	1	110
Sílvio Elia por Evanildo Bechara.....	17-18	44-46
Sílvio Elia (4.7.1913-16.11.1998) por Antônio Gomes da Costa.....	16	5-6
Sílvio Elia: retrato e bibliografia por Hilma Ranauro.....	17-18	11-34
SIMÕES, Manuel Falecimento de Manuel Simões, no mês de fevereiro de 1995	9	122
II Canzoniere di D. Pedro, Conte di Barcelos, de Manuel Simões.....	6	101-104
Simpósio Internacional da Língua Portuguesa em África e no Oriente, promovido pelo Instituto de Língua Portuguesa do Liceu Literário Português, entre os dias 24 e 28 de abril de 1995.....	9	123-126
Simpósio Internacional sobre a língua portuguesa em África e no Oriente por Antônio Gomes da Costa.....	10	111-118
Simpósio sobre a língua portuguesa e no Oriente, Organizado pelo Instituto de Língua Portuguesa do Liceu Literário Português, realização prevista para abril de 1995.....	8	104
Sincronia Aspectos diacrônicos e sincrônicos da língua portuguesa	20	69-83
Síndrome da Imunodeficiência Adquirida ver AIDS (Doença)		
Sintaxe Colocação de o (s), a (s) como complemento de infinitivo regido de por e para em Fernão Lopes.....	9	69-78
Considerações sobre os tipos <i>ela fala esquisito</i> e <i>ela chega cansada</i> no português coloquial e literário do Brasil e de Portugal.....	24	43-70
Da unipessoalização/impessoalização à pessoalização verbal (e vice-versa).....	8	69-74
Para uma teoria sintática	4	33-45
Particularidades morfossintáticas do português de Angola e Moçambique	12	27-58
Reflexões sobre a nomenclatura de fatos de sintaxe.....	3	65-67
Sintaxe de J. Mattoso Câmara Jr.: novas considerações, A.....	29-30	249-253
Subordinação inversa, A	24	98-103
Sintaxe de J. Mattoso Câmara Jr.: novas considerações, A por Valter Kehdi.....	29-30	249-253
Sintaxe histórica Subsídios à sintaxe histórica de Epifânio Dias	19	45-61

Sintaxe portuguesa – metodologia e funções, de Mário Perini por Valter Kehdi.....	1	101-102
SMUDERS, Frits		
Tese de doutoramento de Frits Smuders	11	102
SOARES, Maria Elias		
Linguagem falada em Fortaleza (diálogos entre informantes e documentadores), organizado por Maria do Socorro Silva de Aragão e Maria Elias Soares, A.....	15	128-129
SOARES, Mário		
Mário Soares e a comunidade dos países de língua portuguesa, cerimônia ocorrida no dia 10 de janeiro de 1994.....	7	113-114
Mário Soares e o 7 de setembro.....	8	93-94
Sobre a crítica genética: I – antecedentes por Sílvio Elia	9	83-97
Sobre a crítica genética: II por Sílvio Elia	10	77-91
Sobre a formação dos nomes de mulher medievais hipano-visigodos por Joseph M. Piel	3	79-106
Sobre a nossa unidade lingüística. (Do artigo Língua e cultura) por Márcio Moreira Alves.....	11	71
Sobre as novas gramáticas por Sílvio Elia	3	43-51
Sobre o ensino do idioma nacional: problemas, propostas e perspectivas por Eugenio Coseriu	23	71-77
Sobre o gerúndio e <i>gerundismo</i> : uma análise de um assunto emotivo e polêmico por John Robert Schmitz.....	13	87-110
Sobre <i>o patriotismo lingüístico</i> por Paul Teyssier.....	2	21-23
Sobre o pré-modernismo.....	1	89
Sobre <i>o problema da riqueza</i>	22	164-168
Sobre os tercetos de Camões por Leodegário A. de Azevedo Filho	4	83-92
Sobre plebiscitos por Sílvio Elia	17-18	181
Sobre um poema da moderna literatura angolana por Leodegário A. de Azevedo Filho	12	147-156
Sociedade Brasileira de Língua e Literatura		
Anais do XXVIII Congresso Brasileiro de Língua e Literatura, editado pela Sociedade Brasileira de Língua e Literatura.....	15	123
Congresso Brasileiro de Língua e Literatura (25, Rio de Janeiro, 1993), realizado pela Sociedade Brasileira de Língua e Literatura, entre os dias 26 e 30 de junho de 1993.....	6	113

Congresso Brasileiro de Língua e Literatura (26, Rio de Janeiro, 1994), realizado pela Sociedade Brasileira de Língua e Literatura, entre os dias 25 e 29 de julho de 1994.....	8	100
Congresso Brasileiro de Língua e Literatura (27, Rio de Janeiro, 1995), realizado pela Sociedade Brasileira de Língua e Literatura, entre os dias 24 e 28 de julho de 1995.....	10	125
Congresso Brasileiro de Língua e Literatura (30, Rio de Janeiro, 1998), realizado pela Sociedade Brasileira de Língua e Literatura, entre os dias 27 e 31 de junho de 1998.....	15	137-138
Congresso Brasileiro de Línguas e Literatura de Língua Portuguesa (29, Rio de Janeiro, 1997), promovido pelo Facoltà di Lettere e Filosofia e pela Sociedade Brasileira de Língua e Literatura, entre os dias 21 e 25 de julho de 1997.....	13	129-130
Sociedade de Geografia de Lisboa		
Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa, série 109, n. 1-6	13	85
Sociedade de Língua e Literatura		
Congresso Brasileiro de Língua e Literatura (29, Rio de Janeiro, 1997), realizado pelo Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Sociedade de Língua e Literatura, entre os dias 21 e 25 de julho de 1997.....	14	126-127
Sociedade, cultura e língua: ensaios de sócio e etnolingüística.....	3	115
Sociolingüística		
Varição lingüística: contribuições da sociolingüística para o ensino da língua, A....	29-30	185-192
Sociólogo Emir Sader, O		
por Silvio Elia	17-18	255-256
Soneto		
À língua portuguesa	17-18	8
Sonetos de Camões: (alguns dados estatísticos), Os.....	13	69-75
Sonetos de Camões: (alguns dados estatísticos), Os		
por Antônio Geraldo da Cunha	13	69-75
Sousa da Silveira e as suas edições críticas e comentadas de autores brasileiros		
por Maximiano de Carvalho e Silva	21	46-53
Sousa da Silveira e Matoso Câmara Jr.: filologia e lingüística em perfeita sintonia		
por Maximiano de Carvalho e Silva	27-28	49-65
Sousa da Silveira, patrono do Congresso Internacional de Filologia Portuguesa.....	22	130-135
Sousa da Silveira, professor.....	22	128-130
Sousa da Silveira: o homem e a obra		
por Maximiano de Carvalho e Silva	15	13-43
SOSA, Paulo José de		
Moderno dicionário de antônimos, de Paulo José de Sousa	8	95
SOSA, Paulo Renato de		
Entrevista de Paulo Renato, A.....	17-18	171-172
SOUZA, Cruz e		
Últimos sonetos, de Cruz e Souza	1	88

SOUZA, Mariza Mencialha de		
Dicionário latino-português, de Amós Coêlho da Silva Aírto Ceolin Montagner	31	223-225
SPAGGIARI, Barbara		
Filosofia da linguagem e terminologia ecdótica	31	111-125
Herança parnasiana na Obra de Camilo Pessanha, A.....	19	107-117
SPAGGIARI, Bárbara		
Renascimento italiano e a poesia lírica de Camões, de Bárbara Spaggiari et al., O... 5		75-76
SPINA, Segismundo		
Comparação: a imagem, a metáfora, A.....	27-28	263-273
Ernst Robert Curtius e sua obra	16	40-48
SPINA, Segismundo		
Cultura e resistência.....	25-26	243-245
Estudos de Língua e literatura, de Segismundo Spina.....	2	78-79
Estudos de literatura, filologia e história e história, de Segismundo Spina	24	148-150
Introdução ao Maneirismo e à prosa barroca, de Segismundo Spina e Morris Croll... 1		87
Sr. Justino Rezende protesta, O		
por Sílvia Elia	17-18	178-179
STF ganho de causa de 28,86%		
por Sílvia Elia	17-18	203-204
STF ver Brasil. Supremo Tribunal Federal		
Subordinação inversa, A		
por Valter Kehdi.....	24	98-103
Subsídios à sintaxe histórica de Epifânio Dias		
por Evanildo Bechara.....	19	45-61
Substantivo		
Substantivos deverbais em português, Os.....	25-26	209-214
Vicissitudes gramatológicas do nome como categoria privilegiada no quadro das classes de palavras	25-26	259-296
Substantivos deverbais em português, Os		
por Valter Kehdi.....	25-26	209-214
Sufixo		
Expansão do sufixo – inho	8	75-84
Sufixo –ACO ² em português (estudo histórico-etimológico), O	15	85-91
Sufixo –ACO ² em português (estudo histórico-etimológico), O		
por Antônio Geraldo da Cunha	15	85-91
SUMPF, J.		
Filosofia da linguagem, de J. Sumpf et al.	1	91

- T -

TAPAJÓS, Vicente

Homenagem a Vicente Tapajós, em 10 de abril de 1992.....	11	124
--	----	-----

Teatro do Sacramento (A unidade teológico-retórico-política dos sermões de Antônio Vieira), de Alcir Pécora	13	78-79
TEIXEIRA, Lúcia		
Cores do discurso. Análise do discurso de crítica de arte, de Lúcia Teixeira, As....	12	171-173
TELES, Gilberto Mendonça		
Escrituração da escrita: teoria e prática do texto literário, de Gilberto Mendonça Teles, A.....	11	91
Termino do curso sobre Comentários a textos modernos portugueses, ministrado pelo Prof. Gladstone Chaves de Melo.....	14	130
Terminologia		
Filosofia da linguagem e terminologia ecdótica	31	111-125
Terminologia lingüística		
Terminologia lingüística para os ensinos básico e secundário em Portugal	21	101-117
Terminologia lingüística para os ensinos básico e secundário em Portugal introdução de Evanildo Bechara.....	21	101-107
Terminologia religiosa		
Basilica e Ecclesia nas línguas românicas	2	15-20
Termo anexim na Feira dos anexins de F. Manuel de Melo, O por Marlit Bechara	6	87-96
Tese de doutoramento de Frits Smuders por Evanildo Bechara.....	11	102
TESNIÈRE, Lucien		
Coincidências lingüísticas.....	13	47-48
Texto e ensino: análise da variação lingüística na narrativa por Carlos Eduardo Falcão Uchôa.....	24	83-97
Texto literário		
Proteção ao texto literário como peça integrante do nosso patrimônio histórico-cultural.....	4	65-82
TEYSSIER, Paul		
Sobre <i>o patriotismo lingüístico</i>	2	21-23
TEYSSIER, Paul		
Curso do Professor Doutor Paul Teyssier ministrado na Universidade Federal Fluminense, em outubro de 1991.....	1	109
Homenagem a Paul Teyssier.....	24	9
Paul Teyssier	24	11-13
Paul Teyssier <i>in memoriam</i>	24	14-42
Triomphe de l'hiver & du printemps (Triunfo do inverno e da primavera), de Gil Vicente, edicion critique, introduction, traduction française & notes de Paul Teyssier.....	13	92-93
Título de Doutor Honoris Causa conferido ao escritor João Cabral de Melo Neto e à professora Luciana Stegagno Picchio, no dia 17 de setembro de 1991	1	109

TOMAS, de Aquino, Santo

Silêncio de Santo Tomás no *Auto da alma* (Nótulo Vicentina), O 22 169-172

TORGA, Miguel

Falecimento de Miguel Torga, no dia 17 de janeiro de 1995..... 9 121

TORREIRA, Ramon Quintela

Regularidade e irregularidade nos versos de J. Rodrigues 6 61-77

TORRES, Amadeu

Gramática filosófica da língua portuguesa (reprodução fac-similada da edição de 1783, de Bernardo de Lima e Melo Bacelar, com introdução e notas do acadêmico correspondente Amadeu Torres..... 13 107-109

TORRES, Amadeu

Eugenio Coseriu – depoimento *in memoriam*..... 25-26 11-18

Tradição gramatical luso-brasileira, A

por Evanildo Bechara..... 10 67-76

Tradução

Exigências e técnicas da boa tradução 22 261-265

Problema da tradução, O..... 22 253-258

Tradução de livros estrangeiros em Portugal, com Manuel Rodrigues Lapa, A..... 14 60-72

Tradutor implícito: considerações acerca da transligüalidade de *Os Sertões*, O 19 84-106

Vernaculidade na tradução, A..... 22 258-260

Tradução de livros estrangeiros em Portugal, com Manuel Rodrigues Lapa, A

por Evelina Verdelho..... 14 60-72

Tradutor implícito: considerações acerca da transligüalidade de *Os Sertões*, O

por Berthold Zilly 19 84-106

TRANCOSO, Gonçalo Fernandes

Uma nova edição das Histórias de proveito e exemplo de Gonçalo Fernandes Trancoso..... 19 121-123

Transcrição [Futuro da Língua Portuguesa no Brasil, de Agostinho de Campos]

por Sílvia Elia 9 99-102

Transcrição de documento

Aurélio Buarque de Holanda 24 136-146

Galeria de meus mestres no Colégio Pedro II, Antenor Nascentes 23 128-139

Julius Platzmann: e os seus trabalhos sobre as línguas americanas..... 16 106-110

Machado de Assis e sua orfandade às avessas 16 104-105

Massificação e colegialidade 30 117-129

Modificações da forma literária 2 67

Quintino do Vale 25-26 297-305

Salvar o português 6 97-98

Sobre a nossa unidade lingüística. (Do artigo Língua e cultura)..... 11 71

Terminologia lingüística para os ensinos básico e secundário em Portugal 21 101-117

Transcrição [Futuro da Língua Portuguesa no Brasil, de Agostinho de Campos]..... 9 99-102

Unidade lingüística da comunidade luso-afro-brasileira. (De O mundo português), A..... 11 71

Universidade e a desvalorização do professor secundário, A 24 131-135

Transformações sociais e seu reflexo no léxico da linguagem urbana brasileira contemporânea		
por Dino Petri.....	4	93-99
Tratamento lexicográfico das variantes e das formas paralelas, O		
por Antônio Geraldo da Cunha.....	10	61-66
Três exotismos quinhentistas (o Betel, a Coca e a Cola)		
por Antônio Geraldo da Cunha.....	11	33-37
TRINTA, Aluizio Ramos		
Comunicação do corpo, de Mônica Réctor e Aluizio Ramos Trinta.....	1	87
Triomphe de l'hiver & du printemps (Triunfo do inverno e da primavera), de Gil Vicente, edicion critique, introduction, traduction française & notes de Paul Teyssier		
por Evanildo Bechara.....	13	92-93
Triste fim de Policarpo Quaresma		
Impasses no nacionalismo em edição crítica, Triste fim de Policarpo Quaresma, de Lima Barreto, na <i>Coleção Arquivos, Os</i>	21	97-100
Tuba de Calíope, de Dom Francisco, de Manuel de Melo, A.....	1	90
Tumulto nas declarações de IR		
por Silvio Elia.....	17-18	177

- U -

UCHÔA, Carlos Eduardo Falcão		
Bibliografia de Mattoso Câmara.....	27-28	21-40
Colaboração de Mattoso Câmara em A Cigarra (1957-1960), A.....	20	45-52
Coseriu e a lingüística do texto.....	25-26	24-35
Discurso de saudação, em nome do corpo docente do Instituto de Letras.....	21	135-141
Fundamentos lingüísticos e pedagógicos para um ensino abrangente e produtivo da língua materna.....	19	62-67
Lingüística e o ensino da língua portuguesa no Brasil: uma visão crítica, A.....	29-30	43-56
Mattoso Câmara e o ensino da língua portuguesa.....	29-30	267-277
Mattoso Câmara: a figura humana e o professor.....	27-28	11-20
Professor de português ante problemas do ensino: análise crítica de seu desempenho em um concurso público, O.....	23	84-101
Texto e ensino: análise da variação lingüística na narrativa.....	24	83-97
UCHÔA, Carlos Eduardo Falcão		
Lingüística e o ensino do português, de Carlos Eduardo Falcão Uchoa, publicado no segundo número da Série cadernos de letras, da Universidade Federal Fluminense, A.....	3	114-115
Últimos sonetos, de Cruz e Souza.....	1	88
Um aparente desconcerto de adjetivação em Camões e as áreas semânticas de puro n'Os Lusíadas		
por Evanildo Bechara.....	4	101-102
Um artigo sobre história da língua portuguesa.....	19	131-132

Um depoimento sobre meu pai por Paulo de Tarso Chaves de Melo	22	82-83
Um filólogo desafia o Diabo: Aristóteles tem um representante na Câmara dos Vereadores por Ledo Ivo.....	22	113-116
Um inédito do Prof. Ismael de Lima Coutinho: estremunhado por Rosalvo do Valle.....	21	118-122
Um livro sobre a missa por Gladstone Chaves de Melo.....	22	119-120
Um mestre de luso-brasilidade por Sílvio Elia	17-18	104-107
Um modernista por Sílvio Elia	17-18	55-56
Um novo livro sobre o ensino secundário.....	22	121-123
Um problema de semântica por Horácio Rolim de Freitas.....	9	61-67
Um valioso dicionário de provérbios por Maximiano de Carvalho e Silva	20	106-108
Uma idéia em marcha por Antônio Gomes da Costa.....	19	5-6
Uma interjeição singular por Vittorio Bergo	5	66-69
Uma interpretação do episódio do <i>Velho do restelo</i>	22	182-186
Uma nova edição das Histórias de proveito e exemplo de Gonçalo Fernandes Trancoso.....	19	121-123
Uma nova edição de <i>A língua do Brasil</i> por Rosalvo do Valle.....	22	104-106
Uma obra preciosa ao romanista: a <i>Lateinische umgangssprache</i> de Johann Baptist Hofmann por Evanildo Bechara.....	31	83-86
Uma página (quase) inédita de Machado de Assis por Adriano da Gama Kury.....	1	78
Uma proposta de periodização dos estudos lingüísticos no Brasil por Ricardo Cavaliere	23	102-120
Uma questão de bom-senso por Antônio Gomes da Costa.....	11	5-6
União Democrática Nacional Inquérito parlamentar... proibidade.....	17-18	179-180
Unidade lingüística Como explicar variantes de uso no português? um desafio descritivo-prescritivo.....	21	93-96

Texto e ensino: análise da variação lingüística na narrativa.....	24	83-97
Variação e variantes nas edições de Princípios de lingüística geral de Mattoso Câmara Jr: questões filológicas e lingüísticas.....	29-30	221-238
Variação lingüística: contribuições da sociolingüística para o ensino da língua, A.....	29-30	185-192
Variantes e variações.....	10	93-110
Unidade lingüística da comunidade luso-afro-brasileira. (De O mundo português), A.....	11	71
Uniletras, n. 17.....	11	93
Uniletras, n. 19, publicado pela Universidade Estadual de Ponta Grossa	16	121
Uniletras, revista da Universidade Estadual de Ponta Grossa (Paraná) por Silvio Elia	7	77-78
Uniletras: revista do Departamento de Letras da UEPG, v. 12 por Evanildo Bechara.....	2	78
Uniletras: revista do Departamento de Letras da UEPG, v. 13.....	3	113
Universa, v. 4	12	166
Universidade		
Espírito universitário.....	17-18	158-159
Universidade e a desvalorização do professor secundário, A.....	24	131-135
Universidade Aberta. Delegação de Coimbra		
Discursos (estudos de língua e cultura portuguesa), n. 4, da Universidade Aberta, Delegação de Coimbra.....	7	76
Discursos (estudos de língua e cultura portuguesa), n. 6, da Universidade Aberta, Delegação de Coimbra.....	7	76
Universidade Católica Portuguesa. Faculdade de Letras		
Máthesis: revista da Faculdade de Letras da Universidade Católica Portuguesa	11	87
Universidade da Lusofonia por Antônio Gomes da Costa.....	20	5-6
Universidade de Ciências Econômicas de Budapeste		
Ensino da língua portuguesa na Universidade de Ciências Econômicas de Budapeste, O.....	2	73-75
Universidade de Coimbra		
Discurso de Gladstone Chaves de Melo homenageado pela Universidade de Coimbra.....	8	104-106
Universidade de Leipzig		
Fundação do Centro de Investigação Ibero-Americana, na Universidade de Leipzig, em 18 de janeiro de 1994.....	8	99
Universidade de Santiago		
Congresso Internacional de Literaturas Lusófonas (1, Santiago), realizado na Universidade de Santiago, Espanha, entre os dias 19 e 21 de setembro de 1991.....	2	111-112
Universidade de São Paulo		
Doutoramento na USP (conclusão do doutoramento de Nilda Cabral, na USP, no dia 28 de janeiro de 1999).....	17-18	301-302

Universidade de São Paulo. Centro de Estudos Portugueses

150 anos de Eça de Queirós. Anais do III Encontro Internacional de Queirozianos, publicado pelo Centro de Estudos Portugueses da Universidade de São Paulo	15	124-125
Encontro Internacional de Queirozianos (3, São Paulo, 1995), promovido pelo Centro de Estudos Portugueses da Universidade de São Paulo, entre os dias 18 e 24 de setembro de 1995	10	126-127

Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Dino Preti como novo titular na área de Filologia e Língua Portuguesa, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo ...	1	109
Filologia e lingüística portuguesa, n. 2, publicação da FFLCH/USP	20	133-134
Revista camoniana, 2. série, v. 10, publicação da disciplina de Literatura Portuguesa da FFLCH/USP	20	131-132

Universidade de São Paulo. Instituto de Estudos Brasileiros

Encontro internacional, sob a epígrafe <i>Gênese e memória</i> , realizado pelo Instituto de Estudos Brasileiros, da Universidade de São Paulo e Associação de Pesquisadores do Manuscrito Literário, entre os dias 26 de agosto e 1º de setembro de 1994	8	102
---	---	-----

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Encontro Nacional de Filologia (2, Rio de Janeiro, 1998), promovido pela Universidade do estado do Rio de Janeiro, entre os dias 21 e 23 de setembro de 1998	16	130
--	----	-----

Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras

Congresso Brasileiro de Língua e Literatura (29, Rio de Janeiro, 1997), realizado pelo Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Sociedade de Língua e Literatura, entre os dias 21 e 25 de julho de 1997	14	126-127
Congresso Internacional de Estudos Camonianos (1, Rio de Janeiro, 1997), realizado pelo Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Sociedade de Língua e Literatura, entre os dias 21 e 25 de julho de 1997	14	126-127
Seminário de Filologias Clássica e Românica (1, Rio de Janeiro, 1997), realizado pelo Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, entre os dias 5 e 6 de novembro de 1997	14	132

Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Mestrado em Língua Portuguesa

Fórum de Estudos Lingüísticos – língua, lingüística, literatura: uma integração para o ensino (2, Rio de Janeiro, 1997), realizado pelo Mestrado em Língua Portuguesa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, entre os dias 22 e 14 de outubro de 1997	14	131-132
---	----	---------

Universidade e a desvalorização do professor secundário, A

por Dino Petri	24	131-135
----------------------	----	---------

Universidade Estadual de Ponta Grossa

Uniletras, n. 19, publicado pela Universidade Estadual de Ponta Grossa	16	121
Uniletras, revista da Universidade Estadual de Ponta Grossa (Paraná)	7	77-78
Uniletras: revista do Departamento de Letras da UEPG, v. 13	1	113

Universidade Estadual do Ceará. Centro de Humanidades

Semana de Linguagem (8, Fortaleza, 1994), realizado pelo Curso de Letras do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, entre os dias 24 e 27 de outubro de 1994	8	102-103
---	---	---------

Universidade Federal de Rondônia

Re-Unir: revista semestral do Curso de Letras da Universidade Federal de Rondônia, n. 3	9	107
---	---	-----

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Universidade Federal do Rio de Janeiro concedeu o título de Doutor Honoris causa ao Prof. Dr. Eduardo Lourenço de Faria, no dia 14 de setembro de 1995..... 10 126

Universidade Federal do Rio de Janeiro concedeu o título de Doutor Honoris causa ao Prof. Dr. Eduardo Lourenço de Faria, no dia 14 de setembro de 1995 10 126

Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais

Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais (4, Rio de Janeiro, 1996), realizado pelo Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, entre os dias 2 e 5 de setembro de 1996 11 128

Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras

Organon, revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, n. 18 3 116

Universidade Federal Fluminense

Actas da II Jornadas UFF de Cultura Galega 11 90-91

Homenagem a Eugenio Coseriu na UFF, no dia 3 de dezembro de 2003 25-26 307

Jornadas UFF de Cultura Galega (2, Niterói, 1994), realizado em os dias 16 e 19 de maio de 1994 8 99-100

Professores eméritos da UFF 20 141-142

Universidade Federal Fluminense. Conselho Universitário

Aprovação de Eugenio Coseriu, José Gonçalo Herculano de Carvalho e José van den Besselaar no Conselho Universitário da Universidade Federal Fluminense no dia 30 de agosto de 1995 10 129-130

Universidade Federal Fluminense. Instituto de Letras

Cadernos de letras da UFF, n. 8, v. 1-2 9 107

Gragoatá, revista do Instituto de Letras/UFF 20 132-133

Gragoatá: revista do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense 13 88-89

Jornadas de Cultura Galega, promovido pelo Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense, entre os dias 11 e 13 de dezembro de 1991 2 113-114

Universidade Federal Paulista

Glotta, revista de pós-graduação da UNESP, n. 12-13 3 117

Universidade Nova de Lisboa. Centro de História da Cultura

Cultura: revista de história e teoria das idéias (II série), publicação do Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa 15 129-130

Università di Macereta

Quaderni di filologia e lingue romaneze. Ricerche svolte nell'Università di Macereta 24 147-148

Université Rennes II Haute Bretagne

Colóquio com o tema *O Sertão*, promovido pela Université Rennes II Haute Bretagne, entre os dias 13 e 14 de setembro de 1991 2 111

- V -

VALLE, Quintino do

Quintino do Vale 25-26 297-305

VALLE, Rosaldo do		
Ismael de Lima Coutinho: o homem e a obra.....	20	9-35
Disciplina história da língua portuguesa em debate, A.....	29-30	113-123
Eugenio Coseriu romanista e humanista.....	25-26	55-59
Gládstone Chaves de Melo e o bom combate pelo ensino da língua portuguesa	22	102-104
Jesus Bello Galvão.....	23	121-127
Mattoso Câmara e a história da língua portuguesa.....	27-28	67-73
Mattoso Câmara e a história da língua portuguesa.....	29-30	279-286
Professor Ernesto de Faria.....	11	11-48
Um inédito do Prof. Ismael de Lima Coutinho: estremunhado.....	21	118-122
Uma nova edição de A língua do Brasil.....	22	104-106
VALLE, Rosalvo do		
Professores eméritos da UFF.....	20	141-142
VARELA, Maria Helena		
Labirintos e mapas, de Maria Helena Varela.....	16	125-126
Varição de timbre das vogais médias no percurso diacrônico dos pronomes portugueses por Viviane Cunha.....	27-28	149-156
Varição e variantes nas edições de Princípios de lingüística geral de Mattoso Câmara Jr: questões filológicas e lingüísticas por Nilda Cabral.....	29-30	221-238
Varição lingüística: contribuições da sociolingüística para o ensino da língua, A por Dino Petri.....	29-30	185-192
Variantes e variações por Jacinto do Prado Coelho.....	10	93-110
Variedade lingüística		
Língua literária e língua padrão.....	11	17-24
VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de Julius Platzmann: e os seus trabalhos sobre as línguas americanas.....	16	106-110
VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de		
Bibliografia de Carolina Michaëlis de Vasconcelos.....	16	16-30
Carolina Michaëlis e a filologia românica.....	16	9-15
Homenagem a Carolina Michaëlis de Vasconcelos.....	16	7
VASCONCELOS, José Leite de		
Cinqüentenário da morte de Leite de Vasconcelos.....	2	11-13
VAZ, Carla Abreu		
Gramaticalização das formas estar, ser, andar, ir, vir + gerúndio. Breve percurso por textos dos séculos XIII a XVI – usos, sentido e valores.....	31	127-165
Velho sertão da Bica, de Antônio Nunes Malveira, O.....	1	89
Venda de férias... pagamento de taxa extra por Sílvio Elia.....	17-18	200-201

Verbo

Gramaticalização das formas estar, ser, andar, ir, vir + gerúndio. Breve percurso por textos dos séculos XIII a XVI – usos, sentido e valores	31	127-165
Sobre o gerúndio e <i>gerundismo</i> : uma análise de um assunto emotivo e polêmico	31	87-110
Verbos dar, dizer, estar e fazer no Vocabulário do português medieval, de Antônio Geraldo da Cunha, Os	9	113-118
Verbos dar, dizer, estar e fazer no Vocabulário do português medieval, de Antônio Geraldo da Cunha, Os		
por Evanildo Bechara.....	9	113-118
VERDELHO, Evelina		
Paul Teyssier <i>in memoriam</i>	24	14-42
Tradução de livros estrangeiros em Portugal, com Manuel Rodrigues Lapa, A.....	14	60-72
VERDELHO, Telmo		
Paul Teyssier <i>in memoriam</i>	24	14-42
VERDELHO, Telmo		
Origens da gramaticografia e da lexicografia latino-portuguesas, de Telmo Verdelho, As.....	11	119-121
Vernaculidade na tradução, A.....	22	258-260
Vernáculo		
Vernaculidade na tradução, A.....	22	258-260
Versificação		
Regularidade e irregularidade nos versos de J. Rodrigues	6	61-77
Viagem pela lusofonia		
por Antônio Gomes da Costa.....	9	5-6
VIANA, Aniceto dos Reis Gonçalves ver VIANNA, Gonçalves		
VIANA, Chico		
Evangelho da podridão, de Chico Viana, O.....	9	104-105
VIANNA, Gonçalves		
Aniceto dos Reis Gonçalves Viana.....	23	11-12
Aniceto dos Reis Gonçalves Viana.....	23	13-18
Biobibliografia de Gonçalves Viana	23	19-34
Gonçalves Viana	23	43-45
Gonçalves Viana and the phonic sciences	23	46-51
Gonçalves Viana and the study of portuguese phonetics.....	23	35-42
Homenagem a Gonçalves Vianna	23	9
VICENTE, Gil		
Silêncio de Santo Tomás no <i>Auto da alma</i> (Nótulo Vicentina), O	22	169-172
Triomphe de l'hiver & du printemps (Triunfo do inverno e da primavera), de Gil Vicente, edicion critique, introduction, traduction française & notes de Paul Teyssier.....	13	92-93
Vicissitudes gramatológicas do nome como categoria privilegiada no quadro das classes de palavras		
por Carlos Assunção	25-26	259-296

VIDOS, Benedek Elemér

Manual de lingüística românica, de Benedek Elemér Vidos	12	168-169
---	----	---------

VIEIRA, Antonio

Congresso Anchietano na Universidade de Coimbra (25 a 29 de outubro de 1998)	16	137-142
Congresso Internacional Padre Antônio Vieira	16	133-137
Convite a ler Vieira	7	33-38
Enigma da Arte de furtar, O	17-18	118-127
Quarta mão: um manuscrito de Clavis Prophetarum do Padre Antônio Vieira, A.....	9	14-31
Sermão da Sexagésima, de Antônio Vieira	14	115
Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda, de Antônio Vieira.. ..	1	102-104
Teatro do Sacramento (A unidade teológico-retórico-política dos sermões de Antônio Vieira), de Alcir Pécora.....	13	78-79
Vieira, os textos e os ladrões.....	22	191-195

VIEIRA, os textos e os ladrões	22	191-195
--------------------------------------	----	---------

VIEIRA, Yara Frateschi

Vozes do trovadorismo galego-português, de Lênia Márcia de Medeiros Mongelli, Maria do Amparo Tavares Maleval, Yara Frateschi Vieira	9	107-108
--	---	---------

VILELA, Mário

Léxico do português: perspetivação geral, O	8	17-30
---	---	-------

VILLAR, Mauro de Salles

Lexicografia de corpus e a dicionarística contextualista	29-30	193-204
--	-------	---------

Villas Boas Corrêa está coberto de razão

por Sílvio Elia	17-18	259-262
-----------------------	-------	---------

Visita de Ledo Ivo a Lisboa	5	108-109
-----------------------------------	---	---------

Visita do Secretário da Cultura de Portugal, Sr. Pedro Santana Lopes	5	110
--	---	-----

Vocabulário

Aditamento ao Índice do vocabulário do português medieval	3	23-35
---	---	-------

Vocabulário da *miscelânea* de Garcia de Resende, de Ronaldo Menegaz

por Antônio Geraldo da Cunha	11	103-104
------------------------------------	----	---------

Vocabulário do português medieval

Índice do Vocabulário do português medieval, 3: D	9	104
Verbos dar, dizer, estar e fazer no Vocabulário do português medieval, de Antônio Geraldo da Cunha, Os	9	113-118

Vocabulário ortográfico da língua portuguesa

A propósito de se rever um algoritmo de transcrição para o português brasileiro: considerações sobre o Vocabulário ortográfico da língua portuguesa	27-28	157-166
---	-------	---------

Vocabulário português e latino

CD-Rom do vocabulário de Bluteau, O.....	20	103-106
--	----	---------

VOGT, Carlos

Cafundó (a África no Brasil), de Carlos Vogt; Peter Fry	13	95-105
---	----	--------

Vossler e o idealismo lingüístico por Sílvio Elia	17-18	57-60
VOSSLER, Karl		
Vossler e o idealismo lingüístico.....	17-18	57-60
Voz Lusíada: revista da Academia Lusíada de Ciências, Letras e Artes, n. 7-8	13	90-91
Voz medial ver Voz reflexiva		
Voz medial: do latim ao português, A por Castelar de Carvalho.....	16	78-88
Vozes de animais, de Hélio Melo.....	3	114
Vozes de cultura clássica na lira de Manuel Bandeira: II – da sua formação latina aos ritmos <i>inumeráveis</i> por Sebastião Tavares de Pinho	29-30	151-173
Vozes do trovadorismo galego-português, de Lênia Márcia de Medeiros Mongelli, Maria do Amparo Tavares Maleval, Yara Frateschi Vieira por Evanildo Bechara.....	9	107-108

- W -

WEHLING, Arno		
Invenção da história (estudos sobre o historicismo), de Arno Wehling, A	11	88-89
WILLERMART, Philippe		
Gênese e memória, Anais do IV Encontro Internacional de Pesquisadores do Manuscrito e de Edições, organizado por Philippe Willermart	11	85
WOLL, Dieter		
Gramática da linguagem portuguesa, de Fernão de Oliveira.....	20	135-138

- Z -

ZILLY, Berthold		
Impasses no nacionalismo em edição crítica, Triste fim de Policarpo Quaresma, de Lima Barreto, na <i>Coleção Archivos, Os</i>	21	97-100
Tradutor implícito: considerações acerca da transliguidade de <i>Os Sertões, O</i>	19	84-106
ZSOLDOS, Olga		
Ensino da língua portuguesa na Universidade de Ciências Econômicas de Budapeste, O.....	2	73-75

Colaboradores deste número

ANA CARLOTA RILHO MACHADO. Possui Curso de Graduação em Letras (habilitações Português/Inglês), realizado na Universidade Federal de Pernambuco e concluído no ano de 2000. Foi bolsista de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq), no período entre 1997 e 2000, orientada pela Professora Abuêndia Padilha Pinto, tendo apresentado trabalhos em congressos como o CONIC e o Gelne. Em 2002, concluiu o Curso de Especialização em Lingüística Aplicada ao Ensino de Inglês, na mesma instituição, com realização de monografia, sob a orientação do Professor José Ricardo Paes Barreto. É Mestre em Letras pela UFPE, tendo defendido a dissertação “Recursos Lingüísticos nos anúncios de imóveis de luxo do Recife”, sob a orientação da Professora Nelly Medeiros de Carvalho, em abril de 2006. Trabalhou no Colégio Imaculado Coração de Maria, em Olinda, no ano de 2007.

ANA KARINE PEREIRA DE HOLANDA BASTOS. Professora de Língua Portuguesa e Redação e Expressão Oral I e II na Escola Superior de Marketing – ESM/FAMA e Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco. Com Mestrado em Lingüística pela Universidade Federal de Pernambuco (2007), atua na área da lingüística histórica, anúncios publicitários e léxico. Publicou diversos artigos sobre *Discurso publicitário nos jornais do século XIX (1853 - 1854) (2004)*, *os Neologismos estilísticos no jornalismo recifense (2002)*; *Os arcaísmos nos jornais recifense (2004)*. Participa do Núcleo de Estudos Histórico-Lexicológicos da Língua Vernácula – NEHLLV, coordenado pela prof. Nelly Carvalho.

EDUARDO AMORIM GARCIA. Professor aposentado do Centro Federal de Educação Tecnológica de Química(CEFETEQ). Professor de redação para o concurso do Instituto Rio Branco. Mestre em Comunicação pela Escola de Comunicação da UFRJ.

EVANILDO BECHARA. Professor Emérito pela Universidade Federal Fluminense e Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professor Titular aposentado dos cursos de graduação e pós-graduação dos Institutos de Letras da UFF e UERJ. Vice-Presidente da Academia Brasileira de Filologia. Membro da Academia Brasileira de Letras. Entre outros trabalhos de filologia e lingüística, escreveu *Moderna Gramática Portuguesa* (37 ed., Lucerna, 1999), *Lições de Português pela Análise Sintática* (18 ed., Lucerna, 2006) e *Ensino da Gramática. Opressão? Liberdade?* (17 ed., Ática, 2005).

GLAUCIA MUNIZ PROENÇA LARA. Professora de Língua Portuguesa e Lingüística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), atuando tanto na graduação quanto na pós-graduação. Com doutorado em Semiótica e Lingüística Geral pela Universidade de São Paulo (USP) e pós-doutorado em Semiótica, junto ao Centre de Recherches Sémiotiques (Paris), publicou diversos capítulos de livros e artigos em revistas especializadas, além das obras *Autocorreção e auto-avaliação na produção de textos escolares: relato crítico de uma experiência* (1999) e *O que dizem da língua os que ensinam a língua: uma análise semiótica do discurso do professor de português* (2004). Organizou *Lingua(gem), texto, discurso: entre a reflexão e a prática – vol.1* (Lucerna, 2006) É membro da atual diretoria da ABRALIN – Associação Brasileira de Lingüística (biênio 2005-2007).

JORGE MORAIS BARBOSA. Professor Catedrático do Instituto de Língua e Literatura Portuguesa. Licenciado em Filologia Românica pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Doutor em Letras pela Universidade de Paris. Membro da Academia Brasileira de Filologia e do Conselho Editorial do *International Journal of Iberian Studies*.

MAXIMIANO DE CARVALHO E SILVA. Professor Emérito pela Universidade Federal Fluminense. Aposentado como Titular de Filologia (Crítica Textual) da Universidade Federal Fluminense. Membro da academia Brasileira de Filologia.

PIERRE GUISAN. Professor no departamento de Letras Neolatinas da UFRJ, Doutor em Lingüística e Filologia pela mesma instituição, com tese sobre a mudança lingüística e os fenômenos de criouliização. Trabalhos sobre as línguas crioulas no oriente, e a difusão da língua portuguesa nesta parte do mundo até

o século XIX. Atualmente trabalha sobre as inter-relações entre línguas oral e escrita, sobre as relações entre línguas e identidades coletivas, e enfim sobre as relações das mesmas com religiões (projeto de pós-doutorado a se realizar em Aix-em-Provence e na África do Norte a partir de setembro deste ano.

RICARDO CAVALIERE. Professor Adjunto de Língua Portuguesa da Universidade Federal Fluminense. Doutor em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e autor de estudos de sua especialidade. Membro da Academia Brasileira de filologia, conselheiro do Liceu literário Português e do Real Gabinete Português de Leitura.

ROSALVO DO VALLE. Professor Emérito pela Universidade Federal Fluminense. Aposentado como Titular de Língua Latina da universidade Federal Fluminense. Membro da Academia Brasileira de Filologia.

VIVIANE CUNHA. Professora Assistente de Filologia Românica da faculdade de letras da universidade Federal de Minas Gerais. Publicou vários trabalhos em anais de congressos nacionais e internacionais.

LICEU LITERÁRIO PORTUGUÊS
INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Confluência

ASSINATURA

Os nossos leitores poderão receber em suas residências a revista, ao preço de R\$ 25,00, correspondente ao número 29 e 30 (duplo) do 1º e 2º semestres de 2005, ou de R\$ 30,00, para a assinatura anual do número 31 do 1º semestre de 2006, mais a despesa de porte, caso utilizem os serviços dos correios.

Estes preços são válidos para os números anteriores, com exceção do 1 ao 5, que estão esgotados.

Para os pedidos do exterior o preço de cada número será de US\$ 10.00 (dez dólares americanos) e de US\$ 20.00 (vinte dólares americanos) para a anuidade, mais as despesas de remessa.

Os interessados deverão enviar o seu pedido com os dados solicitados na ficha abaixo, e remetê-lo, acompanhado do comprovante de depósito para:

Confluência – Instituto de Língua Portuguesa
Rua Senador Dantas, 118 – 2.º andar – Centro
CEP 20031-201 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: (21) 2220-5495 / 2220-5445 – Fax: (21) 2533-3044
E-mail: liceu@liceuliterario.org.br – www.liceuliterario.org.br

LICEU LITERÁRIO PORTUGUÊS
INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA
REVISTA CONFLUÊNCIA

PEDIDO DE ASSINATURA

Nome: _____

Endereço completo: _____

Desejo receber: *Confluência* 29 e 30

Confluência 31

Data ___ / ___ / ___ Assinatura _____

Os depósitos deverão ser feitos em qualquer agência do Banco Itaú em favor de: Liceu Literário Português – Banco Itaú – Agência São José – 0310, conta corrente nº 42171-4 – Rio de Janeiro – RJ.